Cláudia Cruz Santos

O Extraordinário Caso da Mosquinha-Morta

Gigões e Anantes

Cláudia Cruz Santos

O Extraordinário Caso da Mosquinha-Morta

Para o meu filho Filipe

Porque escrevo?
Podia dizer que é porque gosto de pensar que as minhas histórias vão fazer companhia às pessoas.
Mas talvez seja sobretudo porque as pessoas das minhas histórias me fazem companhia a mim.

"Com estes fragmentos escorei as minhas ruínas"
The Waste Land, T.S. Eliot

Mosquinha-Morta: “pessoa dissimulada que, com aparência de inocente e inofensiva, faz o mal que pode”; “pessoa sonsa e dissimulada”; “indivíduo sonso, que parece que não parte um prato e deita a prateleira abaixo”; “hipócrita”; “pessoa sonsa que, com aparência inocente e inofensiva, é capaz de prejudicar os outros”.

Definições encontradas em diversos dicionários de Português

Índice das Personagens

Beatriz Antunes Pessoa –Economista, com pouco mais de quarenta anos, bem-sucedida, elegante e com uma família que parece exemplar, é a vítima menos provável de um homicídio incomum.

André Antunes Pessoa – O marido de Beatriz e principal suspeito do crime é sociólogo, professor universitário, e existem rumores das suas infidelidades.

Maria e Sara – As filhas gémeas de Beatriz e André. Estão no décimo primeiro ano e são alunas da mesma turma desde o ano lectivo anterior, quando chegaram ao liceu transferidas de outra escola. Envolvem-se, com frequência, em problemas.

Catarina Efigénia Vasconcelos – A professora de português e directora de turma das gémeas, narradora de grande parte da história.

Alda Vasconcelos – A mãe de Catarina, septuagenária e reformada, com quem a filha vive.

Elisa Damião – Professora de matemática no liceu e quase amiga de Catarina. Deixou de conseguir dar aulas depois do incidente em que esteve envolvida com uma das gémeas, quando ambas estavam no décimo ano.

Francisco Andrade – O inspector escolar que se ocupa do processo disciplinar contra Elisa.

Amália – A juíza que associa a justiça mais à pacificação do que

ao castigo e que procura equilibrar a sua vida depois de ter perdido Marta, no final de Nenhuma Verdade se Escreve no Singular

Daniela – A funcionária doméstica que trabalha na casa de André e das gémeas.

Rosa Maria – Chegou da Venezuela há alguns anos, só com a filha e a roupa que traziam no corpo. Foi auxiliada por uma igreja evangélica, que se tornou um pilar da sua existência. Trabalha no bar do Liceu,

Laura – Colega de turma das gémeas e mais uma das vítimas de Maria.

José – O porteiro do liceu, condenado por homicídio muitos anos antes.

Jamil – Colega de turma das gémeas, moçambicano e o aluno preferido de Catarina.

Índice

A linha do tempo:
Setembro de 2017: as gémeas Sara e Maria chegam a um liceu novo, para iniciarem o 10º ano.
Março de 2018: acontece o “incidente” em que estão envolvidas Maria e a professora Elisa.
Outubro de 2018: Beatriz é assassinada.
Junho de 2019: afinal, o final.

I
A notícia espaventosa
(23 de Outubro de 2018)

A sua vida tinha sido sempre tão luzidia, organizada e conforme às expectativas, às suas e às dos outros – tão impecável, poder-se-ia dizer – que o primeiro sentimento provocado pela notícia espaventosa foi o da mais funda surpresa. Ninguém queria acreditar. Devia ser uma brincadeira, ou então uma daquelas notícias falsas que agora surgem cada vez com mais frequência para depois se propagarem à velocidade da luz.

Aquela morte ruidosa, suja e escandalosa não parecia coisa dela. Era uma incoerência. Beatriz não era das que abandonavam a vida assim, não era suposto que a sua fotografia cobrisse as paredes envidraçadas dos quiosques semeados pelas ruas e avenidas do país inteiro, a ocupar as primeiras páginas quer dos jornais especializados em escândalos quer daqueles considerados mais sérios e que vendiam muito menos do que os primeiros e por isso tendiam a parecer-se cada vez mais com eles. A pressão do mercado, diriam alguns com um encolher de ombros. Não há nada a fazer, é preciso dar ao público o que o público quer. A deontologia não paga os ordenados no fim do mês nem põe a comida em cima da mesa.

Não, nada daquilo fazia sentido. A fotografia de Beatriz – com o seu sorriso suave e constante, o cabelo muito liso sempre cortado à altura dos ombros, a maquilhagem discreta que evidenciava as

feições correctas, a blusa branca de bom corte e o colar de pérolas que fora da avó – poderia vir a aparecer um dia junto de um túmulo sóbrio, acompanhada por um ramo pequeno de rosas cor de chá rematado por um cordão bege, numa capela repleta de pessoas elegantes e silenciosas, mas nunca ali. Nunca assim.

A novidade chegou-me a meio de uma tarde de aulas que enganosamente parecia até então igual a todas as outras, quando duas pancadas ligeiras na porta me fizeram interromper a análise de um poema curto que mantinha os alunos num silêncio letárgico. Naquela idade tendem a preferir a prosa, parece-me. Se é que preferem alguma coisa. Poucos são capazes de escapar ao chão das coisas para esvoaçarem entre as nuvens com as asas da imaginação. Sim, poucos, e às vezes receio que cada vez menos. O director fez atravessar apenas metade do seu corpo magro pela fresta da porta e pediu desculpa por interromper, num tom hesitante que lhe era pouco comum. Isso preocupou-me, tive uma sensação de mau presságio que agora de vez em quando me assola quando os acontecimentos escapam ao seu normal devir, e esse sentimento aprofundou-se quando a porta se mexeu um pouco mais e eu vi que por trás dele, estranhamente amarfanhado e de olhar turvado, estava André, o marido de Beatriz, o pai das gémeas só à primeira vista idênticas que, desde o ano passado e cada uma à sua maneira, se dedicavam, com tenaz diligência, a espalhar um caos subtil pelos corredores daquele liceu antigo que eu me habituara a tomar como meu.

As gémeas estavam ambas sentadas na primeira fila, ainda que em extremidades opostas da sala – uma encostada à parede que dava para o recreio exterior da escola e a outra muito próxima da porta por onde agora entrava Joaquim, o director. Fora decisão minha localizá-las ali, próximas do exercício da minha autoridade,

para me ser mais fácil observá-las e prevenir males maiores, mas não demasiado perto uma da outra porque a sua junção era um catalisador de desgraças. Tinham herdado os traços perfeitos da mãe, mas eram de outras cores. Nada nelas era pálido, delicado ou suave. Tinham a pele muito morena, os olhos pretos e rasgados e os cabelos num tom de asa de corvo, espessos e compostos por milhares de linhas absolutamente rectas, um halo escuro em torno da cabeça de Maria e agora uma absoluta ausência no caso de Sara, que tinha chegado à escola uma semana antes com o crânio tão rapado que se lhe notavam todos os contornos, as orelhas pequenas espetadas como um desafio, o piercing preso na sobrancelha direita a brilhar sempre que um raio de sol lhe caía em cima. As ideias que germinavam dentro daquela cabecinha, porém, continuavam um mistério. O desaparecimento do cabelo não as tinha exposto ou tornado mais claras. Fazia tudo o que lhe passava pela cabeça, imprevisível e egoísta, sem nunca dar explicações a ninguém, muito menos à irmã, que ultimamente passara a parecer odiar.

Tinham-se tornado uma espécie de obsessão para mim, as duas. Depois de tantos anos passados com a minha sala de aulas cheia de rapazes e raparigas, caíra no erro de acreditar que já nada neles me poderia surpreender, que os conhecia a todos, na sua diversidade e multiplicidade, no seu mutismo ou na sua estridência, no seu alheamento ou na sua atenção, na sua alegria ou na sua tristeza, na sua passividade ou na sua agressividade. Tinha claramente definidos vários tipos de alunos – o atleta cheio de confiança em si nas arruaças mas tímido quando lhe era pedido que fosse ao quadro, a beldade arrogante e acompanhada por muitas amigas que a adulavam mas não gostavam dela, o espertinho da turma que estava sempre a levantar o braço e a pedir para falar, a miúda com o cabelo a tapar-lhe o rosto que só queria passar despercebida, o rapaz da fila de trás que

tinha chegado à escola sem tomar pequeno-almoço e que não tinha dinheiro para substituir as sapatilhas puídas, o seu colega de carteira com os punhos enclavinhados nos bolsos e sono nos olhos depois de ter passado a noite acordado enquanto os pais discutiam – mas as gémeas não se enquadravam em nenhum desses tipos.

Isso começara por me incomodar, aquele seu desajuste, a inadequação de ambas, mas depois tinham-se tornado uma espécie de desafio. Talvez eu tivesse sido arrogante. Tantos períodos repletos de aulas volvidos, tantos paus de giz gastos, tantos testes corrigidos e tantas lições preparadas, para ser agora obrigada a reconhecer que afinal não sabia tudo sobre eles. E compreendê-lo deixou, a certo momento do ano lectivo passado, de me desagradar. Comecei a observá-las atentamente, com a minúcia do cientista que olha através do microscópio. Sim, eram fascinantes. Capazes de preservarem, meses depois, os seus segredos. Ainda insusceptíveis de catalogação. Talvez eu estivesse, afinal, errada. E isso levava-me por vezes a cogitar sobre se também em relação aos outros, aos outros todos, não me teria eu igualmente equivocado.

À primeira vista era Sara a mais peculiar, ou pelo menos aquela que logo chamava para si todas as atenções. Dizer-se que era camaleónica parecia redutor, porque não se mantinha ela mesma intacta, variando apenas de coloração. O problema é que não parecia haver ela mesma. As suas mudanças de imagem eram frequentes, de facto. Mas vinham acompanhadas de radicais alterações de personalidade, como se a rapariga não fosse uma, mas várias. Lembrava-me bem do primeiro dia de aulas do ano anterior e do vislumbre inicial que tivera das gémeas, Maria absolutamente convencional nas suas calças de ganga justas, blusa num tom de azul escuro e cabelo tão escorrido como o da maioria das suas colegas, enquanto Sara entrava na sala com a bola de basquetebol

debaixo do braço, cabelo apanhado e disfarçado debaixo do boné que logo lhe pedi que tirasse, para só então me aperceber de que não se tratava de um rapazinho invulgarmente bonito mas antes de uma menina camuflada pelo fato de treino que talvez lhe viesse a servir dois ou três aos mais tarde, mas que naquela altura lhe sobrava de tal modo que ela precisava de arregaçar as mangas para conseguir escrever e de puxar de vez em quando as calças para que não lhe escorregassem pelas ancas estreitas e depois pelas pernas abaixo. Rabiscava tabelas e jogadores gigantescos nas folhas do caderno e saía à pressa logo que a campainha tocava para não correr o risco de que outros lhe ocupassem o campo onde com diligência treinava lançamentos de três pontos. Menos de dois meses depois, estava transformada numa gótica avessa a qualquer actividade desportiva, com riscos espessos de preto a contornarem-lhe os olhos, botifarras com atacadores, roupa sombria e de aparência desleixada, tudo devidamente acompanhado por uma nova atitude, lenta e ensimesmada, assim como pela junção a um outro grupo na escola, o daqueles que se encontravam no recreio para ouvirem The Cure ou planeavam, sem nunca as concretizar, visitas ao cemitério depois de anoitecer. A desportista, activa e enérgica mesmo durante as aulas, tinha cedido lugar a uma criatura letárgica a quem a luz do astro-rei parecia causar dano, como se até a pele se lhe tivesse embranquecido porque era da sua natureza viver na escuridão e quase morrer todas as manhãs depois de o dia nascer. Mas também esta nova Sara foi sol de pouca dura. Antes de o terceiro período chegar ao fim tinha-se transformado numa criatura de sexualidade transbordante, de saias justas e depois calções tão curtos que lhe desvendavam metade das nádegas, lábios pintados e pestanas reviradas de rímel, sempre desatenta nas aulas, constantemente a trocar bilhetinhos com os rapazes que antes tinha ignorado ou

desprezado, com as classificações nos testes a baixarem de modo abrupto e inversamente proporcional à sua popularidade entre a ala masculina da escola.

Quando o director entrou na sala e procurou com o olhar as gémeas, encontrou primeiro Maria e só depois Sara, agora na sua versão de uma espécie de monja budista, sem um fio de cabelo a cobrir-lhe o crânio redondo e mais magra do que nunca depois de ter renunciado a alimentar-se de animais e de tudo o que tivesse com eles qualquer relação, mesmo que longínqua. A rapariga parecia quase adormecida, com os olhos semicerrados como se meditasse em algo muito distante daquilo que acontecia à sua volta, por isso não se apercebeu logo da atenção suscitada por si e pela sua irmã.

Maria, ao invés, pareceu compreender de imediato que em breve estaria no centro de todas as atenções, e esse era um cenário que nunca lhe desagradava, por isso compôs a sua imagem de menina exemplar, eleita delegada da turma no início de todos os anos lectivos, inevitavelmente convidada para as festas mais apetecidas e confidente dos maiores segredos, e preparou-se para o que estava para vir, expectante, porque havia tantos motivos para ela ou a irmã serem chamadas à salinha da direcção que dificilmente conseguiria prever o que tinha sido descoberto desta vez. Fosse o que fosse, apresentar-se-ia como uma distracção para o tédio, e isso era sempre melhor do que nada.

A nova expressão do director – desta vez mais próxima da comiseração do que da fúria contida misturada com o receio que eram costumeiros nos seus encontros recorrentes com as gémeas – fez-me pensar que hoje se tratava de coisa diferente, e essa minha impressão aprofundou-se quando me apercebi de que chegava uma colega para se ocupar da minha turma, porque era suposto que eu acompanhasse o pequeno grupo na romaria até ao piso de baixo.

Descemos as escadas numa espécie de cortejo triste, o director à frente, de cabeça baixa e com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco, os braços tensos e um mutismo nada usual, logo seguido por André, que mantinha os ombros descaídos e arrastava os pés enquanto tentava passar o braço por cima do ombro de Maria, como se quisesse confortá-la e, em simultâneo, apoiar-se em qualquer corpo sólido que lhe evitasse o desabamento. A rapariga olhou à volta e afastou-lhe discretamente o braço, pensei que não devia querer ser vista assim pelos escassos colegas que deambulavam pelos corredores, atrasando o regresso às aulas depois do cumprimento de algum recado ou de uma ida desnecessária ao quarto de banho. Não que André fosse um daqueles pais de que alguns miúdos se costumavam envergonhar e a quem era pedido, se por acaso os fossem buscar ao liceu, para esperarem dentro do carro na rua paralela – aquela a que tínhamos começado a chamar, na sala dos professores, a rua dos pais perdidos. Talvez não fosse um homem bonito, mas ainda havia nele um lampejo de juventude e de força, uma espécie de inconformismo ténue que resistia ao desgaste do quotidiano. Ou tinha havido, até então, porque naquele dia parecia menos alto e alegre, menos transgressor apesar das suas invariáveis sapatilhas, calças de ganga e camisa branca.

Tínhamo-nos já encontrado na escola em várias ocasiões anteriores, porque as minhas funções enquanto directora de turma das suas filhas – daquelas filhas especiais – o facilitavam e também me recordo bem da surpresa que senti por ocasião da primeira conversa com André. O contexto não lhe era favorável porque os acontecimentos que eu tinha para lhe descrever abonavam pouco em favor do carácter da sua filha Maria, mas manteve-se sempre calmo e desejoso de compreender quer o que tinha sucedido quer o que podia fazer para que não voltasse a acontecer. Parecia um pai

preocupado, mas sem desvarios punitivos em relação à filha nem histerias contra as possíveis responsabilidades da própria escola. E tinha um olhar inteligente. Não me tinha parecido o pai que eu atribuiria àquela filha. Ou àquelas filhas, se quisesse ser mais exacta.

A minha intenção de encerrar a fila era contrariada pela lentidão extrema de Sara. Eu quase tinha de parar para não lhe pisar os calcanhares, parecia que o corpo da rapariga a puxava na direcção contrária, se pudesse andaria para trás. Fiz-lhe uma leve pressão no ombro para que avançasse, mas nem sequer se apercebeu dela e voltei a perguntar-me sobre se andaria a consumir algum tipo de drogas.

Estávamos a aproximar-nos da entrada da biblioteca quando me apercebi de que Elisa encostava a porta e se preparava para sair, mas quando se virou e nos viu apressou-se, dando-se conta de que teria de se cruzar connosco no corredor, a reentrar na sala espaçosa que se tinha tornado o seu refúgio. Elisa era uma das minhas colegas mais antigas, devíamos ter chegado àquela escola mais ou menos ao mesmo tempo, cerca de quinze anos antes. Se não fôssemos ambas tão reservadas, é provável que nos tivéssemos tornado amigas, mas nenhuma de nós era dada a saídas depois das aulas, muito menos a confidências. Tratava-se, de qualquer modo, de uma das poucas pessoas por quem sentia algo muito próximo da amizade e continuava a custar-me assistir à sua gradual perda. Resisto a usar a palavra decadência, mas talvez tenha de reconhecer que é disso que, afinal, se trata.

Elisa tinha sido uma das melhores professoras de matemática do liceu até ter deixado de conseguir entrar na sala para ensinar os seus alunos, algures a meio do ano lectivo anterior, pouco depois daquele episódio lamentável precisamente com Maria. Não tinha querido responsabilizar a aluna pela sua quebra, preferiu culpar-

se a si própria, disse a todos, até à junta médica, que o cansaço lhe vinha de longe, os ataques de pânico quando se aproximava a hora de ir para a escola, a boca seca logo que atravessava o portão da entrada, o coração aos pulos e a sensação de desmaio iminente quando chegava à sala, o emudecimento que a impedia de ensinar. Tinha procurado que ninguém se apercebesse do que se passava e tentava que os alunos passassem as aulas a resolver exercícios, mas o problema é que, para o conseguirem, precisavam que ela lhes explicasse primeiro como. E ela já não era capaz da mesma maneira que antes, os números baralhavam-se-lhe na cabeça e transformavam-se em pedras, em letras ou em andorinhas que de repente esvoaçavam em direcções diversas e lhe fugiam para sempre. Alguns jovens desenvolvem a capacidade de cheirar sangue tão eficientemente como os tubarões, por isso não é boa ideia que um professor traga as suas feridas demasiado expostas. Elisa sabia-o, claro, porque já tinha visto demasiados colegas desistirem, incapazes de continuarem a suportar a troça e as provocações. Envelhecer podia ser difícil quando era preciso fazê-lo perante tantas peles lisas, dentes brancos e olhos luzidios. Lidar com a frustração, com a pobreza ou com a solidão também. Não é que o problema se pusesse sempre. A verdade é que a maioria dos alunos tinha vocação para a generosidade. Mas de vez em quando batia-se de frente com um grupo onde se ocultava um predador. Ou uma predadora, se quisermos concentrar-nos especificamente no caso de Maria.

A chegada ao gabinete da direcção obrigou-me a deixar de pensar em Elisa, agora mais ou menos protegida dos seus temores nas suas novas funções na biblioteca, onde já não precisava de se preocupar em ordenar os números que lhe escapavam nem de enfrentar os alunos que a aterrorizavam. Havia por ali pouco movimento e

os miúdos que entravam eram com frequência parecidos com ela, solitários à procura de um espaço de paz, miúdos que viam nos livros e no silêncio que os rodeava uma oportunidade para escaparem ao turbilhão do recreio e dos longos corredores que a eles lhes pareciam selvagens.

A sala tinha uma mesa oval em torno da qual estavam dispostas oito cadeiras e, quando finalmente chegámos, o director pediu-nos que nos sentássemos ao mesmo tempo que ocupava um dos topos e me indicava com um gesto de cabeça o outro. Reparei no momento de hesitação de André quando, depois de verificar que as filhas tinham ocupado lugares em lados diferentes da mesa, precisava de decidir onde se sentar. Maria também deve ter-se apercebido, porque estendeu a mão direita ao pai, chamando-o com doçura, enquanto com a mão esquerda afastava do tampo a cadeira mais próxima de si para que André a pudesse ocupar. A rapariga conseguia pôr mel na voz e nos gestos sempre que lhe convinha e não me pareceu que o pai já tivesse aprendido a proteger-se das suas armadilhas.

O director pigarreou, preparava-se para dizer alguma coisa, mas André não o deixou falar, resolveu antecipar-se:

– Vamos precisar de ser muito fortes, minhas queridas. Temos de nos unir para enfrentarmos o que aconteceu. Não sabem o quanto me custa, mas tenho de vos dar uma notícia muito triste... – a voz falhou-lhe, parecia que não tinha força suficiente para articular as palavras seguintes. Só nesse instante é que Sara levantou a cabeça, desfitando o ponto exacto na madeira avermelhada que a tinha mantido hipnotizada até então, para dizer as palavras de que não consegui esquecer-me, as palavras que me ocupam o espírito nas noites de insónia, as palavras para as quais continuo a procurar um sentido.

– Foi a mãe, claro. O que é que ela fez desta vez? Matou-se? Ou mataram-na?

Maria olhou para a irmã com uma brevíssima expressão de raiva que se apressou a substituir por um ar de preocupação. Preparava-se para dizer algo, mas desta vez foi o director que resolveu tomar as rédeas da situação. Conhecia-as suficientemente bem para só desejar que tudo aquilo acabasse o mais depressa possível, a única coisa que naquela altura lhe importava era reduzir os danos:

– Sim, houve um acidente com a vossa mãe. A sua falta será muito sentida por todos. Mas garanto-vos que nos uniremos, aqui na escola, em torno do propósito comum de vos auxiliar a ultrapassar estes tempos de sofrimento.

A palavra acidente ficou a pairar no ar, dentro de um balão preso por um fio feito de pontos de interrogação. O silêncio que se instalou a seguir não deve ter durado mais do que uns segundos, mas a mim pareceu-me uma eternidade. E depois, quando tudo se precipitou, só Sara manteve a placidez tibetana, perdida nos seus pensamentos inescrutáveis, alheada, impávida.

O uivo de Maria surgiu rouco e baixo, nascido de uma espécie de estertor, mas foi crescendo de intensidade à medida que se ia tornando mais agudo e acabou por se converter numa sucessão de guinchos. O pai tentou abraçá-la enquanto lhe pedia que se acalmasse – fica tranquila, meu amor, o papá está aqui e vai correr tudo bem – mas a rapariga afastou-o com uma palmada na cara, vigorosa e de mão aberta. Eu levantei-me e o director também, mas, antes que tivéssemos conseguido segurá-la, atirou-se para o chão, enrolou-se quase em posição fetal sem nunca parar de gritar e começou a desferir pontapés certeiros em quem tentava aproximar-se para a controlar. Tinham acabado de entrar duas funcionárias e uma outra professora, que vislumbrei a vasculhar a mala de onde conseguiu, finalmente, tirar o telefone que, afastando-se, usou para chamar uma ambulância. Os gritos de Maria devem ter-se ouvido

em boa parte da escola porque, quando a sirene da ambulância anunciou a sua chegada, o director viu-se perante a desconfortável necessidade de ordenar a alunos, funcionários e professores que se afastassem para deixarem passar os três homens que tentavam contornar os curiosos, transportando a maca que acabou por acolher Maria na sua saída gloriosa do liceu. Posso ter-me enganado, mas quase juraria ter visto um esgar de satisfação no rosto da rapariga, um vinco rápido durante uma pausa curtíssima entre uivos lancinantes. Talvez não tenha existido, talvez a minha imaginação me pregue partidas. Ou talvez Maria tenha, apenas, gostado de se ver observada por aquela pequena multidão. Algumas pessoas – e talvez isso seja mais visível na adolescência – necessitam de momentos de protagonismo nem que seja pelas piores razões. É uma forma de vocação para o estrelato, mesmo que caseiro. Ou então só precisam que a sua existência seja reafirmada pelos outros, os outros-espectadores, para terem, eles próprios, a certeza de que existem mesmo.

Seja como for, André entrou à pressa para a parte de trás da ambulância e, mesmo antes de a porta se fechar para o veículo se pôr em movimento, teve ainda tempo de olhar para mim, com olhos de súplica, enquanto me fazia um pedido que não consegui recusar:

– A Sara pode ficar consigo? Não a quero levar para o hospital e também não pode ir para casa. Não, para casa não. Por favor...

Devia ter-me demarcado daquela história, afinal tinham de existir familiares ou amigos que pudessem ocupar-se da miúda, mas não consegui dizer-lhe que não. Era demasiado cálido e parecia tão desesperado. Não é que a minha colega de filosofia, que se metia comigo dizendo que eu tinha uma paixoneta pelo pai das gémeas, estivesse cheia de razão. Ou pelo menos eu não queria acreditar que assim fosse. Mas quem teria conseguido responder negativamente a

um pai tão aflito e numa situação daquelas? Quem não o ajudaria? Se houver alguém, que atire a primeira pedra.

O certo é que dei por mim no átrio da escola rodeada apenas pelo director, por uma Sara de aparência tranquila – valesse isso o que valesse, e creio que valia muito pouco, porque com aquelas duas o que parecia raramente coincidia com o que era, e ninguém podia estar verdadeiramente assim pouco depois de saber que a mãe tinha morrido – e por duas funcionárias, uma de ar incomodado e outra visivelmente entusiasmada com as novidades que mais tarde contaria ao marido e às amigas. A primeira, a São, já trabalhava no liceu quando eu cheguei, mas ainda não tinha desistido de ordenar aos casais jovens que se beijavam nos recantos mais discretos para se deixarem disso, que aquele não era o lugar para essas porcarias e que, mesmo que fosse, ainda não tinham idade para aqueles disparates. Creio que a mais jovem, a que ansiava por pegar no telefone para descrever às amigas o que tinha acontecido, se chama Maria João. É uma rapariga magrinha e com rosto de pássaro, saltitante e ansiosa por se integrar num universo que para ela é novo, desejosa de compreender tudo, de participar em tudo.

– Não se preocupe em voltar às aulas, Catarina. A substituição já está garantida para o resto da tarde. Porque não leva a Sara a dar um passeio, para ela se distrair um pouco? – a aparente generosidade do director não enganou ninguém; o que ele queria era ver a rapariga fora dali o mais depressa possível, para que tudo regressasse à normalidade. Era um guardião da normalidade, o homem. A cada dia que passava, mais gestor e menos professor.

Pedi à São que fizesse companhia à Sara enquanto eu ia à sala recuperar a minha pasta e o casaco e estuguei o passo para não me demorar demasiado, mas a Elisa parecia esperar por mim à porta da biblioteca, com aquele ar assustado, as pequenas manchas

avermelhadas que lhe marcavam a pele pálida ainda mais evidentes nos momentos de maior tensão. Percebi que me queria dizer alguma coisa, mas que as palavras voltavam a não lhe querer sair da garganta, aparentemente nem sequer lhe chegavam aos lábios.

– Não te angusties, Elisa. Já está tudo tranquilo. A Maria já se foi embora e a Sara vai agora comigo. A mãe delas morreu. Mas têm o pai. E o pai parece-me bom homem.

Segurou-me um braço, a palma da mão dela era fria e tinha um toque tão ténue que quase não existia, e conseguiu finalmente balbuciar o que queria dizer-me:

– Cuidado. Por favor, tem cuidado com ela.

Tranquilizei-a mais uma vez e apressei-me em direcção à sala enquanto pensava que Elisa talvez se tivesse confundido. Era com Sara que eu teria de ficar algum tempo, ainda não tinha percebido bem quanto. Mas a minha colega devia estar a referir-se a Maria. E não tenho dúvidas de que razões para isso não lhe faltariam.

Os meus alunos estavam distraídos, como com tanta frequência sucede nas aulas de substituição, mas mais ruidosos do que era habitual. A vinda da ambulância ao liceu e a saída apoteótica de Maria deviam dar o mote a muitas daquelas conversas. Aperceberam-se gradualmente da minha presença e isso contribuiu para uma certa diminuição de barulho, o que aproveitei para me despedir até ao dia seguinte e para fazer algumas recomendações sobre a necessidade de terem outra atitude nas aulas, de preferência mais atenta. Não me pareceu que tivessem ficado particularmente sensibilizados pela sugestão débil, mas limitei-me a sair. Era um daqueles dias em que não devemos ser demasiado exigentes, porque a mera sobrevivência já exige a concentração de todos os nossos esforços.

Sara continuava à minha espera no mesmo sítio em que a tinha deixado, creio que sem ter trocado uma única frase com São, que

se mostrou aliviada quando lhe agradeci e lhe disse que já não precisava de mais nada dela. Hesitei sobre que decisão tomar a seguir, e cometi outro erro:

– O que queres fazer, Sara? Já não falta muito para a hora do lanche, o que achas de passearmos um pouco até ao centro comercial e depois comermos qualquer coisa por lá?

A resposta demorou, como se a rapariga estivesse muito longe dali e precisasse de tempo para a mensagem chegar até ela:

– Se não se importar, preferia alguma coisa mais sossegada. Sei que não mora longe, gostava mais de ir consigo para casa.

Engoli em seco porque a possibilidade daquela resposta nunca me tinha ocorrido, julgava que uma ida ao centro comercial estava entre as cinco melhores propostas que se podiam fazer a alguém daquela idade. O tom gentil dela e a complexidade da situação levaram-me, mais uma vez, a não fazer aquilo que queria e devia ter feito e que era, muito simplesmente, dizer que não. Ainda sugeri que não devia haver em casa nada de que ela gostasse, mas a resposta voltou a desarmar-me, bastava-lhe um iogurte para o lanche ou então um prato de legumes caso ficasse para jantar, uns legumes quaisquer, desde que tinha mudado de alimentação sentia-se muito melhor, era um alívio saber que já não havia pedaços de cadáveres dentro dela. Estranhei a tranquilidade com que naquelas circunstâncias se referia a "cadáveres" e abstive-me de comentar que ela me parecia tudo menos saudável, também para isso não seria aquela a melhor altura.

– Vamos, então – limitei-me a dizer, numa entoação a que não consegui dar qualquer entusiasmo. E comecei a caminhar, com ela ao meu lado, silenciosa e lenta, enquanto pensava na reacção que a minha mãe teria quando me visse chegar com aquela criatura esquálida e sem cabelo, tão distante de tudo o que conhecia que

poderia tomá-la por uma extraterrestre ou então confirmar a sua teoria de que o mundo estava perdido, já não havia qualquer esperança para a humanidade.

Percorremos em silêncio a avenida ladeada por árvores em cujos galhos já se notavam menos folhas, havia pouco trânsito àquela hora, os adultos tinham regressado às suas ocupações depois de terem apressadamente largado os filhos à porta da escola com recomendações para que não tirassem o casaco enquanto o dia não aquecesse um pouco, para se concentrarem no teste, para não se esquecerem do saco com o equipamento para a aula de educação física. Quase nos cruzámos com duas raparigas de cabelos compridos e lisos vestidas com o uniforme habitual composto pelas calças justas e coçadas e pelo blusão curto, mas ambas atravessaram a rua o mais depressa que puderam depois de nos terem olhado com rostos que não ocultavam a surpresa, a incapacidade de compreensão da estranha dupla que nós éramos, fora dos portões da escola e naquele horário em que era suposto que estivéssemos noutro sítio, porque as transgressoras eram elas, e talvez também Sara, mas nunca eu, nunca eu com ela. Compreendi que não quisessem cruzar-se comigo no passeio, uma das raparigas tinha sido minha aluna no ano anterior e a sua presença ali era a prova de que continuava a faltar às aulas, apesar de todas as tentativas para que retomasse o percurso que lhe queríamos impor mas que ela não conseguia aceitar como seu. Não é que faltasse às aulas para fazer alguma coisa, pelo menos que se soubesse. Não nos constava que saísse do liceu para se encontrar com homens mais velhos, consumir drogas ou outros disparates do género. Os colegas diziam que ia passear. A mim parecia-me que se limitava a andar para trás e para a frente, fingia olhar para as montras sem nada ver, sentava-se nos bancos públicos sem um livro na mão, caminhava ao lado da amiga ocasional que nesse dia

a acompanhava quase sem trocarem palavras. Tínhamos chamado repetidamente os pais para procurarmos uma solução, mas nenhum se preocupava demasiado com as faltas da filha ou com a iminência de mais um ano escolar perdido. Diziam-nos que ela não queria ser doutora. E para que haveria de ir às aulas se o mais provável era que nem isso lhe garantisse um emprego? Não havia pressa para nada. Um dia de cada vez.

Demorámos pouco mais de dez minutos a chegar a casa, mesmo naquele passo arrastado que Sara nos impunha. O prédio antigo estava ao virar da esquina e envergonhei-me dele como sempre sucedia nas pouquíssimas ocasiões em que precisava de o assumir como meu perante algum conhecido. Não costumávamos receber visitas, eu e a minha mãe. Mas, nas raríssimas ocasiões em que isso sucedia, dava por mim a ver a minha casa com os olhos dos outros e isso tornava-a ainda mais feia, mais decrépita e abandonada. Os azulejos de um tom a meio caminho entre o verde e o azul deviam ter sido bonitos muitas décadas antes, mas agora estavam tão sujos que introduziam a terceira possibilidade de afinal serem cinzentos. Alguns estavam partidos, outros deviam ter sido arrancados, tinha sobrado apenas o rectângulo da sua ausência. Eu tendo a suspeitar dos colecionadores seja do que for, incomoda-me a sua ânsia de apropriação, a vocação para catalogar as coisas, a necessidade de dar ordem a um universo que acham que podem guardar na gaveta, mas irritam-me particularmente os que acham que podem ficar com bocados dos outros. E aqueles azulejos roubados eram parte de mim, faltavam-me sempre que chegava a casa e olhava para a frontaria antes de enfiar a chave na fechadura da porta escaqueirada que dava acesso ao interior esconso e mal iluminado.

Quando entrámos, apercebi-me com uma intensidade superior à usual da mesinha redonda coberta por um naperon de renda

encardida, talvez por ela me surgir como se a estivesse a observar a partir de outro epicentro, o de Sara, que a escassos centímetros de mim parecia ter despertado levemente do seu estado de torpor, porventura surpreendida pela humildade inesperada da casa onde vivia a sua professora de português e directora de turma, eu própria. Achei que não havia utilidade em adiar o inevitável, por isso apressei-me em direcção à cozinha e preparei-me para apresentar a rapariga à minha mãe.

A primeira reacção de Alda foi, como eu já esperava, um olhar gélido de reprovação desacompanhado de quaisquer palavras que não fossem o cumprimento polido que dirigiu a Sara. A reprovação não lhe era dirigida a ela, note-se, porque entre os principais defeitos da minha mãe não se contava a importância atribuída ao aspecto dos outros para efectivar o seu julgamento (não é que não o fizesse, mas tratava-se de uma questão menor). O juízo de censura era-me inteiramente cabido a mim, a causadora daquela alteração da rotina desprovida de aviso prévio. Havia dois valores que para a minha mãe tinham uma preponderância suprema e eles eram a privacidade e a estabilidade dos seus hábitos, sem que fosse possível atribuir-lhes uma hierarquia porque nenhum estava sujeito a qualquer limitação ou compressão.

Puxei um terceiro banco para que Sara se pudesse juntar a nós em torno das torradas e das xícaras de chá ligeiramente menos cheias do que era costume e preparei-me para um silêncio desconfortável enquanto concentrava a minha atenção na toalha de plástico que cobria o tampo da mesa que oscilava levemente em resposta a qualquer movimento súbito porque o calço que tinha posto sob a perna mais curta insistia em sair do lugar.

– Muito obrigada por me receber na sua casa. Tinha curiosidade em conhecer a família da professora Catarina. Ela parece sempre

tão tranquila, tão estável, que eu queria saber de onde brotava toda essa paz – as palavras de Sara soaram como um disparo seco numa planície onde só se ouvia o sussurro ligeiro do vento. Lá se foi o silêncio desconfortável, pensei para comigo. Se calhar não era assim tão incómodo, o silêncio. Se calhar o que aí vinha era muito pior.

No rosto da minha mãe não se mexeu nenhum músculo. Mas era demasiado educada para não responder.

– Esperamos que te sintas à vontade na nossa casa – sobre a minha tranquilidade e o meu espírito pacífico, nem uma frase. E também nada se lhe ouviu sobre o gosto em recebermos a rapariga. Cumpria as regras mínimas da boa educação, mas nunca tinha sido capaz de dizer o que não sentia. Se já não era da sua natureza dizer o que sentia, menos ainda diria aquilo que não sentia.

Para meu alívio, Sara bebeu o chá em silêncio, depois sentou-se no sofá da sala e passou o resto da tarde a ver um filme antigo num canal por cabo. Chegou a hora do jantar sem que alguém a tivesse vindo buscar, por isso voltámos para a mesa e comeu a sopa sempre imersa nos seus pensamentos, ensimesmada, o que nos garantiu alguns instantes de tréguas. Felizmente também havia um resto de salada russa no frigorífico, a que se podia misturar um bocado de atum em lata se fosse caso disso (e não era caso disso, lembrei-me de seguida, porque as lascas de atum caberiam, para Sara, na categoria dos cadáveres que se recusava a ingerir).

A minha mãe nunca tinha gostado de cozinhar e lá em casa não se almoçava nem se jantava, comia-se. Depressa e na medida do necessário à subsistência. Estranhamente, passava grande parte do dia a ver programas de culinária na televisão pequena que tínhamos no móvel da sala, em frente do sofá coberto desde sempre com uma manta, para não se sujar. Houve um ou outro momento em que quase

lhe perguntei porque o fazia, por que razão prestava tanta atenção a receitas com vieiras, funcho, mel, frutos secos, costeletinhas de borrego, magret de pato, gengibre, vagens de baunilha a que se retiravam as sementes pretas e minúsculas, um conjunto infindável de ingredientes que nunca usaria para confecionar fosse o que fosse na nossa cozinha desencantada. Mas depois achei que não valia a pena perguntar, no fundo já sabia qual era a resposta que ela nunca me daria. Tratava-se do mesmo princípio que tornava grandes consumidores de livros de auto-ajuda todos aqueles mais avessos a qualquer forma de felicidade. Somos atraídos por aquilo que sabemos que nunca poderemos ter, como mosquitos dançarinos em torno de uma lâmpada acesa numa noite de verão.

Sara sentava-se à frente da minha mãe com uma descontracção que eu, que partilhava aquele tecto com ela há mais de quarenta anos, nunca tinha sentido. Para a rapariga, aquela mulher era apenas Alda, uma septuagenária anónima e silenciosa que não inspirava qualquer receio. Ela não sabia nada sobre nós e a sua ignorância tornava tudo muito mais simples.

Debicou a salada como um passarinho que tivesse desaprendido o processo de engolir, afastando cuidadosamente, para a borda do prato, qualquer vestígio do atum em conserva que Alda tinha desavisadamente acrescentado. Notei que a minha mãe a observava e ela também deve ter-se apercebido disso porque, contrariando o seu hábito para não dar explicações, optou por se justificar:

– Deixei de me alimentar de outros seres vivos.

Alda, a minha mãe, limitou-se a retorquir o óbvio:

– Esse atum já morreu há muito tempo. E as plantas também são seres vivos. Pensas aprender a comer pedras? – demorou, mas chegou, pensei. O sarcasmo de sempre.

Sara franziu o sobrolho:

– Animais. Deixei de comer animais. Sei que só fez de conta que não compreendeu. E agora deve estar a preparar-se para o sermão do costume sobre como o meu organismo precisa de proteína animal para se fortalecer. Vai dizer que ainda estou em idade de crescimento, que se me ponho com estas tolices posso deixar de ter menstruação, que o cabelo me cai e me começam a aparecer pêlos no resto do corpo. Mas tanto se me dá. Isso não me interessa nada. Não quero ter filhos nem ser bonita. Nem saudável.

Já sei o que vai acontecer a seguir. A miúda caiu na armadilha.

– Não ia dizer nada disso. Tens idade para fazer as tuas escolhas. Com a tua idade eu já trabalhava há muito tempo. E se não comia proteína animal, não era por não querer. Mas estou aqui onde me vês – Alda, a minha mãe, falou com a frieza de quem mantinha os seus pensamentos impenetráveis. Com o tom vitorioso de quem não tem a fraqueza das manifestações de cuidado associadas aos afectos. A preocupação com os outros nunca tinha sido o seu forte, diriam alguns. Ou o seu ponto fraco, pensaria ela própria.

Quando via algumas das minhas alunas chegarem à escola trazidas por mães carinhosas e sorridentes, por vezes tão semelhantes que quase pareciam irmãs, observava-as secretamente de modo a que não se apercebessem de que as olhava como o antropólogo que estuda, fascinado, uma civilização desconhecida. Havia mães que acariciavam as cabeças das filhas ou que lhes davam um beijo rápido no rosto apesar de só se estarem a despedir delas durante algumas horas, o que nunca deixava de me surpreender. Tinha-me apercebido, ouvindo as conversas dos grupinhos de adolescentes que se espalhavam pelo recreio tão centradas em si mesmas que nem davam conta da presença dos outros, de que algumas raparigas contavam segredos às mães, falavam sobre tampões e pensos higiénicos, sobre namorados, sobre zangas e reconciliações.

Eu oscilava, nesses momentos, entre sentimentos de inveja e de repugnância. Se, por um lado, teria desejado aquilo para mim, por outro soava-me a promiscuidade, fazia-me impressão um contacto tão estreito. Lembrava-me bem da tarde quente, tantos anos antes, em que tinha sentido aquela humidade viscosa nas cuecas, horas depois de ter deixado de me conseguir levantar da cama, consumida por dores novas e excruciantes no baixo ventre e invadida por um cansaço invencível. Já tinha ouvido falar sobre aquilo na escola, por isso não pensei que ia morrer, enrolei papel higiénico e introduzi-o cuidadosamente entre o tecido das cuecas e a intersecção das minhas coxas, mas não foi o suficiente para estancar o jorro vermelho e precisei de lavar os lençóis no lavatório para fazer desaparecer a mancha embaraçosa. No dia seguinte encontrei um pacote de pensos higiénicos na bancada do quarto de banho, mas Alda nada disse. Deve ter achado que não havia necessidade. Era tão parcimoniosa com as palavras que parecia que elas lhe custavam dinheiro.

Quando hoje penso no assunto, imagino que a minha mãe tenha precisado de sair para ir comprar aqueles pensos higiénicos. Ela tinha na altura muito mais de quarenta anos, é provável que já tivessem desaparecido do armário dela. Interrogo-me sobre o que terá sentido Alda ao observar aquele princípio de alguma coisa em mim enquanto lidava, ela própria, com uma espécie de fim. Vejo as mães alegres dentro de carros parados à porta do liceu e pergunto-me sobre se a minha mãe alguma vez foi assim, optimista e enérgica. Se alguma vez o foi, eu era demasiado pequena para guardar disso qualquer memória. Todavia, por alguma razão, duvido que tenha sido. Acho que nunca deve ter sido. Mas sei que posso estar enganada, que talvez tenha havido algum momento em que ela foi feliz, e de vez em quando pergunto-me se terei feito parte daquilo que a mudou e ensombrou. Ou se terá sido o meu pai.

II
O funeral
(31 de Outubro de 2018)

A verdade é que não desgosto de funerais. Acho que é porque me dá sempre jeito tudo aquilo que me lembra de que podia ser pior, de que há destinos mais azarentos do que o meu, afinal estou viva, tenho saúde e um tecto sob o qual me abrigar. Com o tempo, aprendi a sentir-me contente com coisas que aos outros talvez pareçam irrelevantes: o balde do lixo vazio e limpo depois de ter sido esvaziado, o meu pacote de sementes para misturar no iogurte finalmente arrumado no armário depois de semanas em que não o consegui encontrar no supermercado, o cheiro de lençóis limpos quando abro a cama à noite e sinto que sobrevivi a mais um dia e que se calhar até vou conseguir adormecer depressa.

Jamais me ocorreria contar isto fosse a quem fosse, claro. Ainda ficavam a pensar que sou daquelas pessoas que se alegram com as notícias de catástrofes que estão sempre a passar na televisão. Mas não é nada disso. Pelo contrário, as imagens e os ecos das crianças famintas ou dos migrantes tratados como gado pesam-me tanto que não consigo encará-los, mudo de canal ou tapo o texto do jornal com a revista que tiver mais à mão. Passei dias angustiada com a história dos miúdos tailandeses que ficaram presos na gruta, ouvia os gritos deles dentro da minha cabeça e quase rezei a pedir que uma espécie de milagre os libertasse. Depois lembrei-me de que

não acredito em Deus e a reza pareceu-me inútil, limitei-me a pedir baixinho que as forças boas do universo se unissem para os salvar. Ou as pessoas boas, que ainda pode ser que as haja por aí. Mas os funerais são diferentes, não me causam transtorno. De certa forma, transmitem-me uma sensação de paz. Afinal, está tudo resolvido. O morto já não está a sofrer, não precisamos de nos preocupar mais com ele. E aqueles que choram porque lhe sentem a falta acabarão por recuperar, de uma maneira ou de outra. A solidão é coisa a que todos temos de nos habituar, em algum momento. O sofrimento dos que se despedem, a sua recém-descoberta saudade, merece-me pouco mais do que uma comiseração ligeira. Sobretudo quando os que choram o fazem abraçados a alguém.

Cada vez com mais frequência, dou por mim a pensar que as pessoas estão muito mais sozinhas do que pensam. Até aquelas que se julgam acompanhadas. Mas a solidão não se reconhece quando foi ela que sempre nos fez companhia, a sua existência só se descobre quando achamos que alguém nos pertence e de repente deixa de pertencer. Apesar de ter sido sempre uma criança e depois uma mulher solitária, nunca me apercebi disso até ele se ter ido embora. Já passaram quase dois anos e por isso deixei de acordar a contar as horas e os minutos que faltam para o dia chegar ao fim, sem saber como ocupar o meu tempo sem as rotinas que eram nossas. As poucas rotinas que eram nossas. E isso também nunca me tinha acontecido antes de ele entrar na minha vida e me ter enganado. O desespero da solidão e a maldição do tempo que é preciso viver sem se saber como foram coisas que só descobri quando a mulher dele um dia me tocou à campainha, com o filho de ambos ao colo. Antes dele, estava sozinha, mas não sabia. E, por isso, não me importava.

– É a directora de turma das minhas netas, não é? Se não se importasse, gostava de lhe dar uma palavrinha. – Os meus

pensamentos são interrompidos pela septuagenária de fato cinzento escuro e cabelo branco impecavelmente apanhado numa espécie de pinha imóvel na parte de trás da cabeça. Já tinha reparado nela quando entrei na capela cujo centro é ocupado pelo caixão sóbrio onde o cadáver de Beatriz está fechado. A autoridade emana dela como o frio de uma arca congeladora ou o mau cheiro de uma indústria de celulose. Há coisas que são indissociáveis. A forma como se posiciona e o lugar que ocupa não deixam dúvidas sobre a sua centralidade naquele acontecimento social. Só o seu aspecto absolutamente composto, aquela total ausência de turbação ou sinais de sofrimento, poderiam suscitar dúvidas. Sim, era a mãe de Beatriz e talvez se esperasse dela que vertesse algumas lágrimas naquele momento. Assunção parece uma mulher atenta àquilo que se espera dela. Mas, naquele dia, o orgulho impelia-a a levantar a cabeça e a projectar de modo ainda mais evidente o queixo pontiagudo e voluntarioso: não permitiria nenhum desvio, não admitiria qualquer sinal de que aquela era, afinal, uma despedida diferente de outras. A mim fez-me lembrar a mãe de certas noivas grávidas que insistem no branco imaculado, nas flores de laranjeira e no corte império do vestido, perfeito para disfarçar um novo volume abdominal. Era uma associação de ideias de mau gosto e tentei afastá-la.

– As minhas netas talvez precisem de um cuidado especial por parte dos professores, o acidente da mãe pode ter-lhes causado alguma perturbação. Sobretudo à Sara, porque a Maria, apesar de tão novinha, é, como sabe, um modelo de ponderação e sensatez.

Esforcei-me por ocultar o espanto e devo ter conseguido, depois de tantas reuniões com encarregados de educação que falam sobre filhos ou netos que não podem ser os seus. Houve um tempo em que achava que me tinha enganado, que talvez aquele senhor com quem estava a conversar não fosse o pai do Ricardo, e de certeza

que a "minha Ana" a que aquela mãe se referia não podia ser a Ana Cristina que escrevia no tampo da mesa a equação para o teste de matemática e tirava dinheiro ou produtos de maquilhagem das mochilas das colegas quando achava que ninguém estava a ver. Afastei para longe aquela afirmação estapafúrdia sobre a sensatez de Maria. Preferi concentrar-me na palavra "acidente". Na versão oficial, não tinha sido um homicídio, muito menos um assassinato ou uma morte violenta. Extremamente violenta. Não, tinha sido um acidente. Como se Beatriz tivesse sido atropelada por um condutor alcoolizado quando atravessava a rua, de forma cumpridora, na passadeira e com o sinal verde para os peões. Assunção era rigorosa na escolha das palavras. Também não tinha dito que as netas precisariam de uma atenção especial. Preferiu "cuidado especial". Mas poderia ter exigido igualmente uma maior tolerância, suponho, deixando só um pouco velada a crítica à insensibilidade daqueles que não compreendessem as circunstâncias especiais das meninas. Há pessoas que acham que as suas circunstâncias especiais, ou as dos seus próximos (mas nunca as circunstâncias especiais dos outros) funcionam como carta de alforria. Tira-se uma espécie de carta de sofredor e a partir daí tudo é possível.

Tranquilizei a avó das gémeas, ainda que não exactamente da forma que ela esperaria. Disse-lhe que as netas mereceriam toda a atenção que dedicamos a todos os nossos alunos e dei-lhe os meus sentimentos. Não deve ter gostado, porque se afastou sem mais palavras depois de me lançar um olhar capaz de congelar as Bahamas. Mas fiquei na mesma. Afinal, sou filha da minha mãe, o que, de vez em quando, lá acaba por se revelar de alguma utilidade.

Fiquei aliviada quando ela se foi embora. Há pessoas que se sentem mal quando ficam sozinhas neste tipo de situação. Como se isso fosse um sinal de menoridade. Como se isso fizesse de nós

o objecto do desprezo dos outros. Procuram desesperadamente juntar-se a um grupo qualquer, tornam-se peritas em conversas inúteis, recorrem com facilidade a temas tão seguros como o estado do tempo ou o preço dos combustíveis. Mas eu não. Acho que prefiro estar só eu, abre-se-me a oportunidade de olhar à volta. E, agora sim, confirmo que está tudo como se esperaria que estivesse. Se não fosse pela primeira página do jornal exposto no café da esquina e que teima em continuar a exibir a fotografia de Beatriz, poder-se-ia acreditar que tinha morrido num acidente rodoviário. Ou, ainda melhor, na sequência de um acidente vascular cerebral. O caixão de boa qualidade estava devidamente rodeado por um número aceitável de ramos de flor discretos; as pessoas vestidas em tons escuros pareciam contristadas mas sem os desmandos popularuchos dos gritos e soluços; o retrato de uma Beatriz serena ocupava o seu lugar apenas acompanhado pelo esperado bouquet de rosas pequeninas e cor de chá; o viúvo estava devidamente ladeado pelas duas filhas e o vai-e-vem constante de amigos e conhecidos, que se aproximavam para os cumprimentar, mantinha-os distraídos de pensamentos mais sombrios. Não havia jornalistas, pelo menos no interior, e Assunção parecia quase satisfeita com o rumo dos acontecimentos.

Entrei na fila formada por cerca de dez pessoas e demorei pouco a abeirar-me de André, que me pousou suavemente a mão no ombro enquanto me estendia o rosto para os dois beijos que me fizeram hesitar, um simples aperto de mão ter-me-ia parecido mais apropriado. Sara não demonstrou sequer reconhecer-me, apesar daquele fim de dia que tínhamos passado juntas, até o pai a ter ido buscar, já à noitinha. Parecia uma estátua, mas estava apropriadamente vestida e alguns cabelinhos, muito curtos, começavam a despontar na cabeça pequena. Maria, de vestido preto

pelo joelho e sapatos rasos, com o cabelo muito liso e brilhante a cair-lhe quase até à cintura, era a perfeita imagem da adolescente devastada pela perda da mãe, mas demasiado educada para o manifestar de formas menos próprias. Tinha os olhos húmidos e os lábios cerrados num esgar de dor, mas no breve instante em que os nossos olhares se cruzaram pareceu-me ter um vislumbre de uma expressão de vitória, um lampejo quase de gozo, como se só ela soubesse de algo que a faria rir-se se pudesse. Esforcei-me por enxotar essa impressão fugidia, afinal a rapariga estava no funeral da mãe, tive de o recordar a mim própria. Mas, como sempre sucedia quando se tratava de Maria, não fui bem-sucedida no meu propósito de lhe dar pelo menos o benefício da dúvida e senti-me avassalada por aquela curiosa sensação, um misto de fascínio e de repulsa, que me assolava quando estava demasiado próxima dela.

O ar estava a tornar-se demasiado pesado no interior da capela, pelo menos para mim, por isso apressei-me em direcção à saída e inspirei profundamente a brisa outonal que já cheirava a folhas caídas e a um prenúncio de castanhas assadas na rua e embrulhadas em folhas arrancadas à pressa de algum jornal que já tivesse passado o seu prazo de validade. Espalhavam-se pelo átrio alguns círculos pequenos, pessoas que conversavam com as cabeças muito juntas, as vozes baixas, ameaças sorrateiras dos sorrisos ilícitos e das perguntas embaraçosas que Assunção tinha conseguido banir do interior, mas que ali escapavam ao seu controlo. Eu teria gostado de ouvir algumas daquelas conversas, mas não havia ninguém que conhecesse e que funcionasse como salvo-conduto para a minha entrada num dos grupos, por isso comecei a afastar-me com relutância e caminhei na direcção da rua pedonal ao fundo da qual encontraria a paragem do autocarro que me levaria a casa.

Gosto de caminhar e prefiro as ruas da cidade, cuja vida me faz

sentir mais ciente de que eu própria estou viva. Evito os passadiços artificiais construídos em lugares menos poluídos e com melhores paisagens, por onde se passeiam ou correm casais de fato de treino e sapatilhas, com os relógios caros que lhes contam os passos e medem as pulsações presos por elásticos ao antebraço, numa ânsia de ar puro e de juventude que não sei se será saudável. Mas também não tenho nada a ver com isso, não temos de gostar todos das mesmas coisas, que corram à vontade se isso os faz mais felizes, com o verde da vegetação ou o azul da água a rodeá-los e a ausência de telhados a expô-los aos raios inclementes do sol ou à humidade da chuva. Por mim, escolho as ruas e ruelas de traçado irregular, quanto mais buliçosas melhor, com arcadas para me abrigar se for caso disso, recantos onde me posso esconder, bancos públicos gastos pelo uso com corações e iniciais inscritos a tinta azul e encarnada, vestígios deixados por pessoas que me pergunto se já se desencontraram ou se continuam juntas, se é que alguma vez o estiveram, se é que aquelas marcas não correspondiam apenas a sonhos impossíveis. Ou talvez não haja sonhos impossíveis, talvez essa seja uma contradição insuportável, porque é da natureza de todos os sonhos serem possíveis, existem tão definitivamente enquanto os sonhamos que só por isso já são mais reais do que essa coisa a que os tolos insistem em chamar realidade.

Estou quase no fim da rua quando me lembro de que ainda não tomei café, por isso entro num estabelecimento onde já estive em outras ocasiões, um daqueles a que não se pode chamar padaria, pastelaria ou restaurante porque tanto podemos entrar só para comprar uns pãezinhos como nos é possível escolher uma das mesas pequenas, tirar uma revista da prateleira e encomendar um almoço leve ou uma fatia de bolo de noz com cobertura de ovos moles e amêndoa torrada. É um daqueles espaços que parece

apertado quando se entra, somos recebidos por uma sala estreita e não demasiado iluminada, que subitamente se abre para um pátio luminoso como uma surpresa boa, com uma cobertura de vidro que nos abriga do frio e da chuva, mas que não nos impede de olhar para as nuvens e ver nelas carneiros ou castelos, cobras ou carruagens. Como a maioria das mesas está ocupada, não causa estranheza que me sente precisamente ao lado de um grupo em que já tinha reparado antes, na capela, quando se abeiraram do caixão de Beatriz para cumprimentar André e as gémeas. Pergunto-me se, tal como eu, terão decidido que aquela passagem rápida pelas cerimónias fúnebres fora suficiente para se desobrigarem de tal dever, ou se planeavam regressar ainda para acompanhar o cortejo até ao cemitério. A garrafa de vinho branco estava semi-oculta pelo frappé mas mesmo assim parecia mais vazia do que cheia, por isso supus que já não tencionassem voltar. Eram três mulheres e um homem, todos com mais de quarenta anos mas provavelmente ainda aquém do meio século, claramente excitados com o encontro e talvez com algo mais do que isso, vestidos com uma informalidade que se nota que custou dinheiro e tempo passado à frente do espelho, os sorrisos impecáveis de quem vai com frequência ao dentista, os cabelos claros cortados em cabeleireiros sofisticados, corpos mantidos elegantes à custa do esforço dispendido em ginásios onde as pessoas vão tanto para transpirar como para fazer contactos com gente de gostos e contas bancárias semelhantes.

– É melhor parares com isso, Raul, para não nos matares a todas de tanto rir – o comentário da loura de cabelo ondulado e olhos afastados provoca mais gargalhadas. Pergunto-me se é o recurso ao verbo "matar" que os diverte tanto e não encontro nenhuma outra explicação para a risota, por isso concluo que deve ser isso.

– Não podemos voltar a deixar passar tanto tempo sem nos

encontrarmos...a última vez que estivemos todos juntos foi quando? No casamento da Matilde? Temos de retomar a nossa tertúlia! Não acham uma grande ideia? Mais de vinte anos depois? – a mulher que agora fala também é loura, mas tem o cabelo mais curto e liso, e junta aos mãos em sinal de prece ao mesmo tempo que comprime os lábios num biquinho de quem implora, infantil.

Os outros manifestam o esperado entusiasmo pela ideia, mas não é difícil perceber que dificilmente aqueles planos se concretizarão e que, no fundo, todos o sabem. Ninguém pega nas agendas para escolher o melhor fim de semana e por isso a sugestão vai-se afastando, sobe no ar como um balão de hélio cujo fio se largou da mão, até desaparecer sem deixar vestígios.

A terceira mulher esforça-se por partilhar a vivacidade dos restantes, mas é a única a quem isso parece provocar algum peso na consciência, talvez não consiga esquecer-se de que a perda de Beatriz, aquela morte horrorosa, lhes devia merecer algum respeito. Pelo menos isso. Titubeia, tem dificuldade em se fazer ouvir:

– Acham que o André vai aguentar? O que aconteceu foi terrível, mas o que está para vir também não deve ser fácil, não sei se a polícia e os jornalistas lhe vão largar a porta tão depressa...

– Os jornalistas desaparecem num instante, Alexandra. Esta notícia foi suculenta, temos de reconhecer. Mas mais dia menos dia aparecem outras do mesmo calibre e já ninguém quer saber. E o André vai aguentar, pois claro! Se aguentou vinte anos com a Beatriz, não há nada que não aguente! – Raul abana a cabeça num trejeito que não se percebe bem se é de repreensão ou de espanto. E, caso se trate da primeira hipótese, permanece a dúvida sobre se estará a recriminar Alexandra pela observação despropositada ou André por ter aturado a amiga deles durante tanto tempo.

– O que aconteceu era impossível de prever. Acho que foi uma

surpresa até para nós... Mas, apesar de tudo, foi uma surpresa muito maior para quem não a conhecia como nós conhecíamos... – as palavras da primeira loura, a dos olhos afastados, ficaram a pairar como uma promessa, pelo menos para mim. Sempre gostei de ouvir as conversas de desconhecidos que nem sequer se apercebem da minha presença, sou tão anónima, tão comum ou desinteressante (suponho que qualquer um destes adjectivos seja adequado) que me é fácil passar despercebida. E se aquilo que diziam já me tinha começado a interessar antes, neste momento eu abençoava o meu ouvido de tísica, que me permitia não perder pitada, apesar de os quatro terem aproximado mais as cabeças e baixado o tom de voz. Depois de uma pausa introspectiva, a mulher insiste:

– Lembram-se dela quando nos conhecemos, no nosso primeiro dia de aulas? Toda a gente a ser praxada por aquelas bestas, todos em cortejo com as caras pintadas e a cantarmos as alarvidades que nos iam ditando, e a Beatriz com aquele ar de quem já era finalista, tranquilamente sentada no bar. Nós eramos logo reconhecidos porque andávamos com a cabeça no ar a tentar descobrir a sala para onde tínhamos de ir, pedíamos informações, tínhamos o ar perdido dos que acabam de chegar. Mas com ela era diferente, não havia nada que ela não soubesse. Já tinha os livros todos, já sabia quem eram os professores a cujas aulas não se podia faltar, já tinha os exames dos anos anteriores para ver quais eram as partes mais importantes da matéria.

– Não havia nada que a Beatriz não planeasse. Tenho a certeza de que, muito antes desse primeiro dia de aulas, já ela tinha vindo fazer uma inspecção do território. Da cidade e da faculdade. Com minúcia – Raul não oculta o tom de admiração pelas competências da falecida. Nota-se que é um homem que valoriza o sucesso.

– Lembro-me como se tivesse sido ontem desse momento em

que nos encontrámos todos, ela sozinha e sentada como se estivesse à mesa da casa dela, nós todos juntos e com aquele ar ridículo que a praxe nos tinha acrescentado, ela a deixar que ocupássemos as cadeiras vagas porque o bar estava tão cheio que não tínhamos mais hipóteses. A Beatriz sozinha, mas a acolher-nos a nós, que estávamos todos juntos, como se nos fizesse um favor, sempre condescendente – a mulher a quem chamaram Alexandra parece mergulhar no passado com uma pitada de amargura, com um ricto nos lábios que não a torna mais bonita.

– Ela nunca tinha problemas, pois não? Parecia uma santinha feliz. Era sempre ela que nos consolava a nós, quando o namorado nos deixava ou tínhamos más notas nos exames. Parecia sempre uma rapariga perfeita a viver a sua vida perfeita, como se nada lhe custasse. Era como se tudo lhe caísse nas mãos antes sequer de ela as ter estendido – tinham passado mais de vinte anos, mas talvez a segunda loura, a de cabelo curto e trejeitos infantis, não tivesse ultrapassado ainda uma certa inveja da amiga morta. Pensei que podia parecer um disparate, invejar um morto, mas não creio que seja totalmente destituído de sentido. Não é verdade que a morte nos tire tudo, afinal. Não nos tira a memória que os outros têm de nós. Ou a saudade. E o passado não desaparece só porque é sucedido pelo presente, que logo se torna passado quando é substituído pelo futuro. É tudo muito mais fluído do que isso, parece-me. Nada estanque. O passado só o é se quisermos que seja. Podemos sempre escolher continuar a viver nele. Esse é um tema que conheço bem, aliás.

Raul abana a cabeça, em jeito de discordância:

– Isso era aquilo em que ela queria que toda a gente acreditasse. Mas hoje acho que ninguém se esforçava mais do que ela. Ninguém trabalhava mais do que ela. Sempre sentada na primeira fila, sempre

na posse dos melhores apontamentos das aulas, sempre a queridinha dos professores, aquelas notas impecáveis, a maquilhagem suave que parecia nem existir, mas que a fazia ainda mais bonita do que era...aquilo dava tudo muito trabalho. E há coisas que nós sabemos, não é verdade? Havia aquelas noites em que a menina certinha bebia como um marinheiro de passagem pelo porto de Hamburgo e brincava ao toca e foge com os incautos que se deixavam fascinar por pernas compridas. E, mesmo quando já namorava com o André, houve quem a visse chegar a casa de manhã sempre em carros caros conduzidos por homens muito mais velhos. Ela de vez em quando desaparecia, não se lembram? Nós saíamos e ela não vinha, sem dar explicações. Mas não me parece que ficasse em casa a estudar, não. Uma vez, no regresso de uma noite de copos, tenho a certeza que era ela, de vestido preto tão curto que nem sei se lhe podia chamar vestido, meia de rede a deixar ver a liga e uma espécie de coleira ao pescoço, os nossos olhares cruzaram-se quando a Beatriz saía de um hotel caro na baixa, mas ela nem sequer pestanejou, seguiu o seu caminho como se nunca nos tivéssemos visto. Antes de ela entrar no táxi que já estava à espera, ainda a chamei, mas nada, nem um virar de cabeça. Logo que a encontrei na faculdade, depois disso, perguntei-lhe se não me tinha visto, mas olhou para mim como se não soubesse de que é que eu estava a falar. Tinha retomado a pose de miss perfeição e parecia tão diferente da mulher com quem me tinha cruzado que eu próprio comecei a duvidar do que tinha visto. Ela tinha esse poder, o de fazer toda a gente acreditar naquilo que queria. Era uma espécie de ilusionista que ocultava as misérias da realidade e criava para si própria uma existência de sucesso e felicidade sem mácula.

Alexandra levanta a cabeça e dirige ao amigo um olhar de compreensão, antes de concordar e lhe dizer que talvez fosse aquele

o nó górdio de Beatriz. Ou que ele, Raul, tinha posto o dedo na ferida:

– Houve muitas alturas em que pensei que queria ser como ela. Apesar de, se pensarmos bem, a Beatriz nunca ter sido a rapariga mais popular da turma. Ou a mais carismática. Talvez nem sequer fosse assim tão inteligente como queria que pensássemos que era. Não tinha pitada de sentido de humor. Mas às vezes invejávamo-la, acho eu, por ela ser tão...adequada, sei lá. Tão integrada. Com tudo a funcionar sempre como devia. Só que nos últimos tempos, quando penso nisso, também dou por mim a achar que nada daquilo era a realidade. Que ela fazia um esforço hercúleo para esconder coisas, para parecer o que não era. De vez em quando punha aquele ar de sonsa tão bonitinha e empenhada e os professores caíam que nem tordos. Tenho a impressão que nunca fez totalmente sozinha os trabalhos em que lhe davam sempre a melhor nota. Será que tinha segredos diferentes daqueles que toda a gente tem? E que os conseguiu esconder durante estes anos todos, até acontecer isto?

– Bem, há aquela mãe – a loura de cabelo curto, a que até agora me pareceu menos influente na conversa, não quer deixar de contribuir para o esforço comum de compreensão – Repararam nela hoje? Parecia que estava numa recepção de embaixada. Não se lhe notavam olheiras e não tinha um vinco no fato. Teve claramente tempo e disposição para ir ao cabeleireiro. Não havia morangos nem champanhe em torno do caixão, mas esteve sempre com aquele ar de quem elogia canapés e oferece copos de cristal. É uma criatura impressionante, não acham? E já repararam que nunca fomos convidados para um fim de semana ou uns dias de férias na casa da família da Beatriz? Ouvíamos falar na quinta do Minho, mas nunca ninguém a viu. Nem sabemos exactamente onde fica, pois não? Seria em Moledo? Ou em Paredes de Coura? A Beatriz,

sem nunca dar muitos pormenores, punha-me a imaginar o solar ancestral da família com brasão na entrada e piscina no jardim de relva sempre aparada e verde.

Raul ri-se:

– O Minho tem a vantagem de ser um bocado fora de mão. Mas a Beatriz não insistia nessas histórias das propriedades da família, como costumam fazer aqueles que mentem e que dão sempre demasiados detalhes. Perdem-se com os pormenores. Ela era demasiado esperta para isso.

– Já estamos a falar sobre ela no passado. Ela fazia parte do nosso passado, mas ainda existíamos todos, acreditávamos que podíamos regressar lá, se quiséssemos. E agora ela morreu. E com ela a possibilidade de fazermos outra vez presente o nosso passado – Alexandra continua a ser a única melancólica, mas os seus pesares não encontram grande eco nos amigos. A primeira loura tem preocupações, ou interrogações, mais concretas e, quando faz a pergunta, arregala os olhos afastados:

– É verdade que ela estava toda nua? E amarrada?

Sim, era verdade, e isso toda a gente sabia, porque tinha sido uma das teclas mais tocadas nas notícias cujo único propósito era, como sempre, pois claro, esclarecer a opinião pública. Tinham sido exibidas muitas fotografias dela viva e serena, mas para já nenhuma do cadáver tal como o encontrara a funcionária que ia limpar o quarto antes da chegada dos clientes seguintes. Havia rumores, porém, de que essas fotografias existiam, talvez até já circulassem em alguns círculos mais restritos, e não sei se mais dia menos dia não estarão por aí, à vista de toda a gente. Apesar de tudo, espero que isso não aconteça. Não é que me preocupe muito com as miúdas, acho que são mais duras do que couraçados de guerra, mas tenho pena do André. Gostava que fosse poupado a mais esse desgosto, a

essa outra humilhação. As imagens do motel, essas, já estavam há vários dias em todo o lado. Os muros altos escondiam grande parte do edifício e quase só se tinha um vislumbre do telhado, mas os fotógrafos tinham insistido no portão eléctrico ladeado por árvores altas e frondosas que prejudicavam uma visão desimpedida do interior. Também deram destaque ao grande placard publicitário que anunciava o motel logo à saída da via rápida, imediatamente antes de se cortar para a estrada estreita e com muito menos movimento. Logo a seguir ao portão surgia um carreiro ladeado por outros muros, que dava origem a uma sequência de garagens individuais e, de cada uma delas, havia um acesso directo ao quarto, assegurando que os visitantes não precisassem de ter contactos indesejados. Era garantida aos clientes a possibilidade de não verem absolutamente ninguém, não havia uma recepção, não se pediam assinaturas nem documentos de identificação e, já no quarto, se tivessem fome ou sede, bastava carregarem num de vários botões espalhados por um painel para, poucos minutos depois, a encomenda ser recebida através de uma espécie de armário que tinha uma abertura para o exterior, por onde chegavam os pedidos, e uma outra que era usada pelos clientes para retirarem as bebidas, as sanduíches ou até, se estivessem para aí virados, um prego no prato ou uma tigelinha de sopa.

Nada disto facilitava a investigação da polícia, supunha eu. E os amigos de Beatriz também o sabiam:

– Parece que ainda não se descobriu nada sobre quem seria o acompanhante. A reserva foi feita online com uma identidade falsa, mas o pagamento foi em dinheiro, cento e cinquenta euros em notas enfiadas num envelope banal e entregues pelo mesmo método do dispensador de comida: uma espécie de gaveta onde se enfia alguma coisa de um lado e se retira do outro. Sem contactos pessoais, portanto.

Tudo pensado para garantir a maior confidencialidade possível. É o busílis daquele negócio, afinal. Quem não se importa de ser identificado escolhe outros sítios, onde não se paga à hora. Ou onde o preço da hora é mais barato – Raul estava bem informado. Mas o ponto ainda não era exactamente aquele, claro. Havia outras coisas.

O pormenor que tornava a morte de Beatriz especial não era só o facto de ter sido assassinada. Não é que isso fosse despiciendo, mas era o resto que fazia daquele caso uma história especialíssima. As pessoas parecem estar mais ou menos habituadas às mortes provocadas por conflitos entre vizinhos, assaltos a bombas de gasolina ou até à violência doméstica. A ideia da banalização do mal expandiu-se para outros universos, tornou-se ela própria banal e aplica-se a cada vez mais coisas. O certo é que aquelas mortes são notícia durante umas horas, mas dois dias depois já ninguém se lembra, a não ser os próximos. No caso de Beatriz, porém, havia pitadas de imprevisto que tornavam a história tão apetecida que o interesse nela não esmorecia, antes aumentava com novas perguntas e um conjunto de teorias explicativas formuladas por hordas de peritos de bancada ou de mesa de café.

Beatriz tinha sido encontrada morta na banheira redonda e branca de um motel, semi-coberta por uma água já fria onde boiavam pétalas de rosas vermelhas, as pernas amarradas na zona dos tornozelos, os pulsos também firmemente presos por outra corda shibari e uma mordaça de cabedal que a impediu de gritar por socorro. Havia ainda um candeeiro, que tinha sido ligado a uma tomada eléctrica e enfiado na água da banheira para electrocutar a mulher elegante e bem-sucedida que imaginaríamos em muitos outros lugares, mas não ali. Não assim. A instalação eléctrica e o candeeiro eram antigos e a água tinha sido convenientemente temperada com sais, o que facilitou a condução da electricidade

que contraiu os músculos de Beatriz, lhe fez parar o coração e lhe deixou aquelas feias queimaduras na pele impecável tratada duas vezes por mês, sem nunca falhar, no centro de estética mais exclusivo da cidade.

– Ontem dei por mim a pensar se o esqueleto dela terá ficado como o daqueles peixes da pesca eléctrica... – a pausa de Raul é estudada para dar tempo às amigas de manifestarem a ignorância e a perplexidade que ele antecipava e que lhe permitirá exibir a sua sabedoria – há uns arrastões com redes eléctricas que dão descargas, parece que são os pescadores holandeses que sobretudo acham essa técnica mais eficaz, mas está a espalhar-se por barcos de outras nacionalidades. Li algures que os peixes ficam um bocado tortos, com queimaduras e com os esqueletos deformados.

O esclarecimento dá azo a manifestações de horror mais ou menos sinceras, pelo menos é a ideia com que fico.

– Acham que ela sofreu muito antes de morrer? O que terá sentido? Estou sempre a pensar nisso... – Alexandra faz a pergunta e noto-lhe as olheiras, talvez aquela interrogação lhe tenha tirado o sono nas últimas noites. Ninguém lhe responde, há outras questões pelos vistos mais prementes.

– Mas ela andava a enganar o André com alguém? Será que foi um acidente ou quiseram mesmo matá-la? Sei lá, há pessoas que fazem coisas estranhas, que misturam a dor e o prazer, não me espantava muito se ela andasse a fazer algumas experiências desse género... Os outros podem não conseguir imaginá-la assim, mas nós, que a conhecemos... – a loura de cabelo curto é capaz de ser a pragmática do grupo.

– A hipótese de ter sido um acidente está excluída. O assassino fez tudo para não deixar pistas e não havia nenhuma possibilidade de aquele candeeiro ter caído acidentalmente na banheira. Foi

levado para lá de propósito. E quem fez aquilo desapareceu como por magia. Se não tivesse aparecido a empregada para limpar o quarto para os clientes seguintes, o corpo teria sido descoberto muito mais tarde. Ela diz que só entrou porque achou que já não estava ninguém lá dentro, têm instruções da gerência para não incomodar mesmo depois do tempo que foi pago, há sempre a possibilidade de "extensões" do horário quando os clientes querem continuar para além do previsto. A Beatriz devia andar com alguém. Não andava sempre? Mas quem não a conhecesse bem nunca o diria, era uma sobredotada quando tocava a fazer-se passar por santinha. Os rumores que havia, curiosamente, eram sobre o André. Dizia-se que tinha uma relação nada pedagógica com uma aluna, uma daquelas miúdas da faculdade que se deixam deslumbrar pelo professor que se esquece de cortar o cabelo e insiste em usar a camisa por fora das calças. O professor que combate tudo, até a passagem do tempo. Coisas de sociólogos, vá-se lá saber porque lhes dá para aquilo – enquanto Raul persiste nos comentários, recordo-me de que Beatriz era economista e que, por isso, é provável que também o sejam aqueles quatro, seus colegas dos bancos da universidade.

A primeira loura, a dos olhos afastados, sacode a cabeça e eu não compreendo bem se o faz em jeito de negação ou de desconforto, há na sua expressão um traço de vagueza, talvez esteja embrenhada em recordações passadas:

– A história daqueles dois foi sempre um bocado disparatada, não acham? Eles tinham tão pouco a ver um com o outro...a marrona gira e que parecia certinha, sempre sentada na primeira fila, sempre de bracinho no ar a pedir para responder, mas sobretudo pronta para massajar o ego dos professores, e o André, tão descontraído em algumas coisas e tão empenhado noutras. Ela ambicionava ser a melhor aluna do nosso curso e ele era o melhor do dele, só que sem se

esforçar nada para isso, enquanto a Beatriz, por mais que estudasse e engraxasse os professores, não passava do quinze que ela tanto detestava. Ela sonhava com roupa de marca e carros caros e ele sonhava com uma sociedade mais solidária, empenhado naqueles projectos de voluntariado em África ou na América Latina. Não, nunca percebi, eles simplesmente não faziam sentido juntos, mas não eram nada como o Eduardo e a Mónica da música dos Legião Urbana, que foram felizes para sempre no planalto central...havia ali qualquer coisa que não estava certa.

Alexandra talvez não concorde, pelo menos é o que me parece, e eu esforço-me por desviar dela o meu olhar, receio que se aperceba do meu interesse na conversa e da minha sintonia com a ideia, que sinto que também é a dela, sobre a ligeireza das palavras da outra, algumas pessoas não conseguem ver nos restantes mais do que as suas caricaturas. Mas desta vez Alexandra consegue vencer a sua insegurança e discordar ou, pelo menos, não concordar completamente:

– Eu acho que eles se apaixonaram, e pronto. E não há nisso nenhuma originalidade, pois não? Quantas vezes já ouvimos dizer que os opostos se atraem? E eram tão bonitos, lembro-me de os ver chegar de manhã, de mãos dadas, os cabelos ainda molhados e as peles reluzentes do banho, e de ficar a pensar que me davam esperança – a voz vai-se-lhe apagando à medida que fala, talvez se vá recordando agora de como tudo acabou, pelo menos para Beatriz, talvez reconsidere aquela sua afirmação sobre a esperança. Admito que, para a maioria, a esperança acabe por ser inversamente proporcional à passagem do tempo.

Mas os outros não perdem tempo para lhe cair em cima, nota-se que as opiniões de Alexandra não são muito apreciadas. Não me parece que naquele grupo se valorize muito a discordância,

devem achar que os laços se reafirmam quando é manifesto que todos pensam o mesmo, gostam de estar de acordo, talvez isso os conforte nas suas certezas.

– Oh, menina, qual apaixonaram-se, qual quê! A Beatriz esteve sempre apaixonada por uma única pessoa, ela própria! Deve tê-lo achado giro, pois claro. Mas ele tinha outros argumentos, ou já se esqueceu disso? Os pais do André eram professores universitários, eram de esquerda mas viviam naquela casa maravilhosa, viajavam para todo o lado, eram cultos e interessantes, davam-se com a fina flor da cidade. Ela ficou fascinada por isso, claro. Por aquela aura que eles tinham todos e que o André herdou. Ela fisgou-o num piscar de olhos e o pobrezinho nem se apercebeu. Ele pode ser inteligente, não é o que toda a gente acha? Mas ela era muito mais esperta. Muito, muito mais. – Raul tem poucas dúvidas. Sempre que ouço os veredictos de pessoas como ele fico a desejar secretamente que se enganem, que batam com a cara na esquina da parede, que dêem com os burros na água. As outras duas apressam-se a concordar com ele, naturalmente. A de cabelo mais liso e curto quer, porém, voltar um pouco atrás na conversa. Houve ali qualquer coisa que ficou por esmiuçar e ainda bem que ela retoma o assunto, porque é também sobre ele que anseio ouvi-los:

– Mas alguém sabe se essa história sobre o André e a miúda era mesmo verdade? E se tinha alguma importância?

Raul continua a parecer o mais informado:

– O que ouvi dizer é que era muito nova, uma rapariga argentina que veio para cá estudar num daqueles programas de mobilidade que agora estão na moda e que servem para as criaturinhas passearem pelo mundo em vez de se agarrarem aos livrinhos e queimarem as pestanas. Tenho ideia que há uma corrente na nossa sociologia política que tem muita saída no hemisfério sul, aquela

corrente que cultiva o discurso sobre as malvadezas do capitalismo e a necessidade de livrarmos os excluídos da sua exclusão e outras balelas do género. A miúda devia ser uma dessas, mais uma que diz que no país dela é preciso encontrar soluções específicas e despir o fato feito à medida do colonizador europeu, mas que depois chega aqui e se despe a ela à frente do colonizador europeu – o homem sorri do seu próprio trocadilho enquanto eu me esforço por conter a vontade de partir na esquina da mesa o gargalo de uma garrafa qualquer antes de lho enfiar naquela ruguinha mesmo a meio da testa, a marca persistente de um cinismo do qual até é provável que Raul se orgulhe.

A primeira loura arregala de novo os olhos como se estivesse a ver, naquele exacto momento, a aluna de Raul a despir-se à frente do professor, mas a outra insiste, continua sem compreender o essencial:

– Mas era uma coisa séria? E a Beatriz sabia? Ou seriam só boatos sem fundamento?

Raul não quer ver a sua história desvalorizada e defende-se recorrendo à sabedoria popular:

– Nunca ouviste dizer que "onde há fumo, há fogo"? E duvido muito que a Beatriz não soubesse, tenho ideia de que não havia muita coisa que lhe escapasse. Seja como for, o André agora está viúvo. E isso deixa-o livre... – fez uma pausa estudada antes da última frase, como se a ideia só então lhe estivesse a ocorrer pela primeira vez, e esperou que as outras retirassem daí as suas conclusões.

III
Os encontros das pessoas inacabadas
(7 de Novembro de 2018)

Agora já consigo sair da cama sem abrir a gaveta da mesa de cabeceira e pegar nas frases de Whitman como se me agarrasse a um frasco cheio de comprimidos. Acho que a certa altura comecei a lê-lo como se fosse a discípula de um guru indiano e não pudesse dar dois passos sem seguir os seus conselhos. Como se ele fosse um guru indiano. Como se a literatura nos pudesse dar indicações concretas sobre o melhor modo de conduzir a vida. Carpe Diem – é fácil de dizer, suponho, e eu repetia-o para mim própria centenas de vezes por dia, todos os dias. Mas depois dava por mim a cair no pior erro, o do silêncio. E não conseguia ver nenhuma beleza nas coisas simples. Não queria deixar-me vencer pelo desalento, queria sentir a paixão, queria ir atrás do meu sonho. Queria ir atrás dele, e havia momentos em que me parecia que era isso que Whitman me estava a sugerir que fizesse. Mas, depois, esbarrava noutras frases e a dúvida instalava-se. "Não atraiçoes as tuas crenças", era o que também me sussurrava o poeta. Se queria viver intensamente e sem mediocridade, como podia resignar-me àquilo, a tê-lo só de vez em quando, a bastar-me em dias esparsos com um mentiroso e um cobarde?

Quando finalmente chegava à cozinha para fazer um chá e barrar com manteiga uma torrada solitária, sentia na nuca os olhos

da minha mãe, a sua decepção, talvez o seu desprezo. Pelo menos o meu pai tinha deixado a mulher e os filhos para ficar com ela. Para ficar connosco. Pelo menos isso. Desejava-lhe um bom dia fugidio e saía de casa o mais depressa que podia, mesmo que não tivesse aulas, mesmo que a chuva caísse inclemente, mesmo que o frio me enregelasse as mãos. Aprendi a deambular pela cidade, a perder-me de mim própria nas suas ruelas esconsas, a distrair-me com as conversas dos outros, com os seus esgares e os seus cheiros, as suas alegrias e os seus medos. Regressava o mais tarde que podia e ambas sabíamos que eu continuava a fugir dela, das suas expectativas, da sua frustração, do seu desencanto, dos seus cabelos brancos, da pele que nunca cheirava a perfume, das unhas que deixara de arranjar há anos. Ela era o espelho onde eu não me queria ver.

Já não leio Whitman. Limito-me a abandonar rapidamente a mortalha dos lençóis, recuso-me a prolongar o sofrimento do princípio do dia, aqueles minutos de desorientação enquanto me esforço por sair do sonho onde ainda o encontro a ele, onde tudo continua a parecer possível. Molho a cara com água fria e obrigo-me a recordar-me de que não é. Preciso de me lembrar de quem sou. Fui-me esquecendo de mim, enquanto estava com ele. Deixei que ele me fizesse acreditar que não merecia mais do que aquilo. Ainda tenho de me esforçar, todos os dias, para me lembrar que mereço respeito. Habituamo-nos mais facilmente ao desrespeito do que à solidão. Sinto os salpicos de água nas maçãs do rosto e repito que a única pessoa de quem não posso esquecer-me é de mim. Mas não sou muito boa a mentir e às vezes tenho medo do que isso pode significar. Há momentos em que dou por mim a olhar para a voracidade com que algumas das minhas colegas mais independentes esvaziam o último jarro de refresco do bar, na sala dos professores,

ou correm para pegar no derradeiro biscoito e penso que pagaram um preço alto pela coragem de não se contentarem com menos do que aquilo que desejam. Sabem que têm de se bastar a si próprias e talvez achem que isso justifica a sua despreocupação com os outros, legitima-as na sua pressa de serem sempre as primeiras a chegar. De ficarem com as coisas antes que elas acabem. Mas não é nelas que me revejo. O que gostava era de me tornar uma daquelas mulheres que chegam sozinhas à esplanada de um restaurante elegante e polvilhado de mesas cobertas por toalhas de linho onde se sentam casais chilreantes e grupos de amigos alegres, mulheres que pegam com tranquilidade na lista e pedem um copo de vinho branco antes do almoço, que saboreiam com gosto a refeição sem imaginarem os olhares curiosos ou desaprovadores dos outros, que não têm pressa de fugir para um lugar onde a sua solidão seja menos evidente. Já tentei uma vez ou outra, mas engoli a sopa de peixe à pressa e fiquei com a língua queimada. Era uma missão que tinha imposto a mim mesma, e que cumpri sem nenhum prazer. Achei que assim talvez não valesse a pena. E não voltei.

Continuei, porém, a voltar para casa, noite após noite, quando a claridade se escondia. Não é que não tenha posto algumas vezes a hipótese de deixar tudo: aquela cidade de onde nunca tinha saído e que conhecia melhor do que a palma da minha mão; o liceu onde tinha estudado e onde depois regressei com a esperança que às vezes me parece vã de ensinar a adolescentes a sintonia perfeita entre o que se sente e o que se mostra aos outros que se sente (aquilo para que, afinal, serve a língua em que falamos e escrevemos); o apartamento no prédio velho onde havia cada vez mais lugares vazios de azulejos; a minha mãe, sobretudo Alda, a minha mãe. Mas a verdade é que, sempre que a ideia me ocorria, não sabia para onde ir. E se, mesmo ali, havia dias em que me parecia difícil

sobreviver, tinha medo de que num lugar desconhecido a minha solidão se tornasse definitivamente insuportável. Infelizmente, nunca fui uma aventureira. Às vezes, muito de vez em quando, até posso ser corajosa. Mas raramente sou audaciosa.

O certo é que era uma vida com poucas surpresas, por isso estranhei ainda mais do que seria normal aquela primeira vez em que abri a porta de casa e ouvi as vozes abafadas vindas da cozinha. Não costumávamos ter visitas para jantar. Nem sequer costumávamos realmente jantar, como imagino que façam as outras famílias onde todos se sentam ao mesmo tempo a uma mesa posta com pratos iguais e conversam alegremente sobre as ocorrências da jornada (esforço-me por pensar que há muitas casas onde talvez não seja assim, que a galinha da vizinha parece sempre melhor do que a minha, que "todos sentados à mesa" não é sinónimo de alegria, mas tenho de reconhecer que é outro esforço vão). Fiz mais barulho do que o necessário, para anunciar a minha chegada a casa e não ser inconveniente, mas fui ignorada e as vozes mantiveram-se inalteradas, até que me aproximei e reconheci as palavras de Alda, a minha mãe, que conversava tranquilamente com Sara, a minha aluna.

Só depois compreendi que aquela não era a primeira visita da miúda. Tinha começado a encontrar-se com Alda logo a seguir àquele dia em que tínhamos recebido juntas a notícia da morte de Beatriz e as circunstâncias me tinham forçado a trazê-la para casa, mas era a primeira vez que ficava até mais tarde, favorecendo o nosso encontro.

Sara tinha posto a mesa para três pessoas, estavam à minha espera para partilharmos uma receita nova de cogumelos que ela tinha ido comprar ao supermercado e que tinha lavado cuidadosamente antes de os temperar com pouco azeite e algum alho picado, para

depois os levar ao forno. Também tinha trazido uma espécie de torta de alfarroba e anunciou alegremente que era para a sobremesa. Anunciou que seria um lanche-ajantarado. Estava muito bonita, com um ar limpo e jovem, despida de nuvens negras e com os grandes olhos pretos a iluminarem-lhe o rosto. Não parecia ela e só mais tarde me ocorreu que essa sensação que tive podia ser causada pela invulgar circunstância de nesse dia Sara estar menos disfarçada do que lhe era usual. Talvez não me tivesse parecido ela precisamente por ter vindo só ela, quase sem resquícios da monja budista ou da deprimida gótica.

Limitei-me a sentar-me depois de ter ido lavar as mãos à pia da cozinha, sem uma única palavra sobre a surpresa da presença dela e suponho que isso lhes tenha agradado, porque continuaram a conversar sem que a irrupção súbita da minha pessoa lhes tivesse causado qualquer perturbação. Alda, a minha mãe, estava a explicar-lhe qualquer coisa sobre a forma como há ideias que a partir de certo momento tomamos como adquiridas, como incontornáveis, como uma espécie de evidências, mas que não foram sequer cogitadas até então. Desabrocham mais ou menos de repente no espírito das pessoas e enraízam-se lá, como se fossem inquebrantáveis:

– Os exemplos na verdade são incontáveis, Sara. Mas esse de que te lembraste, a propósito dos direitos das crianças, se calhar é um dos mais evidentes. Passámos séculos a vê-las como propriedade dos pais, outras coisas que eles tinham além das alfaias agrícolas ou das mantas com que se cobriam nas noites mais frias. Lembro-me de ser criança e de ter a sensação de que era com relutância que me aceitavam à mesa dos adultos. Quando me atrevia a dar a minha opinião, o meu pai dizia-me para crescer e aparecer e perguntava à minha mãe porque é que eu e o meu irmão nos sentávamos com eles, como se a culpa por mais aquele erro também fosse dela. E

depois – e ainda bem– descobriu-se que as crianças têm direitos e começou a falar-se no superior interesse da criança, apesar de às vezes me parecer que o conceito é vago e que há muita gente que não sabe exactamente como o preencher. Acham que é uma espécie de grande saco vazio onde cabe tudo o que quiserem.

Não me recordo de alguma vez ter ouvido a minha mãe dizer tantas palavras seguidas, é o que dou por mim a pensar outra vez. E ela ainda nem sequer tinha acabado:

– Olhava-se para as crianças como se fossem pessoas inacabadas, incompletas. E que na verdade ainda não se sabia se iriam ficar perfeitas. Podiam morrer – morriam tantas... Ou podiam perder-se de outra maneira qualquer, que também as havia muitas. Por isso não valia a pena investir-se demasiado nelas. Nem no afecto que mereciam que se sentisse por elas.

Sara olha para a minha mãe com interesse, muito mais atenta do que me parecia nas aulas:

– Gosto de pensar nisso, Alda, nessa possibilidade de aparecerem ideias novas que são melhores do que as que havia antes. Mas lembras-te de mais exemplos? Disseste que eram muitos.

A minha mãe não precisa de mais do que uns segundos para lhe responder, depois de engolir um cogumelo que tinha deixado pensativamente agarrado ao garfo:

– E são, Sara, são muitos. Recordas-te de teres estudado a Revolução Francesa e o Iluminismo? Deves ter aprendido que se difundiu a partir daí a ideia de que os homens, todos os homens, são iguais porque todos têm uma racionalidade que lhes permite compreender o mundo, explicá-lo sem o auxílio dos deuses. Essa perspectiva nova significou a derrocada de muitas coisas, e também da ideia de que os homens eram diferentes uns dos outros, por exemplo em função da classe social a que pertenciam. Se recuarmos

no tempo uns séculos, verás que até então não era nisso que se acreditava.

Não resisto a dizer qualquer coisinha sobre o assunto e as duas reparam em mim nessa altura, como se tivessem acabado de dar pela minha presença:

– Descobriu-se que os homens eram todos iguais, mas não foi assim tão fácil chegar à conclusão de que as pessoas são todas iguais...as mulheres não eram iguais, em muitos sítios continuam a não ser. E a cor da pele, assim como o facto de se ser ou não proprietário de alguns bens, também baralhava um bocado esse imperativo de igualdade.

Sara ouviu o que eu disse, mas o que lhe chamou a atenção não foi aquilo de que eu estava à espera:

– Por que razão é que achas que as pessoas devem ser todas iguais? Ou que são todas iguais? O que eu mais quero é ser quem sou, não quero ser igual a ninguém – é inusitada a veemência da afirmação, pelo menos em comparação com a letargia das últimas semanas, e penso que talvez a fase contemplativa de monja alheada das coisas terrenas esteja a começar a ser ultrapassada.

Tento explicar-lhe que da ideia de igualdade não se pode extrair o aniquilamento do direito a ser diferente, porque o que está em causa é sobretudo a exigência de que todas as pessoas tenham garantidos os mesmos direitos essenciais. Mas ela já se distraiu e remata o assunto com uma afirmação simples:

– Se de repente descobrimos que ideias que toda a gente achava certas afinal estão erradas, pode acontecer que muitas coisas que as pessoas agora acham que estão bem talvez estejam mal. Não é por todos pensarem de uma certa maneira que estão necessariamente correctos, o tempo pode passar e mostrar que estavam todos errados – e havia uma nova luz no fundo dos seus olhos escuros enquanto

o dizia, os dentinhos brancos que dantes me pareciam afiados como punhais a sobressaírem, perfeitos, entre os lábios grossos.

Alda permanecia silenciosa e notei que, desde o início da refeição, não lhe tinha ouvido ainda um único comentário crítico ou irónico. Quem a visse assim não imaginaria que era capaz de, com uma simples frase, destruir toda e qualquer crença na humanidade. Lembrei-me do arremedo de conversa que tentei ter com ela alguns dias antes – às vezes ainda me incomodava o silêncio pesado que durava horas, com as duas a chocarmos uma com a outra na casa apertada, como canários mudos presos numa gaiola demasiado pequena – a propósito da iniciativa de duas colegas minhas, que tinham decidido convidar para almoçar fora e depois ir ao cinema, num sábado, uma funcionária da escola que tinha enviuvado no ano anterior, precisamente nesse dia. "Vão fazer uma festa para comemorar a morte do homem?" – fora a observação que Alda soltara, num tom falsamente suave, que combinava mal com o sorriso trocista que lhe tinha revirado os cantos da boca. E eu, tonta, apesar de tantos anos passados a ouvir comentários destes, ainda me indignara, ainda lhe respondera: "Uma festa? Claro que não, só não querem deixar a Adelina sozinha num dia que vai ser muito difícil para ela. Como é que podes pensar uma coisa dessas?". Ponto para a minha mãe, claro. Eu já devia saber que fazer-lhe perguntas era dar-lhe o impulso de que precisava para libertar dos diques a sua amargura: "A mim nunca ninguém me convidou para almoçar ou jantar na data da morte do teu pai". Não valia a pena responder-lhe que a Adelina tinha ficado completamente sozinha, ao contrário dela, Alda, que vivia comigo. Correria o risco de que a resposta dela fosse que eu é que vivia com ela, o que não ia dar exactamente ao mesmo.

O telefone de Sara tocou e ela pediu licença para se levantar

da mesa, tinha-o guardado numa bolsa grande de patchwork, que costumava trazer a tiracolo desde que optara pelo estilo tibetano, e que ainda não tinha substituído. A expressão descontraída desvaneceu-se-lhe mal olhou o nome que piscava no ecrã do aparelho, mas atendeu, contrariada. Afastou-se um pouco e falou baixo, por isso não pudemos ouvir toda a conversa, mas apercebi-me de que a interlocutora era a sua gémea. Desligou pouco depois e já não voltou a sentar-se.

– Desculpem-me, tenho de me ir embora. O meu pai foi detido há umas horas, mas a Maria só agora é que se lembrou de me avisar. Foi levado pela polícia para ser ouvido por um juiz.

Ficámos em silêncio, eu e Alda, porque, se havia uma coisa em que éramos parecidas, era na nossa incapacidade para consolarmos os outros dizendo banalidades. Era um defeito que partilhávamos. E, confrontada com ele, Sara viu-se na necessidade de acrescentar aquilo que ambas já imaginávamos:

– É por causa da morte da minha mãe.

Não a deixei ir sozinha, claro. E bem sei que não foi apenas por generosidade ou por preocupação com ela.

A nossa ida ao tribunal não se revelou, porém, demasiado útil, e acabámos por decidir esperar na praça para a qual dava a porta principal do edifício austero, àquela hora já quase vazia de gente e varrida por um vento cortante que nos fez encolher dentro dos casacos, levantar as golas, enfiar as mãos nos bolsos. Resolvemos entrar num café de onde tínhamos uma vista desimpedida da saída do tribunal e sentámo-nos numa mesa que ficava encostada ao vidro, os nossos narizes quase colados a ele, ambas totalmente pendentes da desejada visão do recém-viúvo a sair, livre, pela porta larga que era uma espécie de portal entre dois universos, do lado de cá a liberdade, do lado de lá a clausura.

Tinha escurecido e os empregados do café afadigavam-se a servir as

últimas refeições rápidas enquanto uma funcionária começava a limpar o chão, uma outra estava ocupada a arrumar as poucas cadeiras da pequena esplanada. Aproximava-se a hora do fecho e notava-se-lhes nos rostos o desejo de regressarem às suas casas, abraçarem os filhos, se possível estenderem-se no sofá depois de cumprirem as derradeiras rotinas diárias.

O café era notoriamente frequentado sobretudo por clientes do tribunal e identifiquei um punhado de pessoas que supus serem advogados, três homens vestidos com fatos que no final do dia já pareciam amachucados, os nós das gravatas mais frouxos do que seria suposto, uma mulher de meia idade de ar cansado e com um conjunto de saia e casaco que lhe estava apertado, uma outra mais jovem, talvez ainda advogada estagiária, silenciosa e concentrada naquilo que os mais velhos diziam, em tom vagamente conspiratório. Mas foi a rapariga sentada na mesa do canto que me chamou a atenção. Primeiro pensei que não se enquadrava no ambiente, mas depois ocorreu-me que, pelo contrário, era o elemento que faltava para o cenário se tornar completo. Se os outros representavam os profissionais do foro, ela era o rosto dos que aguardavam, ansiosos, as decisões tantas vezes vitais que seriam tomadas no tribunal.

Sara parecia ter mirrado dentro do casaco, como uma tartaruga que se encolheu até se esconder toda no interior da carapaça e senti por ela um acesso rápido – e surpreendente – de ternura. Há dias em que me pergunto se a minha vida seria diferente se fosse eu o centro da vida de alguém em crescimento, em vez de me cruzar brevemente com tantos rapazes e raparigas que ocupam os lugares nas minhas aulas e que se vão embora, todos os anos, em meados de Junho.

A ideia e a dor que a acompanha atingem-me com mais força em certos momentos, como quando fui ao cinema sozinha ver aquele filme sobre a mulher de meia idade que era mãe solteira e

que não conseguia abandonar o namorado que periodicamente a maltratava. Há uma cena em que ela vai com o filho às compras e o rapaz, que deve ter uns dezasseis ou dezassete anos, diz-lhe que no dia seguinte tem uma festa na casa de um amigo. A mãe pergunta-lhe se a namorada vai com ele, o rapaz responde que não, a mãe estranha que a namorada do filho não se aborreça com isso. O rapaz responde-lhe, tranquilamente, que ambos sabem que ela tem as festas dela e que ele tem as festas dele, e que por isso é que já estão juntos há mais de um ano. O miúdo faz uma pausa e acrescenta que a relação que tem com a namorada dura porque é uma relação feliz. E acrescenta, impávido, que não dura por ser abusiva, porque essas relações também duram sempre que a vítima não se consegue libertar. Di-lo com tanta serenidade e descaso que o grande plano seguinte, que mostra o rosto da mãe, se fixa primeiro na sua surpresa, depois na sua incompreensão, a seguir na sua tristeza e vergonha, finalmente num certo alívio. A actriz é excelente, não precisa de palavras para que sintamos a sua perplexidade, a sua confusão, as suas dúvidas sobre aquilo de que o filho se terá apercebido, a sua interrogação muda sobre se aquela foi a forma que ele encontrou para lhe dar um recado, para a incitar a mudar de vida, a ser corajosa. Sentimo-la a questionar-se sobre onde terá ele aprendido a usar aquela palavra, "abusiva", e sobre o que achará o filho que cabe no conceito de "vítima". Mas depois a imagem parece focar-se no alívio que a mulher sente por concluir que o filho não se habituou àquilo, no alívio por ter aquele filho. Tudo isto me causou incómodo. Fiquei irritada com aquela mulher, aquela mulher que tinha um filho, que tinha tanta sorte porque havia um rapazinho inteligente e sereno que se preocupava com ela, e que ainda assim persistia em não ser feliz.

Nunca gostei de ter deixado tão cedo de ter um pai e acho que

também não gosto de não ter um filho. Mas agora, se calhar, já é demasiado tarde. Mesmo que ainda fosse possível, não quereria que ele crescesse com o medo de ter uma mãe velha. Foi assim que eu cresci, sempre apavorada com a possibilidade de o meu pai, que me parecia tão velho, morrer de repente, antes de eu conseguir crescer e escapar à minha mãe. Como de facto o meu pai morreu, antes de eu ter fugido de Alda.

Eu devia ter uns oito anos na última vez que saímos para uns dias de férias no interior, era a minha mãe que conduzia e o meu pai sentava-se ao lado dela enquanto eu me esparramava no banco de trás, tentando evitar o sol abrasador que atravessava o vidro e me queimava a pele. Estava inquieta e irrequieta, recordo-me bem, a nossa vida era cheia de rotinas e a viagem, apesar de curta, parecia-me uma aventura repleta de riscos. De vez em quando levantava a cabeça para olhar lá para fora, gostava do movimento das árvores que fugiam de nós, para trás do carro que seguia sempre em frente pela estrada ziguezagueante. A certa altura chegámos a uma aldeia e os meus olhos fixaram-se em três mulheres que secavam ao sol sentadas por baixo de um estendal onde a roupa ondulava. Estavam num banquinho de pedra encostado a uma parede pintada num tom de amarelo esmaecido, as mangas de camisas puídas esvoaçavam-lhes por cima das cabeças e as suas peles pareceram-me escamadas, os seus rostos eram de lagartos grandes e com poucos dentes. Pensei que eram parecidas com o meu pai e lembro-me de que isso me entristeceu. Queria que o rosto do meu pai fosse tão liso como os dos outros pais, todos parecidos entre si e todos tão diferentes do meu, mas não havia nada que ele pudesse fazer para isso, e eu esforçava-me para ele não perceber que era assim que me sentia, mas acho que ele percebia e que ficava triste por mim, e eu ficava triste por ele ao mesmo tempo que me sentia envergonhada por me sentir assim, por

não ser capaz de o amar totalmente, despreocupadamente, tal como ele era. Tinha demasiado medo de o perder para poder amá-lo.

Depois de o coração dele ter parado, passei anos a pensar que talvez tivesse sido também por minha causa. Nunca fui capaz de não antecipar aquilo que mais temo. Corro para o abismo para evitar o pavor de o ter à minha frente, silencioso e escuro, à espreita. Ou talvez seja tudo menos complexo. Se calhar só se cumpriu a profecia de que os maus pensamentos atraem desgraças. Profecias que se cumprem a si mesmas. E a verdade é que eu estava sempre a pensar naquilo, sobretudo até acontecer. Depois? Não sei se depois não sobreveio um certo alívio, por já ter acontecido. Por já ter passado. Mas prefiro achar que não e há dias em que quase consigo acreditar naquilo que prefiro.

As recordações do funeral dele esbateram-se tanto que parecem bocados de pano puído e descorado, no fio, pedaços rasgados por modos que não permitem que alguma vez voltem a reunir-se. Ou se calhar não há quase nada para recordar, porque estive sempre desfocada ao longo daqueles dias, a partir do momento em que a notícia nos chegou, tantas vezes antecipada que suponho que já nem era propriamente uma notícia. Mesmo quando me esforço mais, só há dois pedaços de tempo de que me recordo, congelados – mas não em flocos de neve de um branco puro ou em cristais de gelo translúcidos e brilhantes; se parecem neve, é daquela que já foi demasiado pisada, começou a derreter-se e a acastanhar, não suscita recordações de gargalhadas de crianças que puxam trenós ou constroem bonecos, só faz pensar nas pás cinzentas com que se recolhe a lama que depois se vai deitar fora.

Num desses pedaços de tempo está a minha mãe, de pé ao meu lado na capela, uma estátua que vela um caixão aberto e acompanhado por flores esparsas e baratas. Estamos à espera

que cheguem pessoas para nos abraçarem e fingirem confortar-nos, mas ainda não veio ninguém. Não chegaram sequer aquelas pessoas que usam os funerais, mesmo os dos quase desconhecidos, para desabafarem outras dores, as suas. Sofrimentos ruidosos e finalmente libertados, sem nenhuma conexão com o falecido. São essas pessoas que costumam derramar as lágrimas mais copiosas, mas nem essas tinham vindo.

A minha mãe tem vestida uma blusa num tom de cinzento muito escuro e um dos botões, o terceiro a contar de baixo, lembro-me bem disso, está desapertado. São botões pequeninos, pretos, e quando ela se dá conta de que não estão como deveriam, esforça-se por abotoar aquela coisinha minúscula e desobediente. Mas não consegue e eu fixo-me nisso, incrédula, concentrada na sua mão direita, pálida e já com as primeiras veias a ficarem salientes, que se agita em torno do botão pequeno, procurando enfiá-lo na casa, dar ordem às coisas, fazer com que tudo volte ao seu devido lugar. Passa tanto tempo nisso que começo a preocupar-me com a possibilidade de a minha mãe ter deixado de repente de saber fazer aquilo, pergunto-me se alguma vez voltará a conseguir abotoar um botão. Quando finalmente conseguiu, pareceu-me que uma eternidade depois, fui assolada por uma sensação de alívio tão grande que voltei a respirar.

Mas há outro fragmento desse dia de que me lembro. A certa altura chegou uma mulher, que me pareceu velha, mas que talvez não fosse. Creio que seria, pelos meus padrões de hoje, uma senhora de meia idade, discretamente vestida, habituada a capelas e a caixões e supus que sabedora daquilo que se espera de cada um de nós em momentos como aquele. Olhou em volta e franziu desaprovadoramente a sobrancelha, não devia estar habituada a espaços tão vazios naquelas circunstâncias. Precisou de se baixar um pouco para me dar dois beijos contrariados, quase

sem me tocar na cara – eu cresci tarde, naquela altura devia medir menos de um metro e quarenta – mas foi para a minha mãe que, sem perda de tempo, orientou a sua falsa comiseração sincera. “Os meus sentimentos, Alda. Só damos pela falta que os maridos nos fazem quando os perdemos”. A minha mãe abriu os olhos e fitou-a, pareceu-me que com um certo espanto, e tive a sensação peculiar de que havia ali uma comunicação subterrânea que me escapava. Pensei muitas vezes naquilo depois, naquele fiapo de tempo imortalizado em cima do caixão de um homem que já estava morto, mas que, mesmo assim, continuava a ser pretexto para se desatarem fúrias antigas. Acho que cheguei a acreditar que entre a minha mãe e aquela mulher existia um código secreto, próprio de uma irmandade ancestral e feminina, forjada no sofrimento e na submissão, que subsistira através dos tempos graças à dissimulação e a uma resiliência inquebráveis. Dei voltas às duas frases curtas na minha cabeça, queria descobrir a cifra que me desvendaria o segredo, e acabei por concluir que estava na palavra “maridos”. A mulher tinha arrastado a palavra, como se hesitasse em usá-la, como se se surpreendesse a si própria por estar a dizer aquilo. Maridos. Ocorreu-me primeiro a explicação mais simples. O meu pai não era tecnicamente marido da minha mãe. Não tinha podido sê-lo no princípio por causa daquela mulher que já existia antes de nós e mais tarde pareceram esquecer-se disso, mesmo quando se tinha tornado possível, como se algumas coisas fossem irremediáveis e mais valesse deixá-las como estavam.

Aquelas palavras ficaram presas na minha cabeça durante tanto tempo que foram dando voltas e acabaram por adquirir significados diversos em função das etapas do meu próprio crescimento ou do ritmo dos meus dias. Fui-lhes dando outras explicações. “Só damos pela falta que os maridos nos fazem quando os perdemos”.

Lembrei-me de que o arrastamento no final da frase, a hesitação suave e comprometida ao longo da palavra "maridos", se podia dever também ao facto de a mulher se ter apercebido de que teria dito exactamente aquilo à outra, à primeira mulher do meu pai, só que muitos anos antes. Pode ser tão maravilhosamente irónica, a vida. Mas, desde então, as minhas interrogações foram-se deslocalizando e centraram-se em outros porquês. Fui-me afastando gradualmente da palavra "maridos" e concentrei-me mais na "falta" e no "depois". Só se sente a falta depois porquê? Porque ela não existe antes, seria a explicação óbvia. Mas do que se sente exactamente a falta, quando os maridos, por uma razão ou outra, se vão? Dos buracos que as cabeças deles marcavam nas almofadas e que só desapareciam depois de elas serem batidas com força na cama, antes de se esticarem os lençóis? Ou dos convites para jantar ou passar fins de semana com casais de amigos, que de repente desaparecem quando os outros descobrem que o número ímpar que sobrou prejudica a impecável harmonia geométrica dos pares perfeitos?

Sara, sentada à minha frente enquanto aguardamos por notícias do pai dela, permanece indiferente ao meu silêncio e alheia às minhas recordações enquanto beberica um sumo e debica um bolo de arroz, ainda tão enfiada no casaco que só o topo da sua cabeça e o recorte das orelhinhas minúsculas escapam ao aconchego do agasalho que lhe fica grande. Olho para ela e penso que lhe faz falta um gorro. Depois interrogo-me sobre como estarão as coisas na casa dela, sem Beatriz. Não sei se a roupa está a ser lavada e passada, se as camas estão a ser feitas, se há comida no frigorífico. Mas depressa me dou conta da tontice subjacente a estas interrogações: as gémeas são crescidas, há André e também não lhes falta dinheiro para acederem a todo o auxílio de que precisarem. Há Daniela. Já

para não falar em Assunção, claro, que parece capaz de organizar não só a casa dela, mas também as casas de todos aqueles que tiverem a malapata de se cruzarem no seu caminho.

O café esvaziou-se quase completamente, por isso ouve-se melhor o toque do telefone da rapariga de cabelos compridos e olheiras fundas que continua sentada na mesa do canto. Atende, ansiosa, e depois parece-me que é para Sara que ela olha, mas a minha aluna não a vê. A outra tapa a boca com a mão esquerda enquanto fala e encosta bem o telemóvel ao ouvido direito, por isso o que diz é imperceptível, mas julgo detectar-lhe um certo alívio na expressão. Mal desliga o telefone, levanta-se, paga rapidamente ao balcão e sai sem olhar para nós. O alívio dela contagiou-me, de algum modo, por isso é já sem grande surpresa que, alguns minutos depois, me apercebo de que a porta volta a abrir-se e que desta vez é André que entra.

Sara, que talvez não estivesse tão distraída como me fazia supor, dá logo conta da chegada do pai e, desta vez, levanta-se para deixar que ele a abrace antes de me cumprimentar e se sentar connosco. Parece cansado, mas atento, vigilante e decidido a não se deixar afundar. A filha pergunta-lhe como correu e há nele uma hesitação ligeira, mas sacode-a e opta pela franqueza:

– Um relógio meu foi encontrado no quarto onde a mãe morreu. Por isso fui constituído arguido e o ministério público acha que eu devia aguardar o julgamento em prisão preventiva. Mas a decisão era do juíz e ele não concordou. Achou que não havia necessidade. O relógio não é o que uso normalmente – e mostrou o pulso, como se precisasse que o confirmássemos – mas tem as minhas iniciais gravadas. Estava guardado no cofre do nosso quarto, é o relógio que os meus pais me ofereceram quando acabei o curso, usava-o raramente. Não consigo imaginar como é que foi parar àquele lugar.

A filha não lhe faz mais perguntas porque entendeu o essencial, aquilo que sobretudo lhe interessava. O pai voltará com ela para casa naquela noite e o resto pode esperar. Por isso muda de assunto e transforma-se de súbito numa adolescente palradora e expansiva, cheia de coisas para contar (que não podem esperar) e com uma recém-descoberta vocação para o humor e para a tagarelice. Quer distrair o pai, suponho. Não lhe dar espaço para pensar no resto.

– Hoje faço eu o jantar, pai. Descobri uma receita nova que te vai deixar espantado. Desta vez não vais poder dizer que eu só tenho uma mão. – Olha para mim propositadamente, para mostrar que há entre eles segredos que me são alheios, mas que está disposta, pelo menos até certo ponto, a partilhar. – O meu pai acha que eu sou muito preguiçosa, sabes? Diz que quando eu era pequenina tinha uma vez o indicador muito sujo de manteiga de amendoim, porque ia às escondidas roubá-la ao frasco. Ele mandou-me lavar as mãos e eu respondi que só uma é que estava suja, que podia lavar só uma. Fartou-se de gozar comigo. Diz que esse é o cúmulo da preguiça: achar que lavar só uma mão dá menos trabalho do que lavar as duas. Como se eu não precisasse da outra mão para esfregar a que estava suja.

Fico a vê-los afastarem-se na direcção do acesso ao parque de estacionamento depois de André me ter agradecido mais uma vez o apoio que tenho dado às filhas. Continuo a estranhar o uso do plural, mas não faz sentido recordar-lhe neste momento aquilo que Maria, a sua filha exemplar, fez a Elisa, a minha quase amiga. Muito menos explicar-lhe que, desde então, me tornei ainda mais ciosa da distância de segurança que sei que é preciso manter relativamente a Maria. Acho a rapariga letal, por mais que me esforce por pensar que ainda há pouco era uma criança. Portanto, não têm sido as filhas dele que tenho ajudado. A própria Sara me parece, uma vez ou outra, assustadora. Mas

sei que tenho passado com ela mais tempo do que seria a obrigação de uma directora de turma, mesmo diligente, como é da minha natureza. E prefiro não aprofundar demasiado o porquê. Eles caminham apressados, com as mãos nos bolsos dos casacos e as golas levantadas, para se protegerem do vento, Sara quase encostada ao pai, mas sem lhe tocar, ele de cabeça baixa. Apesar de não lhe ver o rosto, imagino-lhe a expressão, aquela que lhe é tão comum, de quem está perdido em muitos pensamentos a que se esforça, sem o sucesso pretendido, por dar ordem. Quis sempre muito, desde que o vi pela primeira vez, poder ler esses pensamentos. E, agora, nas actuais circunstâncias, ainda queria mais.

IV
As pequenas tragédias domésticas
(7 de Novembro de 2018)

Quando a cancela do parque de estacionamento se levanta logo depois de ter inserido o cartão na ranhura da máquina, André sente um alívio maior do que é costume. Não gosta de estacionar o carro em parques subterrâneos, mas desta vez não houvera alternativa. Não tinha encontrado um lugar na rua e não podia correr o risco de se atrasar, por isso aquela solução debaixo de terra, na praça desengraçada onde sobressaía o edifício sólido e sombrio do tribunal, surgira-lhe como a única possível.

A claustrofobia de André – ele costuma chamar-lhe assim, apesar de saber que se trata de uma catalogação não isenta de dúvidas, até porque tal patologia nunca lhe foi diagnosticada – manifesta-se de formas variadas. A ansiedade com a aproximação da saída dos parques de estacionamento, que só desaparece com o movimento ascendente da cancela, antecedendo a desejada libertação. A rejeição dos elevadores e a preferência pelas escadas, mesmo que sejam muitas. Os relógios desarrumados sobre o tampo da mesinha de cabeceira ou do móvel do quarto, porque está sempre a tirá-los, sente que lhe apertam o pulso mesmo quando lhe estão largos. André não compreende porque ainda insiste em comprar relógios, sabendo que depois não conseguirá usá-los. Nunca lhe

ocorreu que talvez goste tanto deles precisamente porque sabe que não conseguirá usá-los. Correspondem a um desejo inacessível e por isso não se cansa dele. As pessoas não se cansam dos desejos irrealizáveis, só se entediam com os sucessos mesquinhos e com as concretizações pusilânimes dos seus quotidianos.

Acontecia à aliança de André o mesmo que sucedia aos relógios, para irritação de Beatriz, que sempre tivera predisposição para se irritar muito, sobretudo com os mais próximos ou com os mais absolutos desconhecidos, aqueles que já tinha bem fisgados e aqueles de quem sabia que nunca mais precisaria. E Beatriz zangava-se especialmente sempre que encontrava aquela aliança solta, afastada do lugar que lhe cabia e que só podia ser o dedo anelar dele. Aquando das suas primeiras fúrias, quando associara o desprendimento dele pela aliança a uma série de infidelidades, estas eram ainda imaginárias. Só muito tempo depois se tornaram reais. Mas André nunca sentira que Beatriz tivesse ciúmes dele – e isso tinha-o perturbado, no início. Beatriz só não gostava que lhe desarrumassem a ordem que ela dava ao mundo e às coisas. E a aliança era para andar no dedo dele. Era esse o lugar dela. "Ponto final, parágrafo", como Beatriz tantas vezes dizia. Era uma das expressões preferidas da sua falecida mulher. E uma das que mais o incomodavam a ele.

Ao chegarem a casa, André e Sara sentem a mistura do aroma de um guisado que deve estar a acabar de apurar ao lume – um odor que é muito leve porque a cozinha espaçosa fica distante da entrada – com os cheiros penetrantes de sais e perfumes que claramente provêm da casa de banho usada pelas gémeas. Parecem excessivos a Sara, estes últimos, por isso encaminha-se para a zona dos quartos, para descobrir o que se passa. Encontra Daniela no corredor, com um balde e uma esfregona, a procurar conter a

torrente de água e espuma que se escapa através das frinchas da porta fechada. A Rainha do Sabá – também conhecida por Maria – está a tomar o seu banho de imersão e deixou a escrava de plantão à porta, porque gosta que a água quentinha jorre continuamente da torneira, de modo a não sentir o desconforto associado ao arrefecimento gradual que, de outro modo, seria inevitável. Daniela é a última de uma longuíssima lista de contratações feitas por Beatriz e, surpreendentemente, aguenta-se na casa há mais de seis meses. Não deve ser muito mais velha do que as gémeas, mas a sua juventude é o único parâmetro incumprido na lista de requisitos estabelecidos pela ex-dona da casa para a angariação do pessoal doméstico. Beatriz tinha a teoria de que não se deviam meter dentro de casa outras mulheres atraentes e Daniela encaixa nesse critério: é baixinha e arredondada, com uns cabelos curtos e crespos, olhos pequenos e lábios finos quase a desaparecerem num rosto onde o nariz tem todo o protagonismo. Como bónus, também não parecia demasiado vivaça, o que agradara à patroa, para quem o facto de as empregadas não serem espertalhonas era uma qualidade altamente valorizada.

Sara repara que a pequeníssima cicatriz no nariz de Daniela já só é ligeiramente visível. Aquilo tinha acontecido quando a nova funcionária doméstica ainda não conhecia bem nem Maria, nem o seu cão pequeno e agitado, que se portava como se toda a casa fosse uma pista e ele um cavalo de corridas. Daniela estava na sala, com Maria mesmo ao seu lado, e interpretou o rosnido do cão como se fosse um chamamento para a brincadeira, por isso baixou-se para o afagar, sob o olhar atento da dona, que elogiou a índole do seu animalzinho de estimação, tão dado a comunicar com toda a gente, tão brincalhão. Ainda Daniela não se tinha curvado completamente para o acariciar, já o cão pulava com a agilidade de um canguru

para lhe morder o nariz, ficando por instantes com as mandíbulas fechadas à volta dele, enquanto a rapariga procurava afastar o animal, assustada, ao mesmo tempo que tentava evitar que o sangue que já jorrava, quase abundante, salpicasse o tapete de arraiolos dos patrões, que devia ser caríssimo. Maria pareceu tão abalada pelo incidente, pediu tantas desculpas, enviou-lhe ainda nessa noite uma mensagem tão calorosa a agradecer-lhe por não ter feito queixa ou pedido que o animal fosse mandado embora, que Daniela achou a "menina" encantadora, educadíssima, muito preocupada com ela. Só alguns dias depois, quando o cão rosnara do mesmo modo a uma amiga de Beatriz e esta lhe deu uma palmada e ordenou à filha que o levasse para o jardim antes que ele atacasse a Paquita, compreendeu que todos sabiam que aquele era o comportamento típico do bicho antes de morder. Tal como a dona, mordia muito; mas, ao contrário da dona, não mordia pela calada. Apercebeu-se nessa altura de que a "menina" – era assim que tinha sido instruída a dirigir-se às gémeas, como se não fosse sequer digna de lhes pronunciar os nomes – tinha sabido bem o que lhe aconteceria caso tocasse no cão naquele momento, mas tinha optado por nada dizer porque gostava de ser espectadora de carnificinas. De preferência bem instalada na plateia, para não perder pitada e, se possível, sendo ainda bafejada por alguns salpicos de sangue que lhe pousassem suavemente na pele lisa dos braços morenos.

Desde então, Daniela esforçava-se por não se aproximar de Maria, mas o contacto era, infelizmente para ela, com frequência inevitável: sempre que estavam ambas em casa, Maria pedia que a empregada lhe levasse à cama maçãs descascadas e cortadas em laminados perfeitos, ou sumo de laranja, ou gelatina fresca e tão trémula como a empregada. Também se despia e deixava a roupa caída no mesmo sítio onde a tirara, reclamando por Daniela

ser preguiçosa e não arrumar tudo imediatamente. Às vezes a empregada achava que a menina sujava e desarrumava de propósito, só para lhe dar mais trabalho. Havia dias em que quase fugia, mas depois acabava por ficar, porque apesar de tudo tinha mais medo do pai do que tinha de Maria, imaginava-se a dizer-lhe que estava desempregada e ele a pôr a mão na fivela do cinto, pensava na mãe deprimida e exausta e nos irmãos mais novos que gostavam tanto de iogurtes, e lá acabava por ficar. Esforçando-se, isso sim, o mais que podia para se tornar invisível.

Sara tinha desistido há bastante tempo de salvar os joguetes da irmã, as pessoas que ela atirava ao ar e depois apanhava ou deixava cair como se fosse uma aprendiza de malabarista. Optara por se irritar com elas, por deixarem que aquilo acontecesse, por não perceberem antes, por não conseguirem proteger-se. Mas, naquele dia, teve pena de Daniela, por isso disse-lhe que se fosse embora, que deixasse o jantar na mesa e fosse para casa, porque ela precisava de ter uma conversar com a irmã. Só as duas. Que lhe deixasse o balde e a esfregona, por favor.

Entra sem bater à porta e precisa de se habituar à neblina provocada pela acumulação de vapor, é tão densa que se podia furar com uma faca. Sara pensa que conseguiria cortar fatias gordas da humidade densa num tom de cinza quase branco, e depois guardava-as numa caixa grande, como a que têm ao pé da piscina com almofadas e toalhas de praia, até as fatias de humidade serem precisas nos dias mais secos do verão, altura em que iria buscá-las e as espremeria sobre as plantas de que a mãe fingia que tratava quando tinham visitas. Aparentemente, era elegante ter hobbies. E a jardinagem era um hobby elegante, na opinião da mãe, apesar de os poucos que a conheciam saberem que não havia nela nenhuma vocação para passar o tempo; pelo contrário, todo o tempo dela era orientado para a eficiência e para o sucesso.

Beatriz tinha, porém, comprado umas luvas enormes e almofadadas, um avental verde-escuro com presilhas metálicas redondas de onde saíam as alças reguláveis em camurça castanha, pás de vários tamanhos e feitios, tesouras e pulverizadores, além de um regador minimalista que tinha de se ir encher de poucos em poucos minutos porque se usava numa única planta e ficava de imediato vazio. O jardineiro, que vinha duas vezes por semana, olhava para as coisas da senhora, cuidadosamente arrumadas numa prateleira da arrecadação, com um ar que a Sara parecia a meio caminho entre o entediado e o desdenhoso e depois tirava da carrinha velha o material dele e começava a trabalhar, sem uma palavra além do "bom dia" que soltava quando chegava e do "até amanhã" com que invariavelmente se despedia, apesar de todos saberem que não viria no dia seguinte. Às vezes, Sara pensava naquele mutismo do jardineiro, que correspondia ao que se esperava dele, por se adequar à imagem de alguém que escolheu aquele trabalho precisamente porque gosta mais das plantas do que das pessoas. Nessa categoria também podiam caber os veterinários, admitia ela. As plantas não falam, os cães e os gatos também não. Havia momentos em que Sara achava que gostaria de ser jardineira. Ou veterinária.

– Vais parar de fazer estas merdas, Maria. Vais deixar a Daniela em paz e tomar banho como toda a gente, com uma toalhinha no chão, se for preciso, para não espalhares a água por todo o lado. – Sara olha para a irmã, que continua submersa na banheira borbulhante, só com a cabeça de fora e os olhos ainda tranquilamente fechados, sem conseguir antecipar qual será a reacção dela desta vez. Tanto lhe pode dar para se pôr aos berros como pode acontecer que ignore totalmente o que lhe dizem, como se nem sequer estivesse ali mais alguém, como se continuasse sozinha e relaxada no seu banho de espuma.

Maria, porém, escolhe uma solução intermédia, ergue-se ligeiramente, mas ainda sem abrir completamente os olhos:

– O que é que isso te interessa? Desde quando é que queres saber dos outros? Tens algum interesse especial nessa atrasada mental? – As insinuações são uma das outras coisas para que tem talento, além dos insultos.

Sara está habituada e apara a primeira estocada com facilidade:

– Nenhum interesse. Mas tu tens andado a passar das marcas. E isso começa a incomodar-me, por isso vê lá se te controlas.

A irmã, que agora já tem os olhos completamente abertos, fecha a torneira e carrega no botão para fazer cessar o ruído contínuo da hidromassagem:

– Não te metas na minha vida, Sara. Não penses que agora, só porque a mãe já não está aqui, as coisas vão ser diferentes. – Faz uma pausa e olha para a outra, aparentemente tão igual a ela em tudo excepto na quase inexistência de cabelo, levanta-se um pouco mais e consegue ver-se a si e à irmã no grande espelho, através do vapor, como fossem afinal quatro, ou cinco, se contarem com Beatriz, cuja presença ali é quase tangível.

– As coisas vão ser muito diferentes. Nunca mais serão as mesmas. Eu vou proteger o pai. E tu vais atinar. – A voz de Sara permanece contida, quase desinteressada, imperturbável. E é isso que, finalmente, faz Maria perder o controlo, gritar, pegar no boião do amaciador e atirá-lo à cabeça da irmã, irritar-se ainda mais quando falha o alvo porque a outra se desvia.

– Tu és uma doente nojenta! O que tu queres não interessa a ninguém, imbecil. A mãe nunca gostou de ti, tu fazias-lhe impressão. Até lhe causavas repulsa. És um acidente genético, nem devias ter nascido, és uma cópia minha, mas cheia de defeitos, imperfeita, estragada. E o pai só tem pena de ti, coitado...

Sara é muito rápida e mais forte do que faria supor o seu corpo franzino, por isso é num ápice que se aproxima da irmã e, com as duas mãos, lhe pressiona a cabeça para baixo, para dentro de água. Maria já estava a tentar levantar-se, mas o interior da banheira está escorregadio e o impulso que faz para cima é contrariado pela força da irmã e pelos resquícios assedados de hidratantes e amaciadores, que a forçam a deslizar para baixo. Engasga-se e debate-se e, quando Sara finalmente a liberta, sabe que só foi assim porque a outra quis. A possibilidade de um desfecho diferente para o seu próximo embate ficará a pairar nas cabecinhas de ambas. Conhecem-se demasiado bem e a única pessoa de que cada uma tem realmente medo, no mundo todo, é, precisamente, a outra. Sobretudo agora, que Beatriz se foi.

V
Um ano volvido sobre o incidente
(15 de Março de 2019)

Uma das coisas em que agora penso com frequência é que não deixa de ser estranho que haja tantas coisas óbvias em que nunca tinha pensado antes. Como a aversão das gémeas – que ouvi Sara confidenciar, na véspera, à minha mãe – ao facto de nunca ninguém se lembrar delas no singular.

– É muito mau, Alda. É como se eu não existisse sem ela. Não imaginas como é horrível. – Parece-me incompreensível a forma como Sara trata a minha mãe na segunda pessoa do singular sem esforço nenhum, tenho a impressão de que não ouvi ninguém fazer aquilo antes dela, afinal Alda não é o protótipo de quem inspira confidências ou familiaridades.

– Claro que existes sem ela. Só te vejo a ti aqui. – Continuo a estranhar que Alda não tenha espantado a observação da miúda com um simples "que tolice", uma das suas expressões de bolso nas raríssimas ocasiões em que alguém a confronta com desabafos íntimos ou reflexões mais profundas.

– Para os outros, não existo sem ela. Quando as pessoas se lembram de ti, pensam só na Alda. É o mesmo com a Professora Catarina. Tu lembras-te dela como a tua filha, mas para os restantes ela é a Catarina. Ou, para nós, a professora de português. Mas sempre no singular, seja como for. Connosco, é diferente. Sempre

que alguém pensa em nós, pensa na Sara e na Maria. Ou na Maria e na Sara. Acho que até para o meu pai é assim. Só não sei se com a minha mãe era. Mas não porque pensasse especificamente em mim. Com a minha mãe era diferente, porque ela só pensava nela. Ou, quando se recordava de que existiam pessoas, era porque queria alguma coisa delas. Porque elas deviam corresponder aos planos que tinha. A minha mãe tinha sempre planos, era uma pessoa muito organizada.

– Eu nem sequer conheço a Maria, Sara. Também por isso, quando penso em ti, não me lembro dela. Mas não é só por isso.

A ideia atingiu-me como um clarão de luz, uma lâmpada potente que de súbito ilumina uma sala escura. Estava explicado. As visitas frequentes de Sara, os lanches com a minha mãe, as conversas longas e sobre temas improváveis, tudo começava a fazer algum sentido. A ideia arrepiou-me, confesso. Essa possibilidade de subitamente todas as peças se encaixarem. Acho que prefiro os não-ditos, os mistérios, as incógnitas. É da minha natureza fugir do escancarado, do óbvio e do muito claro. Talvez também por isso raramente me sinta feliz. Ou talvez não seja nada por isso, vá-se lá saber.

As pessoas têm uma certa tendência para a associação da tristeza de mulheres como eu, mulheres solitárias de meia idade, a uma espécie de desadequação para lidar com os desafios da vida, nomeadamente os inerentes à competição (que acham feroz) para encontrar um marido. E ligam, com frequência, essa desadequação a uma forma de inocência que é um autismo especial, muito aumentado, como que uma incapacidade de compreender e comunicar com o mundo. Com a rudeza da vida real. Não é o meu caso, mais vale que o diga já. A inocência não é o meu calcanhar de aquiles. Pensar nisso dá-me até uma certa vontade de esboçar um sorriso sardónico – não gosto do adjectivo “sardónico” e raramente o uso no dia-a-dia

ou nos testes que cuidadosamente preparo para os meus alunos, mas neste caso a sua utilização surgiu-me, estranhamente, quase como um imperativo. As palavras é que nos escolhem, por mais que acreditemos no contrário.

Já Elisa, pobrezinha, sempre foi uma ingénua. Se não o fosse, aquilo nunca lhe teria acontecido. Mas era daquelas que acreditam que ninguém é completamente mau, sobretudo os miúdos. Suponho que agora já não esteja tão convencida disso. Acho até que foi a derrocada dessa sua crença que a partiu ao meio, muito mais do que tudo o resto, o incidente e os problemas que lhe sucederam em catadupa. Na escola, todos se referem àquilo como "o incidente". Mas eu sei que foi uma armadilha. E ainda me detenho a pensar no quão bem montada foi, com um lamentável misto de admiração e de horror.

Pelas minhas contas, tudo começou quando o confronto com as agruras da matemática do décimo ano fez surgir a hipótese, ainda remota, de Maria não ser, afinal, a criatura mais inteligente no perímetro daquele liceu. Tinham chegado no início do ano lectivo, em Setembro de 2017, transferidas de outra escola, e as classificações anteriores da gémea certinha chegavam a ser entendiantes na repetição dos cincos enfileirados em sequência perfeita. Elisa acolheu-a nas suas aulas de matemática com a dedicação isonómica que reservava a todos os seus alunos e é provável que, num primeiro momento, Maria tenha confundido com falta de exigência a doçura da professora. Tratava-se, porém, de uma impressão errónea, porque a suavidade que Elisa manifestava relativamente aos jovens ocultava uma relação aguçada com os números, complexa, desafiante e profunda. Não se tratava de um acaso o facto de Elisa ter conquistado a reputação de ser a melhor professora de matemática do liceu, havia nela qualquer coisa de

genial, desordenava os algarismos como se fossem notas perdidas em pautas musicais, para depois os atirar ao ar e os arrumar em fileiras perfeitas de passarinhos em fios eléctricos. A aluna só deve ter começado a dar-se conta disso quando recebeu o primeiro teste e a sua aura de estudante de quadro de excelência sofreu o baque inicial. Empalideceu, arrumou à pressa a prova na mochila de marca e de seguida olhou longamente para Elisa com uma nova atenção, como se estivesse a descobrir nela algo que nunca tinha visto antes. Algo de que não gostava especialmente. E deve ter sido nesse instante que começou a pensar sobre se teria de fazer alguma coisa para acabar com aquilo de que não gostava. "Alguma coisa" era para Maria sinónimo de qualquer coisa. O que fosse preciso.

Beatriz, a mãe ideal da aluna perfeita, reagiu como agora sucede cada vez mais frequentemente com os progenitores dedicadíssimos dos melhores de todos os nossos alunos. Enviou-me um e-mail a anunciar a sua visita no próximo horário de atendimento aos encarregados de educação e chegou com a elegância discreta mas ainda assim evidente de um membro de uma família real europeia que se digna a pisar os corredores pouco asseados de uma escola pública – não uma escola pública qualquer, é certo, porque a excelência da sua classificação naqueles rankings injustos que os jornais anunciavam, a reputação de ter um corpo de professores experientes e um edifício nobre localizado na parte privilegiada da cidade atraíam um conjunto de adolescentes cujos pais ainda tinham hesitado entre inscrevê-los ali ou matriculá-los num colégio privado que, apesar dos custos mensais, teria, mesmo assim, eventualmente menos pedigree.

Lembro-me bem desse nosso encontro, apesar de não ter sido o primeiro nem o último. Era impossível não me recordar. Beatriz era uma daquelas mulheres que nunca passam despercebidas. Era

bastante bonita, estava muito bem arranjada, mexia-se com extrema elegância, era muito educada. Nada nela era demasiado, só muito. Muito, muito. Apesar de hoje me questionar sobre se seria assim tanto, sobre se tudo aquilo não resultaria apenas de um esforço hercúleo, de um trabalho de uma vida inteira, de uma disciplina férrea. Porque, bem vistas as coisas, não havia nela nenhum detalhe que, isoladamente, fosse excepcional. Era tudo correcto e perfeitinho, os olhos, a boca, o nariz, o cabelo, as mãos e as pernas, mas nada se poderia classificar como verdadeiramente extraordinário. Ainda assim, a impressão que deixava era indelével, porque àquele todo impecável se associava uma autoridade suave que não parecia disposta a ser questionada. Via-se que era uma mulher habituada a que lhe obedecessem sem precisar de levantar o tom de voz. Sei que alguns dos que não gostavam dela se lhe referem agora como a mosquinha-morta. E entendo que o façam, porque a maneira como morreu lança muitas dúvidas sobre a sua imagem de quem não partia um prato – a sua imagem, cuidadosamente cultivada, de profissional competente, mãe dedicada, mulher empenhada num casamento sólido, presença frequente nas crónicas sociais do jornal local e por vezes até nas revistas com tiragem nacional. Mas, sobretudo, a imagem de quem não tinha precisado sequer de se esforçar para ser tudo isto, porque aquela era a sua natureza. Também lhe chamam agora assim, "mosquinha-morta", porque poucos resistem ao humor negro que tem o dom de fazer parecer inteligentes e acutilantes aqueles que o usam com um meio sorriso e um esgar irónico, à espera de descobrirem se o interlocutor está à altura e apreendeu toda a profundidade daquela denominação peculiar. "A mosquinha-morta". Não acho que seja totalmente adequado, porém. Nunca foi. Beatriz podia ser dissimulada e hipócrita, mas estava longe de ser uma sonsa. Ou, pelo menos, a sonsa típica.

Procurei explicar-lhe, nessa reunião que agora me parece remota, que às vezes era necessário um período de adaptação a um novo ciclo de estudos e a uma nova escola, que não me parecia que houvesse para já motivo para grandes preocupações, mas claramente o que importava ali não era o que me parecia a mim, mas sim o que lhe parecia a ela. Não tinha vindo para me ouvir, viera exclusivamente para ser ouvida. E com atenção. A ela parecia-lhe que algo não corria bem, que era provável que houvesse algum problema com os métodos da professora de matemática, afinal a sua filha Maria já tinha sido objecto dos encómios de tantos docentes – sim, foi mesmo assim que ela disse, "encómios", e não "elogios" ou "louvores" – que Elisa, a única divergente, estava seguramente a falhar em algum aspecto da sua actividade docente. Dei-lhe conta da reputação que Elisa tinha enquanto professora de excelência, mas prometi ficar atenta aos desenvolvimentos, unicamente porque me apercebi de que Beatriz não se iria embora enquanto não conseguisse alguma coisa. Agradeceu-me, polida e suave, mas não saiu sem antes referir que também ela e o marido ficariam atentos.

A classificação do segundo teste de matemática de Maria foi ainda mais baixa do que a primeira e Elisa sugeriu-lhe, com a delicadeza de garantir que os restantes alunos não a ouvissem, que considerasse a possibilidade de vir a algumas aulas de apoio no segundo período. Estava disponível para a ajudar, aquela matéria era complicada, mas depois de se "entrar nela" tudo pareceria mais claro e fácil. A aluna ocultou a raiva que aquela oferta lhe causou sob um sorriso largo de dentes brancos e nem os seus olhos tinham nuvens quando agradeceu e respondeu que sim, que provavelmente passaria a frequentar as aulas de apoio depois das férias do Natal.

O "incidente" deu-se numa dessas aulas de apoio, a quinta a que Maria foi, uma aula em que estava sozinha com Elisa porque

nesse dia havia uma prova de corta-mato em que alguns colegas participavam e a que os outros tinham ido assistir. Maria, diligente, tinha avisado que preferia o apoio de matemática, o teste seguinte já estava com a data marcada e ela queria melhorar as notas. A aula ia mais ou menos a meio quando uma colega nossa de biologia, que ocupava com os seus alunos a sala 9, e uma funcionária que se sentava numa mesinha no corredor, a poucos metros da porta daquela fatídica sala 8, ouviram os gritos lancinantes e se precipitaram, correndo, para compreenderem o que se passava e ajudarem quem manifestamente tanto precisava de auxílio.

Tiveram dificuldade em descrever o que presenciaram com exactidão e detalhe, no procedimento disciplinar que se seguiu, mas também nas declarações prestadas na Polícia Judiciária, porque ambas ficaram de tal modo horrorizadas que os pormenores se lhes escaparam. Mas havia uma coisa em que ambas convergiam: Maria estava em pé à frente da professora Elisa, totalmente despida da cintura para cima, e procurava cobrir com os braços os seios pequenos enquanto gritava "Não! Por favor, não! Não quero que me toque mais! Deixe-me! Não! Não!". Estava descontrolada, intercalava os gritos com um soluçar desordenado, lágrimas grossas escorriam-lhe do rosto para o peito nu e mal viu entrar na sala a funcionária e, logo a seguir, a professora de biologia, correu para elas, implorando auxílio, pedindo que fizessem a outra parar.

Elisa já não voltou a entrar numa sala para dar aulas de matemática e fazer poemas com frases cheias de números, que de vez em quando ela via que ganhavam sentido porque se reflectiam em alguns olhinhos brilhantes que a fitavam com a emoção da descoberta. Poderia ter voltado, eventualmente, porque o processo criminal em que era arguida não tinha acabado e por isso não tinha sido condenada em qualquer pena, nem sequer aquela, a que chamavam

acessória, que a manteria afastada da escola, de qualquer escola, durante tanto tempo que se calhar até era para sempre. Também não lhe tinha sido aplicada uma medida de coacção que a impedisse de trabalhar enquanto não houvesse uma decisão final. O processo disciplinar, por seu turno, tinha sido inconclusivo e a professora não fora sancionada. Mas foi a própria Elisa que, depois de um período de ausência e mesmo antes das juntas médicas, pediu para ir para a biblioteca e o Director aceitou, rapidamente e com alívio. Comenta-se no bar que o espaço até deve ter adquirido uma nova importância, porque desde essa altura raramente estão na biblioteca menos do que duas professoras. As coisas são o que são e mais vale que nos habituemos a isso. Antes cedo do que tarde.

A minha quase amiga encolheu, desde então. E adquiriu qualidades de camaleão, de linguado ou de bicho-folha. Consegue camuflar-se, confundindo-se com tudo o que a rodeia e às vezes mal conseguimos distingui-la, escondida entre livros ou presa contra a parede cinzenta, de blusa e saia cinzentas, cabelo cada vez mais grisalho e pele cor de nuvem adoentada pelo excesso de gotas pesadas e plúmbeas. Mas é tão definitivamente ovelhinha que nunca consegue disfarçar-se com a pele do lobo, por isso acho que a técnica que adopta é só a da camuflagem, nunca a do mimetismo. Não é, nunca será, capaz de deixar de ser uma presa por conseguir assemelhar-se a um predador, como as espantosas borboletas-coruja, que têm olhos de sábio pintados nas asas para que os pássaros não se aproximem delas. Mas talvez Elisa tenha finalmente descoberto que a natureza pode ser muito perigosa e que há animais selvagens à espreita. E talvez tenha até entendido que o mimetismo não é só defensivo, que também pode ser agressivo, como sucede com aquelas aranhas que se disfarçam de formigas para entrarem no formigueiro com a aparência inofensiva que lhes

será tão útil na hora do almoço. Agora, quando olho para Maria, dou por mim a imaginá-la como uma aranha dentro do formigueiro, disfarçada durante a maior parte do tempo, mas não durante o tempo todo, porque ninguém consegue esconder sempre a sua verdadeira natureza.

Acho que Elisa demorou a entender o que estava a acontecer, a aluna gritava e ela olhava-a com um ar de absoluta incompreensão. Nem era incredulidade, era mais do que isso. Simplesmente não compreendia. Pelo menos foi o que me pareceu, quando também eu entrei na sala trazida pela colega que me puxava pelo braço, alterada pela emoção de lhe estar a acontecer a ela, naquela escola pacata, uma aventura idêntica às que por vezes acompanhava no canal que estava sempre ligado lá em casa e que quase só dava notícias de crimes, de preferência com muito sangue e algum sexo.

Fui eu que disse a Maria que enfiasse e apertasse a blusa, porque continuava a gritar em tronco nu, queria que chamássemos a polícia, a mãe, o director, só lhe faltava gritar pelo Papa. E depois disso foi o que se sabe. A armadilha tinha sido cuidadosamente montada. Ainda antes do final do primeiro período, Maria tinha começado a contar às suas amigas mais próximas que estranhava o comportamento da professora de matemática, a forma como tinha começado a olhar fixamente para ela, o modo como se encostava quando ia ao lugar dela e lhe perguntava se tinha dúvidas nos exercícios, aquela conversa bizarra sobre como tudo ficaria mais fácil quando entrasse nela – e insistia-se muito neste último ponto, mas Elisa, quando foi confrontada com ele, pareceu confundida, não se recordava de nada disso, só mais tarde se lembrou de que era a entrar na matéria, na matéria da matemática, que se referia quando falara com a aluna e tinha procurado incentivá-la depois dos primeiros maus resultados nos testes. Tudo ficaria mais fácil quando entrasse nela. Quando entrasse na matéria.

Nos primeiros tempos o assunto causou-me um grande incómodo e talvez por isso não tenha ajudado Elisa como acho que devia. Tenho tendência, pelo menos de início, para procurar ignorar aquilo que me incomoda. Além disso, ainda não conhecia a aluna tão bem como a conheço agora – se é que agora a conheço, porque essa dúvida nunca me abandona –, por isso os contornos do acontecimento não me eram totalmente claros. Achava que Elisa não podia ter feito aquilo de que era acusada e a história parecia-me mal contada – ou, por vezes, demasiado bem contada, com tantas jovens testemunhas dispostas a explicarem que Elisa tinha uma atitude estranha com Maria já desde antes das férias do Natal, que se calhar lhe tinha baixado as notas de propósito para a levar para as aulas de apoio, onde teriam menos companhia. De pouco adiantou que os testes tivessem sido revistos e a exactidão das classificações confirmada. Havia ali qualquer coisa que não me cheirava nada bem. Mas, por outro lado, tinho aprendido que há demasiadas crianças e adolescentes vítimas da barbárie de adultos, que não lhes é nada fácil procurar ajuda e que, na maioria dos casos, quando decidem contar o que lhes fizeram é a verdade que estão a contar. E existia um factor adicional. Por melhor opinião que tivesse de Elisa, perguntava-me sempre sobre o que sabemos nós, afinal, dos outros. Que jardins secretos terão os outros, mesmo aqueles que nos são mais próximos? Infelizmente, não sou uma optimista antropológica.

Não dei a Elisa toda a ajuda de que ela teria precisado naquela altura, mas parece que houve outros que se portaram melhor do que eu. Não muitos, mas alguns. Colegas que foram dizer que a conheciam há anos e que era a professora que teriam escolhido para os seus filhos, se pudessem escolher só uma. Uma funcionária que descreveu o modo como Elisa deu explicações de matemática à sua

filha mais velha durante dois anos inteiros, sem cobrar um tostão, porque a família não teria como pagar, ajudando-a a ter no exame nacional a nota de que precisava para continuar a estudar e não desistir de perseguir um futuro melhor do que o presente dos pais. As explicações tinham sido na casa de Elisa, naturalmente. Sozinha com a explicanda, pois claro. E sem problema nenhum, como é óbvio. Um colega nosso à beira da reforma, que tinha uma sobrinha que era professora na escola de onde as gémeas tinham vindo transferidas, e que ouvira dizer algo sobre um incidente do género entre Maria e uma coleguinha, que culminara com a expulsão da miúda. E alguns pormenores insuficientemente esclarecidos, como o facto de os cinco botões da camisa de Maria permanecerem bem presos nos seus lugares. Não, não eram de mola. Eram mesmo daqueles que tinham de se enfiar nas respectivas casas. Ou desabotoar. E quem os tinha, no caso, desabotoado? Elisa não tinha arrancado a blusa a Maria. Teria a jovem, como dizia, sido coagida pela professora a despir-se, sob ameaças que não se compreendiam bem? Mas, se assim fora, se estava intimidada pelas ameaças, porque decidira gritar e pedir auxílio logo a seguir?

A advogada de Elisa contou que no inquérito criminal, questionada por um juiz de instrução cauteloso, Maria tinha respondido que se sentira ameaçada e que por isso tinha acedido a despir a blusa, mas que depois não aguentara ver as mãos da professora a aproximarem-se da pele dela, por isso tinha gritado. Maria tinha prestado declarações durante o inquérito, sem que Elisa pudesse estar presente para as contestar, depois de a advogada lhe ter explicado que a menor não deveria voltar a ser ouvida. Para sua protecção, prestava apenas aquelas declarações na presença de um juiz de instrução e de um procurador, declarações ditas para memória futura porque mais tarde seriam consideradas pelo tribunal

aquando da audiência de julgamento. A arguida, Elisa, estaria representada pela sua advogada, mas não podia estar lá ela própria, porque se achava que qualquer contacto com a vítima, mesmo que apenas visual, poderia causar danos adicionais à menina. Elisa ficou confusa. Como é que se sabe quem é afinal a vítima nesta história, se não me deixarem desconstruir aquele chorrilho de mentiras?, terá porventura pensado. E era possível que, depois de Maria dizer o que tinha a dizer sem que ela pudesse defender-se sugerindo perguntas, suscitando dúvidas, a aluna não voltasse a ser ouvida? Não havia ninguém que achasse isso muito errado? A advogada encolheu os ombros. Não era fácil. Porque ela própria não conhecia ainda todos os factos que seriam apreciados no processo, por isso não tinha como preparar com eficiência as perguntas que pediria ao juiz que fossem feitas à menor.

Os rumores que se espalharam pelos corredores da escola foram sobre a coerência de Maria nas respostas que deu ao juiz de instrução. Também se diz que contou mais coisas, coisas que ninguém sabia. Tinha encontrado uma rosa vermelha por baixo do tampo da mesa que normalmente ocupava na aula de matemática, e até a tinha mostrado à Patrícia, que se sentava ao seu lado. Elisa seguia-a mesmo fora do liceu, tinha passado a vislumbrá-la com demasiada frequência, às vezes perto de casa, e também isso fora confidenciado às melhores amigas. E havia a revista pornográfica, aquela com mulheres despidas que se lambiam e faziam outras coisas, que Elisa lhe tinha deixado entre as fichas de exercícios durante uma aula de apoio e que ela tinha guardado cuidadosamente, envolta num plástico, porque provavelmente ainda se encontrariam lá as impressões digitais da professora.

Às vezes ponho-me a pensar que gostava que a vida fosse mais fácil, que as respostas fossem mais inequívocas, que não

nos enganássemos tanto. Que as pessoas não pudessem enganar-nos com tanta facilidade, é o que quero dizer. Se calhar também gostava que fôssemos todos um bocado mais parecidos uns com os outros, que não houvesse presas nem predadores, que alguns não fossem tão vulneráveis. Ou talvez não seja isso. Talvez não sejam as pessoas que carregam a vulnerabilidade dentro de si como uma doença. É possível que sejam sobretudo os nossos preconceitos que as fragilizam. Ou que as fortalecem. A reunião agendada pelo director uma semana depois do incidente, a pedido dos pais de Maria, foi um bom campo de estudo para estas minhas reflexões. Beatriz, a perfeita, contra Elisa, a incompleta. Desde o início que ninguém teve dúvidas sobre quem sairia vencedora do embate.

A mãe da menina apresentou-se combalida, como devia, ausente de sorrisos, mas com o pescoço bem erguido e uma expressão inequívoca de dignidade resiliente, como se a sujidade da vida, que existe lá fora, fosse ainda assim incapaz de lhe manchar o capote. Chegou pelo braço do marido, nesse dia vestido de modo mais formal e com o rosto invulgarmente fechado. Pareceu-me notar-lhe um tique no olho esquerdo e recordo-me de me ter perguntado sobre se estaria nervoso ou se teria a tensão ocular alta. É preciso muito cuidado com os glaucomas. Elisa, do outro lado da mesa, subitamente envelhecida e naquele dia quase desarranjada, tinha dificuldade em fixar o olhar num ponto que fosse distante dos seus próprios sapatos.

Havia tanta coisa que podia ter parecido, tanto coisa diversa daquilo que acabou por parecer. De Elisa podia ter sobressaído a inteligência rara, a absoluta dedicação ao trabalho, a honestidade constante dos seus comportamentos, o rigor que punha em tudo aquilo que fazia, a generosidade que dedicava aos outros. Mas Beatriz conseguiu que da outra só se destacasse a esquisitice, a

solidão, a ausência de um marido ou de um namorado, a dedicação excessiva a certas alunas, o constrangimento que tinha começado a provocar aos que eram obrigados a assistir às suas aulas. E da mãe de Maria, que ideia ficou? Creio que apenas aquela que ela quis que os outros registassem. Dava gosto vê-la em acção. Serenamente ofendida, mas sempre sem sair do tom. Muito preocupada, mas nunca descontrolada. Tudo se resolveria, porque Maria, além de beneficiada pela sua personalidade bem formada, teria todo o apoio dos pais. E da escola também, supunham os pais.

Entro no liceu tão embrenhada nestas recordações que ele precisa de apressar o passo e de me tocar no ombro para me chamar a atenção. Pergunta-me se me pode dar uma palavrinha num sítio que seja menos de passagem e isso espanta-me, porque quando quer ouvir algum de nós limita-se, por norma, a notificar-nos para comparecermos numa sala de reunião num determinado horário. Deve ter notado a minha surpresa, porque se apressa a esclarecer.

– É uma conversa pessoal, Catarina. Não tem a ver com o processo, que para mim já acabou. Está relacionada com a Elisa e sei que são amigas. Ou que foram.

Continuo sem compreender, mas digo-lhe que sim, que podemos conversar. Explico, porém, que a minha primeira aula começa daí a cinco minutos e que só voltarei a estar disponível no final da manhã.

– Podemos encontrar-nos a seguir ao almoço? Por volta das três, na casa de chá dos Arcos?

Reparo na escolha do local, convenientemente afastado do liceu, mas não tanto que me impeça de caminhar até lá. É um sítio tranquilo. Digo-lhe que sim, que lá estarei e apresso-me na direcção da sala, enquanto me recordo de que faz esta semana um ano desde que aconteceu aquilo com Elisa e Maria. Outro segundo período em curso, um novo mês de Março a auspiciar uma luz mais luminosa,

a promessa de dias crescentes e quase cinco meses decorridos desde a morte de Beatriz. Pergunto-me porque estará Francisco, precisamente agora, interessado em regressar ao outro assunto. Mas não me ocorre, para já, qualquer hipótese de resposta.

VI
O castigador sensível
(21 de Março de 2018)

Francisco tinha atravessado o grande pátio que antecedia a entrada principal do Liceu reparando nos ciprestes altos que o ladeavam e nos bancos de madeira pintada de verde que àquela hora ninguém ocupava, supostamente por todos estarem ocupados com aulas ou outras actividades de estudo. Caminhava inspirando longamente o ar leve e ainda fresco enquanto reflectia sobre como aquela aparência de paz podia ser enganadora, com tantas pessoas abrigadas sob o telhado do volumoso edifício, antigo, mas bem cuidado e resistindo com garbo à passagem dos anos. Tantos sonhos, tantas angústias, tantos receios.

Era um homem sensível, diziam dele aqueles que o conheciam melhor, nem sempre com particular admiração. Para alguns, a sensibilidade não era uma qualidade demasiado valorizada entre o género masculino, para mais quando se desempenhavam funções como as que lhe cabiam a ele. Investigar e castigar. Ou, para se ser mais exacto, propor castigos. Francisco apercebia-se disso – era sensível a esse ponto – e esforçava-se, com frequência, por ocultar os seus sentimentos. Jamais mencionava a frequência com que tinha pena das pessoas, mesmo daquelas que tinham errado. E também nunca referia a instabilidade que lhe causava a proximidade de edifícios ocupados por demasiadas pessoas com problemas,

sobretudo hospitais e prisões, cujas imediações evitava o mais que podia. Mas sentia quase o mesmo incómodo perto de estações de comboio ou escolas. E estas já não podia evitar. Demasiadas pessoas com emoções desordenadas. Quantas chorariam, naquele momento? Quantas estariam a sofrer? Que dores as trespassariam?

Naquele liceu, curiosamente, não se lhe desorganizavam os sentidos à medida que se aproximava do átrio onde sabia que se situava a sala da direcção e onde recolheria as primeiras informações sobre o caso que o trazia ali. Podia tratar-se, porém, de uma impressão enganadora e, a cada passo que dava, aguçava-se-lhe a curiosidade relativamente ao que iria encontrar.

Depois de ter sido recebido pelo director do agrupamento de escolas com brevidade, foi encaminhado para a sala onde a directora de turma o esperava. Catarina não lhe deixou, num primeiro momento, qualquer impressão significativa. Pareceu-lhe reservada, sucinta na descrição dos factos e avessa à formulação de juízos de valor. Explicou que Maria era sua aluna pela primeira vez e que tinha aproveitamento escolar, estava aparentemente muito bem inserida, ainda que por vezes se envolvesse em alguns problemas com colegas. Coisas menores, porém. Parecia ter um grande sentido crítico e uma certa vocação para justiceira, que a levava a encabeçar o grupo dos que desaprovavam – e excluíam – aqueles que faziam opções tidas como menos acertadas à luz de um código de honra exigente. Tinha-se afastado da Pilar quando a colega tinha dado confiança ao ex-namorado da Mariana e fora acompanhada por uma boa parte da turma. Constava que teria acusado a Adriana de dizer mal da Helena e que a primeira não voltara a ser convidada para os programas extra-escolares do grupinho que liderava. E parecia ter participado na difusão de alguns boatos sobre a orientação sexual do Carlos, cujos pais já tinham comunicado a intenção de pedirem a transferência do filho para outra escola.

Francisco observou Catarina com a minúcia que dedicava a todos os que ouvia e aquilo que primeiro lhe chamou a atenção foram os olhos muito grandes, de um cinza que às vezes parecia claro, quase azulado, mas que em outros momentos escurecia, coberto de sombras. Eram olhos velados e secretos, que em certas ocasiões adquiriam um brilho metálico e nesses raros momentos Francisco quase conseguia ver-se reflectido neles, mas tratava-se de impressão passageira, porque Catarina baixava rapidamente a cabeça, como que querendo ocultar as imagens que poderiam surgir por trás daqueles dois espelhos receosos. Tinha uma cabeleira revolta que lhe chegava um pouco abaixo dos ombros, formada por fios grossos, ondulados e muito escuros só raramente ponteados por tons mais claros que não resultavam de uma ida ao cabeleireiro, um nariz aquilino, lábios cheios numa boca talvez demasiado grande, queixo pronunciado e maçãs do rosto vincadas e elegantes. Ombros largos e anca estreita pousada com discrição em cima de pernas compridas. Vestia uma blusa ampla de corte simples e umas calças sem história, era alta e parecia serena, mas nada entusiasmada por estar ali.

– A Elisa está nesta escola há anos, assim como eu, e nunca teve problemas com alunos. Nem com colegas ou funcionários. A ideia que tenho dela é a de uma excelente professora. Mas sim, entrei na sala onde estava a dar aula de apoio de matemática e vi a Maria despida da cintura para cima. Estavam perto uma da outra, sim. E a Maria gritava enquanto a Elisa se mantinha sem qualquer reacção. Como interpretei a situação, é o que quer saber? Abstenho-me de interpretações definitivas quando não tenho certezas definitivas. Mas a Elisa pareceu-me esmagada, naquele momento.

A Francisco ocorreu-lhe que a afirmação era curta, se o propósito de Catarina fosse defender a colega. Afinal, estaria esmagada por

ter sido descoberta, ou haveria outra explicação qualquer, mais coerente com a tese da sua inocência? Não perguntou mais nada sobre isso, porém. A resposta que eventualmente pudesse obter seria, com elevada probabilidade, pouco esclarecedora.

O encontro posterior com Maria e com a sua mãe revelou-se bastante mais interessante. Uma adolescente muito bonita acompanhada por uma mãe igualmente bonita e extremamente elegante, ambas com um ar abatido, mas não em demasia. Num primeiro momento, polidíssimas. Francisco sentiu que ambas o examinavam da cabeça aos pés e tranquilizou-se com o que tinham visto. Um homem magro e de estatura média, com o cabelo castanho claro a começar a enfraquecer, um rosto comum, fato escuro e camisa clara, mãos de dedos longos, olhar tranquilo. Nada que tivesse feito qualquer uma das duas olhar para trás caso se tivessem cruzado num corredor. Aquilo que despertou a curiosidade de Francisco, porém, começou logo a seguir, quando, depois das apresentações e cumprimentos iniciais, pediu a Maria que descrevesse o que tinha sucedido. A mãe não a deixava falar, interrompia-a constantemente, para corrigir detalhes ou acrescentar pormenores. E a estranheza de Francisco aumentava na mesma proporção em que se apercebia de que a adolescente não precisava nada daquele auxílio, porque não havia hesitações na sua versão dos acontecimentos, muito menos lacunas ou contradições. Mas Beatriz parecia achar que devia ser ela a destinatária das atenções do inquiridor. Era a ela que a palavra devia ser dada.

O homem, que tinha sido bafejado desde a primeira infância com a virtude da paciência, esteve ainda assim à beira de uma irritação ligeira quando a mãe de Maria sobrepôs, de novo, a sua versão àquela que estava a ser narrada pela filha, apesar de não existirem entre elas divergências significativas. Mas Beatriz deu-

-se conta a tempo e silenciou-se. Cruzou uma perna elegantemente desvendada por uma meia que parecia inexistente e recostou-se na cadeira, tão direita que os seios pequenos se espetaram como pirâmides delicadas sobre a areia dourada do seu vestido. Tinha tirado o sobretudo em tom de caramelo, feito à medida numa lã macia, e deixara-o descuidadamente pousado sobre o tampo da secretária.

Quando as duas saíram, bastante tempo depois, Francisco sentiu um certo alívio e pareceu-lhe que havia, de súbito, menos eletricidade no ar. E arrependeu-se por aquilo que lhe pareceu uma certa falta de empatia, incompreensível perante uma história tão grave, tão segura, tão exacta, com uma sequência tão lógica e irrepreensível.

O momento em que Elisa se sentou à sua frente, já no final da tarde, depois de todos os alunos diurnos terem deixado o liceu, foi, porém, o único em que os batimentos do coração de Francisco se alteraram, como se o músculo se lhe tivesse avariado primeiro, chegado até a parar completamente, para depois começar a latir desenfreado. Talvez tenham sido os pulsos finos, os ossos de passarinho delicadamente entrecruzados, que primeiro o emocionaram. Ou talvez não. A professora de matemática não era bonita nem feia, era uma mulher pequena desenhada a traços suaves mas banais, uma daquelas pessoas que os restantes dificilmente fixavam, um rosto destinado a ser esquecido. Nisso, eram parecidos. Mas desprendia-se dela, naquele momento, uma aura de absoluto abandono. Estava a desistir de tudo, não tinha nada para dizer sobre aquele acontecimento que não adjectivava porque tinha dele uma recordação enevoada, não se lembrava bem do que se tinha passado. Nada daquilo fazia sentido para ela, queria ir para casa e fechar-se no quarto, não voltar à escola nunca mais, esquecer-se

dos números e das suas sequências secretas, apagar a luz e ficar no escuro, adormecer sem pensar que no dia seguinte teria de acordar. Elisa não disse nada disto a Francisco, mas não foi necessário. Era, para ele, como se tivesse dito.

O homem percebeu que precisava de mudar de estratégia. Em vez de uma pergunta aberta a que corresponderia uma resposta desenvolvida teria, antes, de pôr questões simples que pudessem ser esclarecidas através de uma de duas palavras, e cada palavrinha apenas com três letras. Sim ou não. Perseguiu Maria fora da escola? Entregou-lhe uma revista pornográfica no meio das folhas de exercícios? Deixou uma rosa por baixo da mesa da aluna? Alguma vez a encontrou a sós antes da aula de apoio do passado dia 13? A sequência de "nãos" poderia ter sido rápida e contínua, mas o silêncio de Elisa depois de cada pergunta impedia que assim fosse. Era como se não compreendesse as questões. Ficava suspensa de cada ponto de interrogação, como que à espera de uma explicação dele sobre os motivos porque a confrontava assim com o absurdo. Mas não havia nas suas pausas qualquer irritação, nem se intuía nelas nenhuma forma de indignação. E também isso o sensibilizou. Tratava-se, antes, da mais densa incompreensão, espessa como o nevoeiro impenetrável que em certas manhãs cobre o litoral e oculta até os faróis mais altos, que nesses dias se tornam inúteis e são substituídos por roncas que emitem barulhos prolongados e roucos para alertarem os marinheiros contra as rochas afiadas do cais.

A partir daquele dia, o rosto de Elisa e sobretudo os ossos frágeis dos seus pulsos ocuparam o espírito de Francisco, que passou a imaginar cada vez com mais frequência o som da sua voz e a perguntar-se com insistência sobre que histórias poderia ela narrar-lhe. Sonhava, também, com a descoberta dos ângulos dos ombros

magros, com o peso da cabeça dela sobre o peito dele, com o aroma do cabelo macio. Não fazia sentido e ele sabia-o bem. Havia aquele processo disciplinar, que o impedia de a procurar com outros propósitos que não o da descoberta da verdade, e mesmo quanto a esse existiam limites que conhecia bem e que sabia não poder ultrapassar.

Não foi, por isso, de forma totalmente consciente que espiolhou a ficha de docente dela até encontrar a morada indicada como a da sua residência, mas o certo é que os passos dele começaram a encaminhar-se para lá. A primavera também chegava pé ante pé e trazia com ela uma aragem suave de mudança e promessas sussurradas, por isso Francisco começou a sentar-se na esplanada próxima do prédio tristonho onde sabia que Elisa morava, depois atreveu-se um pouco mais e ocupou um dos bancos da pracinha pequena de onde tinha uma vista desimpedida da porta por onde ansiava vê-la sair, uma pracinha onde só se sentavam homens de cabelo branco e homens sem cabelo, que partilhavam jornais e discutiam peripécias do futebol, malfeitorias e catástrofes naturais sempre com o mesmo irredutível conformismo. Levava um livro e abria-o com a esperança de compreender pelo menos o essencial do enredo, porque eram tantas as vezes que levantava a cabeça à procura de um qualquer vislumbre de Elisa que a certa altura os nomes das personagens se lhe baralhavam completamente e chegava ao fim dos policiais sem conseguir sequer compreender quem era, afinal, o assassino.

Mas Elisa nunca apareceu e nesse período também não era possível encontrá-la no liceu. Os dias passaram, depois transformaram-se em semanas, e Francisco já não trazia livro nenhum, limitava-se a sentar-se na praça e a esperar. Os velhos que se encontravam ali começaram a tornar-se-lhe familiares e cumprimentavam-no

quando chegava, com um pitada indisfarçada de curiosidade mas porventura já ultrapassados os receios de que se tratasse de um tarado que ali estava para cativar crianças inocentes, porque não havia por ali criança nenhuma desde que os balancés do minúsculo parque infantil se estragaram e permaneceram como espantalhos incoerentes, tábuas pendentes de fios que poderiam ser de forcas se não fossem metálicos e não estivessem tão enferrujados. Até que houve um dia em que um dos velhos não veio e Francisco ouviu os outros falarem sobre a sua morte, tão poucos meses depois de ter perdido a mulher. Um deles dizia que o companheiro tinha finalmente desistido, doente de saudades e de remorosos. Nunca lhe tinha dito, a ela, que era a luz dos seus dias e, quando finalmente se lembrou de que devia fazê-lo, já era demasiado tarde. Francisco permaneceu sentado no seu banco até todos os outros terem abandonado a praça, arrastando os pés por baixo das costas curvadas. Depois levantou-se, caminhou até à entrada do prédio onde Elisa morava e premiu um botão do intercomunicador.

Nessa primeira vez, foi só a inércia que a levou a deixá-lo entrar. Estava demasiado cansada para se opor fosse ao que fosse e tinha perdido a capacidade de se surpreender, por isso abriu-lhe a porta. Surgiu-lhe pálida, com sombras por baixo dos olhos, vestida com uma camisola azul por cima de umas calças castanhas e coçadas, com o cabelo mais despenteado e cinzento do que se lembrava. Parecia uma adolescente precocemente envelhecida pelo toque de uma maldição, mas Francisco sabia, porque também o tinha visto na ficha dela, que Elisa era seis anos mais velha do que ele, o que fazia dela uma mulher bem entrada nos quarenta. O apartamento pequeno e escassamente mobilado cheirava bem e essa foi a impressão inicial que ele teve daquele lugar onde viria depois a experimentar um sentimento que lhe era desconhecido,

a que começou por chamar felicidade, mas que depois passou a classificar como plenitude.

Elisa não lhe perguntou o que fazia ali, todavia também não o convidou a sentar-se no único sofá da sala. Limitou-se a ficar calada e imóvel. Por isso, apesar de o silêncio dela não lhe ser incómodo, Francisco contou-lhe a verdade. Que não tinha conseguido deixar de pensar nela. Que passara horas na esplanada e depois na pracinha em frente só para a ver e lhe poder falar. Que sentia uma necessidade inexplicável de estar perto dela. De a consolar. Que acreditava nela. Elisa ouviu-o, deixou passar uns segundos que a ele lhe pareceram eternos e depois perguntou-lhe se aceitava uma tisana de alfazema, a infusão estava pronta e ainda escaldava, mas se ele quisesse podia temperá-la com um cubo de gelo. Francisco pensou que não tinha pressa, não havia nenhum outro sítio onde quisesse ir, por isso respondeu-lhe que preferia esperar que arrefecesse.

Só havia um sofá na sala mínima de paredes pintadas de branco e essa era aliás a única extravagância visível na casa, porque se tratava de um sofá enorme e estava forrado num lindo veludo azul-noite, convidativo, indulgente e sedutor. Era tão espaçoso que precludia a presença de qualquer outra peça de mobiliário, cada um podia sentar-se numa ponta sem pressentir a pele do outro e foi assim que permaneceram durante muito tempo, enquanto a tarde se estendia até se tornar noite. Francisco voltou no dia seguinte e em todos os posteriores e a certa altura deixou de se ir embora porque Elisa permitiu que a abraçasse até ela adormecer e ele, maravilhado com a serenidade daquela respiração que se ia aquietando, emocionado até ao âmago com a proximidade do corpo quente coberto por uma pele tão macia, serenou finalmente e deslizou para uma noite sem sonhos nem pesadelos.

Muitos dias depois, quando os cheiros de um e de outro se lhes

tinham tornado já familiares e se tinham habituado a dormir virados para o lado esquerdo, com Elisa encaixada entre os braços dele, foi ela que segurou na mão de Francisco e a conduziu até ao seu peito, por baixo do pijama de algodão. Sentiu-o enrijecer nas suas costas e depois inspirar fundo, muito fundo, antes de começar a mexer os dedos até os mamilos se lhe endurecerem e quererem mais, depois a mão dele desceu-lhe ao longo da barriga e ela deixou de querer esperar mais. Elisa despiu-se ao mesmo tempo que Francisco se despia, depois sentou-se em cima dele e ele acariciou-lhe as clavículas, suavemente, até a mulher começar a mexer-se enquanto ele a segurava com delicadeza pelos pulsos e sentia que os ossos dela já não eram de passarinho, porque havia nela a força do mar e do vento, que o envolveu e o fez subir, voar, perder a consciência, esquecer-se das palavras e das frases até gritar, livre e rouco, ao mesmo tempo que ela tremia, para depois se aquietar, molhada e quente, com a cabeça pousada no ombro dele.

A partir de então, a história de Elisa e de Francisco, que até aí era feita sobretudo de silêncios, passou a contar também com sexo e com histórias por ocasião dele, porque a voz da mulher, presa no quotidiano, soltava-se na intimidade e falava de outras mulheres e de outros homens, e dos modos como os seus corpos se encontravam. Não era Elisa que se desvendava, nesses momentos, porque a sua realidade era impermeável a desvarios de tal monta e Francisco nunca precisou de se preocupar com o arrojo da imaginação dela, porque sabia bem que não era aquilo que ela queria viver. Aquilo era apenas o que ela tinha prazer em contar-lhe a ele, em imaginar com ele, por isso acolhia as histórias rudes de Elisa como carícias atrevidas que também lhe exponenciavam, a ele, o prazer.

Havia, porém, um outro elemento na equação do amor improvável entre Elisa e Francisco, além do silêncio e do sexo. Tratava-se

do segredo. E este era um terceiro ingrediente cuja importância não devia subestimar-se. Ambos sabiam que as funções dele no processo disciplinar contra ela eram um obstáculo intransponível, mas nenhum achava que aquilo não devesse estar a acontecer. Pelo contrário. Por isso, mantinham a sua realidade escondida de todos, o que só era possível, tendo em conta o muito tempo que passavam juntos, porque ambos eram tendencialmente solitários e Elisa, sobretudo, nunca recebia visitas. Ainda assim, Francisco evitava o elevador do prédio e subia rapidamente os quatro lances de escadas, entrava quase sempre de boné e com a cabeça baixa, nunca transportava consigo mais roupa do que aquela que trazia no corpo. Sentiam-se tão felizes que o que mais receavam era atrair a atenção dos outros. E por isso, mesmo no liceu, Elisa mantinha a camuflagem da mulher de meia idade, grisalha e triste, acantonada na biblioteca. E baixava os olhos, para que ninguém pudesse descobrir neles quem ela era, afinal, e que mistérios escondia.

VII
A menina-cobra
(27 de Março de 2019)

Falta pouco mais de uma semana para começarem as férias da Páscoa e eu devia estar aliviada com a promessa de algum descanso, mas o que sinto é só desassossego. Ando há dias com a sensação de que estão a acontecer coisas que me escapam. E isso provoca-me uma inquietação profunda, durmo mal e com intermitências, olho no escuro para objectos que não vejo e imagino os piores cenários. Não os vejo, mas pelo menos sei que estão ali. Saber dá-me sempre, apesar de tudo, um certo conforto. As ameaças desconhecidas são as que mais me apavoram.

Apesar de ser ainda bastante cedo, passei na biblioteca à procura de Elisa. Queria ver como ela estava, depois daquela estranha conversa com o Francisco, o inspector escolar, que eu pensava que já não tinha motivos para andar por ali, mas que continuava a aparecer esporadicamente, sabe-se lá porquê, com aquele arzinho dele, relutante, pelos vistos, em se ir embora de vez. Ela estava sentada na secretária quando eu entrei e não se apercebeu da minha chegada. O estore da janela que ficava por trás, por hábito corrido, estava excepcionalmente aberto e a luz do exterior derramava-se pela sala, criando uma espécie de halo em torno de Elisa e dos livros que tinha pousados no tampo de madeira. Deve ter sido por isso que ela me pareceu tão diferente. Iluminada. Pisquei os olhos

para me habituar à surpreendente claridade e devo ter feito também algum ruído, porque Elisa levantou a cabeça e olhou para mim. Pode ter sido impressão minha, mas houve qualquer coisa na expressão dela que mudou. Como se um véu cuidadoso lhe tivesse esvoaçado para o rosto e lho tivesse coberto. Ou como se uma guerreira no intervalo de uma longa batalha tivesse voltado a envergar à pressa a armadura. Mas suponho que haja uma explicação para isso, se é que não foi só impressão minha. Deve haver da parte dela ainda alguma decepção e um certo ressentimento, afinal ambas sabemos que eu fiz menos do que podia. Esforcei-me por afastar estes pensamentos. Sei que ando demasiado imaginativa. E que, nestas fases, tendo a sobrevalorizar acontecimentos mais ou menos insignificantes.

Mal entro na sala de aula pressinto que algo não está bem. Não ouço os cochichos do costume, nem o barulho das mochilas a serem abertas, o ruído dos livros a serem pousados nas mesas. Olho primeiro para Sara, que está sentada mais perto, e parece-me normal. Distraída, como é seu hábito, agora já com o lindo cabelo preto composto num corte muito curto, que a faz parecer um rapazinho bonito com uma pitada de duende, a desenhar qualquer coisa no caderno com o rosto apoiado na mão esquerda, o cotovelo assente no tampo. Maria senta-se na outra ponta da sala e tenho um sobressalto quando me dou conta do seu ar de sucuri saciada, apesar de nela, diversamente do que sucede com a cobra monstruosa, não se vislumbrarem ainda os contornos da presa, engolida inteira, traçando novos contornos na pele escamosa. Sei, toodavia, que, tal como a sucuri, Maria observa a sua vítima antes de dar o bote e, quando a apanha, vai-a asfixiando lentamente, enrolada nela, antes de a engolir.

Não sou como aquelas pessoas que sonham com viagens a lugares remotos e Deus me livre de me apanhar na Amazónia,

depois de horas presa em aviões, em barcos e em outros caixões do género, anestesiada pelo calor e esmagada pela humidade. Preciso de vento e não gosto demasiado de verde, sempre preferi os horizontes azuis. Mas gosto de assistir a documentários sobre modos de vida exóticos e de repente recordo-me daquela lenda, acho que lhe chamaram a Lenda da Cobra Grande. Achei-a bastante interessante, na altura. Uma índia linda que vivia com a sua tribo perto do grande rio foi visitada pela cobra Boiuna e engravidou. Dessa união mágica resultou o nascimento de um casal de gémeos, Maria Caninana e Honorato, que saíram do ventre da mãe deslizando na sua pele de cobras. A indígena, aterrorizada, atirou-os ao rio. Os meninos-cobra eram muito diferentes de feitio, porque enquanto o rapazinho ondulante tinha um coração generoso, a sua irmã Maria Caninana era uma criatura sinuosa, revoltada e rancorosa que começou por assustar animaizinhos, mas depressa passou a atemorizar os humanos e depois a provocar o naufrágio de barcaças no rio, afogando os seus ocupantes. Honorato, que desaprovava as malvadezas da irmã, acabou por resolver caçá-la e matá-la, mas continuou, ele próprio, mesmo depois de ter eliminado a irmã, vítima da maldição. E, por isso, só em noites de lua cheia Honorato podia sair do rio, largando a sua pele de cobra, momentaneamente transformado num belo homem, mas ainda assim condenado a regressar ao seu ambiente aquático logo que o sol começava a despontar. Reza a lenda que a maldição se quebraria se alguém conseguisse imobilizar a grande cobra e encher-lhe a boca de leite. Quem teria, porém, coragem suficiente para o fazer? Quando eu era muito pequena, ouvi a história terrível das ceifeiras que deixavam os seus bebés de peito deitados nos campos à espera da pausa em que seriam alimentados, mesmo correndo o risco de os virem a encontrar mortos porque uma cobra se lhes tinha enfiado

na garganta, atraída pelo cheiro do leite. Foi uma história que me perseguiu durante a infância e que agora se mistura com a lenda amazónica, a história e a lenda unidas por maneiras que me limito a intuir, mas que não consigo verdadeiramente compreender.

Maria, a minha, estava confortavelmente encostada contra a parede direita da sala, observando tudo ao seu redor com as oblíquas fendas de azeviche através das quais mira o mundo, enquanto afastava do rosto uma mecha do seu cabelo liso e muito negro. Cabelo e olhos de índia, penso enquanto a observo. Olho para ela e vejo Maria Caninana, a menina-cobra malvada.

Noto na sala pequenas clareiras, que me parecem excessivas, apesar de àquela hora, na primeira aula da manhã, serem usuais algumas baixas. A porta abre-se, à minha esquerda, enquanto retiro da pasta o meu exemplar de A Abóbada, tão manuseado que quase poderia ser uma primeira edição, milagrosamente preservada desde meados do século dezanove. Não sei se a história do Mestre Afonso Domingues os comove a eles, mas a mim emociona-me sempre, aquele milagre humano de superação da cegueira. Sinto-me mais tocada pelos milagres da humanidade do que pelos da divindade. Jamil está à porta, mas não entra, parece querer dizer qualquer coisa e, como lhe sucede com frequência, não saber por onde começar.

Tenho um afecto particular pelo rapaz, preciso de o confessar, apesar de naturalmente me esforçar por que isso não se note. A alegria do seu sorriso e o brilho dos seus olhos são imunes aos problemas graves que lhe fustigam a vida. Não me lembro de ter tido um aluno mais delicado ou generoso. A família veio de Moçambique há já alguns anos e conseguiu alojamento num bairro social periférico, de onde nem é costume chegarem-nos alunos. Mas a mãe trabalha a dias em casas aqui do centro e Jamil vem com ela, muitas vezes antes de amanhecer completamente, ficando depois, sozinho, à espera que

o portão da escola se abra para ele poder entrar. Há cerca de duas semanas, desmaiou. É muito alto, com pernas e pestanas de gazela, e achei sempre que a sua magreza extrema tinha algo de ilusório, quis acreditar que talvez me parecesse tão esquálido sobretudo por ser tão comprido, por isso, quando descobri que era de fome que tinha desmaiado, o coração caiu-me aos pés. Foi o senhor José, da portaria, que pediu para me dar uma palavrinha, depois de o Jamil ter sido levado para o hospital. Achei-o constrangido e, neste tempo todo em que partilhamos o mesmo liceu, não me lembro de alguma vez me ter chamado para uma conversa mais reservada, por isso supus que o assunto se revestisse de alguma gravidade.

É um segredo bem guardado e só alguns dos professores mais antigos da escola o conhecem. O senhor José foi condenado, há mais de trinta anos, pelo homicídio da mulher. Era pescador e uma maré aziaga fê-lo chegar a casa mais cedo, levando-o a encontrar a rapariga, ofegante e corada, na cama ainda nova que os sogros lhes tinham oferecido como presente de casamento. Com outro homem, que se pisgou rapidamente sem que ninguém dos arredores voltasse a por-lhe a vista em cima. Por isso o senhor José matou-a só a ela e depois cumpriu a pena a que foi condenado, sem percalços nem incidentes, um preso exemplar que regressou à sua casinha logo que os portões da cadeia se abriram e ele sentiu o sopro airoso da liberdade. Na aldeia foi bem acolhido por todos e reorganizou paulatinamente a vida, mas passou a preferir um trabalho com horários menos imprevisíveis. Está connosco há tantos anos que já nem me lembro quantos. É um exemplo do sucesso da ressocialização. Ou apenas de que nem a prisão conseguiu destruí-lo. Eu gostava de pensar que os vizinhos o receberam com tanta tranquilidade por acreditarem que toda a gente merece uma segunda oportunidade. Mas receio que muitos o tenham feito sobretudo por

acreditarem que matar uma mulher infiel talvez não seja um crime assim tão grave. Bem, a verdade é que não sei. E estou sempre a dizer-me que preciso de me esforçar por ser menos pessimista.

Foi, portanto, o Senhor José que me contou que o Jamil tinha desmaiado porque não comia. E como é que ele sabia? – perguntei-lhe de seguida, já com uma ameaça de enjoo a subir-me do estômago para a garganta. Sabia, porque o rapaz vinha à portaria pedir-lhe para telefonar à mãe sempre que não resistia a engolir qualquer coisinha oferecida pelos colegas, violando o jejum que achava que o Ramadão lhe impunha. Sempre que aceitava umas bolachas ou um pedaço de chocolate, vinha ter com o senhor José, culpado e cabisbaixo, pegava no telefone para confessar e lá recomeçava, outra vez desde o princípio, o tempo todo, inteirinho, de severas restrições alimentares. O porteiro afeiçoou-se-lhe sobretudo por Jamil ter aquela capacidade extraordinária para reconhecer a sua culpa – mas não, nem era bem isso, explicou-me, nem era só o reconhecer; a admiração que o homem sentia pelo rapaz radicava sobretudo na capacidade verdadeira que este tinha para sentir a culpa e o arrependimento.

"Já viu, doutora, vivemos num mundo onde ninguém reconhece os seus erros, mas toda a gente está sempre disposta a apontar o dedo aos erros dos outros e a exigir sangue. E este miúdo, coitado, acha-se muito culpado por comer umas bolachitas quando já não aguenta a fome, sem nunca se revoltar contra aqueles que lha impõem". – Acho que foi assim que o senhor José rematou a conversa, se bem me recordo. Mas eu sabia que o ponto final não estava, na verdade, ali. Esta conversa invulgarmente longa, vinda de um homem cujas frases costumavam ter duas palavras, "bom dia" ou "boa tarde", comportava um óbvio propósito. O porteiro estava a instigar-me a fazer alguma coisa. A tomar medidas. Foi o

que fiz, depois de ter ponderado longamente sobre questões como a do multiculturalismo ou a da liberdade religiosa. Concluí que tudo isso me merece respeito. Desde que o rapaz coma. Por isso, pedi à mãe que viesse conversar comigo e ela veio, com aquela pele tão escura e brilhante como a do filho, com a mesma delicadeza e um sorriso que também é idêntico. Tem seis filhos e andam todos na escola. Trabalham muito, ela e o marido, mas ganham pouco. Não me pareceu ofendida quando lhe disse que queria que o Jamil passasse a tomar sempre o pequeno-almoço no liceu. E também a almoçar, pelo menos quando tivesse aulas à tarde. Não precisava de se preocupar com os encargos, eu trataria de tudo. Expliquei-lhe que era improvável que o filho aprendesse e cumprisse as actividades escolares se estivesse com fome. O único horário de aulas possível, com a sobrecarga que conhecíamos, parecia-me incompatível com aquele jejum diurno. Se o modelo escolar fosse diverso, adaptado a outras tradições e outros ritos, talvez fosse viável. Mas neste caso não era. E é provável que eu só tenha querido tranquilizar-me acreditando naquilo, mas pareceu-me notar algum alívio na expressão que lhe modificou por instantes o olhar líquido. O certo é que me segurou a mão e agradeceu o cuidado com o filho, antes de sair. Agora o Jamil chega uns minutos atrasado à primeira aula, todas as manhãs, com a compreensão também dos restantes professores, que foram avisados de que o rapaz deve tomar o pequeno-almoço no bar da escola.

– Professora, a Laura está lá fora a chorar muito. E vomitou no corredor, acho que se está a sentir mal... – Peço ao Jamil que entre e que se sente e relanceio os olhos pela sala para confirmar a ausência de Laura. Também não vejo a Bruna, que era a sua amiga mais próxima até a Laura começar a ter alguns segredinhos com – quem mais haveria de ser? – a Maria. Dou-me conta de que Sara levanta

finalmente a cabeça dos rabiscos que a ocupavam e observa Jamil com um princípio de interesse, para de seguida semicerrar os olhos quando passa a dedicar a sua atenção à irmã.

E cá vamos nós outra vez, penso com um misto de desânimo e apesar de tudo alguma expectativa involuntária, enquanto lhes peço que abram o caderno de exercícios e lhes indico as perguntas a que devem responder durante a minha ausência, que anuncio que será breve.

Chego ao corredor e encontro uma funcionária nova, de cujo nome não me recordo, a limpar o chão, contrariada. Diz-me que as miúdas foram para a casa de banho antes de eu sequer ter tempo para abrir a boca. Acrescenta que a mandou lavar a cara, a água fria é sempre um bom calmante. Presumo que se esteja a referir à Laura. Em circunstâncias normais – ou melhor, noutros tempos, antes da chegada das gémeas ao liceu – teria voltado para a minha sala e esperado tranquilamente que os problemas viessem ter comigo, para depois os resolver. Mas agora essa já não me parece uma boa estratégia, tendo em conta a dimensão dos novos problemas. Mais vale enfrentá-los antes que se tornem demasiado grandes.

Tenho dificuldades em convencer a Laura a acompanhar-me até uma salinha pequena normalmente reservada à recepção de encarregados de educação, mas acabo por conseguir. Peço à Bruna que venha connosco. Outra coisa que mudou foi isso: já não converso com alunos a sós, sobretudo em espaços fechados.

Apesar de saber que nestas idades a maioria das grandes tragédias tende a encolher antes que o dia acabe e de as miúdas chorosas nos corredores se terem tornado quase rotineiras – não sei se é impressão minha, mas chora-se bastante mais agora, sobretudo em público –, vejo-as seriamente abaladas. A Laura só diz que quer ir para casa, que nunca mais volta a sair do quarto e pergunta-me insistentemente

se já vi. Não compreendo a que se refere mas, quando lhe pergunto, não consegue responder-me, só chora mais alto. Começo a perder a paciência e isso deve notar-se, porque a Bruna tira o telemóvel do bolso das calças e estende-mo, de cabeça baixa. É um vídeo. E nele aparece a Laura totalmente despida, sentada à frente de um espelho, a filmar-se com a mão esquerda enquanto se acaricia com a direita. Há gemidos que se vão intensificando, mas não quero ver nem ouvir até ao fim.

O vídeo já foi apagado da rede social onde o ex-namorado da Laura o publicou, mas isso não resolve nada. Circula por todo o liceu como um rastilho de pólvora e não podemos sequer calcular quantas pessoas o guardaram antes de ter sido eliminado. Desapareceu dali, mas jamais desaparecerá. Pode existir para sempre, penso eu. Pode estar a ser visto, neste momento, por um esquimó coberto de peles no Círculo Polar Ártico, por um maori jogador de rugby na Nova Zelândia ou por um masai de colares coloridos no Quénia. Por uma japonesa silenciosa em Tóquio ou por um italiano ruidoso em Nápoles. E também poderá ser apreciado pelos seus netos daqui a 50 anos. Ou pelos netos dos seus bisnetos, se o mundo não acabar, entretanto.

Os pais da Laura chegam passado um bocado, para a levarem para casa. Estão transtornados e admito que já tenham visto aquilo. Mas o comportamento vai-se-lhes alterando ao longo da manhã, com a fúria a transformar-se gradualmente em indecisão e vergonha. Primeiro querem que o rapaz seja chamado, a mãe exige a presença da polícia, o pai diz que trata daquilo ele próprio, à sua maneira. O director roga-lhes que se acalmem e procura obter mais informações através da Bruna, que continua ali, a olhar para o chão. Ela titubeia qualquer coisa, pedem-lhe que fale mais alto. Diz a medo que acha que a Laura contribuiu para aquilo, mesmo sem saber para o que

era. Viu as mensagens que eles trocaram. Ela enviou-lhe o vídeo a pedido dele e ele respondeu-lhe que era tão maravilhosa e que o filme era tão artístico que não se devia privar o mundo de o conhecer, com muitos corações a seguir às reticências. E perguntava, logo a seguir, se ela não concordava, com um rosto sorridente que piscava o olho e outro bonequinho redondo de braços abertos para um abraço. Laura respondeu-lhe que sim, com novo bonequinho, desta vez ruborizado, e mais uma fileira de corações vermelhos. Claro que a Laura pensou que ele estava a brincar, evidentemente não deu autorização para aquilo. Mas será que ele não pode justificar-se, dizer que não tem culpa de nada porque foi ela que fez o filme, que lho enviou e que depois o autorizou a partilhá-lo? Ou que, pelo menos, foi assim que ele interpretou os acontecimentos? O rapaz é amigo da Maria e foi através desta que a Laura o conheceu. Os laços entre as duas parecem ter-se estreitado desde então.

Enquanto Bruna continua a falar, perco-me por instantes nos meus próprios pensamentos, apesar de continuar a ouvi-la, intermitentemente, como o ruído distante que nos chega da rua. Maria, sempre a Maria. Maria Caninana. Mas, há dois dias, a Laura e o rapaz zangaram-se, o namoro desandou e a divulgação do vídeo pode ser uma forma de vingança. A Bruna recorda, timidamente, que veio uma psicóloga à escola e que os alertou para os perigos da revenge porn...O problema é que pensamos sempre que é só com os outros. Ou com as outras. Quem é que, aos dezassete anos, acha que aquele não é mesmo o amor da sua vida? Quem é que não confia, aos dezassete anos? E como é que podemos incentivá-los a não confiarem, sem destruirmos antes do tempo essa benção que é a inocência? Na conferência, a psicóloga tinha-lhes dito que as vítimas eram quase sempre raparigas ou mulheres e que os agressores eram normalmente os ex-namorados ou os ex-maridos.

Vingança. Pergunto-me, porém, se naquele caso seria realmente um "ele" o vingador.

Vejo os pais da Laura a esvaziarem-se à minha frente, enquanto a filha continua a chorar sentada na mesa do director, agora baixinho, com a cabeça escondida entre os braços pousados na madeira gasta. A mãe já não reclama a vinda da polícia e o pai descaiu os ombros e deixou de ter os punhos cerrados. Imagino-os a começarem a reflectir sobre as desvantagens de um processo, que vai prolongar o falatório e deixar a filha nua ainda mais exposta aos juízos dos outros. Sinto-os, por outro lado, a debaterem-se com a necessidade de justiça, com a vontade de verem castigado o culpado pela vergonha de Laura. E imagino que nem se questionem sobre se terão razões para essa vergonha. Eu sei que não têm. Mas eles, o que acharão eles? A vergonha de Laura? Se a filha é uma vítima, que motivos haveria para ser dela a vergonha? Receio, porém, que até eles já tenham começado a olhar para a rapariga de outra maneira. O pai não a abraçou em nenhum momento, nem sequer conseguiu pousar-lhe a mão na cabeça. Evita olhar para a filha. E a mãe está dividida, talvez gostasse de lhe dar colo, mas o que viu impede-a de reconhecer na filha a menina que lhe saiu de casa nessa manhã, depois de comer os cereais na taça decorada com gatinhos, a menina que consolou e tratou quando tinha febre ou caía no pátio. O tempo deu um salto de gigante, para Laura, numa única manhã. O futuro chegou-lhe mais cedo. Tornou-se, aos olhos dos outros, de repente uma mulher. E se, como criança, devia ser poupada ao sofrimento, como mulher pode bem aguentá-lo. É da natureza feminina, suportar a dor. Por isso é que são as mulheres a engravidar e a parir.

Agora sou eu que sinto a raiva a crescer e a borbulhar dentro de mim, sou eu que cerro os punhos, esforçando-me por controlar a

vontade de gritar. Pergunto ao director se não se deveria ter mandado chamar o rapaz, que imagino que esteja tranquilamente numa aula qualquer. É aluno de outra turma do 11.º ano, por isso é de supor que esteja no liceu. O director fixa-me com a mesma expressão que reservaria a um extra-terrestre que lhe tivesse pousado no gabinete, lilás e com duas antenas verdes a saírem da testa. Não deve achar prudente que os juntemos a todos na mesma sala. Além de que também seria necessário contactar o encarregado de educação dele. São desaconselháveis todos os confrontos, ainda mais aqueles em que de um lado está um adolescente sozinho e do outro adultos furiosos, mesmo que legitimamente.

Continuo com vontade de bater e de dizer asneiras. Mas sei que é melhor esperar. Arrefecer. Reflectir. Maria Caninana, a menina-cobra, desliza, sinuosa, pelos corredores do liceu, pelas paredes das salas, pelas mesas do refeitório, pelos balneários do ginásio, pelos bancos do pátio. Silva e serpenteia, saracoteante. Haverá alguém para cumprir o papel do seu gémeo Honorato? A cobra-mãe já morreu. Morreu duas vezes. Primeiro electrocutada, depois afogada. A cobra grande deixou de asfixiar as suas vítimas. Mas a sua menina-cobra ainda está entre nós e temo que seja, pelo menos, tão sinuosa como a mãe.

VIII
Amália
(11 de Abril de 2019)

Amália, a juíza, está sentada à sua secretária e olha, desanimada, para o processo. Prepara o julgamento de um homem de 67 anos, acusado de homicídio qualificado. Morava no quarto e último andar de um prédio antigo e um dia desceu dois lances de escadas e deu três tiros no mestre de obras que estava a modernizar as casas de banho no apartamento dos vizinhos. Já não aguentava mais o barulho do berbequim. Era Agosto, toda a gente tinha ido de férias e cabia-lhe a ele suportar, sozinho, o ruído das obras, o átrio sempre ocupado com materiais de construção, o pó escuro que misteriosamente subia e lhe enegrecia as roupas acabadas de lavar e que estendera na corda. Os outros tinham achado que era a melhor altura do ano para a remodelação, porque assim, nas férias, não se incomodava ninguém. E estavam estendidos na praia ou sentados em piqueniques no campo, rodeados por familiares e amigos, sorridentes, ensolarados, com copos de vinho verde fresco na mão, brindes que faziam tchimtchim e rissóis de camarão sempre estaladiços por fora e cremosos no interior. Ele tinha ficado. Ele, que gostava tanto de rissóis de camarão. Achariam os restantes vizinhos, por ele ter ficado, por nunca ir de férias para parte nenhuma e por não ter amigos que o convidassem para sardinhadas, que não era alguém?

O ministério público tinha acusado o homem por homicídio qualificado por entender, entre outras coisas, que o motivo era fútil. Não se mata outra pessoa só porque se está incomodado com o barulho, não é? Todos pareciam achar que sim. Mas a juíza tinha dúvidas. Continuava a acontecer-lhe com frequência, ter dúvidas. Haverá motivo mais pungente e menos fútil do que a solidão? – perguntava-se Amália.

Ao contrário do que tantas vezes sucedia, ninguém dizia dele que era uma pessoa pacata e simpática, que cumprimentava toda a gente da rua, que estava sempre disponível para ajudar. Pelo contrário. O processo estava cheio de depoimentos de vizinhos que se queixavam das suas indelicadezas e que davam exemplos das mais variadas ofensas. No terceiro andar vivia um casal que tinha um filho adolescente e o miúdo jogava numa consola qualquer, às vezes durante a noite, e gritava quando marcava um golo, degolava um ogre ou ganhava uma corrida de carros. O vizinho agora homicida ameaçava-o sempre que o encontrava, deixava-lhes mensagens na caixa de correio, atemorizava o rapaz (ainda que não o suficiente, notara Amália, para o fazer desistir de jogar ou de gritar). Também havia aquele conflito mais complicado com a vizinha do segundo direito, que vivia sozinha e que estava de camisa de dormir a tratar do jantar quando o homem lhe bateu à porta para lhe dizer que tinha descoberto uma mossa na carroçaria do Fiat, que tinha andado a medir com uma régua todas as viaturas das imediações e que concluíra que o embate tinha sido provocado pelo jeep dela. Era o único veículo que tinha a altura exacta para deixar no dele aquela marca e notava-se-lhe uma ligeira sombra na pintura, como se tivesse levado um retoque, exactamente naquele sítio. A mulher começou por pensar que ele estava a brincar, era recém-chegada ao prédio e ainda não lhe conhecia as histórias,

depois ocorreu-lhe a possibilidade de estar a ser assediada por aquele homem muito mais velho, magro e de aparência ascética, e não gostou. Quando percebeu que era a sério, que ele acreditava mesmo naquilo, explicou que nunca tinha batido em carro nenhum, que deixava sempre o jeep no seu lugar de garagem, que nada naquela história fazia sentido. Tinha seguro. Se tivesse sido ela a causar algum estrago, o que a impediria de o participar? O alívio que sentiu quando conseguiu fechar a porta e deixá-lo do lado de fora foi sol de pouca dura. Começou a encontrar bilhetinhos presos no limpa-parabrisas do carro, quando chegava à garagem: "ou pagas o que deves ou podes não ver o sol nascer amanhã". Noutros dias, tinha o carro do vizinho a tapar-lhe a saída do estacionamento. Ia ao supermercado e ele seguia-a de perto, sem dizer uma palavra nem comprar sequer um saquinho de arroz. Tinha ido à polícia para apresentar queixa, mas mandaram-na embora. O senhor agente explicou-lhe que para haver crime de ameaças era preciso que o homem a ameaçasse com um mal concreto. Ela não tinha entendido bem, por isso o senhor fardado, apressado, explicara melhor. "Não ver o sol nascer amanhã" era uma coisa muito vaga. E o uso do verbo "poder" – "podes não ver o sol nascer amanhã" – indiciava uma mera hipótese. O vizinho não tinha dito que ia mesmo matá-la, nem havia indicações sobre o quando e o como. A vizinha do segundo direito saiu da esquadra um bocado incrédula, afinal tinha entrado a achar que era uma vítima e o vizinho um agressor e saíra pouco depois esclarecida de que afinal não. Nem ela era uma vítima de um crime, nem ele era ainda um agressor. Teria de esperar. Se o vizinho a informasse de que a ia matar na sexta-feira, pelas vinte horas, esmagando-lhe a cabeça com um martelo, aí sim, teria motivo para regressar e queixar-se. Até lá, não havia nada a fazer.

Havia muitos rumores no prédio e na vizinhança, bastante

diversos entre si, mas com um elemento constante. Em todos, o homem era retratado como um maluco. Algumas pessoas diziam que era um antigo combatente da guerra no ultramar, que estivera na Guiné, onde tinha visto morrer o melhor amigo, explodido em mil bocadinhos por uma granada mal manuseada, ainda por cima uma granada que era deles. Uma morte suja e sem glória, da qual nunca tinha recuperado, porque acordava à noite encharcado em suor e a gritar, sobretudo se lá fora alguém deixava cair com mais força a tampa do contentor do lixo. Outros contavam que a mulher o tinha abandonado e fugido com a filha de ambos para o estrangeiro, depois agarrara-se-lhe ao espírito uma depressão, a seguir fora despedido e agora passava os dias a contar os pacotes de açúcar que trazia de esplanadas de cafés e restaurantes, surripiados naquele instante breve, a seguir ao café e à conta, em que os clientes saudáveis saíam e os empregados ainda não tinham chegado para levantar a mesa. Dizia-se que eram milhares de pacotinhos espalhados pelo apartamento, que ele tentava preservar contra a humidade e a passagem do tempo, urrando de fúria sempre que algum se estragava irremediavelmente.

Amália volta a pensar, como tantas vezes lhe sucede, que está tudo errado. Que quase sempre que é convocada para condenar, para mandar prender, só o é porque o Estado social falhou num momento anterior qualquer, quando um outro desfecho teria sido, ainda, possível. Espera-se dela que condene porque alguém fez algo de muito errado, mas é quase sempre um alguém que não foi tratado quando devia ter sido, que não foi apoiado quando a vida lhe desandou ou que agiu na sequência de um conflito que deixou de ser mediado quando podia tê-lo sido.

Durante muito tempo, Amália perguntou-se, nas suas longas insónias, mas não só, se faria sentido continuar a ser juíza. Se era

mesmo aquilo que queria para a sua vida. Mas agora já não sente essa inquietação. Encontrou uma resposta para aquela sua interrogação. Se alguém tem que fazer aquilo, mais vale que sejam pessoas como ela. Pessoas que não gostam de prender. Que acreditam que é o último recurso. E o pior de todos. Também chegou à conclusão de que pode dar um sentido à vida percorrendo outros caminhos. Que esse sentido não tem de desvendar-se todo no trabalho. Nem sequer numa criança, pensa imediatamente a seguir, com a dorzinha metálica que lhe atravessa o peito sempre que se recorda de Marta.

O colega bate à porta antes de entrar. Amália gosta dele, tem uma voz grave e uma serenidade que é reconfortante. Também tem umas mãos muito bonitas e uns olhos escuros, profundos e inteligentes. É relativamente novo na comarca e consta que tem sido um bom juiz de instrução, o que nem sempre lhe granjeia todas as simpatias. Mas um juiz de instrução precisa de saber mostrar os dentes. E ele parece ter uma certa vocação para isso. Amália tinha sabido que o colega voltara a decidir não aplicar uma prisão preventiva requerida pelo ministério público naquele caso em que tinha havido jornalistas à porta. Muitos. Com microfones e câmaras de televisão. O seu despacho fora muito comentado e Amália suspeitava de que a opinião pública não tivesse ficado particularmente agradada com ele. Mas não se surpreende por o colega se sentir, agora, mais confortável para tocar no assunto, decorridos meses desde a decisão.

– Não havia indícios fortes de que tinha sido ele a praticar o crime nem estavam demonstradas as necessidades cautelares, Amália. E há uma série de coisas neste processo que ainda não entendo, pontas soltas, incoerências. Também há uma coincidência perturbadora. Já tinha ouvido antes, em outro processo, uma das filhas da vítima em declarações para memória futura. Os últimos nomes de ambas são iguais. Ambas vítimas. A mãe, vítima de um homicídio qualificado.

A filha, vítima daquilo que o ministério público parece achar um crime de abuso sexual de menor dependente. E sabes o que me chamou a atenção, além da similitude dos nomes? São das vítimas menos vocacionadas para o serem que encontrei ao longo destes anos todos.

A juíza não precisa de mais explicações para compreender totalmente o que ele lhe quer dizer. Quem não passa tanto tempo como eles a lidar com processos criminais tende a acreditar que os pobres, os excluídos, os marginalizados são sempre aqueles que se sentam no banco reservado aos arguidos. Não imaginam a frequência com que as vítimas provêm do mesmo contexto, partilham os mesmos sofrimentos. É mais provável ser-se vítima quando se é vulnerável. E mesmo quando se é mais favorecido pela sorte e ainda assim se sofre um mal causado por outros, pode acontecer que se escolham alternativas menos dolorosas e porventura mais eficientes do que a justiça penal. Nem Beatriz nem Maria encaixavam nesse estereótipo de vulnerabilidade. Pessoas como elas, quando são vítimas e por vezes até quando são agressoras, costumam descortinar soluções menos desconfortáveis do que o processo penal. A não ser que sejam encontradas nuas e amarradas na água já fria da banheira de um motel vulgar. Nesse caso, tornava-se mais difícil aceder a alternativas. A juíza sabe, porém, que é preciso ter cuidado com os estereótipos, porque há muita vida que não cabe neles. São perigosos se os tomarmos como definitivos.

Mas o colega de Amália ainda não terminou, nota-se que tem andado a pensar no assunto.

– Eu conheci-a pouco antes de ser morta. Veio aqui com a filha quando a miúda prestou declarações. Educada, elegante, muito bonita. Mas não sei. Havia nela qualquer coisa subterrânea que na

altura me turbou ligeiramente. Qualquer coisa de actriz que não está habituada a desempenhar um papel secundário, que aspira a ver incidirem nela todas as luzes da ribalta. Mas que não quer que isso se note. Não tenho a certeza, mas pareceu-me insinuante. Como se não quisesse sê-lo, mas não resistisse a seduzir os outros. Acho que é a primeira vez que isto me acontece: conhecer uma vítima de homicídio, em carne e osso, pouco antes de morrer e se tornar quase só uma abstracção num processo que, de algum modo, me toca a mim.

Amália pensa que o caso tem todas as características dos processos rapidamente resolvidos. Não deve ser fácil, para o ministério público e para a polícia, lidar com a pressão de ainda não haver ninguém preso, mesmo que só preventivamente.

– À primeira vista, parece uma história fácil de ser deslindada. Não há muitos candidatos a homicidas, num caso como este. Numa morte deste género, num motel, num cenário de rosas e espumante, sem ter desaparecido nenhum objecto de valor e sem a morta ter um seguro de vida extraordinário, é difícil fugir aos suspeitos do costume. O marido. Ou o amante. Homicídio passional, escrever-se-á nas capas dos jornais. Outro. Resolvido. É descobrir com quem é que ela andava. E se o marido sabia. Parece elementar, hoje. Com tantos registos de telefonemas feitos e recebidos, acesso a ficheiros de computador, controlo dos movimentos de contas, é difícil não descobrir. De certeza que em algum momento precisaram de mostrar os documentos de identificação num hotelzinho discreto em Espanha, ou ela pagou com cartão um jantar num restaurante onde não era suposto estar, ou há registos da via verde que mostram que o carro dela passou num horário improvável debaixo de um pórtico qualquer, ou aparece um livro com dedicatória, um lenço de seda que só se vende em Roma numa lojinha pequena que abre

por marcação, uma caixa de fósforos com o nome de um bar em Formentera. E depois há tudo o resto, claro. Impressões digitais no copo alto e estreito, que naquele motel devia ser de vidro barato. Cabelos nas almofadas. Resultados da autópsia. Vestígios de outras presenças no carro dela. E a corda shibari, valha-nos deus. Não deve haver muita gente que ande por aí a comprá-las. É um daqueles casos típicos que acaba depressa com uma de duas pessoas presa. O marido ou o amante.

O colega de Amália não parece totalmente convencido:

– O amante? Mas não pode ser a amante? Porque é que achas sempre que o vilão da história tem de ser um homem?

– Mas não é sempre um homem? Ou quase sempre? Vá lá, não me digas que és o único aqui no tribunal que não anda a ver o Mindhunter!

Ele sorri-lhe, aquele não é um assunto novo nas suas conversas:

– Certo, Amália, não precisas de voltar ao tema do gender gap no crime. Já sei que em cada cem presos as mulheres são menos de sete. Continuo é sem entender que vejas aí uma desigualdade. Entendo bem que o gender gap nos salários seja preocupante. Mas ver-se como discriminação contra as mulheres o facto de haver menos mulheres presas é que já me parece um bocado peculiar. Mas longe de mim querer irritar-te com discussões estéreis... – as covinhas logo a seguir às extremidades dos lábios ficam mais fundas enquanto ele lhe atira o isco, irónico e encantador, por isso Amália resolve deixar-se fisgar, há ainda um longo caminho a percorrer entre o fundo do mar e o prato em cima da mesa, terá tempo, pensa ela, para se contorcer e fugir depois, num salto de fé rumo ao azul solitário do oceano.

– É provável que haja menos mulheres presas por uma razão simples e fácil de compreender: as mulheres cometem menos crimes.

Não sei se é porque somos melhores ou se é só porque temos menos testosterona, também há aquela questãozinha do cromossoma Y, mas o certo é que parecemos ter menos predisposição para a violência. E depois há outra coisa, sabes? Podemos estar menos encarceradas em prisões, mas temos estado muitíssimo presas, ao longo de tantos séculos, em outros sítios. Presas nas nossas próprias casas que na verdade não são mesmo nossas, em colégios internos, em igrejas e em conventos, muitas vezes até em hospitais psiquiátricos para onde nos mandam os pais ou os maridos, porque enlouquecemos. É uma forma de loucura bastante conhecida, a ânsia de liberdade. Por isso, esse número de que falas, essas sete em cem, pode ser bastante enganador.

– Pode ser, Amália, pode ser. Mas há outras explicações possíveis. Talvez as mulheres sejam menos condenadas porque os juízes têm ideia de como a prisão é, para elas, especialmente devastadora. Há homens condenados a penas de prisão de vinte e cinco anos que têm todas as semanas as visitas das mães e das namoradas. Elas, pelo contrário, costumam ser abandonadas. Por todos. E nós também sabemos, quando condenamos mulheres, o que isso pode significar para os filhos. A institucionalização, porque é frequente que não haja mais ninguém para se ocupar deles. Há muitos factores. Mas a minha explicação preferida é outra: as mulheres não são menos condenadas porque cometem menos crimes; são menos condenadas porque têm uma inteligência superior para os ocultar. Mas suponho que esta minha teoria, no fundo, não te desagrade completamente, pois não?

Amália vê que ele lhe pisca o olho, mas resolve deixar morrer o assunto. Tem outras preocupações em mente, naquela altura. As semanas em que Marta não lhe telefonou nem respondeu às suas mensagens transformaram-se em meses. Na última vez em que a

foi buscar para irem juntas ao cinema, a menina desceu as escadas muito devagar enquanto o avô observava Amália através da janela, sem sequer abrir o vidro para a cumprimentar. Nem sequer um aceno de cabeça. Marta lá acabou por chegar depois de ter batido o record da mais vagarosa descida de escadas de todos os tempos para alguém sem condicionamentos físicos aparentes e hesitou quanto ao modo de cumprimentar a mulher. Um abraço estava fora de questão. Estendeu o rosto para um beijo seco e rápido e entrou no carro. Amália sentiu um odor que era incomum numa quase adolescente para quem o banho era um prazer supremo e recordou-se, com um aperto no peito, da menina que mirava, maravilhada, os sabonetes, cremes para o cabelo, máscaras hidratantes, sais e outras pérolas coloridas em tons pastel. Que ronronava de júbilo durante o banho de imersão, o momento de felicidade máxima, que se recusava a abandonar antes de a água ter arrefecido completamente e a pele se lhe ter engelhado nas pontas dos dedos. Tinha saudades dessa menina. Queria tanto que as coisas se tivessem passado de outra maneira. Queria tanto ter sido, ela própria, de outra maneira.

Esse tempo em que partilhara a sua vida com a menina que tinha visto pela primeira vez no átrio de um tribunal de família e que conseguira tirar da instituição (a instituição que existia para a proteger a ela e a outros meninos como ela, mas cujo financiamento dependia em muito do número de meninos e meninas como ela que não regressavam depressa a casa) parecia-lhe agora quase nebuloso. Sabia que isso era estranho, esse esbatimento de memórias, porque os meses que tinham passado desde que Marta regressara a casa do avô sem explicar se voltaria eram, apesar de tudo, relativamente curtos. Pelo menos no contexto de uma vida inteira. Marta não tinha voltado para junto de Amália. E a juíza recordava-se agora com cada vez menos nitidez de tudo o que lhes tinha acontecido, como

se tivesse descido um véu sobre essa parte da sua história, como se precisasse de esquecer para poder continuar. Havia crateras nas suas memórias, alçapões gigantescos por onde lhe fugia um passado tão recente, hiatos no tempo, confusões e mistérios.

Recordava-se bem, no entanto, da última vez em que estivera com Marta. Lembrava-se da saída apressada do bairro, onde os grafittis banais tinham aumentado e coberto sem alegria nem alívio as paredes velhas e descascadas dos prédios todos iguais, onde os caixotes do lixo continuavam com as tampas abertas e sem engolirem as seringas e os preservativos tombados nos descampados que separavam as fileiras de casinhas deprimidas. Recordava-se dos adolescentes sonolentos que vestiam todos a mesma camisola com o capucho que lhes cobria a cabeça e tapava o rosto, das mulheres de olhos pisados que espreitavam perenemente a rua através de cortinados esfiapados, do punhado de homens, poucos, que falavam alto e se acotovelavam na taberna da esquina, homens com antebraços musculados e cigarros nervosos nas mãos. Nas ruas e nos passeios esburacados e sujos viam-se quase só crianças. Algumas. Brincam com bolas furadas, com bonecas a que falta o cabelo ou uma perna e também as bibicletas enferrujadas que acariciam como se fossem tesouros costumam ter algum pneu furado. Deve haver alguma explicação para tantos furos, tinha pensado Amália. Tantos buracos. Tantas feridas.

Marta vinha com umas calças de fato de treino roxas que lhe ficavam tão grandes que era impossível que fossem suas, com umas sapatilhas gastas e uma camisola que talvez tivesse sido branca no milénio transacto. Tinha o cabelo desgrenhado e as unhas sujas. As nódoas nas calças eram tão grandes e tão óbvias que pareciam feitas de propósito. Terá o avô passado a manhã a sujar-lhe a roupa com os restos do jantar de ontem só para me causar o constrangimento

de sair com ela assim? – a ideia passou-lhe pela cabeça, mas Amália enxotou-a. Até porque de imediato lhe ocorreu outra, mais preocupante:

– Estão outra vez sem água em casa, Marta? – a pergunta não era irrazoável ou destituída de sentido, a juíza sabia que, antes de a menina ter sido institucionalizada, as dificuldades da família eram tão grandes que lhes tinham cortado a água e a luz. Nesses tempos, a criança subia as escadas – e eram bastantes, as escadas – com dois garrafões de cinco litros, um em cada mão, cheios de água, que tinha ido buscar a uma espécie de fonte.

Marta não gosta da pergunta e responde secamente que têm água, sim. A resposta é inconcludente para Amália. Compreende que quem passou por tudo aquilo por que Marta passou pode ter dificuldade em reconhecer a existência de problemas, sabendo que nem sempre quem pergunta vai realmente ajudar a resolvê-los. Talvez quem faça as perguntas acredite que tirar uma criança de casa e fechá-la numa instituição seja uma forma de a proteger, de resolver os seus problemas, mas Amália sabe que Marta vê isso unicamente como uma maneira de a prender. O pai já está preso por vender drogas, ela esteve presa por a família ser tão pobre que não havia quem tomasse conta dela quando o avô ficou doente e passou a faltar tudo, mesmo tudo, lá em casa. Nas famílias ricas as crianças não vão para instituições quando os pais são presos e os avós adoecem – se é que nas famílias ricas os pais vão presos e os avós adoecem. Por isso, quando diz que há água em casa, Marta pode estar a dizer a verdade. Ou pode estar a mentir porque se recusa a confessar o crime de não terem água, pensando que essa confissão teria como consequência o castigo de voltar a ser tirada ao avô, afastada do bairro, privada da liberdade de andar de bicicleta pelas ruas sujas e esburacadas que são as dela.

Amália sentiu-se, ainda assim, magoada com a resposta curta de Marta. Não era justo que a menina pensasse isso dela. Afinal, se Marta já não estava naquela instituição, era sobretudo graças a ela. E se tinha voltado a morar no bairro com o avô, também era a ela que em boa parte o devia, por não se ter oposto a essa pretensão quando foi ouvida pela Comissão de Protecção de Crianças e Jovens. E por se ter disposto a continuar a visitar Marta no bairro, garantindo que nada do que era essencial lhe faltava. Mas nunca, desde então, tinha voltado a ser convidada para lanchar na casa de Abílio. Para o avô de Marta, supunha Amália, já não se trataria de visitas, seriam inspecções. E nem ele nem a neta estavam dispostos a isso.

– O meu avô disse que tenho que estar em casa antes das dezoito horas.

Não quis acreditar no que tinha ouvido, Amália. Por momentos, pensou até que tinha ouvido mal.

– A sessão deve acabar depois disso, Marta. O filme é longo. Não posso garantir que estejamos de volta a essa hora.

– Então é melhor escolheres um filme mais curto. Ou podemos ir ao centro comercial ou ao supermercado.

O resto da tarde foi um desastre anunciado. E, a partir desse dia, Amália não voltou a conseguir encontrar-se com Marta. Sempre que telefonava, havia algum compromisso importante previamente agendado: um teste para o qual era preciso estudar, uma ida ao centro de saúde, um encontro com pessoas da igreja que tinha começado a frequentar com o avô e que parecia adquirir cada vez mais peso na vida de ambos. A certa altura, surgiu-lhe a dúvida sobre se seria Marta que não queria vê-la ou se Abílio a teria proibido disso. Resolveu, portanto, telefonar ao avô. Não teve sucesso nas primeiras tentativas e insistiu até o homem, contrariado, atender a sua chamada. Pediu autorização, com a humildade que lhe era possível,

para levar a menina à festa de aniversário da filha de Madalena, mas Abílio respondeu-lhe que a neta dele não frequentava esse tipo de locais. A família dele não ia a festas durante o fim de semana, ia à igreja. Amália não se orgulha disso, mas esse foi o momento que perdeu a cabeça. Ou quase. Disse-lhe que não entendia como é que na família dele não frequentavam festas de aniversário de crianças, mas frequentavam a prisão. E conseguiu calar-se antes de dizer que, se quisesse visitar a mãe, Marta talvez tivesse de frequentar uma casa de alterne ou pior. Não, Amália não se orgulha disso, assim como de algumas outras coisas no que respeita ao seu tempo com Marta. Abílio respondeu-lhe que se Marta ia à prisão era para visitar o pai, que tinha sido mandado para lá por pessoas como ela. Por colegas dela. A menina dele não estava à venda. O dinheiro todo dela não chegava para a comprar.

Quando, uns dias depois, Amália voltou a tentar telefonar a Marta, o que ouviu foi uma gravação. Aquele número não estava atribuído. Agora já não é um homem sem nome que lhe preenche as noites de insónia. É a recordação de uma menina cujo rasto perdeu, mas cuja liberdade espera, pelo menos de algum modo, ter garantido. Mas nem disso está certa.

Ao levantar a cabeça e confirmar que o colega ainda está ali, Amália pensa em quão agradável e promissora é a sua companhia. Ele olha-a com mais ternura do que curiosidade e despede-se antes de sair. E ela fica a magicar que talvez já tenha esperado mais do que devia para aceitar o convite que ele lhe fez. Só mais tarde se lembrará da peculiar interrogação a propósito do homicídio de Beatriz Antunes Pessoa. Uma amante – terá sido isso que ele disse?

IX
A regressão
(19 de Novembro de 2018)

Saio da banheira e observo no espelho o meu corpo nu, comprido e coberto por gotas de água, mas depois reparo em qualquer coisa que mancha o tapete azulado. Antes de me baixar parece-me um novelinho escuro, mas quando me aproximo vejo que são cabelos. Cabelos meus. Agora passo os dias a apanhá-los do chão, a tirá-los das roupas, a expulsá-los dos lençóis. Levo a mão à cabeça para me confortar com a ideia de que ainda me sobram bastantes e de seguida procuro confirmação na minha imagem invertida. Isso recorda-me outro espelho.

Nesse outro espelho que vai do chão quase até ao tecto, também é a mim própria que vejo, mas coberta por um estranho vestido cor de rosa, de tal modo comprido que me cobre os sapatos, cheio de folhos ridículos, e tenho o cabelo todo cacheado um pouco acima dos ombros. Pareço saída de uma série histórica da BBC. Estou numa sala muito comprida e estreita, despojada de qualquer mobília. Só sei que não estou descalça porque ouço um ruído constante de saltos a baterem no chão e, apesar de não conseguir sair do lugar, tenho a certeza que é o toc-toc dos meus próprios sapatos, que batem ritmadamente no soalho. Na parede do fundo da sala está pendurado o grande espelho e ao lado dele, através de uma estreita nesga de janela, vê-se uma floresta. Sei que estou presa e o

que mais quero é fugir, mas não sou capaz de sair do lugar. Passa muito, muito tempo e quando já quase não consigo respirar, quando sinto que vou morrer asfixiada, dou por mim a correr no meio das árvores, que se mexem à minha volta, ameaçadoras e ululantes. Corro cada vez mais depressa, mas está muito frio e tenho muita fome. Não desisto e continuo a correr, mas os músculos contraem-se desagradavelmente e a barriga dói-me muito. Sinto-me cada vez mais fraca e depois vejo tudo a andar à roda, antes de cair num buraco negro que me suga. Quando volto a ter consciência de mim, estou deitada no chão gelado e há um homem que chora, um homem robusto vestido de castanho, com uma espécie de gabão fechado por aquilo que me parece uma corda. Depois, trazem um caixão e eu percebo que é para mim. Que sou eu, bastante morta, que o vou ocupar.

A primeira coisa que vejo quando abro os olhos é o rosto do homem-castor e sei que não é ele o homem de castanho que estava a chorar. Este usa óculos de aros metálicos e quase invisíveis que lhe contornam o azul cristalino dos olhos redondos, tem umas sobrancelhas muito espessas e ascendentes numa linha mais grossa do que comprida que termina no início da testa, um nariz curto e largo de narinas abertas em círculos perfeitos e bochechas volumosas. Mas o seu traço mais distintivo é a boca, estreitíssima e quase sem lábios, onde sobressaem os dentes brancos e alinhados, as gengivas à mostra e os caninos ligeiramente protuberantes e aguçados. O homem-castor sorridente tem a pele sulcada por linhas profundas e a metade inferior do rosto coberta por pêlos mais claros do que escuros, por isso a sua vitalidade entusiasta não me engana, apesar de tudo, quanto à idade. Diria que se trata, pelo menos, de um sexagenário e durante uns segundos pergunto-me quem é e porque me observa de cima, comigo praticamente deitada numa

cadeira reclinável que é, seguramente, o lugar mais confortável em que alguma vez tive o gosto de me instalar. É assim que imagino que os anjos se sintam no céu.

Regresso, gradualmente, à realidade. Recordo-me de como estranhei a cadeira quando cheguei. Acho que estava à espera de um divã. Lembro-me por fim de que o homem-castor é um psiquiatra pouco ortodoxo, com aquela sua convicção de que a hipnose e a regressão são, em bastantes casos, mais úteis do que a medicação – não compreendi totalmente a explicação sobre cada uma das terapias, mas suponho sem nenhuma certeza que a primeira desempenhe um papel instrumental quanto à segunda.

A parte inicial da consulta não teve nada de entusiasmante. Antes de querer saber aquilo que realmente me afligia, fez-me perguntas simples e tomou notas. Data de nascimento, profissão, estado civil, familiares mais próximos, amigos relevantes, doenças e internamentos. Quando me perguntou o que me trazia ali, hesitei. Optei, como de costume, pela superficialidade. Pela resposta mais fácil. Contei que tinha ouvido umas colegas a elogiarem o trabalho dele, na sala de professores. Às vezes posso ser bastante tonta. Sorriu-me de modo a que eu entendesse o que estava a pensar, sem ter de me embaraçar dizendo-o: ninguém marca uma consulta com um psiquiatra que se dedica à hipnose porque escutou, casualmente, avaliações que lhe eram positivas. Deixou que se instalasse um silêncio que se me foi tornando incómodo, até eu ser obrigada a dizer a verdade sobre as razões que me tinham levado a procurá-lo. Ou, pelo menos, uma parte da verdade. Pequena, porventura. Disse-lhe que me sentia sozinha, mas que já não me sentia assim tão sozinha. Talvez estivesse a habituar-me. E reconheci que tinha ainda mais medo disso do que de estar sozinha. Não havia nada que realmente me apetecesse, com excepção do pão com manteiga

quando tinha fome e da maciez dos meus lençóis quando, de vez em quando, me chegava o sono. Falei-lhe na sensação de alívio quando não acontecia nada. No medo de que acontecesse alguma coisa. Também lhe contei que tinha cada vez menos sangue, naqueles dias do mês. E falei-lhe nos cabelos voadores que me fugiam da cabeça para se alojarem, desoladores e desafiantes, em todos os recantos da casa. Tenho ideia de ver Alda a apanhá-los, com mais frequência e com indisfarçado asco, do chão da cozinha e do tapete da sala.

Acabámos por chegar àquele momento mais interessante – o torrão de açúcar que me tinha atraído ali – em que me pôs a dormir. Mais tarde procurei lembrar-me de algum comprimido que me tivesse dado a tomar, de uma bebida qualquer que me fizesse ingerir, mas nada. Só reclinou a cadeira-nuvem e fomos conversando, enquanto me sentia cada vez mais descontraída, tão calma como se não existisse nenhum antes nem depois. Acho que me deu uma palmada na testa. Uma palmada seca. Mas nem disso tenho a certeza, porque mergulhei no vórtice da escuridão e só depois, sem me recordar já de quem sou agora, dei por mim na sala comprida, estreita e vazia.

Quando, depois daquilo tudo, dos folhos, da floresta e do caixão, voltei a focar-me nos seus entusiastas olhinhos azuis, tão cheios de optimismo que se não lhe conhecesse a ocupação o tomaria por um ingénuo, queria descobrir o que saberia ele daquilo que me tinha acontecido. Sabia quase tudo. Eu era bastante sensitiva, informou-me, como se me estivesse a elogiar. Pelos vistos eu ia falando, durante a experiência. Tinha regredido até uma vida passada e o que ele gostaria era que eu interpretasse o que me tinha acontecido. O que tinha vivido. Emudeci, naturalmente. Aquilo só seria útil, explicou-me, se me levasse a compreender vivências ou sentimentos negativos no presente, auxiliando-me a ultrapassá-los.

Continuei muda e, desta vez, nem o silêncio dele foi suficiente para me pôr a falar. Tive vontade de lhe dizer que o médico era ele e que eu era a leiga que lhe pagava para obter um diagnóstico do especialista. Ou seja, dele. Mas não foi necessário. Ele próprio devia ser bastante sensitivo, seja lá o que isso for. Com um ligeiro suspiro que me pareceu de desânimo – apesar de não poder afiançá-lo – informou-me de uma interpretação que lhe parecia possível. Ou provável. No meu passado deve ter existido alguma experiência de clausura, talvez um marido demasiado ciumento, quem sabe se um pai autoritário e manipulador, algo que me levava a ansiar por uma liberdade que nunca alcancei. E isso explicaria, pelo menos em parte, o meu receio relativamente aos compromissos, a minha incapacidade para fazer concessões que me permitissem partilhar a vida com alguém. A minha solidão.

Fiquei profundamente transtornada com esta explicação, mas nem o homem-castor nem ninguém precisa de saber porquê. Acho que fui uma decepção para ele semelhante à que ele foi para mim. Mesmo que aquilo não fosse só uma partida do meu cérebro perturbado, mesmo que houvesse ali alguma revelação, de que modo me aliviaria isso dos fardos do presente? Lamentavelmente, não entendo como é que compreender pode ser a causa automática do efeito que é aceitar. Sei que se trata de uma ideia que faz escola e gostava, palavra de honra que gostava, de experimentar o alívio prometido por essa fórmula infalível. Compreenda o seu passado para poder aceitar o seu presente. Como se fosse assim tão fácil. Se calhar resulta com alguns, vá-se lá saber. Com os casos menos bicudos. Mas é o determinismo inerente à promessa que me irrita, por isso resolvo não voltar à consulta do homem-castor, por mais que a cadeira-nuvem me venha a deixar saudades. Ainda por cima, odeio essa conversa da reencarnação e da vida depois da vida. Não

é que não tenha medo de morrer. Tenho é mais medo de viver outra vez. Como se uma vida não fosse já suficientemente pesada. Com a sorte que tenho, ainda reencarno num daqueles países onde não há água num raio de cinquenta quilómetros e, para mais, reencarno com vagina, o que faz de mim mulher e me obriga, por força dessa condição, a transportar na cabeça o pote até à fonte remota, ir e vir sem desperdiçar uma gota, e ai de mim se o cântaro cai e se parte, porque se assim for tenho garantidos quer o suplemento de pancada quer a sede adicional.

Acabei por concluir que prefiro que o meu inconsciente seja deixado em paz. Se nem o nosso inconsciente puder ser livre, o que será de nós? Se ao menos tivesse conseguido descobrir a marca da cadeira antes de me vir embora, podia contactar o fornecedor. Mas nem isso. Saí, apressada, arrumando no canto mais remoto da gaveta melhor trancada da minha cabecinha desvairada a ideia que se esforçava por escapar e por me arruinar o resto do dia: e se toda esta minha argumentação de negação do inconsciente se tratar apenas de mais um pretexto para legitimar a minha fuga? A minha mais recente fuga, para ser precisa? O meu receio de outras descobertas? A minha cobardia?

X
A mosquinha-viva
(27 de Abril de 2018)

Beatriz gostaria que houvesse alguma sala de gritos num raio inferior a duzentos quilómetros. Tinha lido sobre elas num jornal inglês que descrevia as salinhas escuras e insonorizadas, almofadadas, onde o cliente podia pagar para durante dez minutos berrar a plenos pulmões. Até para partir coisas, se quisesse, que alguém apanharia os cacos depois. Achava a ideia genial. Deve ser tão libertador. Também havia quem lhes chamasse salas de raiva. Não desgostava do nome, não senhora. Beatriz tinha muitas vezes vontade de gritar, de insultar os outros e de partir coisas. As pessoas eram tão estúpidas, tão egoístas, tão previsíveis e tão feias. Mas sabia que não lhe ficava bem, a uma mulher como ela, andar por aí aos berros. Não era elegante. E morava na parvónia, infelizmente, quando o seu habitat natural seria Londres, Paris ou Nova Iorque. Mas não haveria de ficar ali para sempre, isso não.

Tinha acordado com uma disposição ainda pior do que a habitual e, agora que André já saíra, dava início ao ritual longo que era arranjar-se. As cortinas ainda estavam parcialmente corridas e a luz atravessava-as filtrada, mais benevolente. Sabia que estava a entrar naquela fase da vida em que não era favorecida nem pela luz directa nem pelos grandes planos nas fotografias. Preferia enquadramentos mais difusos e amplos, onde sobressaísse menos a

firmeza e a lisura da pele e mais a elegância e a sensualidade subtil do conjunto. Beatriz vivia quase sempre como se pudesse estar a ser filmada, fotografada ou vista naquele exacto momento. Até quando estava em casa. Havia curtos períodos em que não era assim e ela, que os antecipava e que não os partilhava com ninguém, tratava-os carinhosamente e desde a juventude como os meus hiatos. Beatriz quase nunca cedia a ser ela própria, nem sequer quando não havia testemunhas. Os seus transbordamentos eram raros e em lugares que, com o tempo, tinha aprendido a escolher, para não ser demasiado notória a dimensão do descarrilamento.

O quarto, pensado por dois dos decoradores mais famosos da cidade, que nunca saíam de casa sem as suas malas Birkin e as suas mantas Hermès, era amplo, airoso e suave, todo em tons de bege e cinza muito claro. A roupa de cama era imaculadamente branca, porque Beatriz achava inadmissível o uso de qualquer outra cor em lençóis – imperativo que alargava a todo o tipo de toalhas, desde as usadas para secar o corpo até àquelas com que as mesas se cobriam. Quando, do toucador, olhava à sua volta enquanto escovava o cabelo sedoso e liso, sentia-se satisfeita com a perfeita harmonia do ambiente. E era suficientemente esperta para apreciar a ironia inerente ao facto de toda aquela harmonia ser, afinal, o cenário das mais sujas e duras de todas batalhas, que são as batalhas do quotidiano, feitas de pequenas farpas que cada dia se vão enfiando mais fundo na carne, da almofada pressionada sobre a boca e o nariz do outro durante cada vez mais tempo, de mentiras úteis ou até inúteis, de insultos que vão deixando de ser caridosos, de actos de espionagem e de boicotes, de grandes armadilhas e de pequenas traições.

A cama estava desfeita, mas não como estaria a cama de um casal ainda apaixonado, mesmo que já só vagamente. Havia uns vincos

ligeiros do lado dela e outros um pouco mais fundos e dispersos do lado dele. Ele mexia-se mais durante o sono, mas não o suficiente para adentrar o espaço da fronteira, aquela parte do lençol, entre o corpo de cada um dos dois, onde o tecido permanecia esticado. Os decoradores, sábios, tinham escolhido uma cama suficientemente grande para garantir a existência daquele território de ninguém. Deviam ter mais clientes como eles, já não demasiado jovens nem demasiado impetuosos, que tinham aprendido a apreciar o conforto da justa distância. E sabiam que é certamente mais fácil profetizar o devir de um casal analisando o estado dos seus lençóis do que desvendar o futuro através da interpretação das borras do café.

Beatriz também se deu conta dos cheiros. Tinha um olfacto especialmente apurado e conseguia distinguir a marca dos perfumes que cada um usava – assim como a sua falta ou, o que era ainda pior, a sua falsificação – com uma única inspiração mais profunda. Havia o cheiro dele, intensificado pelos eflúvios do banho recente e da loção de barbear, e havia o cheiro dela. Mas faltava o cheiro que teria resultado do encontro dos corpos dos dois. Esse encontro de corpos tinha durado mais do que o encontro de outras coisas, apesar de tudo. E de vez em quando ainda acontecia. Cada vez com menos frequência, porém. Mas o problema não estava aí, como ela própria intuía. A questão quantitativa não é assim tão relevante, pensava. O pior é que também as avaliações qualitativas já não seriam, para nenhum dos dois, motivo de grande júbilo.

Uma das várias coisas de que se orgulhava era do facto de a vida só muito raramente a surpreender. Achava que o espanto era uma emoção reservada aos tolos e aos incautos. Ou aos preguiçosos. A ela, não. Ela observava, analisava, antecipava os acontecimentos e condicionava o seu devir. Não se permitiria jamais ser uma presa do acaso. Por isso, quando verificou aquela mais recente

diminuição do interesse do corpo do marido pelo corpo dela, pôs-se à espreita de outros sinais. Encontrou as mensagens facilmente, logo que vasculhou o telemóvel dele. Sem sombra de sentimento de culpa, antes com um ligeiro desprezo pela facilidade com que penetrava no território inimigo. Ele nem sequer sabia proteger os seus segredos, o imbecil. Acreditava tanto no sacrossanto carácter da reserva da intimidade que nem lhe ocorria que outros pudessem ter menos pruridos. Beatriz gostava tão pouco dos ingénuos como dos honestos ou dos sérios. Via neles pessoas a quem a vida não tinha ensinado o suficiente e que persistiam, ludibriados e moles, na crença pelo respeito que seria devido aos outros. Talvez no fundo também os invejasse um pouco, porventura por terem sido poupados a certos males e por manterem intacta a capacidade de acreditar. Por permanecerem incólumes, apesar de tudo. Mas dificilmente tal coisa lhe passaria pela cabeça.

Fora, portanto, sem surpresa e sem decepção que tomara conhecimento da ligação do marido – para não lhe chamar outra coisa, porque o dia-a-dia é mais aprazível com eufemismos. O que vira não lhe permitia ter uma noção exacta da dimensão do acontecido, porque era compatível tanto com o princípio de algo que ainda nem se sabia se viria a suceder como era coerente com a mais definitiva consumação. Eram mensagens curtas, partilhas de opiniões sobre livros e sobre filmes, encontros marcados num café perto da universidade para uma troca de opiniões sobre um certo projecto de investigação, chamadas de atenção para uma manifestação em Paris ou uma greve no Brasil, fotografias de artigos de jornal que ela presumiu que teriam algum interesse para os devaneios sociológicos de André. Coisas, no geral, um bocado frouxas, pelo menos à luz do padrão dela, que preferia territórios mais bravios.

"Devaneios" era o substantivo escolhido por Beatriz quando pensava nos temas tratados por André (e pelas alunas de André, que ela representava sempre e só no feminino). A sociologia, tal como a maioria das ciências sociais, merecia-lhe o mais profundo desdém, ainda que só recentemente tivesse deixado de o ocultar e, mesmo assim, apenas em certos círculos. Incomodava-a, até, olhar para trás e verificar o quanto a tinham fascinado, no princípio, André e os seus.

Tinham-na encandeado, no início, como a uma mariposa atraída pela luz. Aquela casa sempre de janelas abertas, virada para a rua e sem receio de se mostrar toda, por contraposição às portadas sempre fechadas da casinha dos pais dela, onde se fazia tudo na cozinha, se comia, se via televisão, se lavavam os legumes e os sapatos, porque a sala não se podia estragar nem sujar, por causa das visitas imaginárias que nunca chegariam. Os pés de André em cima dos sofás, como se ninguém tivesse de se preocupar com o futuro. Os sumos naturais de frutas no frigorífico, quando até então só tinha bebido dos pacotes cheios de conservantes que se vendem nos minimercados. O pequeno-almoço servido na mesa grande sobre a toalha de linho sem moscas a pousarem nos doces e nas compotas. O café em cápsulas e a máquina que deixava uma espuminha boa no fim. A mãe dele de cabelo molhado e embrulhada na toalha de banho a fumar um cigarro na varanda enquanto se ria e comentava uma notícia qualquer. As noites de natal em que cada um se limitava a abrir os seus presentes sem os comparar com os dos outros e sem fazer contas a quanto fora gasto e ao que isso indiciaria sobre Janeiro. Os livros espalhados e usados, sublinhados e comentados, que não eram escolhidos pela cor da lombada e deixados numa estante como se fossem uma jarra ou uma caixinha para guardar alfinetes. Os charutos do pai dele e os instrumentos mágicos para

lhes retirar a humidade e lhes cortar a ponta. O candeeiro pequeno e maravilhoso, num belo tom mostarda, herdado dos avós, que iluminava a secretária como um holofote de sabedoria. Os sofás que nunca estavam cobertos por mantas para o sol não os queimar e o pó não os sujar. As viagens. As consultas no dentista duas vezes por ano. As gargalhadas. A franqueza. As cerejas na taça de cristal que na verdade eram dois globos, unidos por uma ponte metálica; de um lado arrumavam-se as esferas vermelhas e brilhantes, do outro a água e o gelo onde as refrescaríamos antes de as meter à boca. Guardanapos de pano sempre dobrados nas gavetas e usados em todas as refeições. Convidados para o jantar ou amigos que só tocavam à campainha porque estavam a passar e tinham decidido dizer olá, mas que acabavam por ficar para jantar. Cinema francês e poetas argentinos, discussões políticas e sestas na espreguiçadeira do jardim.

Com a passagem do tempo, Beatriz tinha descoberto que apreciava bastante os sumos naturais sempre presentes no frigorífico em lindos frascos de vidro e os guardanapos de linho, mas que o cinema francês, os poetas fossem de que nacionalidade fossem e a sociologia lhe interessavam pouco. Infelizmente, morreu – foi morta – antes de ter podido ouvir o novo presidente de um país irmão confirmar, em português, a sua opinião sobre o assunto, cortando o investimento nas faculdades onde se estudam esses assuntos esotéricos, porque o essencial é ensinar aos jovens "um ofício que gere renda para a pessoa e bem-estar para a família". Chega de encher o papo a diletantes. Gente destituída de utilidade que inventa dados que condicionam o resultado de estudos cujas conclusões estão escritas mesmo antes de serem começados. Ainda por cima pagos com dinheiros públicos. Temos de respeitar mais os contribuintes. Precisamos é de mais engenheiros electrotécnicos. E, acrescentaria

Beatriz, de mais canalizadores, electricistas, manicures e criadas, que já ninguém quer mesmo trabalhar. As pessoas querem ganhar dinheiro, mas têm pouca vontade de trabalhar. Sim, teria sido uma apoiante de Bolsonaro, se lhe tivesse sido dada essa oportunidade. Também ela acreditava mais na meritocracia do que na solidariedade, desde que o mérito fosse medido por parâmetros objectivos como o do poder ou o do dinheiro, herdados ou acumulados.

O marido e aquilo que ele fazia ou em que acreditava não lhe mereciam, portanto, grande consideração. Não é que houvesse aí especial originalidade. A maioria das pessoas não lhe merecia grande consideração. Mas era subtil. Mostrava-o sobretudo através de pequenos gestos que, descontextualizados dos restantes, não permitiam que se formulasse sobre ela um juízo demasiado negativo. Eram quase sempre manifestações de desrespeito pela vontade dos outros. Formas de fazer prevalecer o seu interesse e a sua vontade sobre aquilo que queriam os outros. Lidava mal com proibições ou com respostas negativas, mesmo que aparentemente insignificantes. Como naquele fim de tarde em que estava com o marido e alguns casais amigos numa esplanada e se aproximou uma mulher interessante e desconhecida, com um cão de pelo comprido e sedoso. Perguntou educadamente à dona do animal se podia fazer-lhe uma festa e a resposta veio delicada, mas firme: "preferia que não, ele não gosta que lhe mexam". Beatriz fez de conta que não tinha ouvido e estendeu a mão direita para afagar o animal, deliciada com a estupefacção da outra, que não disse mais nada antes de se apressar a desaparecer com o bicho. Só André é que talvez se tenha apercebido. E talvez fosse quase de repugnância o olhar que lhe dirigiu.

Era a rapariga mais pobre da turma, quando finalmente chegou à faculdade e teve a oportunidade de começar a entaipar

e redesenhar o passado. Mas ninguém o diria. Não importa o que se é, importa o que se parece ser. Até porque aquilo que parece ser tende a transformar-se no que é. Beatriz recorda-se dessa rapariga na terceira pessoa, como se fosse outro alguém. E alguém muito diferente dela e da mulher em que se transformou. Se quisesse pensar nisso – e não queria, nunca queria, apesar de nem sempre conseguir evitá-lo – talvez fosse, porém, obrigada a admitir que ainda existia, na mulher, algum resquício da rapariga.

Uma das dificuldades que é preciso ultrapassar, quando se quer parecer aquilo que não se é, está na necessidade de se arranjarem os adereços certos. Nenhum ilusionista torce a realidade sem um fraque, uma varinha e um coelho. Beatriz tinha precisado de outras coisas para criar a sua própria ilusão, porque as meninas ricas, mesmo quando querem aparentar descontracção, compram jeans rasgados que custam quase tanto como o salário mínimo e partilham recordações de férias em Mykonos ou numa praia da Costa Rica que precisam de ser confirmadas através de pelo menos uma fotografia em alguma rede social. Não basta cortar umas calças baratas à tesourada em casa nem pesquisar sobre lugares glamorosos na internet e depois fazer de conta que se esteve lá. As pessoas estão cada vez mais desconfiadas. Exigem provas.

Por isso, Beatriz tinha de arranjar dinheiro para comprar as calças certas e fazer pelo menos uma ou outra das viagens obrigatórias. Nova Iorque. O litoral da Croácia. Algum país exótico da Ásia, de preferência o Butão. Não eram extravagâncias. Eram investimentos. Para tal, carecia de ter à sua disposição um certo capital inicial. Meditou no assunto, pesquisou e acabou por concluir que prestar alguns serviços como acompanhante – de preferência, de luxo – podia ser uma opção a não desconsiderar. Veio a revelar-se, na sua óptica, uma escolha acertada. Se havia noites em que a

companhia não lhe agradava – homens sem modos, mal-vestidos e mal-educados apesar de terem as carteiras recheadas, com unhas compridas e orelhas sujas –, havia muitas outras noites em que se divertia bastante. Era, as mais das vezes, um trabalho bem remunerado e que nem lhe parecia trabalho. Também recebia, com certa frequência, bónus dados pelos clientes, que não precisava de comunicar à agência. Eram-lhe oferecidos porque prestava alguns serviços extra, quando lhe apetecia a ela e ao cliente. O que ganhava sem essas prestações adicionais chegava-lhe bem, por isso não fazia fretes. Ou raramente os fazia. Mas descobriu que podia gostar mais do sexo com estes homens do que do amor improvisado que derramavam sobre ela os namoradinhos da escola. Apreciava o desapego, a violência e a submissão ainda mais do que a reverência com que os seus parceiros eram acolhidos em restaurantes onde sozinha nunca teria conseguido sequer marcar uma mesa. Não tinha remorsos, dores ou marcas que precisasse de atenuar com drogas ou operações plásticas, como via algumas das outras fazer. Divertia-se com a oportunidade de ter duas vidas, cada uma tão diferente da outra, sem que aqueles que se cruzavam com ela suspeitassem de que era muito mais do que só a universitária certinha ou a rapariga de programa desinibida e sempre sensual. O que mais apreciava talvez fosse precisamente isso: a sensação de que podia enganar toda a gente.

Tudo lhe corria, pois, mais ou menos de feição – se não tivermos em conta as visitas aos pais, cada vez mais esporádicas, mas sempre sofridas – até conhecer André. Tinham algumas aulas no mesmo edifício, apesar de não estarem no mesmo curso. A chegada dele ao bar era anunciada pelo levantar simultâneo das cabecinhas das outras, vinte campeãs olímpicas de natação sincronizada com toucas e sorrisos iguais, que o chamavam para um lugar que estava

vago em todas as mesas, como por magia, mesmo à espera dele. Ela ignorava-o, todavia, e nessa altura ainda nem sequer era uma estratégia deliberada para lhe chamar a atenção. Nada disso. A explicação era outra, não estava interessada em miúdos, todas as suas necessidades lhe pareciam exemplarmente satisfeitas pelos homens mais velhos com quem passava fins de semana entre lençóis de cetim, morangos com champanhe servido muito gelado na cama e peças do sushi mais delicioso, coisas tão bonitas que nem pareciam para comer, sempre by um nome qualquer conhecido no mundo da gastronomia de fusão. Eram homens poderosos, na exacta acepção que ela dava ao adjectivo. Sabiam mandar e esperavam ser obedecidos, tinham aprendido a dosear as palmadas que de vez em quando lhe davam de modo a causar-lhe mais prazer do que dor, eram generosos apesar de autoritários. E era disso que Beatriz gostava.

Mas o destino, que não existe, é brincalhão e gosta de pregar partidas, por isso fez com que Beatriz fosse encontrada por André num banco do jardim próximo da faculdade, numa manhã gelada de Janeiro, no preciso dia em que recomeçavam as aulas, depois das férias do Natal. Ela tinha regressado da quinta de família no Douro que afinal era uma casinha humilde perdida nas terras inóspitas de Trás-os-montes e ainda sentia preso ao cabelo o cheiro de couves cozidas e do bacalhau mais barato, encontrado em lascas ressequidas na arca de congelados de uma mercearia onde tudo devia estar fora do prazo de validade. Onde tudo estava fora do prazo de validade, de tal modo que algum tempo depois já nada existia, nem a mercearia, nem a dona, nem os filhos da dona que por essa altura já tentavam sobreviver na periferia caótica de uma cidade francesa, entre as obras e a fábrica, entre o pó do cimento e a fuligem das chaminés.

Para Beatriz, não havia humilhação no esperma que os homens lhe derramavam na boca ou no peito, nem nos maços de notas de cinquenta que lhe deixavam nas mesinhas de cabeceira de tantos quartos de hotel. Para Beatriz, a humilhação estava nas couves cozidas. E no desamor explícito daquela mãe sempre descontente, tão arrependida por ter casado mal, tão abaixo da sua classe social. Assunção, tão apegada a manuais de etiqueta e a revistas sociais, tão desinserida no sítio onde vivia que os poucos vizinhos fingiam não a ver nas raras ocasiões em que se cruzavam no adro da capela ou nos correios. "Aquela tem a mania que é mais que os outros", comentavam entredentes, "mas nem assim o marido deixa de lhe pôr os cornos". O marido tinha montado casa na vila a uma moça praticamente da idade da filha, a pouco mais de quilómetro e meio da moradia familiar. Contava com a compreensão de todos, que não entendiam como é que ele não endireitava a mulher, nem sequer à porrada. Nas férias do Natal, porém, quando Beatriz vinha de visita, faziam o simulacro anual da família feliz. O pobre simulacro que era o deles. O seu pequeno teatrinho doméstico. Com o bacalhau cozido para o jantar da véspera e a roupa velha no almoço de dia vinte e cinco, a árvore de plástico onde tremeluziam luzinhas de cores e as mantas de lã sintética com que cobriam as pernas para não gastarem dinheiro com o aquecimento.

Por isso, quando André se dirigiu a ela e lhe perguntou se lhe podia fazer um pouco de companhia, encontrou-a num estado de transição da humilhação para o empoderamento, ainda sem ter conseguido despir a pele insegura da rapariga e envergado as vestes sedutoras da mulher. Quase frágil, ela que sabia tão bem fingir a fragilidade quando lhe convinha, mas que raramente o era de verdade. Estava tanto frio que as nuvenzinhas que lhe saíam da boca, a ele, eram mais de gotículas de água do que de palavras, por

isso deixou de tentar falar e limitou-se a pegar-lhe nas mãos. Ela deixou e viu a suas mãos pálidas e pequenas subitamente escondidas entre as duas luvas dele, talvez as mesmas que levava para a neve em Chamonix ou em Andorra, ou pelo menos foi assim que Beatriz imaginou. André achou que ela tinha uns cristais suspensos entre os olhos e os lábios e resolveu retirá-los com beijos curtos, mas depois a boca dele desceu e encontrou a dela, surpreendentemente morna e sábia, e ele puxou-a toda, com firmeza, para a aquecer inteira entre os braços compridos e o peito largo.

Faltaram às aulas nessa manhã e foram a uma pastelaria próxima onde tomaram chocolate quente, mas depois começou a cair uma chuva insistente, o frio continuava cortante e ele convidou-a para almoçar em casa. André fazia parte do grupo dos privilegiados para quem a ida para a universidade não significava comer panados e batatas fritas gordurosas todos os dias depois de se sobreviver à fila da cantina. A família morava ali perto, numa ampla casa antiga que tinha sido restaurada e pintada num tom muito suave de menta, com muros baixos caiados de branco que deixavam antever as árvores cuidadas, os canteiros de roseiras e a grande mesa de madeira do jardim. A mulher quase idosa que lhes abriu a porta quando ouviu o barulho da chave na fechadura tratava-o por menino André e ele explicou a Beatriz que morava lá em casa desde que ele era muito pequeno, tinha ajudado a criá-lo, era família. Mas a rapariga sabia que a mulher não era família, que aquela era só uma mentira delicada, que na verdade era uma criada porventura melhor tratada do que outras, mas ainda assim uma criada, e talvez não tenha conseguido ocultar totalmente essa sua percepção porque o certo é que a outra nunca conseguiu gostar dela, nunca veio a achar que fosse “a esposa que o menino André merecia”.

A sala estava suavemente iluminada por velas porque a luz do

exterior não era suficiente naquele dia sombrio e a temperatura era cálida. Havia mantas fofas pousadas nos braços dos sofás, mas Beatriz imaginou que, ali, cumprissem uma função sobretudo decorativa. Cheirava bem e ouvia-se uma música suave, vinda de algum lugar que Beatriz ainda desconhecia. Os pais dele foram simpáticos e deixaram-na à vontade, sem lhe fazerem perguntas ou prestarem uma atenção excessiva. Estavam habituados a receber para o almoço convidados imprevistos e pôr mais um prato na mesa não significava deitar mais água na sopa – e não é que Beatriz tivesse a experiência de aguar a sopa, porque na casa dos pais dela nunca se punha mais um prato na mesa. O mais cativante, porém, era a estranha naturalidade com que as pessoas diziam tudo o que lhes passava pela cabeça, como se não houvesse ressentimentos, como se não houvesse segredos (havia-os, naturalmente, porque em todas as famílias há ressentimentos e segredos, como Beatriz foi sempre confirmando, também na família que mais tarde formou com André e com as gémeas). Mas, se existiam, não se notava e por isso deviam ser pequenos e leves, daqueles que se podiam atirar para trás das costas.

O dia-a-dia com André era tão fácil como tudo o resto na vida dele. Tudo parecia saudável, promissor e alegre. Os jogos ao fim de semana, com o rapaz sempre no cinco inicial, por vezes a levantar o público do pavilhão com mais um cesto de três pontos; as notas excelentes apesar do pouco estudo; as festas organizadas por amigos em casas parecidas com a dele; as carícias e tudo o mais no quarto, porque os pais dele não se opunham a que passassem lá tardes inteiras de porta fechada, deviam imaginar que o menino estava a ouvir música ou a jogar no computador e que ela lhe fazia companhia. A vida dele era um cruzeiro e ela limitou-se a subir para o convés da embarcação de luxo. Beatriz mantinha, apesar

disso, os seus hiatos, não só porque de vez em quando lhe apetecia, mas também porque continuava a precisar de dinheiro para fazer a magia com a qual persistia em iludir os outros.

Beatriz já namorava com André há muitos meses quando o acidente se deu. Ele tinha saído na sexta de manhã para um fim de semana prolongado com amigos do basquetebol, um dos treinadores casava-se na semana seguinte e havia uma pausa no campeonato, por isso tinham ido algures para norte para festejarem a despedida de solteiro. Ela tinha aproveitado para troçar dele, para lhe dizer que não entendia, que estava convencida de que a esquerda tinha abandonado a instituição matrimonial e as tradições que a rodeavam, mas ele limitara-se a responder-lhe que a esquerda em que ele acreditava era uma esquerda que defendia sobretudo a liberdade, e o Tózé queria casar-se e queria uma despedida de solteiro, por isso para ele estava tudo bem. Sempre de olhos brilhantes e com aquele sorriso televisivo de dentes muito brancos. O palerma, pensou Beatriz, à época ainda com uma pitadinha de ternura.

Recebeu uma mensagem da agência no final da tarde de sexta, mais ou menos cifrada como era hábito, um cliente marroquino estava a chegar ao Porto para tratar de uns assuntos de negócios e tinha interesse na companhia dela. Beatriz recordava-se dele. Devia ter mais de cinquenta anos, mas mantinha o cabelo muito escuro e a pele morena bem tratada; os olhos pequenos sobre o nariz adunco faziam-na lembrar-se de uma ave de rapina e era assim que ele também se portava na intimidade. Como uma ave de rapina que, no fim, não se importava de lhe deixar a ela o ovo fabergé se as coisas lhe tivessem corrido a contento. Era um cliente exigente. Ela gostava do homem e ainda apreciaria mais os presentes que ele viesse a oferecer-lhe e que não teria de partilhar com a agência, por isso disse que sim, que iria encontrá-lo no hotel de Amarante,

pousado sobre o rio, entre azuis e verdes cortados pela ponte de São Gonçalo. O jantar soube-lhe bem, mas depois da vitela barrosã, magnífica, o marroquino não quis subir logo para o quarto e chamou o motorista para os levar a algum lado, apetecia-lhe dar um passeio, beber um copo numa das casas das redondezas, talvez ver algumas mulheres a despirem-se antes dela, abrir o apetite para outras degustações. Não gostou do primeiro bar nem das mulheres que lá trabalhavam e talvez lhe tenha ocorrido voltar para o hotel, mas a digestão continuava por fazer, deu novas instruções ao motorista e voltaram à estrada, a mão dele já instalada entre as pernas dela, sempre sem lhe perguntar nada sobre aquilo que lhe apetecia a ela.

Podia ter sido pior. A mão do marroquino podia continuar pousada entre as coxas dela quando levantou a cabeça e enfrentou os olhos muito abertos do namorado. Felizmente, não foi assim que tudo se passou. Estava sozinha naquele instante porque o cliente tinha-se levantado para ir algures e, de súbito, era André que estava à frente dela, com as mãos enfiadas nos bolsos das calças e um ar de desnorte que nunca lhe tinha visto. Custava-lhe a acreditar. Ainda não tinha acreditado. Observava-a com a avidez de quem procura um sinal diferente no lado direito dos lábios, outra cor de olhos, umas orelhas sem lóbulo, uma mancha no pescoço. Mas nada. Aquilo que naquele momento a tornava diferente era mesmo só a maquilhagem e a roupa justa. Podia ter usado outro perfume, mas nem a esse trabalho se dera. Ocorreu-lhe fazer-se passar por uma irmã gémea, mas ele sabia que ela não tinha irmã nenhuma – ainda que não tivesse sido improvável, porque a sua avó materna tivera uma gémea e a mãe, quando engravidara, previdente e obcecada como era, quisera um enxoval a dobrar, o que tinha sido motivo de risos para o pai, nos tempos longínquos em que o pai ainda se ria com ela.

– Beatriz. – Foi a única coisa que ele disse, devagar. E com ponto final, pareceu-lhe a ela.

Percebeu que aquele era um instante em que tinha de tomar decisões. As certas. Precisava de ganhar tempo.

– Não é o que pensas. Mas esta não é a altura certa para conversarmos. Nem este é o sítio adequado. Falamos na segunda-feira de manhã. Até lá, podemos serenar.

Não lhe deu tempo para reagir, agarrar-lhe no braço, exigir-lhe explicações. Sabia que a sua única vantagem estava no desconcerto dele, mas nem esse duraria muito mais. Se corresse dali para fora, se não o deixasse vê-la ali assim durante muito mais tempo, seria quase só um segundo. É provável que seja mais fácil apagar um segundo do que muitos minutos.

Beatriz pegou na bolsa pequena de veludo preto e correu para a saída. Entrou apressada no carro de vidros fumados, trancou a porta e pediu ao motorista que ligasse ao cliente, que lhe dissesse que houvera um imprevisto, que ela esperava por ele no carro. Quando o homem chegou, tranquilo, ela limitou-se a dizer que não podia ficar ali. Ele não fez perguntas, porque conhecia a vida e porque a vida dela não lhe interessava demasiado. Voltaram para o hotel em Amarante e o resto da noite decorreu como estava previsto. Ela desligou o telemóvel e o ímpeto momentâneo de largar aquilo tudo e correr para os braços do namorado. Podiam ter-se fechado definitivamente para ela. E, se assim fosse, precisava de alternativas. Mais valia, por isso, que não fechasse as outras portas.

Na segunda-feira de manhã, Beatriz esperou por ele no mesmo banco perto da faculdade, aquele a que chamavam "o nosso banco". Com uma camisa branca e larga por cima de umas calças ajustadas que lhe deixavam à mostra os tornozelos delicados e os sapatos rasos de uma camurça suave num lindo tom de mostarda. Os cabelos lisos

e soltos suavemente perfumados, os olhos tristes e a cabeça baixa, a pele clara e fresca, os lábios rosados, as mãos entrelaçadas no colo. Não queria que André encontrasse nela nenhum vestígio da outra. Ele hesitou quando a viu e por momentos Beatriz pensou que estava tudo perdido, que ele iria continuar a caminhar como se ela nem sequer existisse. Mas era demasiado bem-educado para isso, como a rapariga também tinha previsto, quando escolhera aquele cenário para o encontro seguinte. André fez o que ela esperava, abeirou-se e disse bom dia, ainda que sem o sorriso costumeiro.

Foi nessa manhã que Beatriz descobriu algumas coisas que viriam a ser-lhe bastantes útei no futuro. Aquilo que parece uma tragédia pode revelar-se afinal uma oportunidade. Alguns privilegiados sentem-se tão culpados por o serem, por terem tudo, que precisam de aceitar os erros dos menos afortunados para atenuarem os seus próprios remorsos. E estão tão ansiosos pela oportunidade de ajudar que não perdem demasiado tempo na escolha dos destinatários. Por isso, ao contrário do que sempre pensara, ser vista como uma desvalida podia revelar-se, em circunstâncias especiais e com as pessoas certas, de enorme valia. Que ironia, depois de tanto trabalho de ilusionista para que todos a vissem como a herdeira de uma longa linhagem de terratenentes durienses, ter agora André a perguntar-lhe se ela queria viver com ele, ser feliz com ele, impulsionado pelo conhecimento das misérias da existência dela.

À medida que lhe contava a sua triste história via-o enternecer-se, condoer-se, arrepender-se. O frio insuportável durante mais de metade do ano, o prato quase sempre mais vazio do que cheio, a falta de lápis de cor para fazer os trabalhos da escola, os livros emprestados, as palmadas da mãe, as infidelidades do pai, o desprezo dos outros, a bolsa de estudo como salvo-conduto para a cidade, os vestidos herdados de outras meninas com mais sorte do que ela, os

restos requentados no dia seguinte, o tédio só interrompido pela flauta do afiador de facas e pela gravação que imitava o sino da igreja na vila, o sonho de ir ao dentista e as couves cozidas. Depois, a oportunidade de trabalhar como acompanhante. Acompanhante. Só isso e nada mais do que isso. Mas, ainda assim, o incómodo de ter de ser simpática – só isso e nada mais do que isso – com homens arrogantes que acreditavam que o dinheiro compra tudo.

André gostava dela, mas foi só nesse dia que começou a achar que a amava. Foi a verdade – ou uma versão dela – que afinal abriu a Beatriz a melhor porta que tinha à sua disposição. Mais tarde engravidou e o casamento surgiu como uma solução natural, mesmo para eles. E tantos anos depois, num dia já tépido de Abril do ano redondo de 2018, Beatriz, perfumada e arranjada, prepara-se para sair de casa. Vai ser interessante, conhecer a amante do marido. Ou a amante iminente dele. Ou a futura amante dela. É tão entusiasmante, a vida. Tão imprevisível.

XI
O Homem que não era capaz de amar
(13 de Abril de 2019)

Não era o verdadeiro nome dele, mas vamos supor que se chamava Romeu. Sei bem que se trata de denominação que dificilmente lhe assenta na perfeição, porque a última coisa que se lembraria de fazer era envenenar-se por não suportar a perda da mulher amada. Mas chamar-lhe don juan parece-me banal. E era um pinga-amor, ou queria desesperadamente sê-lo, por isso que permaneça Romeu, apesar da sua incapacidade de sacrifício. E de honestidade. E de sinceridade. E de decência. Hoje dei outra vez por mim a lembrar-me dele e a tentar compreendê-lo, o que sei que é uma estupidez tendo em conta a lista de defeitos de carácter que acabei de lhe enunciar. Era um rato. Ainda assim, continua a ocupar-me o espírito muito mais do que devia.

Acho que a dúvida que mais angústia lhe causava era não saber se alguma vez tinha mesmo amado alguém. Se sabia o que era o amor ou se isso nunca lhe tinha sequer acontecido. Se a vida o tinha amputado daquilo que todos diziam que dava sentido à vida. Se havia mais alguma coisa, para além daquilo que lhe acontecia a ele. Se outras pessoas sentiam mais do que ele ou se sentiam o que ele nunca tinha sentido. Era uma dúvida estranha, porque devia ter dito a dezenas de mulheres que as amava muito. E dizia-o sempre com tamanha sinceridade que não só elas acreditavam – o que as levava,

a elas, a amarem-no realmente a ele – como ele próprio acreditava. Ou quase. Pelo menos por momentos. Julgo que o peso da angústia, a que ele tinha fugido durante anos, já tinha começado a avolumar-se de dia para dia quando o conheci. E que crescia a pedra que lhe esmagava o peito e o fazia respirar cada vez com mais dificuldade. Ofegava quando subia escadas. Aquilo ainda o ia matar, suponho eu que fosse aquilo que ele pensava cada vez com mais frequência.

Romeu, vamos chamar-lhe assim, precisava tanto de saber que amava alguém e que sentia tudo o que devia sentir, tudo o que merecia sentir, que tentava cada vez mais. Com cada vez mais mulheres. Sempre com mais intensidade. Eu fui apenas mais uma das muitas com quem tentou. Mas no princípio eu não podia sabê-lo – este é o momento em que me apercebo de que é a mim própria que estou a mentir e esforço-me por refazer, com mais verdade, o percurso das minhas ideias. Havia sinais, claro. Demasiados sinais, até. Bastar-me-ia ter ficado atenta a eles e não me teria deixado enredar. As inúmeras vezes em que ele tinha de sair à pressa porque recebia uma mensagem, a mãe estava a sentir-se mal, alguém tinha de a levar ao hospital. Apesar de a família morar noutra cidade, a mais de duas horas de viagem, era ele que tinha de correr para socorrer os pais idosos. A vagueza com que dava informações sobre eles, sobre o lugar onde moravam e onde ele vivia antes de ser colocado na nossa escola. A necessidade de os visitar todos os fins de semana, sem nunca me convidar para que o acompanhasse. O telefone que nunca tocava, compreendi depois que apenas porque lhe tirava o som quando não estava sozinho. A ausência de contexto. De amigos, de lugares e de livros. A solidão, tão surpreendente em alguém tão sociável como ele era. A ausência de um passado num homem com um presente tão vivaz. Tantas evidências a que fechei os olhos.

A verdade é que não quis saber. Estava demasiado encandeada pelo brilho dos olhos dele quando me despia. Adulada pela admiração com que me afagava os ombros e as pernas – enquanto me dizia com voz rouca que eram as pernas mais longas e lindas que alguma vez tinha visto e que os meus ombros angulosos o deixavam sem fôlego, pensava neles sem cessar quando não estávamos juntos, os meus ombros, dignos de inspirar sonetos e de desencadear duelos em amanheceres de bosques puros cobertos de nevoeiro e gelo. Trazia-me flores, acendia velas, abria garrafas de vinho tinto, lia-me poesia, acariciava-me até eu adormecer, dizia-me que nunca se tinha sentido assim. Errado. O que me dizia era que achava que nunca se tinha sentido assim.

Quando a mulher dele bateu na nossa porta, com o filho mais novo pela mão – o filho deles –, eu não estava em casa. Foi Alda, a minha mãe, que os convidou a entrar, abriu uma excepção e acomodou-os no sofá da sala, enquanto trazia leite e bolachas para o menino e um chá para a mulher murcha que o acompanhava. Depois, foi misericordiosa. Levou-me até eles quando cheguei e deixou-nos a sós, poupando-me, naquele momento, ao seu olhar de pena. Muito tempo depois, disse-me que talvez fosse ele o mais merecedor de pena. Por não ser capaz de sentir nada. Era tão mau como não ouvir, não ver ou não ser capaz de cheirar. Ou pior. Ele estava amputado e eu não. Dizia-me Alda, invulgarmente piedosa. Mas não sei. Sentir pode ser uma grande desgraça. E também me sinto amputada. Aquilo de que ele me amputou tem vários nomes. Um deles é alegria. Mas, lamentavelmente, nenhum deles é dor.

XII
A liberdade suposta
(25 de Abril de 2019)

Na casa da minha mãe, onde não se festeja quase nada, comemora-se o dia da liberdade e por isso esta não é uma quinta-feira como as outras. Mas é outra vez quinta-feira, como a 25 de Abril de 1974, e Alda dá conta disso a Sara, de como compara esta quinta-feira com a outra quinta-feira e se pergunta sobre até que ponto se enganou quando pensou que nunca mais nada seria como antes. Quarenta e cinco anos depois, Alda olha para o presente como se ele fosse um futuro desleal. O nosso presente não é para ela mais do que um futuro decepcionante. Eu gostaria de ter a minha própria perspectiva, uma que não fosse influenciada pela dela, mas não posso recordar-me de nada, porque só existi pouco depois. Nem sequer posso lembrar-me do muro branco de uma casa rica onde apareceram da noite para o dia grandes letras pintadas a vermelho, a casa grande dos donos da fábrica a quem passaram a chamar "fascistas", "pides" e coisas do género.

O único irmão de Alda morreu na Guiné. Teria sido também o meu único tio, mas nunca o conheci. Para a família da minhã mãe, o 25 de Abril chegou atrasado. Para a família do meu pai, veio adiantado ou, para ser mais rigorosa, veio quando nunca devia ter vindo, porque lhes interrompeu a vida confortável e tão prazeirosa em Angola, com o mar tépido de Benguela a embalar-

lhes os dias, os caranguejos e as lagostas verdes trazidos à porta pelo mariscador, a terra que era deles e que a vista não alcançava, a sesta sob o mosquiteiro na sombra do quarto de paredes alvas, as frutas laminadas ao pequeno-almoço servido por duas empregadas internas vestidas de branco, discretas e silenciosas. Os filhos do meu pai, que eram mais velhos do que a minha mãe e que nunca foram meus irmãos, chegaram contrariados à metrópole, que a eles lhes parecia cinzenta e desinteressante como um dia de outono. Um outono que nunca mais acabaria. Um cinzento perene. O meu pai retornado e velho e a minha mãe comunista e jovem tinham tão pouco em comum que o facto de se terem encontrado e decidido partilhar a vida foi sempre um mistério insondável para todos, suponho que até para eles. Era uma coisa que simplesmente não fazia sentido. Admitindo eu, ainda que a título de mera hipótese, que a dada altura se tivessem apaixonado, suponho que acabaram por concluir que aquilo que cada um tinha perdido por causa do outro era muito mais do que aquilo que tinham obtido juntos – o que me incluía, naturalmente, a mim. A minha mãe deve ter dado conta da juventude e dos sonhos, quase sinónimos, de que desistiu – apesar de não ter desistido do nome que escolheu para mim, Catarina Efigénia, como a ceifeira que se tornou um símbolo e que é mais recordada apenas pelo primeiro e pelo último dos seus nomes, Catarina Eufémia. O meu pai prescindiu de muitas coisas, é certo. Ao contrário de tantos outros, não tinha voltado de África com uma mão à frente e outra atrás. Muito longe disso. Mas saiu-lhe caro comprar a liberdade de ficar com a minha mãe, porque a mulher e os filhos não deixaram por menos. São coisas que acontecem. A liberdade tem sempre um preço. E por vezes é muito alto. Tão alto que a maioria das pessoas não está disposta a pagá-lo. Confirmo-o com frequência quando me dou conta das minhas colegas que continuam infelizmente casadas,

sempre por causa dos filhos, sempre no interesse dos miúdos. Mas se calhar também é porque pediram com os maridos um empréstimo para comprarem para a família a casa dos sonhos que depois não se concretizaram exactamente como esperavam (mas continuam a não querer mudar para uma casa mais pequena). Ou então porque acham que a separação significa que não haverá ninguém para as proteger e tomar conta delas. Em certos dias, pensarão que já não há ninguém para as proteger e tomar conta delas, ainda assim. Mas depois recordam-se de que ficarão mais vulneráveis se os outros todos as virem como mulheres sozinhas, que já não têm ninguém para tomar conta delas. E talvez deixem de ser convidadas para festas onde forçariam o número ímpar. Ou, pior, onde poderiam, mesmo inconscientemente, desafiar as relações abençoadas dos pares. Para os homens, há outras razões. O vinco bem feito na camisa branca ou azul clara. Mas talvez as razões sejam, no fundo, as mesmas.

Admito, porém, que não tenham sido as coisas aquilo que mais custou ao meu pai perder. Suponho que lhe tenha sido muito mais difícil ficar sem os filhos e sem os netos. E sem o conforto de adormecer todas as noites com uma mulher que já era incapaz de o surpreender.

As pessoas prescindem de coisas e de hábitos, fazem concessões, sem se lembrarem de que depois têm uma vida inteira para se arrependerem delas. Algumas pessoas. Porque também existem os outros, os que não perdem nada nem ninguém, só acumulam, enganando quem tiverem de enganar, destruindo quem tiverem de destruir. Prefiro os primeiros. Mas é provável que preferisse ser como os segundos.

Só temos uma fotografia deles cá em casa, na cómoda do quarto de Alda. Ela magra e melancólica, mas porventura ainda não mal-

disposta, com umas calças castanhas de bombazine e uma blusa de malha justa num lindo tom de violeta, uma franja que não lhe tapa os olhos e uma mala coçada a tiracolo. Tão jovem e com um ar tão indefeso, apesar da proximidade dele, de ombros ainda largos e cabeça bem levantada, com bastantes cabelos já embranquecidos, camisa impoluta de colarinhos bicudos e calças cinzentas quase informais. Suponho que naquele instante em que o fotógrafo os capturou eu ainda não existisse. Não estou com eles, pelo menos. Apareço sozinha em outro retrato, também já amarelecido, com um vestido de peitilho, rodado e curto, pernas gorduchas e pés que não tocam no chão, um de cada lado do cavalinho de madeira que agora está imóvel, mas que na altura devia balançar para trás e para a frente.

Sara parece-me preocupada desde que chegou, desatenta às explicações de Alda sobre os antes e os depois, desinteressada, alheada, por isso não fico surpreendida quando interrompe a minha mãe para falar num assunto completamente diferente.

– Acham que as pessoas já nascem más ou que se tornam más por causa da maneira como são educadas?

Pressinto que dificilmente alguma das hipóteses de resposta a deixará confortada e pergunto-me sobre qual das duas lhe parecerá pior. Mas não sei exactamente onde quer chegar, por isso hesito.

Alda prefere ganhar tempo, retorquindo com outra pergunta:

– Tu achas que há pessoas más, Sara? Mesmo más? Irremediavelmente más?

– Claro. Não sei se há pessoas totalmente boas. Mas sei que há pessoas más. Piores do que as outras. E gostava de saber porque é que são assim. Ou porque é que ficam assim, que é outra coisa.

Resolvo responder-lhe com o que sempre pensei, apesar de não ter a certeza de ser o que ainda penso:

– Não creio que haja pessoas definitivamente boas e pessoas definitivamente más, Sara. As pessoas são complexas, podem ter comportamentos generosos de vez em quando e com certos destinatários e podem portar-se com crueldade noutras alturas. Actuamos num contexto, somos condicionados pelas circunstâncias. Já viste como tudo seria tão previsível se pudesses catalogar algumas pessoas como boas e outras como más, esperando que cada uma se portasse sempre de acordo com esse rótulo?

– Está bem. Isso é o que eu acho que acontece com a maioria, com quase toda a gente. Mas depois há pessoas especiais. Pessoas mesmo más. Que fazem coisas horríveis desde pequeninas. Partem de propósito os brinquedos das outras crianças porque gostam de as ver chorar. Mordem e beliscam quando ninguém está a ver. Crescem mais um bocado e começam a maltratar animais. Primeiro dão uns pontapés no cão ou no gato, mas depois querem mais. Torturam, queimam-nos ou enfiam-lhes agulhas nas patas e nas orelhas. Sei lá. Coisas do género. Entretanto também se distraem com outras brincadeiras. Dizem à avó paterna que a avó materna anda a contar a toda a gente que ela é uma desleixada e que nunca tomou conta do filho. Dizem à avó materna que a avó paterna conta que ela foi infiel ao marido. Vasculham os armários dos outros quando pedem para ir à casa de banho, à procura de segredos comprometedores. Aprendem a fazer chantagem. Escapam-se para os quartos e enfiam a mão nas gavetas das mesinhas de cabeceira. Fazem desaparecer um colar de ouro da mãe e deixam toda a gente concluir que foi a empregada. Põem cábulas por baixo da mesa de uma colega de turma de maneira a que seja apanhada a copiar. Filmam outra no banho depois da aula de educação física, sem ela saber, e partilham a gravação numa rede social qualquer. E se alguém começar a perceber aquilo que andam a fazer e quiser que parem, vingam-se

dessas pessoas. Põem-lhes pó na comida ou na bebida para ficarem doentes. Inventam calúnias.Acusam-nas de crimes. Ou matam.

Eu tinha baixado a cabeça, não gosto que os outros me vejam os olhos quando se fala sobre assuntos mais íntimos ou profundos ou seja lá o que for. Mas as palavras de Sara são como tiros e obrigam-me a fitá-la. Não quero pestanejar. Pergunto-me outra vez o que irá naquela cabecinha. "Inventam calúnias. Acusam-nas de crimes. Ou matam". Foi o que disse, acho eu. A quem se referirá exactamente? Será que ela sabe? Quem é que descobriu o quê? Quem é que inventou calúnias? E quem é que matou?

Alda, abençoada, compreende que deve entrar em cena, diminuir-lhe a intensidade, baixar as rotações, introduzir alguma racionalidade. É tão dela, aquele incómodo com o excesso de emoções.

– Vamos lá ver, Sara. O que queres compreender é o que torna as pessoas aquilo que são, não é? Melhores ou piores, segundo um certo padrão de análise que é sempre discutível. Qual é a tua opinião sobre Hitler, por exemplo? Se calhar, achas que foi um monstro. Mas também sabes que ainda hoje tem legiões de admiradores, não sabes?

Se houvesse um prémio Nobel na categoria de melhor mudança de assunto, a minha mãe perfilar-se-ia como candidata com grandes possibilidades de trazer a estatueta para casa. Quase consigo imaginá-la pousada no aparador da sala. Mas Sara não morde o isco.

– Não estou a pensar em estadistas e assim. Estou a pensar em pessoas que andam por aí, pessoas comuns que afinal não são comuns. Pessoas que fazem coisas más só para causar sofrimento aos outros. Muitas vezes sem nenhuma utilidade para elas, a não ser o gostinho de magoar os outros. Ninguém as maltratou na infância,

não passaram fome, não foram perseguidas na escola, mas são más. Muito, muito más.

Alda não esmorece, porém. Continua apostada em recolocar o problema num plano geral e impedir que a conversa resvale para a discussão de assuntos particulares.

– Acho que toda a gente faz coisas certas e coisas erradas, ainda que o peso relativo possa variar. E julgo que esse peso pode ir mudando, consoante o momento da vida. A adolescência, por exemplo, é um tempo em que talvez não devamos dramatizar alguns erros, porque a formação da personalidade pressupõe que se descubra o que está certo e o que está errado através da experimentação. Fazer alguma coisa errada quando se tem catorze anos pode não significar muito – ou pode não significar mesmo nada – sobre o adulto que se virá a ser.

– Vá lá, Alda. Não estou a pensar em roubar chocolates da prateleira do supermercado. Nem em beber até à inconsciência. Por falar nisso, num dos últimos fins de semana em que saí à noite, uma miúda do oitavo ano bebeu até desmaiar. Encontrei-a na rua, deitada no passeio, alguém lhe tinha posto o casaco de ganga dobrado por baixo da cabeça, a servir de almofada. E também lhe tinham coberto as pernas. Alguém devia ter telefonado aos pais, porque chegaram logo a seguir, quando já havia um grupo enorme à volta, a dar opiniões e a querer ajudar. A mãe vinha com a parte de cima do pijama, mal deve ter tido tempo para mudar de calças e trocar as pantufas, e só falava em hospital, hospital, hospital. Mas o pai levantou a miúda em peso e deu-lhe uma bofetada, disse-lhe para se deixar de cenas à frente de toda a gente. Deu-lhe uma bofetada com ela inconsciente. Acho que lhe chamou barraqueira. Uns dias depois, vi-a no liceu. Pareceu-me normal. Estranhamente normal.

Há uma pausa, faz-se um silêncio, talvez Alda espere que a mudança de assunto nos permita navegarmos para águas mais calmas, porventura de regresso ao tema dos quarenta e cinco anos volvidos sobre aquele outro 25 de Abril. Ledo engano, porém. Sara não quer ir por aí.

– A minha irmã foi à polícia dizer que sabe quem matou a minha mãe. Diz que tem provas.

O que vejo são os olhos de Alda, uma espécie de faróis. Pressinto que fará agora o que sempre faz – pegar o touro pelos cornos, mas só depois de ser obrigada a desistir de lhe fugir:

– E quem é que a tua irmã acha que matou a vossa mãe?

Sara encolhe os ombros:

– Ainda não me disse. Gosta de criar suspense. Mas eu tenho as minhas suspeitas. Acho que sei quem é que ela foi acusar.

Não sei se está a dizer a verdade. Nunca sei se alguma delas está a dizer a verdade. Mas Sara não nos dá tempo para processarmos a informação.

– Era nela que estava a pensar há bocado, quando tentava que me ajudassem a descobrir porque é que se é assim. Má. Nasce-se assim ou é-se educado para se ficar assim? Somos gémeas idênticas. Monozigótimas. Somos fruto da fecundação do mesmo óvulo. O nosso DNA é o mesmo. Temos o mesmo património genético. Somos uma espécie de clones. Só não temos as mesmas impressões digitais, mas somos iguais em tudo o resto. Se ela nasceu assim, eu também nasci assim.

Nem eu nem Alda sabemos o que lhe responder. Quase me apetecia ser católica e poder invocar a alma, o espírito, seja lá o que for, para lhe dizer que não tem de se preocupar com isso, que é única e irrepetível, apesar daquela gémea. Mas não pode ser esse o caminho, por isso acabei por lhe falar na diversidade das

experiências, na influência dos contactos que cada pessoa tem com o mundo, na forma como esses estímulos nos levam a aprender umas coisas e não outras, a sentir de uma maneira que é só nossa. Mas Sara estava irredutível na sua descrença quanto àquilo que mais queria. Ser diferente de Maria.

– Já pensei nisso tudo. Mas no nosso caso vale pouquíssimo. Fomos educadas pelos mesmos pais, que nos vestiram roupinhas iguais enquanto puderam. Andámos no mesmo infantário, tivemos as mesmas amigas, fomos convidadas em pacote para todas as festas, ficámos sempre na mesma turma, até as nossas notas foram sempre parecidas. As professoras de português achavam que copiávamos aquela composição que em todos os inícios do ano nos pedem para fazermos sobre as férias. Os rapazes apaixonam-se pelas duas e nós só não queremos os mesmos porque a Maria sempre preferiu os meninos e eu agora acho que gosto mais das meninas. Queria tanto que fôssemos diferentes em alguma coisa que fiquei feliz quando me dei conta de que pelo menos aí não queríamos o mesmo. Mas há dias em que me sinto baralhada. Será que ando a fingir que sou quem não sou só porque não quero ser igual a ela? Ou será que é assim que eu sou, que ambas somos, e ela é que anda a fingir para não ser igual a mim? Às vezes passo o dia a pensar que queria que ela morresse. Noutros momentos penso que não conseguia viver sem ela. Mas na maior parte do tempo só desejo que ela desapareça. Que me deixe em paz. Que nos deixe em paz.

Agora parece-me que todas precisamos de uns momentos de silêncio, por isso limitamo-nos a deixar que chegue devagarinho e se instale. O silêncio é tão fácil, tão confortável, que quase nunca nos apercebemos de que por vezes fala sozinho. Pode ser perigoso, insinuante, convincente. Pode servir para celebrar acordos tácitos, anuir, aceitar, concordar. Pode incitar o outro a fabricar a nossa

opinião silente, construí-la à sua maneira, como mais lhe convém. Ou então pode não significar nada disto, mas nunca se sabe, por isso, apesar de cada vez apreciar mais o silêncio, procuro-o agora quase sempre na solidão. Evito ficar calada perto dos outros. O meu silêncio é o meu tesouro e escondo-o. Não há ninguém com quem o queira partilhar. E, se quisesse, não seria certamente com Sara. Nem com Alda, a minha mãe. Por isso, volto a falar.

– Há umas semanas, poucas, ouvi na televisão uma notícia sobre aquelas gémeas acusadas de matarem um bebé recém-nascido. Foram as duas condenadas por homicídio qualificado. O tribunal achou que eram as duas responsáveis e mandaram-nas para a cadeia mais de quinze anos, se é que me recordo bem. Às duas. Sim, acho que foi isso. Muito tempo. Uma delas estava em trabalho de parto, na casa onde viviam as duas, depois de ter ocultado sempre a gravidez. A irmã gémea ajudou-a a dar à luz, pelo menos no final do processo. Se a notícia estava certa, foi só a mãe que matou o seu próprio bebé. Com uma faca. A sua gémea não a denunciou, acho que foi isso. Na notícia, diziam que presenciou tudo e que ajudou a irmã. Depois telefonou ao companheiro da irmã e pediu-lhe que viesse depressa. Fez vários telefonemas para chamar uma ambulância, porque a irmã estava a desmaiar e tinha medo que lhe acontecesse alguma coisa, precisava de socorro. Pouco tempo depois já tinham também a polícia em casa e o corpo do recém-nascido foi descoberto num saco plástico. Havia sangue. Também havia sangue nos pés da outra gémea, disse o pai do bebé na televisão. Um polícia ficou tão horrorizado com o que viu que deu um murro numa porta. O sangue nos pés da tia. E a mãe confessou logo na ambulância, a caminho do hospital. Contou tudo.

Alda interrompe-me. Não compreende porque é que me fui lembrar daquela história terrível logo agora. Está zangada. Devia

preferir que eu tivesse começado a falar sobre algodão doce ou sobre os encantos das feiras medievais que enxameiam o verão que já se anuncia. Mas eu sei. Eu compreendo a associação de ideias e também eu estou zangada, acho que desde essa altura, quando ouvi a notícia, apesar de só ter compreendido agora, mais profundamente, as razões da minha zanga. Seja como for, sei que ganhei a atenção de Sara.

– Se não fossem gémeas, teriam sido condenadas assim? Aquela que não matou o bebé teria sido considerada autora de um crime de homicídio ou seria só uma cúmplice? O que ela fez foi apenas ajudar, não foi? Não sou uma especialista, mas sempre achei que o homicida é aquele que mata, quem ajuda é cúmplice. A outra irmã, a gémea, não planeou aquilo nem usou a faca contra o recém-nascido. Ajudou a irmã, pode até ter tentado ocultar o que ela fez. Mas como é que isso a torna autora de um crime de homicídio? Ainda por cima, queria tanto salvar a irmã que foi ela que chamou a ambulância. Entre correr o risco de que tudo fosse descoberto ou salvar a irmã, preferiu salvar a irmã. Estará assim tão errado, isso? Uma rapariga deve passar muitos anos na prisão por causa disto? É culpada porque é um clone da outra? O tribunal não conseguiu distingui-las na sua individualidade, avaliar separadamente as responsabilidades de cada uma, também por serem gémeas? Ou será tudo assim tão grave sobretudo porque são mulheres e porque não corresponde ao nosso papel matar bebés? Porque é tudo aquilo que contraria o que devemos fazer, não é? Nascemos para a maternidade, para termos filhos, cuidarmos deles e os protegermos. E não correspondermos a esse papel transforma-nos em quê? Em aberrações?

Sim, ganhei a atenção dela. Sara olha agora para mim de uma maneira nova, as comissuras dos lábios ligeiramente franzidas e

reviradas para cima, um princípio de sorriso e um desafio a emergir.

– A professora está a dizer que essas duas são aberrações porque são gémeas, como eu e a minha irmã?

Não quero vê-la naquela altura, nem sequer pelo canto do olho, mas imagino o ricto de desaprovação que sulca a testa de Alda. A minha mãe resolve, porém, surpreender-me. De vez em quando ainda acontece.

– Não, Sara. Não é isso que a Catarina quer dizer. Acho que aquilo que ela está a dizer é que essas duas mulheres foram castigadas assim tão severamente porque são mulheres que contrariam um arquétipo. O que fizeram é a antítese daquilo que se espera de nós. A circunstância de serem gémeas pode ser apenas um dos factores que influenciou o tribunal e o levou a condenar as duas como se ambas tivessem matado um bebé, quando o que parece é que uma o matou e a outra a ajudou de algum modo. Não era disso que te queixavas no outro dia? De ninguém conseguir ver-vos na vossa singularidade? De pensarem em ti e na tua irmã sempre como um conjunto?

– Mas tu achas que foi isso que aconteceu, Alda? Foram condenadas assim porque são mulheres e gémeas?

– Não sei, Sara. Isso pode ter tido algum peso. Ou pode ter sido outra coisa. Hoje parece muito mais fácil condenar severamente do que não condenar ou condenar pouco. Também tenho dificuldade em entender outros aspectos de que a Catarina não falou. Por exemplo, que a mãe que matou o recém-nascido durante o parto ou logo após o parto seja condenada por um homicídio qualificado, que é o homicídio mais grave de todos. Ninguém se terá lembrado de que essa mulher poderia estar alterada a ponto de perder o discernimento? Ou de o ter muito diminuído? No meu tempo de militância, bati-me pelas mulheres desesperadas que escondiam a

gravidez e matavam, sozinhas em casa ou deitadas no campo, no chão que lhes furava as costas, os seus bebés acabados de nascer. Não é que achasse que o que tinham feito estava certo. Só achava que não eram elas que mereciam ser tão culpadas por isso. Eram já vítimas de tantas coisas. Também me recordo de ter estudado uma coisa chamada síndrome pós-puerperal, acho que era isso. A ciência provava que algumas mulheres sofriam alterações radicais relacionadas com o parto que as privavam da possibilidade de decidirem de modo racional. Terá sido isso que aconteceu com a gémea que matou o seu bebé recém-nascido? Não sei. O que sei é que as pessoas voltaram a exigir o pelourinho e o cadafalso. Também voltaram a fazer-se bailes de finalistas no liceu com as meninas de vestido comprido e os rapazes de fato e gravata. E há quem tenha voltado a dizer que as mulheres são do lar. Não suporto a palavra "lar". Quarenta e cinco anos depois, ainda não suporto a palavra "lar".

XIII
Descoroçoado
(3 de Maio de 2019)

Os primeiros dias do mês costumam trazer-me algum alívio. São dias de que costumo gostar. Preferia que a explicação estivesse no meu entusiasmo por um novo começo, mas receio que não seja bem isso, acho que o que sinto é mais o alívio por ter chegado ao final do mês anterior. Mais um mês que acabou e eu sobrevivi a ele. Isto não é, porém, suficientemente lógico. Para o ser, os meus dias preferidos teriam de ser os últimos de cada mês. E não são. São os primeiros do seguinte. Significará isto que está a germinar em mim uma nova semente de esperança? E será que os colegas com quem me cruzo nos corredores do liceu também se debatem com interrogações destas, ou estarão demasiado preocupados com a lista de compras do supermercado, a touca que falta para a natação da filha, o horário da consulta com o pediatra do filho, a revisão do carro e a inspecção de que já passou o prazo? Pode ser uma estratégia de sobrevivência interessante, atafulhar a vida com pequenas preocupações e com múltiplas tarefas de maneira a não deixar espaço para as grandes interrogações. Já não devo ir a tempo de arranjar um filho, mas talvez ainda possa adoptar um cão. Isso obrigar-me-ia a ter horários para o levar à rua, vacinas no veterinário, idas ao supermercado para comprar ração. Talvez não fosse uma ideia totalmente disparatada. Mas Alda não quer animais

em casa, não gosta de pêlos no sofá nem do cheiro a cão molhado. E, agora que penso nisso, acho que eu também não.

Ainda falta mais de meia hora para o meu atendimento a encarregados de educação, que este ano achei avisado marcar para o final de tarde de sexta-feira, por isso tenho tempo para passar na biblioteca e trocar duas ou três palavras com Elisa, que não vejo há demasiado tempo. Se ela ainda não tiver saído – pergunto-me, entretanto, se terei escolhido este horário tardio, mesmo em cima do princípio do fim de semana, para aumentar as probabilidades de não a encontrar. Terei medo de a enfrentar? Começa a estender-se sobre a escola uma espécie de cobertura transparente, uma cúpula de invisibilidade e silêncio que só voltará a desaparecer no início da manhã de segunda-feira. Alguns corredores já estão vazios e a intensidade dos ruídos atenua-se enquanto a vida se desloca dali para outros lugares, casas que me pergunto como serão, preparativos de jantares com familiares e amigos, combinações de idas ao cinema, projectos para visitar um bar novo na praia apesar de não estar ainda calor que permita vestir o biquini. Vidas em planetas distantes, sobre as quais nada sei, porque é ali, na escola, que agora a minha existência sobretudo se desenrola, como se não houvesse nada lá fora. Os fins de semana são muito penosos. E cada sexta-feira é a antecipação de coisa nenhuma, por isso esta sexta-feira, apesar de ser a primeira de Maio, que ainda por cima inaugura aquela fase do ano em que é obrigatório sermos felizes, não é um dia bom. Na realidade, a tarde de sexta-feira é ainda pior do que a tarde de domingo, porque é mais difícil antecipar o sofrimento inevitável do que propriamente atravessá-lo. Se calhar também foi por isso que escolhi este horário para atender os encarregados de educação – atraso a saída do liceu, retardo o salto encarpado no vazio. Talvez não tenha sido só em função da maior disponibilidade dos pais dos meus alunos, apesar de ter sido essa a

justificação que lhes dei. E quem sabe se não decidi fazer agora uma visita breve a Elisa com a esperança escondida de que possamos retomar a nossa quase amizade e os nossos quase compromissos de fim de semana, quando nos encontrávamos para tomar um café, ver as novidades na livraria ou simplesmente caminhar pelo centro da cidade.

Elisa ainda não fechou a porta da biblioteca, mas não a descubro imediatamente porque permanece sentada na sua mesinha e está rodeada por quatro adolescentes, três rapazes e uma rapariga, que me impedem de a ver. Primeiro, não compreendo. Só entendo o que se está a passar quando confirmo que têm nas mãos cadernos de folhas quadriculadas onde se perfilam, perfeitamente alinhados, números e símbolos que os alunos encadearam em sequências cuja correcção ou desacerto ainda desconhecem. Estão, portanto, à espera das respostas da pitonisa. Terá Elisa voltado a ser quem era? – pergunto-me, não sem alguma surpresa. Cumprimento e digo que não tenho pressa, eles que fiquem à vontade, enquanto pego num livro qualquer, folheio-o, finjo que me interessa. Há, todavia, uma novidade incontornável: a minha colega parece ter retomado a sua afeição pelos números e por transmitir os segredos da sua harmonia, o que me faz supor que talvez tenha voltado a acreditar que pode haver alguma ordem no universo. Um certo retorno da confiança na adequação dos resultados. A crença em alguma previsibilidade no devir dos acontecimentos. Alegro-me com isso, mais do que teria imaginado.

Os alunos lá acabam por esvoaçar rumo ao fim de semana com os manuais bem arrumados nas mochilas, depois de ela lhes ter explicado o que tinham feito bem ou mal, naquele seu modo único de atenuar o errado através de uma enfática acentuação do certo. Elisa começava sempre por elogiar o que tinham acertado e o importante que era terem feito aquilo bem. Só depois, se fosse caso

disso, chamava a atenção para o que estava mal. Tinha um talento raro para ensinar levando aqueles que ensinava a suporem que no fundo já sabiam, porque eram capazes de saber. Como se tivessem sido eles próprios a descobri-lo.

Quando Elisa se levanta, para se aproximar de mim, volta a haver nela algo que me desconcerta. Não me apercebo imediatamente, porém, do que possa ser. A saia e a blusa não são novas, os sapatos rasos parecem-me iguais aos que sempre usou, o cabelo talvez esteja um pouco mais comprido mas continua polvilhado por fios cinzentos e preso por um travessão, não há vestígios de maquiagem no rosto discreto. E, não obstante, tenho a certeza de que há alguma novidade, porque Elisa já não baixa os olhos nem curva os ombros, como se quisesse enrolar-se sobre si mesma, um ouriço pequeno a proteger-se do bico de uma águia voraz. Tem o queixo erguido e fita-me sem pestanejar, com uma pele surpreendentemente lisa e rosada, lábios mais cheios, quase sensuais, a expressão tranquila, uma respiração pausada, controlada. Perdeu o olhar de corça. De repente, parece-me quase bonita, com o pescoço estreito e alto, os ossos finos, as maçãs do rosto suaves, os olhos inteligentes, as mãos elegantes. Parece-me mais jovem, mas menos inocente. Menos desguarnecida. Mais forte, muito mais forte. O que lhe terá acontecido, sem que eu me tivesse apercebido disso?

Diz-me que gosta de me ver. E responde-me que está bem, quando lhe pergunto. Faz-me sentir, sem que compreenda exactamente como, que sou eu que estou de visita naquele que é o território dela. Já não está ali por se sentir acossada, parece-me. Está ali porque quer. Não lhe dá jeito combinar alguma coisa para o fim de semana. Mas agradece o convite. Tem trabalho acumulado e umas coisitas marcadas. E nem sequer precisa de acrescentar a mentira com que acabam todas as conversas deste género – "eu ligo-te para

combinarmos qualquer coisa um dia destes". No instante em que me preparo para sair, é ela que me dá a estocada final. Sem querer ferir-me, o que só torna tudo incomparavelmente pior. É a vez dela de me perguntar, a mim, se estou bem. Faço um aceno ligeiro com a cabeça, acompanhado por um meio-sorriso falso. E depois vejo uma nuvem cobrir-lhe a parte de cima do rosto quando, em voz mais baixa, me questiona com uma preocupação que me parece genuína: "Voltaste a ter notícias dele?". Ela não deve saber, claro. Não teria como saber.

Saio o mais depressa que posso, tenho a boca seca e o coração acelerado, envergonho-me do desaparecimento da sensação de alegria por ter achado Elisa melhor. Não devia ter ido ali, não num fim de tarde de sexta-feira, não num início de Maio, com tudo a renascer à minha volta como dedos apontados ao meu fracasso, só tu é que não consegues, só tu é que não tens sonhos, só tu é que estás enterrada e morta, morta-viva, viva-morta, morta-morta. Preciso de beber alguma coisa e cruzo os dedos para que já não esteja ninguém no bar, só necessito daquela máquina onde se enfia uma moeda para fazer a garrafa de água rolar, vir ter comigo, que alguma coisa venha ter comigo, por favor. Mas a Rosa Maria ainda não saiu, retira copos e talheres da máquina de lavar e passa-lhes um pano rápido antes de os arrumar no armário. Retrocedo, talvez ainda tenha tempo de sair sem ela me ver, mas aquele não é o meu dia de sorte, se tivesse visto a carta de Tarot que me cabia saberia que era o enforcado. Ou a torre, de onde se cai sempre de cabeça para baixo, como as torradas com manteiga.

– Olá, professora Catarina! Ainda está à espera dos seus encarregados de educação? Isso é que é gosto pelo trabalho.

Respondo-lhe que sim, confirmo que faltam dez minutos para o início do atendimento e não consigo recusar o copo de sumo que me

estende, o restinho que tinha ficado no espremedor de laranjas, o pouco que talvez tivesse guardado para si, mas que agora me oferece.

– Está com ar de quem precisa mais de vitaminas do que eu. Aquilo voltou a acontecer-lhe? Tem-se alimentado como deve ser? Cada vez que a vejo parece-me mais magra.

Digo-lhe que não, que não voltei a desmaiar. Que aquilo foi por causa da dor no ombro. Mas não creio que ela acredite, quando me repete o mesmo conselho de sempre:

– Devia ter mais cuidado consigo.

Sei ao que se refere. Rosa Maria deve ser mais ou menos da minha idade e trabalha no bar do liceu já há cerca de três anos. Veio da Venezuela muito antes, passou pela Madeira, onde tem alguns familiares, mas lá não tinha trabalho, e chegou aqui com uma filha e pouco mais do que a roupa que traziam no corpo. Passaram mal, tenho a certeza, mas nunca vi pessoa mais alegre, faladora ou optimista. É uma mulher volumosa com um cabelo tão forte que parece que se mexe sozinho, uma pele esticada e reluzente, olhos brilhantes, dentes grandes sempre à mostra, gargalhada fácil. É ruidosa e exala vitalidade e alegria de viver, o que para mim nunca deixa de constituir um mistério. Acho que só a vejo desanimada quando regressa do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, de novo sem ter conseguido que a filha tenha nacionalidade portuguesa. Maria Rosa tem-na, por causa dos seus pais que nasceram no Funchal, mas a menina ainda não, apesar de já estarem em Portugal há tantos anos e de a mãe e os avós serem portugueses. É um processo incompreensível para mim, mas ela tem esperança de que tudo se resolva em breve. Esperança é o que nunca lhe falta. O facto de ter agora um ordenado certo cujo pagamento não depende dos caprichos dos patrões ainda lhe soa a milagre, depois de ter sido tão explorada e enganada quando chegou, a trabalhar dezasseis

horas por dia sem nunca ter a certeza de quanto lhe pagariam no fim do mês – ou se lhe pagariam sequer no fim do mês –, com a senhoria do apartamento encardido a reclamar a renda e a filha a pedir-lhe cereais para o pequeno-almoço. Fala sobre isso sem nenhuma raiva, antes com uma resignação e uma compreensão que me deixam boquiaberta. Diz que foi a igreja que a salvou e a sua disponibilidade para fazer trabalhos extraordinários, fritando arepas ou cozinhando bolinhos de coco para festas de aniversário, só cessa ao domingo, por causa da missa e dos compromissos religiosos. O domingo é sagrado, diz-me com aquele entusiasmo irreversível, que admiro e invejo na mesma proporção. Acompanha pela televisão as notícias de Caracas e reza para que o presidente Maduro finalmente caia, porque o mérito de um político só se mede pela quantidade de bem que traz ao seu povo e nesse barómetro já ele falhou rotundamente. Entretanto, poupa o que pode, para enviar todos os meses os medicamentos de que a mãe precisa e que lá já não se conseguem arranjar.

Conhecemo-nos melhor quando a ajudei, no ano passado, a tratar da papelada necessária para voltar a casar-se com o primeiro marido, que é também o pai da sua filha. Flor foi minha aluna nas aulas de apoio de português. Rosa Maria e Maikel tinham-se divorciado ainda na Venezuela, há mais de quinze anos, quando a Flor Angel era demasiado pequenina para se recordar das discussões, dos episódios de ciúmes, das alterações do humor do pai quase sempre relacionadas com o álcool que bebia nas noitadas de festa em que chegava a casa a cheirar a fumo, a suor e aos perfumes excessivos de outras mulheres. Ele casara com uma rapariga de Maracaibo logo depois de se ter divorciado de Rosa Maria e tiveram dois filhos, quando Flor Angel e a mãe já estavam na Europa, cheias de saudades de sol e de açúcar, mas crentes na possibilidade de

um dia conseguirem ver alguma beleza numa manhã de inverno. Esse inverno que algumas senhoras do sul do mundo, vizinhas da Venezuela de onde Rosa e Flor fugiram, acham que é muito chique. Porque não há nada mais elegante do que um casaco de peles combinado com umas botas altas e umas luvas ajustadas até ao cotovelo, imaginam elas à beira da piscina enquanto bebericam a água de coco fresquinha trazida pela empregada nordestina e escrevem nas redes sociais sobre bater panelas em que nunca pegaram ou sobre os mitos e os messias que hão-de salvar os seus países, acabar com a corrupção, com o nepotismo e a violência, ao mesmo tempo que tentam nomear os seus filhos para embaixadores, vendem a madeira queimada das árvores da Amazónia e liberam milicianos para matarem pobres de pele escura a tiros de fuzil.

O certo é que Maikel, já divorciado da segunda mulher, tinha acabado por chegar a Portugal, também ele agora em fuga do medo e do caos, e procurara a filha, que na verdade não conhecia. Foi um encontro emocionante para ambos porque ele já não era um rapaz tonto e porque ela já era uma mulherzinha capaz de compreender e aceitar as voltas da vida. E, para Rosa Maria, foi pelo menos tão avassalador como para Maikel e Flor, porque se via, uma década e meia depois, novamente perante o homem que tinha sido o único amor da sua vida e que julgara nunca mais reencontrar, separados por tanto mar, tantos quilómetros, tantos equívocos e tantas más recordações.

Rosa Maria pôs-me a par de todos estes acontecimentos num outro final de tarde em que nos encontrámos sozinhas no bar, há muitos meses atrás. Ela tinha à sua frente um maço de papéis que se esforçava por deslindar, concentrada, decidida, esforçada. Perguntei-lhe do que se tratava e ela contou-me que tinha reencontrado o ex-marido, que tinham voltado a apaixonar-se e que queriam casar, mas para isso precisavam de resolver demasiadas formalidades,

havia casamentos e divórcios realizados na Venezuela de que era necessário fazer transcrições, só depois disso poderiam iniciar os preparativos para a união em Portugal. Não entendi.

– Mas não se casaram já uma vez? E a Flor Angel não é filha dos dois?

Respondeu-me que sim. E que o Maikel já estava a morar com elas no apartamento minúsculo, tinha um colchão que desdobrava à noite e estendia no chão da cozinha, entre o frigorífico e a mesinha onde faziam as refeições. Mas estava a tornar-se difícil, viviam assim há demasiadas semanas, tinham muita urgência em casar. Não entendi porquê, achei – cínica que sou – que o interesse podia ser só dele, que a ex-mulher talvez fosse o seu salvo-conduto para uma permanência segura em território europeu. Mas não. Era outra coisa.

– Precisamos de nos casar para podermos dormir juntos, como marido e mulher. E estamos à espera há demasiado tempo, sentimo-nos cada vez mais impacientes. Os dois, mas talvez mais ele. Sim, mais o Maikel.

Não quis acreditar, claro. No princípio, acho que nem percebi.

– Qual é o obstáculo a dormirem juntos? Foram casados! Até têm uma filha, não é? Por isso, de certeza que não seria a primeira vez que dormiam juntos.

Olhou para mim sem censura, talvez até com um sorriso traquina a iluminar-lhe as feições francas.

– A professora não entende. Na nossa religião, a castidade é sagrada até ao matrimónio. O nosso bispo acolheu-nos, quer fazer a cerimónia, mas foi muito claro quanto a isso. Queremos começar de novo, como se nunca tivesse acontecido nada antes. Conhecemo-nos há mais de trinta anos numa ruela de terra batida em Caracas, quando ele atropelou o meu cão. O Maikel vinha na motorizada

de um primo mais velho e tinha dificuldades com as mudanças e o travão, por isso não conseguiu parar quando viu o Rufo. Ficou tão assustado como eu, mas o bichinho não tinha nada. E foi aí que tudo começou, porque depois descobrimos que éramos quase vizinhos e ele começou a aparecer todos os dias. Mas nem todos os dias foram felizes. Chorei muito por causa dele, tanto que nem imagina. Prometeu-me que não volta a beber e eu quero acreditar nele. Sinto que temos de começar outra vez como se fosse a primeira vez. Fazer tudo como deve ser. Em castidade e com fé. Por isso, vamos esperar. Mas está a custar-nos muito.

As pessoas são estranhas, é o que não paro de concluir. Este é, porém, o tipo de estranheza que me sensibiliza e comove, por isso fiz o que pude para os ajudar a despachar a papelada. Precisámos de conselho jurídico e tivemos a sorte de encontrar um advogado que gostou tanto da história deles como eu e que tratou de tudo de maneira a não precisarem de gastar o dinheiro que não tinham. Cerca de cinco meses depois, receberam finalmente a notícia de que já podiam casar. Acho que souberam numa segunda-feira à tarde e que marcaram a cerimónia logo para o sábado seguinte. Tinham, de facto, pressa. Convidaram-me, e ao advogado também, e eu, que não gosto de casamentos, não tive, apesar disso, como recusar a amabilidade.

Segui as indicações que me tinham enviado por mensagem, na direcção de uma igreja cujo nome não me dizia nada e que ficava numa rua que para mim era desconhecida, mas que procurei na internet no final de uma tarde carregada de nuvens pesadas e mais fria do que seria de esperar. O horário não era o mais comum e a localização da igreja também era surpreendente, algures na zona industrial, fora da cidade. Achei preferível apanhar um táxi e o condutor, que conhecia o local, talvez não me tenha achado a

freguesa que tipicamente levava até ali, mas deixou-me na entrada de um prédio no meio de nenhures, com aquilo que pareciam ser lojas desocupadas numas galerias desertas. Havia apenas um pequeno bar com a porta aberta, para onde me dirigi sem qualquer certeza de estar no local certo. Confirmei o acerto da localização quando, pouco depois de eu ter pedido um café, entrou Flor Angel, a filha dos noivos, para me conduzir ao salão a que se acedia pela entrada oposta. Tratava-se, em rigor, de um espaço que devia ter sido destinado pelos construtores a algum comércio, mas que acabara por ser arrendado pela igreja, à falta de templo mais adequado. Tinham instalado, na parede do fundo, um pequeno altar e as paredes estavam singelamente decoradas com pombas e corações em cartolina dourada, que vim depois a saber terem sido recortados por Rosa Maria e pela filha na manhã desse mesmo dia. À parede do lado direito tinham sido encostadas duas mesas cobertas por toalhas de papel e por cima viam-se pratos com croquetes, rissóis, taças com batatas fritas de pacote, um tacho com arroz, outro com feijão, um recipiente maior que parecia conter bocados de carne grelhada ou assada, não percebi bem. Viradas para o altar, até à entrada do salão onde ficava a porta que dava para a rua e o vidro que poderia ter sido uma montra, arrumavam-se algumas filas de cadeiras de plástico desmontáveis, que o bispo e os noivos tinham disposto ordenadamente antes de os convidados chegarem.

Atenho-me a todos estes pormenores, porventura excessivos, para mostrar que nunca tinha estado numa festa de casamento tão simples. Nunca a tinha, sequer, imaginado possível. Depois de uma cerimónia emotiva e informal, as cadeiras foram quase todas retiradas e empilhadas a um canto, para as pessoas poderem movimentar-se e mais tarde dançarem. Não havia flores, nem decorações cuidadosamente pensadas, nem um bolo com vários

andares, muito menos uma orquestra ou imprevistos planeados até ao mais ínfimo detalhe para levar os noivos às lágrimas e garantir momentos inesquecíveis. Não havia mesas com lugares marcados simplesmente porque não havia mesas para as pessoas se sentarem, cada um enchia o seu pratinho de plástico com o que lhe aprouvesse e comia de pé. Era uma celebração em tudo atípica: noivos que já tinham sido casados em outro continente e por outro credo e que não tinham nem vinte nem trinta nem sequer quarenta anos; uma missa dita numa linguagem para mim desconhecida durante a qual se cantava mais do que se falava e que era dirigida por um bispo jovem e de jeans que fazia referência às asneiras que tinha cometido e à importância da esposa para o seu próprio desenvolvimento pessoal (e sim, era "esposa" que ele dizia); uma noiva com um vestido pelos joelhos que podia ter usado para ir almoçar fora num outro sábado qualquer; um grupo de amigos cujas origens estavam maioritariamente na américa latina e que pareciam ver na igreja uma família reconstruída; um grupinho de missionários tão novos que se diria que não precisavam ainda de fazer a barba. E eu e o advogado, que podíamos ter-nos sentido como peixes fora da água naquele ambiente fascinante cujas regras desconhecíamos por completo, mas que nunca fomos deixados sozinhos por mais do que poucos instantes, porque havia sempre alguém para se apresentar, para nos dar as boas vindas, oferecer-nos um copo de sumol ou estender-nos o prato dos brigadeiros.

É verdade. Nunca estive num casamento mais simples nem nunca vi noivos mais genuinamente felizes. Nem convidados mais afáveis e comprometidos com a futura vida conjunta do novo casal. Quando a Flor Angel ligou a aparelhagem barata e soaram os primeiros acordes de uma música tradicional da Venezuela, a Rosa Maria e o seu novo-velho-marido aproximaram finalmente os

corpos e deslizaram pela pista, elegantes e sensuais, tão leves como se afinal não tivessem ainda vinte anos, tão conhecedores um do outro como se partilhassem a vida há uma eternidade, tão cheios de luz que nenhuma outra iluminação se faria necessária. As pobres lâmpadas que pendiam do tecto passaram de súbito a ser suficientes para encandear a sala. E quando, depois do deslumbramento, os convidados se lhes juntaram, deixou de haver espaço sequer para mais uma agulha e eu e o advogado, envergonhados por nunca termos aprendido a embalar-nos com tamanha harmonia, encostámo-nos num recanto entre a parede e a mesa e brindámos com um espumante barato que naquele momento me soube melhor do que champanhe francês. Acho que chorei. Acho que foi o único casamento em que já chorei. Aquelas pessoas estavam tão felizes que não tinham de o apregoar com pompa e fausto.

Vimo-los rodopiar durante um bocado, eu e o advogado, e de repente senti que não conseguia presenciar tanta alegria durante mais tempo, por isso interrompi a dança dos noivos para lhes agradecer muito, voltei a desejar-lhes felicidades e preparei-me para sair. Quase a correr. Mas o advogado disse que me acompanhava, que se fazia tarde também para ele, que eu não precisava de voltar a chamar um táxi, ele próprio ia para a cidade e podia deixar-me em casa. São estas palavras dele as últimas de que me lembro antes de acordar estendida no chão da festa, mas também me recordo de ter começado a descer as escadas, de ter tirado da bolsa o guarda-chuva pequeno quando senti as gotas redondas a encharcarem-me o cabelo e de ter olhado para cima porque não conseguia abri-lo, tinha uma haste presa. Acho que foi por causa disso que falhei o pé num degrau e me desequilibrei. Caí para cima do advogado, desamparada. Senti uma dor forte no ombro, uma tontura, pensei que ia desmaiar e foi isso que de facto aconteceu, mas não tive tempo para o avisar.

O advogado disse-me, depois, que estive demasiado tempo inconsciente, que me pegou ao colo e voltou a levar-me para dentro, que alguém já tinha chamado a ambulância. Antes de conseguir compreender, planei no vazio, ouvi vozes ao longe, alguém repetia o meu nome baixinho, insistentemente, mas era um chamamento demasiado distante para que eu pudesse responder-lhe. Dei-me conta, a certo ponto, de que a festa tinha parado por minha causa e senti uma vergonha ténue. Depois os sons voltaram a chegar-me aos poucos, ouvi as sirenes de uma ambulância, alguém a dizer que ela não tinha saído onde devia na rotunda, que talvez se tivessem enganado e seguido para a outra igreja evangélica que também ficava ali na zona industrial. Vi aquilo como a oportunidade que me espicaçou a acordar de vez para esclarecer que não ia para o hospital. Houve protestos, vozes desconhecidas que falavam em traumatismos cranianos, hemorragias internas e quejandos, mas fui irredutível. Nada me faria ir para o hospital. Ainda se esqueciam de mim em algum corredor das urgências e Alda podia não aparecer para me reclamar. Isto não disse, claro. Só pensei. Devo ter sido tão convincente que o advogado, com idêntica firmeza, declarou que me levava a casa e fez um telefonema para explicar a alguém que a ambulância já não era necessária. Sentou-me cuidadosamente no carro, pôs-me o cinto de segurança e foi falando a espaços, suponho que para avaliar o meu estado de consciência. Tinha uma voz bonita. Amparou-me até à entrada do nosso prédio tão feio e recusou-se a ir embora sem confirmar que a minha mãe existia mesmo, que não era só mais uma patranha minha, que não ficaria sozinha. Hesitou, antes de se ir embora. Fiquei a pensar que ele talvez tivesse ficado, se Alda não estivesse ali. Ainda penso, de vez em quando. Se ele teria ficado.

Há um certo alívio na confirmação de que o viço da Rosa Maria

não se perdeu, nem a gargalhada ruidosa, nem o optimismo, nem a atenção que é capaz de dedicar aos outros. Mas agora já está na hora de receber os encarregados de educação do 11.º - C. Tranquilizo-a, digo-lhe que me tenho alimentado bem, minto também quando falo no neurologista, nas análises que fiz e nos seus excelentes resultados. Duvido, porém, de que se deixe enganar.

O corredor que antecede a sala de atendimento aos pais está deserto, pode ser que hoje não tenha clientela, não me apercebi de nenhum problema novo na turma. O Jamil continua a tomar o pequeno-almoço no bar e a almoçar na cantina, tenho ideia de que a Rosa Maria já se lhe afeiçoou e o mantém debaixo da asa. Estão bem um para o outro, aqueles dois. Juntos, têm bondade suficiente para acabar com todas as lágrimas do mundo, só precisariam de ampliar o raio de acção, alargar os meios de que dispõem para derramarem por aí doses inesgotáveis de optimismo e alegria. Já os pais da Laura não voltarão a ser meus clientes numa sexta-feira à tarde. A filha mudou de liceu, mas chegam-me rumores, através da Bruna, de que a família cogita mudar de cidade. Na escola nova toda a gente sabe a história e as imagens da rapariga despida continuam a circular. Espero que não sejam obrigados a mudar de país ou de planeta. Que o destino da Laura não venha a ser uma vida inteira a fugir de três minutos da pessoa que era quando ainda mal tinha dezasseis anos. A miúda tem apoio psicológico e a Bruna disse-me que está a adoptar uma estratégia nova. Mal conhece alguém, é ela que conta a história e mostra a gravação. A Bruna explicou-me que prefere ser ela, Laura, a gerir o impacto do que lhe sucedeu e que assim não cria falsas expectativas quanto a possíveis amigos que depois lhe espetem uma faca nas costas. Não sei bem o que pensar disso. Deve ser estranho acabar de conhecer alguém e pôr-lhe à frente do nariz um filme onde se está nua e com uma mão entre as

pernas. Mas talvez haja nisso algum empoderamento, sei lá. Talvez seja uma forma de dizer "Esta não é quem eu sou, mas é assim que dizem que eu sou. Prefiro que saibas por mim e que depois me vires as costas, se quiseres. Ainda sou um bocadinho dona de mim".

Estou distraída a olhar para o ecrã do computador, já convencida de que nenhum encarregado de educação virá falar comigo neste fim de dia, quando ouço uma única batida na porta e vejo André ainda do lado de fora da sala, à espera da confirmação de que pode entrar. Levanto-me para o receber e convido-o a sentar-se na cadeira que posicionei em frente da minha secretária, que lhe fica pequena. Noto-lhe o desconforto, mas não me ocorre nada que possa fazer para o minorar. São tempos difíceis. Tem olheiras e está despenteado e, ainda assim, é bonito.

Começamos pelo mais simples. As classificações das filhas dele, as avaliações intercalares, mas faz-se uma pausa quando lhe mostro as notas da Maria com a nova professora de matemática. Melhores do que aquelas que tinha conseguido com Elisa, mas ainda assim aquém das que obtém nas outras disciplinas.

– Como está a professora Elisa? Já voltou a dar aulas? – é a primeira vez que André pergunta por ela, mais de um ano depois, tantos meses, semanas e dias passados sem Elisa pegar num pau de giz para fazer contas no quadro.

Respondo que ainda não regressou às aulas, mas que tenho esperança de que aconteça em breve. E deixo que volte a instalar-se o silêncio. Ele passa a mão na testa, como se quisesse afugentar alguma coisa, um insecto inexistente, depois hesita, olha para o chão e por fim parece mais decidido a partilhar aquilo que o preocupa. Ou um dos vários assuntos que o preocupam.

– Estou convencido de que aquilo não aconteceu, nunca aconteceu.

Ele está enganado. Aconteceu de tal modo que deu cabo da vida da Elisa. Ou quase deu cabo da vida da Elisa. Sinto uma fúria grande a invadir-me e desta vez não quero contê-la.

– Vá dizer isso à professora Elisa, André. Explique-lhe que acha que não aconteceu. Talvez ela tenha uma opinião diferente da sua sobre o que sucedeu. Porque a ela aconteceu de certeza qualquer coisa, sabe.

A minha resposta não o surpreende. Mas fá-lo encolher-se, parece-me de repente menos comprido, menos espaçoso.

– Peço-lhe que tente compreender. Eu não soube logo. Na altura, posso ter tido algumas dúvidas, a Maria nunca foi uma filha fácil, não foi o primeiro problema que tivemos com ela. Mas não havia razões objectivas para acreditar que a minha filha tivesse inventado aquela monstruosidade. A Catarina encontrou-a sozinha com a professora, sem camisa e desesperada. Teve logo a certeza de que a professora Elisa não tinha feito nada daquilo?

É a segunda estocada quase letal do dia e nem a armadura que agora nunca dispo me protege totalmente do impacto. Mas recomponho-me e contra-ataco.

– O que está a dizer é que neste momento tem razões para concluir que a professora Elisa nunca assediou a sua filha Maria? Que a Maria inventou tudo? Desde a rosa por baixo da mesa à revista pornográfica no meio do caderno de exercícios? É que, se for isso que está a dizer, ainda vai a tempo de fazer alguma coisa para repor a verdade. O que fizer é de certeza importante para a vida da Elisa. E também para a da Maria, não acha? Não pode continuar a ficar sempre impune. Se continuar, quem sabe o que fará a seguir? Ou o que já terá feito, entretanto?

– É importante para mim que entenda que não fiz o que devia naquela altura porque não sabia, não tinha a certeza de nada. Talvez

isso não me isente de toda a responsabilidade, porque havia razões para suspeitar, de qualquer modo. E preferi não esmiuçar, não questionar. Mas havia tantas outras coisas, na altura. Tantos problemas. Não consegui lidar com todos, falhei em demasiadas coisas.

Escolho não me condoer demasiado dele. Agora é altura de pensar em Elisa. Talvez ainda vá a tempo de corrigir aquilo que eu própria não fiz. Pelo menos em parte. Talvez.

– Mas tem, agora, provas que absolvem a professora Elisa? Sabe que ainda há um processo criminal em curso, não sabe?

– Há uns dias cheguei mais cedo a casa e a Maria não se deu conta de que eu tinha entrado. Estava a falar ao telefone com alguém, não sei exactamente quem, talvez alguma amiga, alguma colega da escola. Referiu-se algumas vezes ao "namorado da tua mãe". Por aquilo que percebi, estava a dar explicações sobre como criar suspeitas de maneira a eliminar uma presença indesejada. E, a meio da conversa, mencionou o sucesso do plano dela. Disse qualquer coisa como "consegui que nos trocassem a professora de matemática, não consegui? Também podes conseguir eliminar o namorado da tua mãe". Ainda acrescentou "Sou uma máquina, não sou? Mas podes poupar nos cumprimentos, baby".

Sinto-me subitamente muito cansada.

– O que tenciona fazer com essas informações, André? Porque ambos sabemos que tem de fazer alguma coisa, não é?

A névoa que lhe cobria os olhos espalhou-se, agora parece-me humidade, uma espécie de orvalho, e talvez haja algo a deslizar-lhe pelo rosto.

– Confrontei-a. Mas ela disse-me que eu devia ter ouvido mal. Que andava muito perturbado, desequilibrado, que era melhor não confiar demasiado nas minhas percepções. Sugeriu-me que procurasse ajuda, que fosse a um médico, que me tratasse. E sei que poucos dias depois foi à polícia. Dizer que eu assassinei a mãe dela. Que me ouviu conversar ao telefone com a minha amante. Que tem a certeza de que fui eu.

XIV
As outras gémeas
9 de Setembro de 2018

O livro chegara pelo correio no final da tarde de sexta-feira, mas ainda não tinham conseguido analisá-lo com a tranquilidade de que precisavam, porque a mãe tinha enchido a casa de gente no sábado. Houve mesas instaladas no jardim, três homens de camisas brancas e calças pretas que transportavam bandejas com coisas pequeninas e bonitas que as pessoas enfiavam nas bocas enfadadas com uma sofreguidão contida. Eram todos magros à custa de demasiados sacrifícios e quando cediam ao demónio do apetite, que os tentava com os seus ardis satânicos, pesavam-lhes de imediato tanto os estômagos atrofiados como as consciências encolhidas. Nesses dias de festa, havia sempre algum momento em que Beatriz queria mostrar as suas lindas meninas aos convidados e Maria até desempenhava esse papel com gosto. Tinha circulado entre os convidados com as suas pernas compridas e bronzeadas reveladas por um vestido curto e claro, pele firme sobre carne rija, o cabelo brilhante e comprido que ondulava a cada passo, e sentira-se poderosa graças aos esgares de inveja que as mulheres disfarçavam e aos olhares de cobiça que os homens não ocultavam. Sara, pelo contrário, limitava-se a cumprir os mínimos para não irritar a mãe e não contrariar a irmã, que nesses dias seguia como se fosse uma sombra que ninguém conseguia desligar do corpo de Maria, os dedos

dos pés de uma muito bem presos aos pés da outra por uma cola mágica e inquebrável cuja composição nem os melhores cientistas conseguiriam decifrar. Ouvia as conversas sempre iguais sobre os novos restaurantes, os escritores da moda, os concertos do próximo festival e os filmes que estavam para estrear e que ninguém queria perder e pensava que era normal que quase todos exibissem aquele ar vagamente entediado que iam tentando, sem sucesso aparente, ocultar.

Quando finalmente toda aquela maçada acabou era já demasiado tarde para darem ao livro a atenção que merecia, por isso enfiaram-se debaixo dos lençóis com a expectativa de uma noite de 24 de Dezembro, como se não estivessem ainda apenas no início de Setembro, aguardando ansiosas pela manhã seguinte.

Sara acordou primeiro e abanou a irmã, depois olharam pela janela e viram que o carro do pai não estava estacionado no lugar do costume. Ou não tinha sequer ficado em casa ou saíra mesmo muito cedo. Era domingo e a mãe dormiria de certeza pelo menos até ao início da tarde, por isso estavam agora livres para se dedicarem àquele assunto.

Umas semanas antes, quando o pai perdera a paciência e decidira marcar-lhes consultas individuais com uma psicóloga que também trabalhava na universidade, tinham resolvido preparar-se para aquilo como devia ser. Se André estava mesmo decidido a que uma especialista as ouvisse e ajudasse, iam dar-lhe com que se entreter. Não viam mal nenhum em passarem metade do tempo unidas contra o resto da humanidade e o tempo sobrante ocupadas a insultarem-se e a baterem-se. Mas o pai estava cansado de acordar com os gritos delas a chamarem puta uma à outra, a bradarem “odeio-te” ou a proclamarem “o que mais quero é que tu morras”, para logo a seguir se aliarem contra um professor ou uma colega da escola,

que achavam que mereciam ser "destruídos". Tinha começado por sugerir que passassem a dormir em quartos separados, mas essa solução não durara mais do que umas horas. Ainda a noite não ia a meio quando Sara pegara na sua almofada e caminhara em silêncio rumo ao quarto da irmã, para se enfiar na cama dela e dormir tranquila até à manhã seguinte, até acordar com os insultos de Maria, que depois a tinha abraçado enquanto sussurrava "maninha, maninha, senti tanto a tua falta". A ideia seguinte de André tinha sido instalar um biombo entre as camas das filhas – se queriam partilhar o quarto, pelo menos uma certa separação espacial garantir-lhes-ia alguma privacidade e talvez os conflitos acabassem por diminuir. Mas o biombo devia ser de uma madeira fraquinha e apareceu partido três dias depois, sem ninguém saber exactamente como é que aquilo tinha acontecido. Também ocorreu ao pai que, se passassem menos tempo juntas, poderiam começar a relacionar-se de uma forma mais pacífica, por isso, num inesquecível jantar, sugeriu que se tentasse, na escola, que deixassem de estar na mesma turma. Sara pegou no copo de vidro cheio de água e atirou-o para trás das costas, contra a parede, sem dizer uma palavra. Maria pousou os talheres e não engoliu nem mais uma colherada ou garfada fosse do que fosse, nem nessa refeição nem em qualquer uma das seguintes, por isso o assunto acabou por morrer.

Mas algo de diferente estava a começar a acontecer. Notavam no pai uma nova firmeza, como se ele tivesse batido com os pés, com força, no fundo da piscina e estivesse agora a subir, hirto e veloz, disposto a chegar à superfície para voltar a respirar a plenos pulmões. Quando ele falara na psicóloga, tinha esclarecido as consequências para a falta de colaboração delas: ficariam sem telemóveis, sem dinheiro para saídas à sexta à noite e considerar-se-ia revogada a promessa de tirarem a carta de condução logo que fizessem dezoito

anos. Repararam que a mãe o observava, meditativa, por entre os olhos semicerrados, e pensaram que talvez estivesse a suceder algo que ainda lhes escapava, mas de que poderiam ter de se ocupar em breve.

Seja como for, agora que estavam simetricamente sentadas de pernas cruzadas em cima da cama de Maria depois de terem fechado à chave a porta do quarto, com o livro entre elas, podiam descobrir mais coisas. Coisas que lhes seriam certamente úteis para se compreenderem, para se construírem ou para se disfarçarem – sobretudo para se disfarçarem, caso a ameaça das consultas com a psicóloga viesse a concretizar-se. Tinham descoberto há semanas a história das gémeas silenciosas do Reino Unido, June e Jennifer, e desde essa altura dedicavam-se à recolha de toda a informação disponível sobre a sua fascinante vida e a sua misteriosa morte (apesar de terem sido duas vidas e apenas uma morte, o uso do singular parecia-lhes mais adequado em qualquer um dos casos). Os pais das meninas de pele de canela tinham nascido em Barbados, mas mudaram-se para o Reino Unido em busca de uma vida melhor, e é provável que alguma da magia caribenha tivesse resistido ao frio e à humidade do País de Gales, onde as duas cresceram a partir dos anos sessenta do século passado. Viviam como se não houvesse mais ninguém no universo porque comunicavam quase exclusivamente entre si, num código impermeável a todos os outros, um facto que os mais racionais tentavam explicar invocando a utilização, pelas duas, de uma mistura de crioulo com palavras em inglês, mal pronunciadas ou transformadas, e os menos racionais interpretavam como o uso de uma linguagem mística e totalmente nova. Fosse como fosse, não só eram inseparáveis como eram incompreensíveis. Sara e Maria não sabiam, porém, se o código em que June e Jennifer comunicavam era de facto inalcançável pelos

outros, ou se, pelo contrário, sendo elas as duas únicas crianças negras da escola, ninguém se esforçou verdadeiramente por as integrar e as compreender – e esse era um dos aspectos que mais precisavam de esclarecer, porque lhes interessava muito menos a teoria de que as duas tinham sido isoladas pelo racismo do que a versão segundo a qual teriam sido elas a escolher isolar-se porque preferiam viver num mundo onde mais ninguém, para além das duas, existiria. O que mais queriam era que as duas gémeas idênticas tivessem, de facto, uma linguagem secreta, feita de uma combinação de sons de passarinhos fugidios. Uma linguagem mágica, esvoaçante e cantarolada, unicamente delas e perfeitamente clara para ambas.

A perspectiva segundo a qual os posteriores comportamentos desviantes de June e Jennifer tinham pouca conexão com a sua qualidade de gémeas e com a magia do seu peculiar relacionamento e mais relação com o facto de serem duas adolescentes negras e solitárias numa comunidade de brancos, permanentemente vistas como diferentes, enfurecia Maria e Sara. Interessava-lhes pouco que os professores as mandassem sistematicamente mais cedo para casa por terem desistido de as proteger dos maus tratos dos colegas na escola. Aquilo que queriam era que o mistério das duas, a sua diferença essencial relativamente a todos os outros, radicasse só nessa sua íntrinseca qualidade de terem dois corpos iguais onde batia um único coração e reinava um único cérebro singular, que partilhavam. Siamesas. Não queriam que June e Jennifer se tivessem virado uma para a outra apenas porque mais niguém parecia interessado em virar-se para elas. Isso era o que sobretudo não queriam.

Ao longo dos anos, parece que se tinha tentado de tudo para combater primeiro a mudez selectiva das duas raparigas (que tinham deixado de falar com todos os outros, excepto talvez

com Rose, a sua irmã mais nova), depois a sua tendência para a criminalidade. Pensou-se separá-las enviando-as para escolas diferentes, acreditando-se que assim seriam forçadas a comunicar com os outros, mas isso só fez com que cada uma se fechasse ainda mais em si mesma, mergulhando então num mutismo completo. Segundo algumas versões, teriam sido as próprias gémeas a pedir essa separação, por volta dos catorze anos, cientes da prisão que cada uma era para a outra. E a decisão sobre qual delas permaneceria na escola onde já estavam e quem a abandonaria teria sido o rastilho para os primeiros confrontos especialmente violentos entre as duas. Teriam inaugurado nessa altura o ódio, que desde então manteriam açaimado a maior parte do tempo, mas que esporadicamente se libertava com a força de um lobo esfomeado.

Quando os seus pequenos furtos e tropelias evoluíram para outro tipo de desvios, como o ateamento de incêndios, internaram-nas durante cerca de doze anos num hospital psiquiátrico de alta segurança, onde as encharcaram com tanta medicação que a certa altura já nem escrever conseguiam. Os medicamentos fizeram com que se esquecessem da única coisa de que cada uma gostava além da outra e que era a escrita de histórias, que sonhavam publicar um dia. Ambas queriam ser escritoras. Escritoras famosas. Sara espantou-se com esse sonho que June e Jennifer partilhavam, esse desejo de fazerem chegar aos outros as suas histórias, quando todos as conheciam como as gémeas silenciosas. Que coisa mais improvável. Que incoerência. Não quereriam ser mudas, afinal? Teriam, pelo contrário, uma enorme vontade de obrigar o mundo a ouvir as suas vozes? Maria encolheu os ombros, isso não a surpreendia demasiado, achava que toda a gente corria atrás do seu momento de fama. Não era isso que mais lhe interessava.

Sara, porém, não tinha desistido de compreender essa vocação

literária das gémeas, que as levou a escrever diários desde pequenas e mais tarde contos. Encontrou notícias sobre tais narrativas em vários jornais ingleses e ficou furiosa com a superficialidade da reportagem publicada num tablóide, intitulada genius twins won't speak, centrada na afirmação do seu mutismo apesar de terem uma inteligência acima da média. Qual mutismo, quando se fartavam de escrever e não regateavam os esforços para que alguém publicasse aquilo que escreviam? O que mais entusiasmou Sara, porém, foi a descoberta de umas notas escritas por June no seu diário e que faziam uma clara referência à sua irmã gémea, Jennifer, de uma forma assustadoramente adequada a questionar a natureza dos laços que as uniam. June referia-se de forma muito enfática aos horrores por que passava com a sua gémea, ao seu sofrimento incomparável, à sombra negra daquela que lhe roubava a luz do sol, a sua única tormenta.

O tema tornou-se, primeiro para Sara e depois também para Maria, uma espécie de obsessão, que se agudizou quando encontraram mais declarações aterrorizadoras de cada uma das gémeas – que todos tinham visto como inseparáveis – sobre a outra. Encontraram referências ao medo que uma tinha da outra, ao brilho assassino que a outra teria no olhar, à loucura galopante pela qual a outra seria responsável, à permanente exigência da outra de que fossem absolutamente iguais. Esmiuçaram livros, notícias de jornal, entrevistas e até séries da BBC inspiradas na história de June e Jennifer Gibbons, mas nada lhes parecia suficiente. Precisavam de saber mais.

Em algumas das fontes, surgia a mais surpreendente de todas as revelações: mesmo antes do internamento psiquiátrico, as duas gémeas acreditavam que só uma poderia ter uma vida normal e que para isso era indispensável que a outra morresse. June dizia

que tinham querido matar-se uma à outra, chegava mesmo a falar em recíprocas tentativas de afogamento no rio e em tentativas de homicídio por asfixia. No fundo, pareciam achar que a existência de duas era uma anomalia, um defeito ou um excesso e terão celebrado uma espécie de pacto – se uma delas morresse, a outra assumiria o compromisso de conquistar aquilo que juntas nunca tinham conseguido. A normalidade. Uma vida normal. Como se fossem duas siamesas unidas pelo peito e uma tivesse de morrer para a outra viver.

Terá sido Jennifer, a mais assombrada e perturbada das duas, a assumir o sacrifício de morrer pela irmã, partilhando essa sua decisão com pessoas que trabalhavam no hospital e também com pelo menos uma das jornalistas que as visitavam. Jennifer morreu em Março de 1993, a poucos dias de completar trinta anos, com uma misteriosa inflamação do coração, sobre a qual pouco ou nada se esclareceu. Tinha passado os últimos tempos a dizer que ia morrer, o que também pode ter estado na origem da indignação da família, que ponderou processar o hospital.

O aparente sacrifício de Jennifer para salvar June era, entre todos os elementos da complexa equação das suas vidas, aquele que mais fascinava Sara e Maria. Porque existia na história um factor adicional, uma espécie de cereja no topo do bolo: depois da morte da irmã gémea, June ter-se-ia de súbito tornado normal. Deixou de precisar de cuidados psiquiátricos. E dedicou um poema póstumo à irmã, que ficou inscrito na pedra do seu túmulo: “We once were two/We two made one/We no more two/Trough life be one/Rest in peace”.

Neste domingo de Setembro, quando faltavam poucas semanas para Beatriz ser assassinada (e quando nenhuma das gémeas sabia ainda que de facto seriam forçadas a ir à psicóloga, mas que as

sessões já não se focariam tanto nelas como na dor pela perda dela), havia, porém, um pensamento a nascer na mente movediça de Sara, uma larva irrequieta prestes a transformar-se noutra coisa qualquer. Maria tinha-lhe oferecido um espelho de prata com a letra M gravada, que fora um presente de baptizado só para ela – Sara recebera uma escova para o cabelo, também em prata e também identificada como sua (já ninguém se lembrava de quem tinha sido o ofertante, mas ambas achavam que se tratava de pessoa indubitavelmente sensata, por as ter distinguido nos presentes e ter deixado gravada a respectiva pertença). Sucede que Sara tinha acabado de ler À Procura de Sana, do Richard Zimler, e ficara impressionada com a história daquela mulher que se tinha atirado da janela de um hotel na Austrália pouco depois de conhecer o escritor e de lhe oferecer o passarinho invisível que tinha no ombro, mimando os sinais de quem lhe pega e o atira na sua direcção. Estavam alojados no mesmo hotel e Zimler presenciou a queda dos vidros estilhaçados e logo a seguir do corpo feminino, que voou por uns segundos antes de se estatelar no chão duro. Também pouco antes de se suicidar, Sana tinha enviado pelo correio, à sua amiga Helena, um outro livro do escritor, O Último Cabalista de Lisboa, que pedira a Zimler que autografasse, com uma dedicatória a Helena, aquando daquele seu encontro no restaurante do hotel.

Desde então, Sara, que tinha sublinhado muitas páginas do livro e que não deixava que mais ninguém lhe tocasse, passara a acreditar que os suicidas, mesmo os que não escrevem cartas de despedida, dizem palavras silentes de adeus ofertando coisas suas aos outros, coisas que escondem mensagens cifradas. Nunca coisas escolhidas aleatoriamente, não. Coisas-cartas, que precisam de ser interpretadas. Uma outra forma de linguagem secreta. E agora, com mais um livro sobre a vida das gémeas June e Jennifer nas mãos, Sara não conseguia

deixar de pensar que Maria lhe tinha dado uma prenda e que aquilo que escolhera oferecer-lhe, a ela, fora um espelho.

Infelizmente, nem Sara nem Maria falaram com mais ninguém sobre o modo como June e Jennifer tinham invadido o quotidiano das duas, assombrando-o.

Se tivessem contado ao pai ou à psicóloga que ainda não tinham visitado, qualquer um dos dois as teria acompanhado enquanto viam o documentário da BBC Silent Twins: Without My Shadow, ajudando-as a compreender que não havia nada de mágico na história de June e de Jennifer. Ambas foram, lamentavelmente, apenas mais dois exemplos do poder de destruição do racismo, da pobreza e da sua carcerização ou psiquiatrização. Nos filmes a preto e branco que as mostram na escola, quando já eram um caso de estudo, são magras como fios e hirtas como arames, tensas ao ponto de serem incapazes de se dobrar. Na cantina da escola, demoram tanto a levar o garfo à boca que ainda estão a começar a refeição quando todos os outros acabaram e se levantaram, ignorando-as sempre, como se não existissem. June e Jennifer queriam existir. Como indíviduos, disse depois June, quando já era só ela que existia. Alguns professores descreveram-nas como pessimistas e muito negativas, mesmo na infância e na adolescência. Pudera. É provável que já tivessem dados suficientes para anteciparem o que viria a suceder-lhes mais tarde.

Muito depois de deixar o Broadmoor Hospital, onde tinha chegado aos dezoito anos após um único verão, o primeiro e derradeiro da sua vida, e de onde saíra com trinta anos, June, na sua dicção ainda difícil de compreender, foi, porém, de uma clareza inultrapassável: "Fomos esquecidas. Duas gémeas negras". Tinham-se esquecido lá delas.

Se Sara e Maria tivessem conhecido Amália – o que nunca

sucedeu – e lhe tivessem mencionado as vidas de June e Jennifer que tanto as perseguiam, a juíza responder-lhes-ia que era uma história que conhecia bem, porventura até uma história banal. Duas raparigas negras num país de brancos, com dificuldades severas na fala, relativamente pobres e muito discriminadas, que no final de uma adolescência tardia passada numa escola onde não tinham um único amigo ou entre as quatro paredes do quarto a tentarem desesperadamente escrever o que não conseguiam dizer, descobrem o verão. Têm dezoito anos e conhecem dois rapazes americanos, também irmãos, consumidores de drogas, por quem se apaixonam e que as introduzem nos mistérios do sexo e dos pequenos delitos. Maltratam-nas e manipulam-nas, mas ambas acreditam firmemente que descobriram o amor. June disse que foi o verão das suas vidas. O único verão das suas vidas. O último verão das suas vidas, aos dezoito anos. Lutam pelos rapazes, disputam-nos, confirmam que se odeiam, dizem que se querem matar uma à outra, June confessa que ambas terão tentado, sempre sem sucesso. Mas no fim do verão os rapazes vão-se embora e elas sentem-se destruídas com o regresso à solidão dos seus quartos e à existência apenas com a outra que é o seu espelho. Precisam desesperadamente de ser vistas. Precisam de ajuda. Começam a praticar pequenos furtos e depois ateiam um incêndio, sobre o qual escrevem com entusiasmo nos seus diários. Vamos incendiar a cidade toda. Estamos mesmo debaixo dos vossos narizes. Anda toda a gente à nossa procura. Somos famosas.

No fundo, porém, são só duas miúdas negras que, apesar de não terem matado ninguém, apesar de terem dezoito anos e de precisarem de ajuda, passarão os próximos doze anos encarceradas num dos piores hospitais psiquiátricos do Reino Unido, o Broadmoor Hospital. Foram detidas e confessaram tudo, com a promessa de que a consequência seria um tratamento hospitalar que

as ajudaria a aprenderem a comunicar. Seria o melhor para elas. Prometeram-lhes que depois desse tratamento teriam, finalmente, uma vida normal. E eis as maravilhas da guilty plea da justiça penal anglo-saxónica: uma única testemunha apresentada pela defesa que depois prescinde de toda a prova restante, um acordo oferecido pelo ministério público e mais um assunto resolvido com suprema eficiência em menos de um piscar de olhos. O tratamento, no interesse delas, seria naturalmente por período indeterminado.

Mal chegaram a Broadmoor, ficaram aterrorizadas com a altura dos muros, com as grades e as fechaduras, mas sobretudo com a multidão. Era tanta, tanta gente, disse June, que achámos impossível que houvesse uma vaga para nós. Uma vaga para nós. Mas rapidamente lhes diagnosticaram esquizofrenia – às duas – e as ajudaram com tanta medicação que a névoa que quase sempre lhes embotava o cérebro as protegia de tudo, até do medo. O psicólogo escolar que melhor as conhecera disse que aquilo era o que sempre tinha receado: apesar de nenhuma das duas padecer de esquizofrenia, mal entrassem no "sistema dos adultos" – logo que caíssem nas mãos de um psiquiatra de adultos –, seriam assim diagnosticadas.

Jennifer, que quase nunca tinha sido livre, nunca mais voltou a ser livre. Morreu doze anos depois de ter sido internada, quando a porta gigante da gaiola estava prestes a abrir-se e ela talvez se soubesse incapaz de voar. Ainda mais incapaz do que antes. O coração não quis continuar a bater. Não quis continuar a sofrer. E parou. É possível que June tenha conseguido, pelo menos em parte. Voar de asas quase abertas sem nenhuma sombra a persegui-la pelo chão. Esvoaçar. Sem nenhuma sombra, nem sequer a dela. Esvoaçar baixinho. Caetano Veloso começou a cantar que "de perto, ninguém é normal" pouco depois de June e Jennifer terem sido

fechadas no Broadmoor Hospital, mas é provável que os juízes que as condenaram e os psiquiatras que as medicaram nunca tenham chegado a ouvir Vaca Profana.

Maria e Sara, duas outras gémeas também fechadas sozinhas no quarto no final da adolescência, embrenham-se nos testemunhos de Jennifer e June cada vez mais profundamente. Começam a achar que Jennifer é a gémea estragada que pesa na vida de June, a única que tem hipóteses de ser normal. Mas cada uma se pergunta quem é quem. Qual delas é Jennifer e qual delas é June. No priníncipio, é provável que cada uma acreditasse ser June. Jennifer seria a outra. Mas agora há momentos em que talvez duvidem. Em que se sentem tão misturadas que, dentro de cada uma, não sabem onde começa Jennifer e onde acaba June.

Alguém está a bater à porta, dão-se de repente conta. É a mãe, que acordou mais cedo do que supunham. Sobressaltam-se. Saltam da cama. Mas a mãe não precisa de entrar para saber sempre tudo. A mãe é mágica, ainda que com uma magia diferente daquela que têm as outras mães. Quando eram mais pequenas, uma menina chamada Marina disse-lhes que tinha ido furar as orelhas, sem medo nenhum. Não precisava de ter receio, porque lhe bastava apertar com força a mão da mãe e nada lhe doía. Nessa altura, as gémeas descobriram que era comum que os beijos e os abraços das outras mães fossem mágicos. Apagavam a dor. A mãe delas também era mágica, mas tinha uma magia muito própria. As fadas que haviam espalhado por cima da mãe o pó dourado das suas asas e os raios fluorescentes das suas varinhas não a tinham brindado com poderes curativos. Tinham-na bafejado, porém, com poderosíssimos talentos destrutivos. A mãe não entra no quarto, não há necessidade disso. É Maria que ela chama. Desta vez, é só com Maria que quer falar. E Maria desliza suavemente da cama para a seguir, sem mais.

XV
A menina boa
(17 de Maio de 2019)

As gémeas faltaram às aulas durante a manhã toda e nenhum dos colegas sabe nada delas. Ou foi, pelo menos, aquilo que me disseram. Ainda me ocorreu ligar para casa e perguntar se estavam doentes, mas depois lembrei-me de que isso é coisa que não faria logo no primeiro dia em que algum dos meus outros alunos não viesse à escola, por isso desisti da ideia. Telefonei a Alda com outro pretexto qualquer e perguntei-lhe incidentalmente se tinha notícias de Sara, mas a resposta da minha mãe foi negativa. Não falava com a miúda há vários dias e tinha escolhido pensar que nenhuma notícia é sinónimo de boas notícias. Desgostava de novidades e com a passagem do tempo tinha começado a sentir-se incomodada sempre que a campainha tocava, o telefone vibrava ou havia alguma carta na caixa do correio que não fosse publicidade ou contas para pagar. Estar posta em sossego era o melhor que lhe podia suceder, como a muitos outros a quem a passagem dos anos deixara algumas marcas. Acho até que a compreendo cada vez melhor.

Enquanto saio da escola e o calor mais intenso da hora de almoço me faz tirar o casaquinho fino que trouxera pela manhã, penso que em breve entraremos de novo nas férias do verão e que essas semanas todas demorarão a passar a eternidade do costume. Preciso de me abastecer de livros e de comprimidos para dormir,

as minhas duas únicas receitas para o esquecimento e para uma paz que só se torna quase plena quando encontro um escritor que é tão bom que consegue salvar-me da minha história à medida que me puxa para dentro das páginas das histórias dele. Costuma ser pior à noite, quando os esqueletos me saem de dentro dos armários e dançam pelos corredores, entrechocando os ossos em passinhos de tango. Mas os dias quentes de Julho e Agosto, para os outros tão leves como voos de borboletas, com crianças a pularem para piscinas e casais de mãos dadas em esplanadas de praia onde o sol se põe alaranjado, esses dias transportam-me a mim para os ardores do inferno. Talvez sejam dias ainda piores do que as noites. Agora já sei que é assim, porém. Pelo menos, posso preparar-me para isso. Fazer as malas como deve ser antes de descer ao território escaldante de Mefisto.

Caminho em direcção à pastelaria onde normalmente almoço à sexta-feira, para só mais tarde regressar ao liceu, e os meus passos são acompanhados pelas buganvílias que se preparam para despertar em tons de rosa, para alegria dos caminhantes e para desespero dos donos dos automóveis que em breve se esforçarão por eliminar flores e folhas das carroçarias recém-lavadas e reluzentes. Vejo-a logo que dobro a esquina e sei que está à minha espera, Sara, de calções de ganga e sapatilhas brancas, uma tee-shirt num claríssimo tom de cinza com mangas enroladas que lhe expõem ao sol os braços que se vão tornando ainda mais morenos. Está sentada na beira do passeio, indiferente aos passantes, com os olhos fixos no ponto por onde espera ver-me surgir e levanta-se, lesta e flexível como uma pantera jovem, mal me vislumbra ao virar da esquina.

– Preciso da sua ajuda, professora. Precisamos muito. Pode vir comigo até casa, por favor?

Digo-lhe boa tarde e faço a pausa necessária para que compreenda que omitiu essa saudação inicial, assim como lhe escapou a explicação

devida sobre a ausência nas aulas da manhã. Mas não quer saber disso.

– Por favor, professora. Venha comigo. É a Daniela, a nossa empregada, que precisa de socorro. A minha irmã ficou com ela e fui eu que vim pedir-lhe ajuda porque sabemos que ainda gosta menos da Maria do que de mim.

Não compreendo, não era de nada disto que estava à espera, incomoda-me que as miúdas continuem a apanhar-me de surpresa. Pergunto o que se passa com a Daniela e porque não avisaram o pai.

– A minha irmã encontrou-a quase desmaiada na casa de banho de serviço, quis chamar uma ambulância, mas a Daniela só diz que se contarmos a alguém se mata, a única coisa que vai dizendo é que se mata, por isso não sabemos o que fazer. O meu pai está em Espanha. A Maria pôs-lhe toalhas molhadas na testa, deu-lhe água com açúcar, houve uma altura em que parecia que tinha melhorado, levámo-la para o nosso quarto e deitámo-la na cama, dormitou um bocado, mas depois apareceu aquela mancha vermelha na roupa, é muito sangue, e ela continua a dizer que se mata se telefonarmos ao meu pai ou à família dela. Que não pode ir para a cadeia, que o pai dela a mata, que o Bruno a mata, acho que já não diz coisa com coisa.

A convergência das palavras “sangue” e “cadeia” faz-me perder em simultâneo o apetite para o almoço e o receio de entrar na casa delas. Quero saber exactamente o que se passa com André e Sara responde que está num congresso em Madrid. Foi ontem de carro, regressa amanhã, a Daniela ficou lá em casa para as ajudar naquilo de que precisem. Para tomar conta delas. Contudo, agora é manifestamente ela quem precisa de ajuda. Estranho a vocação samaritana de Maria e pergunto a Sara se a irmã tem boa relação com Daniela. Pestaneja, como se primeiro não entendesse a pergunta, mas rapidamente noto que a capa da incompreensão deixa de lhe toldar os olhos.

– A Maria não é sempre como vocês pensam. E quando decide que alguém precisa dela, faz o que for necessário. Tira a camisa, se for preciso. – Ainda a frase não estava acabada e já Sara tinha caído em si, dando-se conta da triste ironia. Mas desta vez não vai a tempo de obliterar os últimos segundos e eu resolvo não deixar sem registo o passo em falso.

– "Tira a camisa", foi o que disseste? Sim, isso sabemos. E a professora Elisa também sabe. Que se calhar é a Maria que tira a camisa quando quer. Não sei é se a tira sempre para a oferecer a quem tem frio.

– Esse problema está quase a ficar resolvido, professora. O meu pai teve uma conversa muito séria com a minha irmã, disse-lhe que pode manter as mentiras que quiser sobre ele, mas que tem que ir à polícia contar a verdade sobre a professora Elisa. Ou ao tribunal, sei lá. Mas agora não é isso o mais urgente. A Daniela está muito mal e se não vier comigo não sei o que pode acontecer.

Devia responder-lhe que só há uma coisa a fazer: telefonar de imediato para o 112. Prefiro pensar, porém, que em menos de dez minutos conseguimos chegar à casa delas e isso dar-me-á a possibilidade de avaliar rapidamente a situação. Sara compreende que foi essa a minha decisão mesmo antes de eu lha comunicar, por isso começa a caminhar, com passo estugado, ao meu lado, ainda sem eu ter a certeza de não estar a ser enganada outra vez.

Chegamos a casa dela sem trocar mais nenhuma palavra e mesmo assim estou esbaforida pelo ritmo imposto por Sara, a certa altura quase de corrida. Ela abre a porta com a sua chave e conduz-me ao quarto, onde Daniela geme baixinho em posição fetal, com Maria ao lado, quase tão pálida como a outra e com lágrimas nos olhos, que limpa com uma mão quando nos vê entrar. Há sangue na roupa de cama e uma sequência de pingos vermelhos traça um rasto até à saída do quarto e depois continua pelo corredor, suponho que até ao

quarto de banho de serviço. Olho instintivamente para os braços de Daniela, para os pulsos, mas não encontro aí nenhum sinal. Depois vejo que se agarra à barriga e pergunto-lhe se tem cólicas, Daniela faz de conta que não me ouviu – ou não me ouviu mesmo, porque está longe, mergulhada em águas agitadas e escuras que lhe entram pelos ouvidos –, por isso repito, mais alto e com a minha cabeça mais próxima do rosto dela. Acena, afirmativamente. Tem calafrios e arrepia-se, para logo a seguir afastar o lençol quando este lhe começa a causar calor. O rosto cobre-se-lhe de gotinhas minúsculas de transpiração, mas pouco depois já parece frio e seco outra vez.

Não sei ainda como o terá feito, mas nessa altura começo a imaginar aquilo que Daniela fez. Só espero que não tenha escolhido um cabide ou uma agulha comprida de tricot. Pergunto-lhe se tomou comprimidos e ela volta a acenar afirmativamente com a cabeça, quero saber quantos, mas ela não sabe, não tem a certeza, acha que muitos, pôs os primeiros quatro debaixo da língua e ficou à espera, como não via sair nada além do sangue tomou mais, depois começou a sentir-se pior, mas ainda não via nada. Quero saber onde está a embalagem dos comprimidos. Daniela responde que não há embalagem, comprou-os a uma mulher do bairro, vinham embrulhados em papel prateado. Tem dores muito fortes, o esgar do seu rosto não permite dúvidas, o cabelo está molhado e colado à cabeça, a camisa de dormir de poliéster suja e enrodilhada deixa-lhe à mostra os braços gordinhos, cobertos de manchas cujo sentido não compreendo, as pernas estão transpiradas e pisadas, os músculos retesam-se com as contracções.

Insisto em levá-la ao hospital, digo-lhe que não há nenhum problema, que nada de mal lhe acontecerá se formos, que não a deixo sozinha, mas está absolutamente decidida a não ir. Que não vai. Que se mata, se eu a obrigar. Não compreendo, explico-lhe que pode

ficar com sequelas daquilo, que a hemorragia pode ser incontrolável, que às vezes sobrevêm infecções, mas nenhuma dessas possibilidades parece assustá-la em demasia. Talvez até fosse um alívio, morrer. Acabar com aquelas dores todas. E com as outras também. Começo a pensar que terei de tomar alguma decisão sozinha, quer Daniela queira quer não, quando ela balbucia que precisa de ir outra vez à sanita. Ajudo-a a levantar-se e a caminhar agora até ao quarto de banho das gémeas, desarrumado e com as toalhas ainda húmidas atiradas para o chão, vai curvada e com as mãos na barriga, os gemidos prestes a transformarem-se em gritos. Peço-lhe que não feche a porta, mas Daniela grita que não a quer aberta. "Por favor". Verifico que não há chave e resolvo não insistir, pergunto-lhe repetidamente se está bem, tenho medo que desmaie e bata com a cabeça em algum lado. Precisamos que se mantenha consciente. A rapariga vai respondendo com esforço, as palavras dela soam-me mais a estertores do que a respostas e passado muito tempo – mas talvez tenham sido menos de cinco minutos – ouço o barulho do autoclismo, a água a correr, soluços que podem ser ou não de algum alívio. Pergunto se posso entrar e Daniela sussura que não. "Já saiu".

Mais tarde, depois de termos mudado a roupa de cama e ajudado Daniela a estender-se sobre ela, de banho tomado, com uma camisa de dormir emprestada por Maria que lhe fica apertada, mas de que não se queixa, telefono finalmente para a escola e aviso que hoje não me será possível atender os encarregados de educação, surgiu-me um imprevisto, se tiverem urgência e não puderem esperar pela sexta-feira seguinte conseguirão encontrar-me no liceu já na segunda-feira de manhã.

Sugiro às gémeas que vão à cozinha preparar alguma coisa para lancharem, quero ter um bocado a sós com Daniela. Sara ainda diz que não está com fome, mas Maria puxa-a pelo braço e olha

para mim com uma expressão de compreensão e talvez de algum reconhecimento. Pego na cadeira que está encaixada na secretária e trago-a para mais perto da cama, hesito sobre a forma como devo puxar o assunto, mas Daniela antecipa-se, facilita-me a tarefa.

– Eu não devia ter aproveitado para fazer isto aqui. Mas quando o doutor André me pediu para ficar, pensei que era a oportunidade que me faltava. Na nossa casa não há espaço. Não posso passar muito tempo na casa de banho. Só temos uma e ouve-se tudo. Aparece sempre alguém a bater à porta. Toda a gente sabe tudo e ouve tudo. A minha mãe já passa por muito. Demasiados desgostos e demasiadas vergonhas. Tinha de a poupar, desta vez.

Digo-lhe que aquilo que ela fez foi estúpido e Daniela levanta a cabeça para me olhar com uma raiva que nela me teria parecido improvável. Penso que afinal talvez ela não seja só um ratinho assustado. Haverá uma fúria presa dentro do corpinho roliço, capaz de escapar de vez em quando? Depois dou-me conta de que a rapariga pode ter-me interpretado mal. Explico-lhe que não estou a referir-me à opção em si mesma. Quanto a essa opção, acho que ela é livre, que o corpo é dela, que a vida é dela. Teria sido preferível não ter de se confrontar com esse dilema, não há naquilo nada de bom. Mas não a vejo como uma criminosa. Não é isso. Ela ouve-me com atenção e a fúria começa gradualmente a encolher e a recolher-se à concavidade onde habitualmente se esconde. O que é uma estupidez é outra coisa, digo-lhe. Ter feito aquilo assim, sozinha. Quando tantas lutaram durante tanto tempo pelo direito que ela agora tem de ir a um hospital e fazer aquela escolha. Digo-lhe que o aborto clandestino já foi uma das principais causas de morte de mulheres no nosso país. E que agora é uma causa de morte erradicada – e acentuo os erres de “erradicada”, prolongo-os na boca e sinto-lhes o eco como uma espécie de vitória.

– Você não conhece nada da minha vida. Eu não conseguia ir sozinha ao hospital. Ninguém pode saber. Esta era a maneira mais fácil.

"Sozinha" talvez fosse, ali, a palavra chave. Não é que tivesse engravidado sozinha. Mas depois deve ter ficado sozinha, como tantas outras. Sozinhas com o problema, a seguir sozinhas com a culpa, dantes sozinhas também com o castigo.

– Não é isso, está a perceber tudo mal. – Daniela volta a ler-me os pensamentos, pelo menos é o que me parece, e intuo na voz dela uma nota metálica que pode ser de desprezo. Talvez por eu encontrar explicações para tudo mesmo quando não sei nada. Peço-lhe, então, que me ajude a compreender, mas ela prolonga o silêncio, arruma os pensamentos, é possível que não saiba por onde começar.

– Acho que ele nem se importava que eu engravidasse. O meu namorado. O Bruno. Se calhar, até gostava. E depois casávamos. Uma aliança e um bebé, não importa por que ordem. Duas algemas pesadas, apertadas e difíceis de tirar. A segunda mais difícil do que a primeira, se calhar. O bebé, que também seria dele. A professora não compreende, claro. Que eu, assim feiinha e pobre, desperdice uma oportunidade de ter um marido e uma família. Posso não ter mais oportunidade nenhuma, não é? No princípio, também foi assim que olhei para o Bruno. Era uma sorte. Ele não é bonito, mas também não é um sapo, tem sempre conversa e de vez em quando vai trabalhar e traz algum dinheiro para casa.

Daniela interrompe o que está a dizer e olha para a porta, por isso eu viro-me para trás e vejo que Sara já está de regresso, pronta para meter o lindo narizinho na conversa que não lhe diz respeito. Pergunto-lhe se precisa de alguma coisa num tom que não admite dúvidas sobre a indesejabilidade da sua presença e é nessa altura que estende o prato que traz na mão, com duas bolachas e uma

xícara pequena. É para Daniela, diz ela. Um chá muito açucarado para a ajudar a recuperar mais depressa. Sou eu que pego no prato e que lhe agradeço, antes de lhe pedir que saia. E, já agora, que feche a porta, quando sair.

Noto que Daniela mordisca a primeira bolacha com menos apetite do que alívio por assim ganhar o tempo de que precisa para escolher as palavras certas. Sinto-me cansada, muito cansada, e penso que não era ali que queria estar, tenho vontade de me deitar em algum lado, de me encolher e de me cobrir, mas sei que ainda não posso fazer nada disso, preciso de aguentar mais um bocado.

– No princípio, nem sequer estranhei, professora. Era tudo mais ou menos parecido com o que o meu pai fazia à minha mãe. Não era igual, mas a ideia principal é a mesma. Eles são como são e nós aguentamos. Sem nos queixarmos. Porque é assim que eles são e é assim que nós somos. Desde sempre. E nós achamos que desde sempre é o mesmo que para sempre.

Julgo que sei aquilo que Daniela me vai contar a seguir, por isso nem sequer me sinto demasiado curiosa. Não preciso de a ouvir, para saber. Preferia não ter de a ouvir. Mas sei que ela, sim, precisa de o dizer.

– O meu pai bate na minha mãe quando está mal-disposto e bate-lhe mais quando bebe. E bebe mais quando está mal-disposto e fica mais mal-disposto quando bebe. Por isso, nem sequer fiquei muito espantada quando o Bruno me deu a primeira bofetada. Acho que a surpresa foi o que veio depois. Aquele arrependimento todo. Os pedidos de desculpa e os beijos. Os abraços apertados. Se calhar até foi aí que comecei a gostar mais dele. O meu pai nunca se desculpa e duvido que se arrependa de alguma coisa. O Bruno batia-me e depois ficava tão abalado por me ter batido que eu acreditava que ele tinha mesmo sentimentos muito fortes por mim. Coitado, pensava eu, é assim que

ele é, ele é como os homens são, mas se sofre tanto quando me magoa, só pode ser porque gosta muito de mim. Essa foi a altura em que achei que estava mesmo apaixonada por ele. Mas o que estava era encantada por ele conseguir querer-me tanto, logo a mim, que valho tão pouco.

Interrompo-a, digo-lhe que estou indisposta e vejo-a retrair-se de imediato, pede perdão por me estar a incomodar com histórias tristes, procura endireitar o pescoço inexistente para me assegurar que já está bem, que a posso deixar sozinha. Sei, todavia, que não é verdade e que há coisas que têm de se fazer até ao fim, por isso explico-lhe que só preciso de uns instantes para tomar qualquer coisa para as dores de cabeça, é um mal que me aflige com frequência, não tem nada a ver com ela. Não é culpa dela. Daniela aguarda enquanto eu engulo o comprimido que tiro do porta-moedas – não suporto caixinhas para guardar medicamentos, são uma espécie de cartão de doente perpétuo; prefiro pensar nas minhas enxaquecas como acasos esporádicos, apesar de se estarem a tornar cada vez mais frequentes. Depois, pega-me na palavra.

– Culpa. Ainda bem que você falou nisso. Essa questão da culpa é importante. A certa altura, o Bruno deixou de se sentir culpado. Quando passou a bater-me mais vezes, o Bruno já não se arrependia tanto e o que me dizia era que a culpa era minha. Acho que já namorávamos há uns bons meses quando entrámos nessa fase. Ele já não se arrependia, porque a culpa era minha. Eu é que tinha de me arrepender. Porque ele vinha para a minha cama enquanto os lençóis ainda estavam quentes dos corpos de outros homens, dizia ele. Era um bocado estúpido, porque não havia lençóis nenhuns, fazíamos aquilo no sofá, à pressa, ou no carro espatifado de qualquer colega dele, estacionado em alguma viela sem luz. Não são difíceis de encontrar, as vielas sem luz, porque não há muitos candeeiros lá no bairro. E, quando há, estão fundidos. Aquilo dos lençóis era só uma

maneira de dizer que eu tinha outros homens. Deve ter ouvido isso em algum lado e deve ter achado piada. Eu não tinha, claro. Mas a Cátia, que apanha o mesmo autocarro que eu para vir trabalhar, às vezes via-me as marcas e dizia que ele devia gostar mesmo muito de mim, para ter assim tantos ciúmes. Dizia aquilo com um ar sonhador. Como se fosse muito romântico. Como se até tivesse inveja de mim. A Cátia com inveja de mim, imagine só.

Sei que este é o momento em que devo indignar-me e sei que Daniela está à espera de que eu me indigne, por isso indigno-me. Que é um absurdo. Que não faz sentido. Que é claro que a culpa é só dele, se ele lhe bate. Que ela não precisava de lhe assegurar que não tinha outros homens, porque a culpa por lhe bater seria sempre só dele, mesmo que ela tivesse outros homens. Que é uma imbecil, a tal Cátia. Indigno-me porque sei que é o que ela espera de mim, mas não devo ser demasiado convincente, porque Daniela olha-me de uma forma perscrutadora antes de optar por retomar o seu discurso.

– Toda a gente fala muito na culpa. Queremos todos saber de quem é a culpa. Eu sabia que não tinha outros homens, que não o enganava. Mas não sei se achava que a culpa era dele, por me bater. Para mim, isso da culpa não era importante. O que eu comecei a achar é que ele tinha uma espécie de doença, que não era ele que escolhia aquilo, que ele também sofria com o que me fazia. Eu tinha pena dele. Talvez ele pudesse curar-se, se eu o ajudasse a compreender que podia ter mais confiança em mim. Se o levasse a ter mais confiança em si próprio. Acho que tem pouca auto-estima, o Bruno. Coitado. Tem aquelas cicatrizes na cara e no braço. Ficaram-lhe das queimaduras com água a ferver, quando era pequeno e desequilibrou a mãe, que estava no fogão, a mexer numa panela. Está sempre a dizer que foi por isso que deixou de estudar,

por causa das marcas. Era só para elas que os outros olhavam, diz ele. E não havia dinheiro para quase nada, quanto mais para operações. Cirurgias estéticas, acho que é como se chamam. Mas para nós, para a gente lá do bairro, isso não existe.

A minha dor de cabeça não melhorou, imagino que seja necessário mais tempo para o analgésico fazer algum efeito. Esfrego as têmporas e Daniela, que se dá conta disso, interrompe o seu monólogo. Mas incentivo-a a continuar. Já não devemos estar demasiado distantes do final.

– Deixei de ter pena dele quando passei a ter mais pena de mim. Quando as bofetadas se tornaram menos frequentes do que os murros. E nessa altura o problema já não era o Bruno não pedir desculpa, não choramingar, não se arrepender. Insultava-me muito e não é que isso me doesse mais do que a pancada. Doía-me era durante mais tempo. As bofetadas e os murros aleijavam-me quando ele me acertava, mas depois passava. Aquilo que ele me dizia não passava. Parecia que me ficava preso dentro dos ouvidos, como um zumbido. Tornava-se tão forte quando eu pousava a cabeça na almofada à noite que já mal conseguia dormir. Acho que foi a minha sorte. A falta de sono tornou-me impaciente. Irritadiça. As palavras dele andavam de um lado para o outro dentro da minha cabeça o dia todo, faziam ricochete por dentro, não ouvia mais nada, só as ofensas e o eco dos insultos, que ficavam mais altos durante a noite. Como quando se sobe o volume da televisão. Que eu me andava a esfregar no patrão. Que eu era uma vadia e que a cona era minha, mas que ele tinha o direito de saber o que é que eu andava a tramar. Que eu devia ir fazer os testes da sida, que a única coisa de que ele tinha medo era de apanhar uma doença. Foi isto que me salvou. A dor das palmadas passava, mas estas frases nunca me saíam da cabeça. Ficavam-me atravessadas durante o dia e durante a noite e

comecei a sentir-me tão cansada, tão desesperada, que me passou tudo. Passou-me a pena e passou-me o medo. E houve um dia, de repente, em que a necessidade de o deixar se tornou evidente. Tão visível como uma aparição. E eu estava a magicar na melhor forma de lhe dizer isso quando descobri que estava grávida. Compreenda-me. Se tivesse um filho dele ficava presa para sempre. Não podia deixar que isso acontecesse.

Pergunto-lhe se ela já lhe tinha dito, se o Bruno sabia. Intepreta mal a minha interrogação e responde-me que "claro que não", que ninguém sabia, a não ser, talvez, a mulher do bairro, aquela a quem comprou os comprimidos. Mas nem a essa disse que eram para ela, que era ela própria que estava grávida. Não é, porém, isso que eu queria saber. Isso já eu sabia sem precisar de perguntar nada. A minha dúvida é outra. Daniela já o deixou? Ele já sabe que a namorada está decidida a terminar a relação? Mesmo decidida?

O rosto ensombra-se-lhe e há uma rouquidão nova na sua voz quando me responde:

– Ainda não. Precisava de resolver este problema primeiro. Tenho de pensar bem na melhor maneira de lhe dizer. Tenho medo daquilo que o Bruno pode fazer a seguir. Quando eu vim trabalhar para cá e ele meteu na cabeça que eu andava enrolada com o doutor André, veio aqui bater à porta para tirar satisfações. O senhor não estava, mas estava a doutora Beatriz. Acho que a conversa azedou. Ela fez-lhe frente, disse-lhe para se pôr na rua e não aparecer nunca mais, que chamava a polícia. Ele deu-me uma tareia das valentes, depois disso. Enquanto me dizia que também havia de tratar dela.

XVI
O Enforcado
(1 de Junho de 2019)

Já me surpreende pouco chegar a casa e encontrar Sara sentada com a minha mãe na sala, apesar de não ter deixado de reconhecer o absurdo de toda a situação. Quase a promiscuidade da situação, para ser mais exacta. Ou a harmonia, sei lá eu. Hoje estão a lanchar, há uma caixa de cartão em cima da mesa e é de lá que devem ter saído os croissants envernizados que vejo, mordidos, nos pratos de ambas. Reparo que a toalha deixou de ser de plástico. E as xícaras não estão nicadas, o que me causa alguma amargura. É tão tarde para tudo isto, mãe. Qualquer dia chego a casa e sou recebida pelo cheiro de scones a sair do forno e por frésias brancas, lilases, vermelhas e cor de laranja alegremente enfiadas numa jarra. Era só o que faltava.

Sara levanta-se para ir à cozinha tirar do armário mais um prato e uma xícara, querendo ser delicada, sem se aperceber de que me caberia a mim fazê-lo, que não preciso da hospitalidade dela para nada porque, afinal, aquela é a minha louça. Ignoro-a sob o olhar atento de Alda, digo que vou tomar um banho e mudar de roupa porque o dia já esteve quente e tenho vontade de me refrescar, noto o esgar irónico da minha mãe. Enfio-me debaixo do chuveiro e abro a torneira da água fria, sinto os jactos gelados a chicotearem-me os ombros e a apagarem todos os pensamentos sombrios, controlo

a vontade de gritar, depois começo a sentir-me limpa e viva, abro um pouco a água quente e deixo-me envolver gradualmente pelo seu conforto. Tenho a mania de fazer tudo ao contrário do que deve ser, por isso acabo o banho com a água a escaldar e saio com a pele corada, preparada para um novo choque térmico quando a besuntar com o gel hidratante, verde-menta, verde-esperança. Gosto de estar nua em frente do espelho, sei que sou mais bonita assim, de cabelo molhado e gotinhas minúsculas a escorrerem-me pelo peito, não me incomoda que já ninguém me veja, aprecio os meus segredos, sinto-os na ponta da língua, enrolo-os e brinco com eles, sabem-me a rebuçado. O grande boião está aberto e também o vejo no espelho, depois observo-me a enfiar dois dedos na geleia translúcida e fresca, esfrego-a primeiro na barriga e de seguida passo para o braço esquerdo, mas o prazer momentâneo é interrompido pelo barulho insistente da campainha. Sinto um sobressalto, porque não é ruído que por ali se ouça com demasiada frequência, apresso-me a embrulhar-me na toalha, mas ouço passos rápidos e leves – que só podem ser de Sara – a aproximarem-se da entrada, por isso esgueiro-me para o quarto e enfio as primeiras calças de ganga e blusa que encontro, antes de sair, descalça e de cabelo molhado, com o propósito de descobrir o que se passa.

É a cabeça dele que vislumbro primeiro e reconheço-lhe a cabeleira revolta e a precisar de ser aparada mesmo antes de se virar para me cumprimentar. Não entendo porque está aqui e não quero que esteja aqui. Nunca gostei excessivamente da minha casa, mas agora gostava que ela fosse como quando não gostava dela, mas me sentia relativamente segura nela. Há demasiada gente a entrar e a sair. Gente que não devia estar aqui.

– Desculpe, Catarina. A Maria disse-me que a Sara tinha vindo lanchar com a sua mãe e resolvemos vir buscá-la. Há uma conversa

que precisamos de ter, os três. Eu e as minhas filhas. – André compreendeu o meu incómodo e está a justificar-se. Tenho vontade de lhe perguntar se estão com problemas nos telefones, se voltámos ao século dezanove, se desconhecem a possibilidade de chamar outrem usando um aparelho pequenino que transmite vozes.

E as más surpresas não parecem prestes a terminar, penso, enquanto reparo na presença silenciosa da outra gémea, placidamente encostada ao móvel de madeira escura onde guardamos um serviço da Vista Alegre trazido pelo meu pai da sua vida antiga e que não usámos mais do que duas ou três vezes, sempre com cuidado ao pousar os talheres, para não darmos cabo da louça, receosos de que qualquer fissura abrisse outro portal de onde saíriam fantasmas novos oriundos do passado velho, para nos atormentarem. Nunca entendi como é que um homem que não quis ou não conseguiu trazer nada, trouxe pratos. Odeio-os, aos pratos. Às vezes imagino-me a pegar neles, um por um, e a atirá-los pela janela, como se fossem discos-voadores, pairando sem peso no ar transparente antes de se escaqueirarem no chão da rua, primeiro elegantes e silenciosos, mas nos instantes finais mais vãos e ruidosos do que fogo de artifício. Um dia talvez ainda o faça. Um por um até acabar o serviço. Apetece-me tanto, dar cabo dos cabrões dos pratos.

A menina-cobra desliza suavemente, aproximando-se do pai e encurtando a distância que também a separa de mim e quase lhe vejo a língua estreita e bifurcada a espreitar entre os lindos lábios. Parece que tem qualquer coisa para dizer.

– A professora Catarina está a acompanhar-nos neste processo, pai. Desde o início. Conhece os nossos problemas todos e acho que não temos segredos para ela. Não podíamos ter essa conversa aqui, também com ela?

Vejo que André hesita, titubeia que não quer impor a presença

deles a ninguém, eu olho ostensivamente para a minha mãe esperando fazê-lo compreender que ela também está ali e que é uma indelicadeza sujeitá-la a tais agruras, mas Alda antecipa-se para assegurar, muito polida, que podemos estar à vontade, que ela aproveitará para acabar de ler o romance histórico que a espera no quarto. Gostava de a fulminar com o olhar, mas não tenho hipótese porque não quer saber de mim, nem um vislumbre de atenção lhe mereço. Sara segura-lhe o braço quando Alda se prepara para nos deixar e pede-lhe que fique, por isso a minha mãe volta a sentar-se e sugere que todos a acompanhemos em torno da mesa, há cadeiras suficientes, ninguém precisa de continuar de pé. Ela ocupa uma das cabeceiras, Sara senta-se à direita e André fica à sua esquerda, Maria necessita de uns segundos para decidir se prefere ficar ao lado do pai ou da irmã e acaba por escolher a segunda hipótese e isso deixa-me a mim confrontada com a opção entre sentar-me junto de André ou ocupar a cabeceira sobrante, com Maria pertinho de mim, à minha esquerda, e um lugar vago à minha direita. Escolho a cabeceira, enquanto me ocorre que é uma ironia a existência daquele espaço vazio, um fosso entre mim e o homem que observa as filhas com a cabeça mais levantada e os olhos mais límpidos do que vinha sendo hábito. Bonito e provavelmente inteligente, mas um bocado cobarde. Afinal, nem o alívio por não ser obrigado a falar sozinho com as filhas consegue ocultar.

Não sabe por onde começar, André, por isso resolve voltar a agradecer a nossa hospitalidade, mas não obtém nenhuma resposta. O silência instala-se de novo, desconfortável e vagamente ameaçador. Questiono-me sobre o que terá acontecido agora. Sinto-me incomodada pela perda de controlo inerente à ignorância.

– Temos passado por momentos muito difíceis. Estou a referir-me à nossa família, minhas filhas. – André pigarreia, antes de continuar.

– Coisas por que eu nunca imaginei que tivéssemos de passar. Mas tenho esperança de que possamos entrar agora num tempo de mais harmonia. De mais tranquilidade. Recebi esta manhã, finalmente, uma notícia boa. O processo criminal pelo homicídio da Beatriz, da vossa mãe, está a chegar ao fim. Está resolvido. Eu deixo de ser arguido, teremos a oportunidade de retomar as nossas vidas, de seguir em frente. A pessoa responsável pelo que aconteceu já foi descoberta.

É incerto para mim que todos os outros se apercebam logo disso, mas não tenho dúvidas de que foi neste instante que o planeta deixou de girar, o tempo ficou suspenso, os passarinhos mumificaram em pleno voo, as fontes congelaram e as nuvens tornaram-se esculturas de gesso, para sempre imóveis. Não se ouve um suspiro e ninguém se mexe, só os nossos olhos se espalham pela mesa como berlindes desorientados, atirados por meninos que deixaram de saber jogar. Mas parece mal deixar que o vazio se prolongue e alguém tem de fazer a pergunta que se impõe, rapidamente.

– Quem foi, pai? Quem é que matou a mãe? – é Sara, que desta vez se antecipa à irmã.

– A pessoa que matou a vossa mãe também já morreu. Há algum tempo. Na verdade, pouco depois de a termos perdido a ela. Mas a polícia só agora é que descobriu a ligação entre os dois acontecimentos. Vocês não o conheciam, a esse homem. Acho que não o conheciam. Não sei bem como vos explicar tudo, suponho que haja alguns pormenores que também me escapam, parece tudo demasiado complicado, não quero que fiquem a pensar nisto e sobretudo não quero que pensem mal da vossa mãe. Mas receio que nos próximos dias surjam notícias perturbadoras, porventura exageradas, talvez até inventadas em algumas partes. Por isso prefiro ser eu a contar-vos a versão resumida, a única que podemos tomar

como certa, aquela que a polícia acha que corresponde à verdade. O resto serão especulações. Nada mais do que especulações, minhas queridas.

– Podes, por favor, ir directo ao ponto, pai? Pelo menos desta vez? – será impressão minha, ou haverá mesmo no rosto de Maria, que agora interroga directamente André, uma pitada de desafogo? Ou um início de esperança?

Ele responde-lhe que sim, que pode. Mas que precisa de filtrar o que é certo, separando-o das meras suposições. Para não lhes causar mais danos desnecessários.

– Um dia depois de a vossa mãe ter sido morta, foi encontrado o corpo de um homem, enforcado, numa casa perto de Castelo de Vide. Era um professor que tinha sido colocado num liceu de lá e a causa determinada para a sua morte foi suicídio. Não havia, nessa altura, nenhuma razão para estabelecer ligações entre uma morte e a outra, ninguém terá cogitado sequer essa hipótese. Mas no quarto onde mataram a vossa mãe tinham sido encontradas outras coisas, além do meu relógio. Apareceu um telemóvel que tinha as impressões digitais da vossa mãe e nele foram lidas várias mensagens assinadas com um único "S" maiúsculo, que depois se concluiu ser a primeira letra do nome dele. Serafim. Foi professor na vossa escola, mas não era efectivo e deixou de estar colocado no liceu antes de vocês as duas terem ido para lá. Nunca devem tê-lo conhecido, portanto. Mas a polícia acredita que ele conhecia a vossa mãe, que teriam alguma espécie de relacionamento e que foi ele que enviou à Beatriz as mensagens, através daquele telefone "clandestino". Uma mensagem a marcar encontro ali, naquele motel. Era ele que estava lá com ela. Havia vestígios biológicos dele, algures no quarto. Que depois se descobriu que coincidiam com a amostra que foi colhida no cadáver do homem que se

suicidou. A vossa mãe estava inconsciente quando foi morta, por isso não sofreu, não deve ter sentido nada. O espumante que bebeu estava cheio de soníferos, é certo que terá perdido a consciência antes de ter sido levada para a banheira e antes de... antes daquilo.

Olho para as gémeas e o que creio notar nelas talvez seja, de facto, um princípio de esperança. Admito que queiram acreditar naquilo. Haveria, porventura, descobertas piores. Mas a história é demasiado curta, parece uma manta que não cobre nem a cabeça nem os pés. Uma manta excessivamente curta, de facto. Pressinto, pois, as perguntas inevitáveis. Que não tardam.

– Um professor que esteve a dar aulas no nosso liceu antes de irmos para lá, dizes tu? Um professor chamado Serafim? Mas que sentido é que isso faz? Por que razão haveria um professor do nosso liceu de matar a mãe? – Maria desvenda-se, agora, como a quase-criança que ainda é, porque as interrogações soltam-se-lhe a meio caminho entre a choraminguice e a birra, entre o receio de dormir sozinha e o medo de seringas quando é forçada a apanhar vacinas.

– E o tal professor ia matar-se a ele próprio logo a seguir por que carga de água? Se ainda ninguém andava sequer atrás ele? Se ninguém sabia que ele existia – Sara talvez esteja menos intranquila do que a irmã, mas nem por isso deixará de exigir respostas mais completas.

André parece, agora, de novo exausto. Mas sabe que não pode adiar aquilo durante mais tempo, que as filhas não terão descanso – nem lhe darão, a ele, descanso – enquanto não encontrarem pelo menos algum sentido para as coisas.

– Não sei qual é a percepção que tinham disso, mas o nosso casamento, o meu e o da vossa mãe, atravessava muitas dificuldades. Tínhamos problemas graves, pensámos várias vezes em separarnos, eu disse à Beatriz que queria o divórcio, a vossa mãe não

achava que essa fosse uma solução aceitável, mas o certo é que as nossas vidas seguiam, há algum tempo, por caminhos diferentes.

– "Caminhos diferentes" significa o quê, pai? Que tinhas casos com outras mulheres? Que enganavas a mãe e que ela sabia? Que achavas que podias enganá-la só porque tu querias separar-te dela e era ela que não queria? – Maria parece cada vez mais próxima de uma das suas fúrias, a jaula em que as fecha começa a abanar, quase consigo ouvir o ranger do metal e as patas a rasparem, furiosas, o chão de terra batida. Mas Sara, que conhece os sinais muito melhor do que eu, não permite que as bestas que vivem dentro da irmã se espalhem neste instante pela sala.

– Deixa-te disso, Maria. Como se fosse novidade, para nós. Como se estivesses, agora, em tempo de ficar muito chocada com a descoberta de que o casamento dos pais não era um conto de fadas. Estávamos fartas de saber isso. E tu, pai, não venhas com essa aldrabice de que querias separar-te e só continuavas casado porque a mãe não te dava o divórcio. Como se isso fosse preciso. Se querias separar-te, era só saíres de casa. Nós sabemos que a lei mudou há muito tempo. Hoje quem quer divorciar-se não precisa que o outro esteja de acordo. Se querias sair de casa, era só teres saído. E também não venhas com a conversa de que não te separavas para nos protegeres, para não nos deixares sozinhas com a mãe. Como se vê, não nos protegeste de grande coisa, pois não?

As miúdas não estavam a perceber, claro. Não era dos casos dele que André precisava de falar agora. Era dos dela. O problema é que, depois de mortas, as pessoas deixam de poder ter defeitos e pecadilhos. Compreendo a dificuldade dele, naturalmente. Como é que vai dizer às filhas que a mãe delas foi morta pelo homem com quem tinha uma relação extra-conjugal? Por um dos homens. Por uma das pessoas. Bolas. Perceber que André está em apuros não significa,

contudo, que eu esteja disposta a ajudá-lo. Ele que se desenvencilhe.

Alda, porém, parece compadecer-se dele. Trata-se de uma qualidade que tem vindo a desenvolver tardiamente, parece-me. A compaixão. Olha para Sara e para Maria e sinaliza que tem qualquer coisa para dizer, antes de tomar a palavra.

– Não me parece que este seja o momento certo para se fazer uma avaliação do casamento dos vossos pais, meninas. Podem ter a vossa opinião. Mas ter uma opinião não é a mesma coisa que fazer julgamentos. Para julgar é necessário ouvir as partes envolvidas e garantir o contraditório. Isso já não é possível, pois não? Fizeram uma série de perguntas ao vosso pai sobre o que sucedeu à vossa mãe. Sobre o homem que dizem que é responsável pelo que lhe aconteceu. Não querem, afinal, respostas para as dúvidas que tinham sobre isso? Querem desviar o assunto? Ou querem respostas?

As perguntas de Alda são retóricas, naturalmente. Eu podia tê-la interrompido para asseverar que, sendo ela uma verdadeira especialista no tema "como fazer perdurar casamentos totalmente destituídos de sentido", se tratava da pessoa mais indicada para nos dar algumas luzes sobre o assunto. Mas resolvi calar-me. De momento, prefiro manter-me sentadinha na bancada a assistir ao jogo dos outros, mera espectadora de bolas batidas com violência por contendores que disputam cada ponto como se fosse o último.

– O tal professor teria um relacionamento com a Beatriz, acha a polícia. E foi o fim dessa relação que desencadeou o crime – André não diz "a minha mulher", nem sequer "a vossa mãe", apesar de não se notar amargura na sua expressão. Não por isso, pelo menos.

Conto até dez, sem pressa, antes que alguém volte a dizer seja o que for.

– Esse homem matou a mãe porque ela quis acabar com ele? – Sara parece incrédula, talvez seja a banalidade da explicação que a

espanta, a história deve soar-lhe semelhante a muitas outras que já ouviu. Histórias que nos perturbam só momentaneamente, porque são sempre de outros. Nunca nossas.

André hesita, antes de responder. Depois diz que não tem a certeza, que não lhe deram explicações muito completas. Mas talvez saiba mais do que faz supor, devem pensar as filhas. Como eu também penso, apesar de não ser a mim que me cabe, por agora, encostá-lo à parede. Maria desempenhará, eficientemente, esse papel.

– Vamos lá pensar de forma lógica. É o que nos dizes tantas vezes, não é verdade, pai? E eu sempre achei isso um bocanho estranho. Redundante. Se é pensar, é com lógica. O sentir é que já se trata de outra coisa, que escapa à lógica. Acho que tu nunca compreendeste o que nós sentíamos. Ou, especialmente, o que eu sinto. Já a mãe, essa sim, compreendia-me muito melhor. Demasiado bem, até. Sabia tudo o que eu sentia, tudo o que eu pensava, às vezes antes de eu própria saber. Mas não sinto falta nenhuma disso. Acho que sinto sobretudo alívio. No funeral da mãe, uma pateta qualquer, daquelas que iam lá a casa de vez em quando, agarrou-me as mãos entre as dela, que estavam quentes e transpiradas, e disse-me que agora a mãezinha estava no céu e via tudo o que se passava cá em baixo, estaria sempre a tomar conta de mim. Senti um nojo tão grande que tive vontade de vomitar. E por pouco não lhe bati. Mas limitei-me a tirar as minhas mãos do meio das dela, esfreguei-as no vestido com força, por dentro dos bolsos, não queria nenhum vestígio daquela criatura repugnante na minha pele. Ela não deve ter entendido nada, a mãe sempre preferiu amigas burras. Não percebeu que o pior que me podia acontecer era passar o resto da vida a ser vigiada pela minha mãe. Que não há mesmo nada pior que isso. A nossa mãe morreu, ponto final. Desapareceu para sempre. Não está sentada

em nenhuma nuvem, armada de binóculos apontados para mim. E pronto, acabou. Por isso, agora posso sentir tudo e o seu contrário. E pensar o que me apetecer. Neste momento, estou a pensar que só há duas explicações lógicas para isto tudo. Duas explicações alternativas. Se, como dizem, o tal professor a matou porque acabaram o caso que tinham, ou lá o que era. Ou a matou porque ela quis acabar e ele queria continuar, ou a matou porque ela queria continuar e ele quis acabar. Qual das duas hipóteses é a verdadeira, pai? Sabes que, se não nos contares, vamos acabar por descobrir? Sabes, não sabes?

Foi um longo discurso e eu estou farta delas. Quero que se vão embora. Os três, já que infelizmente Alda tem de ficar. A casa é dela, afinal. De vez em quando dou por mim a pensar como serão as coisas quando ela deixar de existir. Quando eu puder ficar, finalmente, sozinha em casa. Não creio que me venha a custar demasiado. Estou habituada ao pior tipo de solidão. Quero abraçá-la, à solidão, e dançar agarradinha a ela na sala. Partir os pratos um por um e fazer uma fogueira de naperons. Caminhar nua entre a cozinha e o quarto, estender-me molhada no sofá, deixar as persianas abertas mesmo durante a noite, com as luzes todas acesas. Quero.

– Não consigo responder às tuas perguntas, Maria. Não sei quem queria acabar ou continuar o relacionamento. Nem quero saber, para te dizer a verdade. Só me disseram mais três coisas sobre o tal Serafim. Que era casado. Que tinha filhos. E que tinha deixado um rasto de relacionamentos extra-conjugais em todos os lugares por onde tinha passado, de escola em escola – André parece cada vez mais cansado e está agora decidido a acabar a conversa. Já disse tudo o que era preciso, qualquer palavra superveniente será desnecessária. E raramente vale a pena correr o risco de pronunciar palavras desnecessárias, porque as palavras podem ser ainda mais

perigosas do que o silêncio, abrem gavetas e derrubam diques, aguçam curiosidades e cerram punhos, atiçam incêndios e explodem pontes, afiam punhais e espetam facas. Mais vale que fiquemos por aqui.

Alda é a primeira a levantar-se, diz que precisa de repousar e despede-se com brevidade antes de se dirigir para o quarto. Incumbe-me tacitamente da tarefa de acompanhar os convidados à porta. Os convidados que não convidámos. Saem macambúzios, sem manifestações para além dos agradecimentos sucintos. Dou duas voltas à chave, com eles já do lado de fora, e encosto-me à porta, como se toda a força das pernas me tivesse abandonado. Como se agora pudesse, até que enfim, baixar a guarda. Descansar. Mas estou enganada, como de costume. Porque Alda, que entretanto regressou à sala, ficou do lado de dentro. E pergunta-me, sempre no mesmo tom de voz, mas com a sobrancelha esquerda sardonicamente arqueada:

– O Serafim que matou a mãe das miúdas é aquele Serafim? E também andava com ela?

XVII
Afinal

É claro que aquele Serafim era o mesmo Serafim. O meu Serafim. Aquele que me levou num passeio de tapete voador por entre as estrelas brilhantes das mais luminosas de todas as noites, fazendo-me crer que seria para sempre, e que depois me deixou cair enquanto ficava, indiferente, a ver-me partida em centenas de pedacinhos disformes espalhados pelo chão. Despedaçada. Desmembrada. Desfeita.

Admito que qualquer um que tivesse lido estas minhas anotações – vou chamar-lhes assim, à falta de melhor – teria já concluído o óbvio. A mosquinha-morta sou eu. Não é ela. Ou não é só ela. Também eu, que pareço não partir um prato, anseio por destruir todo o louceiro. E houve uma altura em que deixei de me ficar pelo mero ansiar e passei a executar. É assim que as piores coisas acontecem. Esforçamo-nos por as conter, por evitar que cresçam, mas a partir de certa altura tornam-se inevitáveis. Impomo-nos limites, aprisionamo-nos, fazemos todos os possíveis para não sentirmos o que sentimos, para não desejarmos o que desejamos, mas de repente jorramos, indómitos e incontroláveis, rumo a quem somos e ao que realmente queremos.

Disfarçada de professora serena, sensata e responsável, sou eu, afinal, a culpada de tudo. Talvez seja melhor acautelar-me e destruir rapidamente esta espécie de diário. Sim, somos criaturas

definitivamente tontas, inultrapassavelmente infantis, com esta ânsia pré-adolescente de partilharmos as nossas histórias e os nossos segredos. Como se alguém quisesse saber. Ou como se alguém pudesse saber.

Enganei toda a gente, menos Alda. Nisso, ela é diferente de todas as mães do mundo. Todas as outras mães, aquelas para quem os filhos nunca deixaram de estar presos ao umbigo delas e que além disso acham que os filhos são o umbigo do universo (o que, no fundo, acaba por fazer do umbigo delas o umbigo do universo), padecem da mesma incapacidade de ver as suas crias como elas de facto são. Todas as mães, suponho, menos a minha. Alda vê-me sempre como sou, com aqueles olhos-faróis, e não consigo esconder-me dela. Todas as outras mães são incapazes de ver os filhos como eles são, com excepção de Alda. E, talvez, também da falecida Beatriz. Por isso me tocaram tão fundo as palavras de Maria sobre o horror que lhe suscitou o comentário da amiga da mãe morta, aquela que achava que Beatriz continuaria a velar pelas filhas por toda a eternidade, de olhos sempre postos nelas, atenta a todos os seus passos e tombos. Não consigo imaginar castigo pior. Prisão maior.

Alda sabe tudo, portanto, assim como Beatriz provavelmente também sabia tudo. Mas, neste caso, julgo que não haverá problemas. Também a minha mãe deve achar que aquilo que eu fiz foi merecido, com a sua ortodoxia rígida, os seus juízos de atribuição de responsabilidade e de consequências. Quem foi tão julgada e sempre declarada culpada, como ela foi, acaba por aprender a julgar e a culpar, é inevitável, são as regras do universo, primeiro somos vítimas delas e a seguir usamo-las para fazer os outros vítimas delas. É verdade que, numa certa perspectiva, Alda era mais fácil de culpar do que Beatriz, porque Alda tinha roubado o marido à

esposa legítima. Beatriz, pelo contrário, tinha-se atravessado no meu caminho, e eu não era a esposa de ninguém. Serafim era casado, mas não comigo, e para ele o matrimónio era sagrado (se não religiosamente, pelo menos era-o sob uma perspectiva de utilidade, por se tratar do vínculo primordial, que usava para justificar as dissoluções de todos os vínculos subsequentes). "Gosto tanto de ti. Mas não podemos continuar assim. Sou casado". Beatriz, que de certo modo me roubou Serafim também a mim, teria uma justificação. "Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão". Claro que, se eu quisesse ser rigorosa, o que não quero, sempre teria de reconhecer que ela não o roubou exactamente a mim, porque Serafim tinha-me deixado há meses. Mas Serafim nunca estava mesmo só com uma pessoa. Ia estando aqui e ali. Por isso, mesmo não estando ele comigo, eu queria acreditar que de certo modo ainda estava. Ou que voltaria a estar. Beatriz roubou-me, por isso, alguma coisa. Se não ele, pelo menos a esperança que eu ainda tinha num futuro qualquer com ele.

Quando Beatriz o conheceu, à porta do liceu, depois de ela ter ido a uma reunião de pais comigo, no ano lectivo anterior, era por mim que ele esperava. Serafim tinha finalmente respondido às minhas mensagens desesperadas, às minhas chantagens, e conduzira durante mais de duas horas para termos a conversa que eu exigia. Aquela em que eu o faria compreender que ele podia aprender a amar alguém. Que conseguiria. Amar-me a mim. Encontrou-a a ela, porém. E não perderam tempo. Nenhum dos dois perdia nada. Só ganhavam. Mas eu acabei com isso. Desta vez, perderam. Os dois. A vencedora sou eu, Catarina Efigénia. A ceifeira. Desta vez, fez-se justiça.

Imaginei o encontro deles tantas vezes que tenho a certeza de que foi exactamente assim que tudo se passou, mesmo que não tenha

sido. Ela está a atravessar o pátio do liceu e desfila no seu passo de modelo, com as costas arqueadas para trás e o peito pequeno empinado, as penas compridas esticadas pelos sapatos de salto fino e alto, o vestido-envelope de seda marfim que se desaperta puxando uma das pontas do laço que lhe cinge a cintura, o lenço de cachemira que leva na mão e com o qual cobrirá o colo e o pescoço se o fim de tarde daquele dia subitamente arrefecer. Ele está do lado de fora do portão e vê-a logo que ela sai do edifício e inicia a caminhada através do pátio, rumo ao exterior. Semicerra os olhos azuis para a observar, apreciador, tira do bolso a caixinha de pele verde-garrafa onde guarda os cigarros e espera que ela se aproxime para lhe pedir lume, insinuante. Ela surpreende-o quando tira da bolsa pequena um isqueiro prateado e, em vez de lho emprestar, segura-o na sua própria mão e aproxima-se dele para que o homem baixe a cabeça na sua direcção e acenda o cigarro. A sorte está do lado dele porque começa a soprar um vento suave e não consegue à primeira tentativa, por isso tem o pretexto de que precisa para envolver a mão dela com as dele, protegendo da brisa exterior a concavidade macia, antes de acender, finalmente, o cigarro. Demora mais do que devia a soltar-lhe a mão, agradece mergulhando nos olhos cor de caramelo dela o azul dos dele, apresenta-se e pergunta-lhe como se chama. Começa a caminhar ao dela dela, faz-lhe companhia enquanto atravessam a passadeira para o outro lado da avenida, um pouco mais à frente surge a pastelaria pequena, de toldos encarnados e mesinhas metálicas que formam uma esplanada airosa, oferece-lhe um café. Atreve-se, de seguida. Conta-lhe que está sozinho na cidade, que terá uma reunião de negócios na manhã seguinte, que passou pelo Liceu onde tinha dado aulas no passado para cumprimentar o director, que não tem quaisquer compromissos para o resto do dia. Convida-a para um copo de vinho branco de fim de tarde, o pôr-do-sol promete, ele

está tão sozinho e mal a viu sentiu qualquer coisa nova, diferente, nunca lhe tinha acontecido nada assim, uma empatia tão imediata, uma espécie de reconhecimento, ter-se-ão encontrado já em alguma vida anterior? Ela sorri e alonga o corpo quase como se estivesse a espreguiçar-se, faz de conta que hesita, deixa-o pendente durante uns segundos, mas depois condescende. Que sim, que tudo isto é um pouco atípico, mas por coincidência dispõe de algum tempo antes de ir buscar as filhas ao jantar de aniversário de uma amiga, tinha pensado tratar de algumas coisinhas naquele hiato, mas nada que fosse demasiado urgente.

Quando eu consegui despachar o último encarregado de educação e corri ansiosa para a saída da escola, já não o encontrei. Queria tanto vê-lo que tinha passado todos os momentos de todos os dias anteriores a antecipar aquele instante que nunca aconteceu. A cabeça dele a levantar-se quando me sentisse aproximar, os cabelos um pouco compridos agitados pela emoção do reencontro, o peito largo onde a minha cabeça haveria de encaixar, os braços fortes que mais tarde me apertariam até me faltar a respiração, a boca que percorreria todos os centímetros da minha pele e que depois me diria, ao ouvido, que sem mim nada fazia sentido. Eu tinha conseguido ver-nos, mesmo de olhos fechados, em todos os nossos detalhes, em todas as nossas maravilhas e pequenas imperfeições. Vi-o quando ele ainda não estava, exultante porque sabia que voltaria a estar. E agora, que devia vê-lo, não o via. Ele não estava. Não quis acreditar. Procurei-o e esperei, esperei. Podia ter-se atrasado, a viagem era longa. Depois telefonei-lhe e ouvi a voz dele, gravada, a sugerir que deixasse mensagem, tentei de novo dez minutos mais tarde e o telefone estava desligado. Contornei o liceu e voltei ao ponto de partida, sentei-me na borda de um grande vaso rectangular que separava a entrada da escola da avenida por

onde os carros continuavam a passar, já em menor número, porque àquela hora quase todos estavam em casa, acompanhados pelas suas pessoas, imersos nos preparativos do jantar, protegidos pelas rotinas dos seus quotidianos.

Comecei a sentir-me enjoada e intuí o princípio de uma enxaqueca pouco promissora, acho que estava desorientada, tentei telefonar-lhe mais uma vez sem nenhum sucesso, tinha a garganta apertada e o desespero a bater-me na nuca, por isso comecei a caminhar sem rumo, na direcção oposta à de casa. Nesse dia não conseguiria voltar. Passos rápidos, respiração controlada, pescoço levantado, músculos firmes, pernas compridas, cabeça vazia. Não pensar em nada, não pensar em nada. Contar os passos para não pensar em nada. Secar as lágrimas antes de caírem. A noite foi caindo e eu continuei a caminhar, sabia que a minha única esperança era a exaustão, caminhei sempre, sem rumo certo, até que cheguei, sem ter imaginado que chegaria, já no outro extremo da cidade, ao hotel onde costumávamos encontrar-nos. Espantei-me quando de repente o vi, um prédio azulado que não era bonito nem feio, com uma placa discreta onde se anunciava o nome e se pespegavam algumas estrelas, varandas pequenas onde nem sequer cabiam cadeiras ocupadas por sardinheiras rosadas e brancas. Reconheci aquele que se tratava do poiso de tantas das minhas memórias e também o depositário, descobria-o agora, das minhas esperanças. Devia ter sido a minha crença de que esta noite nos conduzisse até ali que tinha dado destino aos meus passos. Aquele destino. Fiquei momentaneamente sem saber o que fazer, entrar sozinha parecia destituído de sentido, permanecer no exterior não era solução, a única certeza que tinha era a de que não podia ir para casa, isso nunca, não assim, não suportaria de novo o olhar de Alda, a sua comiseração e a sua decepção.

Acabei por resolver entrar e sentar-me um pouco no bar, que conhecera com ele. Tinha a boca seca e os sentidos desordenados, far-me-ia bem refrescar-me, serenar, deixar que os meus pensamentos fossem engolidos pelo tilintar dos copos e pelo ruído distante das conversas dos outros. O empregado do bar levantou dois copos e uma garrafa de vinho branco quase vazia de uma mesa que devia ter ficado vaga há pouco e foi precisamente essa que escolhi para me sentar, antes de pedir uma água fresca. Bebi-a, sôfrega de pureza, mas depois continuava a não poder ir para casa e o homem veio levantar o copo e a garrafa, enquanto me olhava, interrogativo, por isso pedi sem pensar uma vodca com sumo de laranja. A seguir quis outra. E acho que ainda uma terceira, antes de ter reparado que a porta do elevador se abria, permitindo-lhes que saíssem, um a seguir ao outro, como se não se conhecessem, mas tão íntimos como só podem ser duas pessoas que acabaram de deixar para trás uma única cama desfeita, cansada e saciada.

Fiquei sem reacção. Quis que não fosse ele. Fechei os olhos e voltei a abri-los, esperando que se tratasse só de uma ilusão óptica, que os dois não fossem mais do que espectros gerados pela minha própria combinação de desespero, cansaço e álcool de má qualidade, mas eles continuavam lá, aproximando-se agora da porta giratória, ela à frente, ele uns passos atrás. Levantei-me, zonza, preparada para correr atrás dele, disposta a mais essa humilhação, mas o homem do bar deve ter-se apercebido de que eu iria sair sem pagar e recordou-me, em voz alta, da conta. Perdi uns segundos e, por isso, perdi-os a eles. Tinham desaparecido, ambos, quando cheguei à rua.

Julgo que a ideia de os matar não me ocorreu logo. Não me recordo, aliás, de mais nada do que aconteceu nessa noite, não compreendo sequer como cheguei a casa, sei apenas que na manhã

seguinte acordei na minha cama, mais tarde do que habitualmente, com uma dor de cabeça tão forte que mal conseguia abrir os olhos, quanto mais levantar a cabeça da almofada. Não fui trabalhar nesse dia nem nos seguintes, fiquei sem apetite, tive febre alta, pesadelos terríficos em que me sentia a cair em buracos gigantescos por um tempo que me parecia eterno, e perdi o interesse em tudo o que me rodeava. Pela primeira vez, não havia livro que me apetecesse ler, história que me distraísse, personagem que me cativasse. No início nem sequer tentava. Depois, comecei a esforçar-me, mas perdia a concentração antes de conseguir chegar ao fim de um parágrafo. Uma lástima, esses dias em que me confrontei consistentemente com a ideia de que a vida tinha deixado de fazer sentido e que isso pressupunha primeiro uma escolha e depois um gesto final. Alda começou por recorrer à sua estratégia habitual – simular empenhadamente a normalidade, como se, mais do que não se aperceber de nada, na verdade não se passasse mesmo nada –, mas a certa altura percebeu que a situação era excepcional e que não se resolveria com os expedientes banais. Suponho que essa nova convicção lhe tenha surgido, límpida e cristalina, na manhã em que eu já não acordei, drogada por tantos medicamentos que não havia sentimento que me perturbasse ou dor que me invadisse. Chamou uma ambulância, fizeram-me uma lavagem ao estômago e passei os dias seguintes num hospital particular em cujo pacote estava incluído um psiquiatra grisalho e simpático, cujo auxílio inicialmente recusei, explicando-lhe, com arrogância, que não poderia ajudar-me, a não ser que tivesse uma varinha mágica capaz de resolver os meus problemas reais. Porque eu não era uma maluquinha, não senhor. Aquilo que me preocupava e me abatia eram os problemas reais, não as dificuldades imaginárias com que os malucos se debatem. E, que eu soubesse, a especialidade dele consistia apenas

em resolver problemas que não existiam. Os clientes dele eram gente cuja imaginação tinha engrenagens defeituosas que geravam ameaças fictícias que eles tomavam como reais: extraterrestres que possuíam o corpo dos vizinhos com o propósito de os raptarem e levarem para planetas em lava incandescente; empregados de café que curvavam os ombros, embranqueciam os cabelos e perdiam dentes para parecerem inofensivos, ao mesmo tempo que planeavam roubar-lhes as mulheres, de quem se tinham tornado vigorosos amantes entretanto. Não era o meu caso. As desgraças da minha vida eram reais. E resolver problemas que existiam tratava-se de desafio bem mais aguçado, e não me parecia que ele dispusesse dos utensílios adequados para o enfrentar. Ouviu-me com tranquilidade e chegou a sorrir perante a ironia fina do meu comentário sarcástico, mas depois pôs as suas cartas na mesa. Eu estava doente e ele podia ajudar-me a melhorar. Talvez eu o compreendesse mais facilmente através de um exemplo simples. Suponhamos que eu tinha resolvido cozinhar uma omelete e que tinha deixado queimar os ovos. Os ovos queimados eram um problema real, agravado pelo facto de eu estar com fome e ter o frigorífico vazio. Doente como estava, se fosse confrontada com tal situação, era provável que decidisse desistir de comer, porque nunca mais seria capaz de cozinhar. Saudável, a minha escolha consistiria possivelmente em ir ao supermercado comprar mais uma dúzia de ovos e cozinhar outra omelete, desta vez dedicando-lhe mais atenção. Como médico, a sua obrigação era contribuir para a melhoria da minha saúde mental e isso repercutir-se-ia, naturalmente, na disposição com que passaria a enfrentar os meus problemas reais. A varinha mágica que ele tinha não fazia desaparecer os problemas reais, mas por vezes parecia encolhê-los. Gostei do exemplo, foi aliás a primeira ideia interessante que ouvi em muito tempo, por isso acedi a submeter-me ao tratamento.

Pouco depois, recomecei a dar aulas e continuei a angustiar-me, mas durante menos tempo, porque passei a estar ocupada com o planeamento de lições, a correcção de exercícios e de testes, o enfrentamento dos conflitos frequentes suscitados pela minha nova direcção de turma, com as gémeas a darem um contributo notável para a ocupação dos meus períodos até então livres. À medida que as semanas passavam, fui adquirindo a convicção de que Beatriz não era só culpada pelo desaparecimento de Serafim, ela era também responsável pelas maldades das filhas, sobretudo de Maria, que começara, subtilmente, a espalhar o caos pelos corredores do meu liceu. Quando se deu o incidente com Elisa, a ideia de pôr um ponto final naquilo tudo começou a tornar-se mais nítida no meu espírito. Não sei se já deram por isso, mas agora não vivo nem escrevo sem pontos finais. Tornaram-se-me vitais. Já não há reticências na minha vida ou nos meus escritos. Odeio-as, às reticências. Acho-as um sinal de indecisão e fraqueza. E bani-as.

A partir do incidente, comecei a gizar o meu plano. Demorou, mas valeu a pena não me ter precipitado, ter ponderado todos os detalhes. Um crime bem executado pressupõe uma certa atenção aos pormenores. Posso não ter feito por Elisa tudo aquilo que devia, mas entre os meus propósitos estava também o de evitar que existissem outras Elisas no futuro. Primeiro achei que a devia eliminar só a ela. Só Beatriz. Mas como ele era um instrumento indispensável à concretização dos meus objectivos, a certa altura concluí que, depois de o usar, teria de o eliminar também a ele. Também Serafim. E nem sei como não me ocorreu de imediato essa ideia, porque foi o desaparecimento dele que afinal me libertou, muito mais do que o dela. A cereja no topo do bolo que se revelou muito mais saborosa do que o próprio bolo.

A verdade é que tudo acabou por ser muito mais fácil do que

eu tinha imaginado. Primeiro, encurralei-o a ele e obriguei-o a atraí-la ao motel. Disse-lhe que, se não me ajudasse, entregaria à mulher dele uma caixa cheia de provas das canalhices a que se tinha dedicado nos últimos anos. Que aquilo que eu queria era apenas ter uma conversa a sós com a Beatriz. Num certo cenário, que ambas conhecíamos bem, para ter mais impacto. Era normal que um homem como ele fosse assim disputado, no fim de contas. Mas tranquilizei-o, assegurei-lhe que ele não tinha motivos para se preocupar, tratar-se-ia apenas de um ajuste de contas no feminino. Que o papel dele seria só chegar com ela, no carro dela, à garagem privativa que dava acesso ao quarto, encher-lhe o copo de espumante e esperar que ela se apagasse. Devia também deixar por lá caído o relógio que Beatriz lhe tinha oferecido, apesar de ser do marido dela. Depois ele abrir-me-ia a porta e esperaria no quarto ao lado, até eu ir ter com ele e sairmos no carro que eu tinha alugado numa cidade próxima e que estaria à nossa espera na garagem contígua. Seguimos o plano escrupulosamente, eu fiz o que tinha a fazer e saímos do motel juntos e em silêncio absoluto. Só quando já estávamos perto do lugar onde o deixaria para ele seguir viagem rumo a Castelo de Vide me perguntou se podia ir descansado, se eu não me tinha excedido com Beatriz. Afiancei-lhe que não tinha motivos para se preocupar, que me esperasse bem cedo na manhã do dia seguinte, que eu sairia de minha casa de madrugada com a caixa dos pecados dele, entregar-lha-ia e seria a última vez que nos víamos. A partir daí, eu teria garantido o esquecimento e ele teria eliminado um conjuto de ameaças ao seu matrimónio e à continuação das suas aventuras e da sua demanda.

Deixei a minha casa antes de o sol nascer, sem nenhuma caixa cheia de segredos, mas com uma corda na mala do carro, assim como a arma carregada, que usaria para o convencer a prender a

corda no topo das escadas, depois a subir para o banco alto, enfiar o laço no pescoço e explicar-me com calma os motivos que me levariam a perdoá-lo por todo o mal que me tinha causado. Se fosse convincente, seria eu própria a desfazer o nó com a faca grande que trouxera comigo, viraria costas e deixá-lo-ia seguir com a sua vida. Se Serafim não fosse convincente, eu daria um pontapé no banco e ficaria a vê-lo, oscilante, em estertores talvez semelhantes aos que lhe ouvira na cama, antes do êxtase final. Ele esforçou-se muito – coitado, devia ter noção de que naquele ponto da nossa relação já se lhe tinha tornado muito difícil ser convincente – e pouco depois comecei a sentir pena. Pena dele e daquela casinha modesta e isolada de professor deslocado para a província. Pensei que não me podia permitir cair outra vez nessa armadilha. Por isso, dei um pontapé no banco, como sempre soube que faria. Não me foi possível deixá-lo implorar durante demasiado tempo, o meu estômago era mais fraco do que tinha imaginado.

Quando tudo acabou, a manhã daquela terça-feira de Outubro anunciava-se solarenga e generosa, e apressei-me a entrar no carro para me dirigir à agência, ainda distante, onde o alugara. Depois de o devolver, haveria mais do que tempo para apanhar um transporte até ao meu liceu, de modo a chegar, sem atrasos, às aulas que só daria à tarde.

A única que acho que não consegui iludir foi Alda. Os outros todos, porém, são muito fáceis de ludibriar. E são assim tão fáceis de enganar por uma razão muito simples. Querem ser enganados. Recusam-se a admitir que eu, uma pessoa tão parecida com eles, possa ser capaz de grandes maldades. Admiti-lo desorganizar-lhes-ia as convicções e isso complicar-lhes-ia a vida. Todos querem fugir da complexidade, evitar as dúvidas, reduzir a paleta de cores aos tons mais claros e mais escuros. O bom e o mau. O branco e o preto.

Ninguém quer realmente ver os matizes. As pessoas precisam de acreditar em alguma coisa. Precisam de confiar na previsibilidade dos comportamentos daqueles que são parecidos com elas. E esse, sei-o bem, é um grande trunfo que jogará sempre a meu favor.

Tenho algumas coisas contra mim, é certo. Não vou à missa, a minha família não é propriamente tradicional, não tenho marido nem filhos, não faço parte de nenhum clube de rotários nem jogo padel. Mas são pormenores, comparados com outros assuntos. Não sou demasiado pobre, não moro num bairro social, não tenho tatuagens nem piercings, não consumo drogas, não sou esquizofrénica nem bipolar, não me prostituo, sou branca, andei na universidade e tenho um emprego. Pago os meus impostos, tenho residência fixa, ocupo-me da minha mãe idosa, não falto às aulas, não frequento casinos clandestinos nem parques municipais onde se vendem corpos jovens, nunca entrei numa casa de penhores, a minha conta no banco nunca fica com saldo negativo.

Em rigor, sou quase exemplar. Uma cidadã respeitadora e conformista, que merece ser tratada com consideração pelos seus concidadãos. O oposto da pessoa que os outros imaginam a matar alguém. Porque os criminosos têm rostos e perfis, dei-me conta disso há muito tempo. O ideal é que o homicida seja um psicopata ou um toxicodependente à rasca para desencantar a próxima dose. Ou, quando muito, um marido ciumento ou uma esposa infiel interessada em pôr as mãos mais cedo na herança do marido. O traficante de drogas é provavelmente cigano. O terrorista precisa de ser árabe e usar barba comprida. E o abusador de crianças é de certeza um pedófilo solitário, que vive numa casa semi-abandonada, com vidros partidos através dos quais esvoaçam morcegos, um covil para onde procura atrair criancinhas a quem oferece rebuçados à porta da escola.

De vez em quando interrogo-me sobre as razões pelas quais as pessoas preferem não ver para lá das palas que as privam da visão lateral. Por que motivo se recusam a olhar para o lado. Estão tão empenhadas na guerra às drogas, mas acham adequado que as cadeias estejam cheias de mulas do tráfico, presas no aeroporto com os estômagos cheios de bolas protegidas por película transparente, os miseráveis que são tantas vezes usados como distracção para deixar em paz os cabecilhas das organizações. As pessoas talvez se sintam tranquilizadas quando vêem, confortavelmente sentadas nos seus sofás, reportagens sobre mulheres nordestinas, cabo-verdianas e guineenses, que passam anos presas nas cadeias portuguesas porque acreditaram que podiam escapar à miséria trazendo na barriga aquilo que é proibido por uns, mas intensamente desejado por outros, mulheres dispostas a correrem todos os riscos em troca da promessa de umas centenas de euros, porque essa ninharia de euros é para elas a lotaria, o euromilhões e o natal. Um dia, num futuro remoto, serão expulsas e regressarão aos seus países, onde reencontrarão os filhos que já mal conhecem porque os meninos tiveram de crescer sem elas. Enquanto isso não sucede, temo-las presas cá, por muito, muito tempo, e exibimo-las em programas de televisão vistos pelos cidadãos de bem, que se sentem sempre mais seguros por saberem que os bandidos estão na prisão.

As pessoas respeitáveis querem acabar com as drogas e ficam felizes sempre que mais um cigano vai para a cadeia, mas não se preocupam em saber de onde partem os grandes carregamentos que chegam aos bairros e quem lucra verdadeiramente com eles. Há aqui na cidade um empresário que se diz que enriqueceu milagrosamente à custa de umas coisas ilícitas, mas agora é tão

rico que ganhou o direito a ser cumprimentado respeitosamente na procissão da santa padroeira local. Os mesmos que querem mais mulas do tráfico durante mais tempo nas prisões lambem-lhe as botas quando o encontram no café, invejam-lhe o porsche e a mulher nova, comentam as obras de arte caríssimas que encomendou na galeria mais elegante das redondezas. Guerra às drogas? O que as pessoas querem é carne para canhão. Pobres e excluídos para canhão.

Querem tanto proteger as criancinhas dos crimes sexuais que reclamam listas públicas de pedófilos ou exigem a sua castração química, como se isso servisse para alguma coisa, mas fecham os olhos aos familiares que lá em casa sentam as meninas ao colo para brincarem aos cavalinhos, as chamam para dormir a sesta ou lhes passam a mão no banho para ficarem bem lavadinhas. As meninas e os meninos.

Estão todos muito preocupados com as vítimas de violência doméstica e querem obrigá-las a testemunhar contra os maridos para as protegerem, mas depois desinteressam-se se elas forem ao tribunal dizer que caíram na escada ou que gritavam muito porque eram adeptas de práticas sado-masoquistas. O que se pode fazer, se são mulheres burras que não querem ser ajudadas? Vejo-os a encolherem os ombros, incomodados. E também lhes interessa pouco que, se os maridos forem condenados e mesmo presos, as vítimas depois tenham de explicar aos filhos porque é que vão visitar o paizinho ao estabelecimento prisional todos os domingos à tarde. Ou porque é que deixou de haver dinheiro para ter os meninos na universidade, que já vai sendo tempo de começarem a trabalhar e estão a recrutar pessoal para a lavagem de carros na rotunda dos hipermercados. As pessoas

respeitáveis enfadam-se quando se lhes fala em tratamento, medicação e mediação, acompanhamento de problemas, solidariedade social ou pacificação. Não compreendem que muitas mulheres e alguns homens maltratados queiram ser ajudados a seguir em paz com as suas vidas, afastando-se dos agressores, e que para isso precisam de ajuda, mesmo que não queiram que os responsáveis pelos seus males vão para a cadeia. As pessoas de bem sabem sempre melhor do que os outros aquilo que é melhor para os outros.

As pessoas respeitáveis não praticam crimes que mereçam castigo, mesmo que cometam crimes. Nesses casos chamamos-lhes outras coisas. Problemas. Erros. Lapsos. Acidentes. Chatices. O fulano tal teve uma chatice, mas tudo se há-de resolver. Coitado do beltrano, meteu-se num problema, mas se deus quiser acaba por se safar disso. É assim com todas as pessoas de bem, apesar de o círculo parecer estar a estreitar-se um pouco, desde que alguns políticos e presidentes de clubes de futebol deixaram de ser considerados pessoas de bem. Apenas alguns, porém. E pobres deles, quando são expulsos do clube das pessoas de bem, porque aí não há quem lhes possa valer, são de certeza culpados mesmo antes de terem sido condenados e quais garantias quais quê, porque os direitos são só para as pessoas de bem, os bandidos já os têm em demasia, nós precisamos é de proteger a sociedade.

Eu sou uma pessoa de bem. À luz dos vossos critérios. Por isso, tudo o que fiz tem um contexto, circunstâncias, justificações. Pobre de mim, que estava devastada. Coitadinha de mim, empurrada para tão grande desvario. Tenho a certeza que mereço a vossa simpatia. E mereço-a,

não concordam? Os verdadeiros vilões são sempre aqueles que não são nossos familiares, nossos amigos ou nossos vizinhos. Os vilões são-nos desconhecidos e por isso os achamos ao mesmo tempo tão repulsivos e fascinantes. Os maus são sempre os outros. Acham-me particulamente malvada ou repelente, a mim? Suponho que não. Porque me conhecem. Conhecem a minha história. Já me conhecem tão bem, afinal.

Agradecimentos

A decisão de antecipar a oferta deste romance policial ao público foi tomada num contexto que era imprevisível até há poucas semanas e que desorientou as nossas crenças em muito do que tínhamos por certo. A epidemia da doença Covid-19 tornou-se, por estes dias, o epicentro das nossas vidas, desordenando-as, expondo-as na sua fragilidade, confrontando-nos com a sua instantaneidade. Dizer nestes novos tempos que o futuro é hoje tem um significado diferente daquele que tinha até ontem.

Estas nossas circunstâncias novas levaram-me a questionar o sentido de adiar a publicação deste romance para que ela viesse a ocorrer na sua forma tradicional, a de um belo livro que cheirasse a papel e que nos enchesse as mãos de folhas que ondulam com o ritmo que é o seu e também com o ritmo das histórias que têm dentro. Não escondo que essa é a forma que prefiro. A forma ideal de um livro. O mundo digital continua a intimidar-me, tão evanescente que me parece demasiado fugaz, tão desmaterializado que no fundo receio que nem sequer exista. Mas as coisas são o que são. Esta é a altura em que cada um de nós deve pensar naquilo que pode oferecer aos outros. Agora. Quem sabe curar deve tratar dos outros. Quem sabe cozer pão deve alimentar-nos. Quem sabe confeccionar casacos deve agasalhar-nos. Quem sabe contar histórias deve entreter-nos. E pode até acontecer que a angústia destes dias de confinamento – estes dias que são tantos e tão longos – venha a atenuar-se um pouco graças à distracção fornecida pelas histórias de outras vidas. Comigo funcionou sempre.

Talvez seja ainda uma possibilidade de harmonia aquilo que nos cativa no facto de, nestes tempos em que sobretudo nos preocupa a defesa da vida, ser a imersão nas histórias de outras vidas que no final nos ajudará a defender a nossa própria humanidade. Para que se evite a derradeira tragédia, a da nossa transmutação colectiva em gente munida de paus ou forquilhas, como aquela gente que apedrejou as ambulâncias em que vinte e oito pessoas doentes com Covid-19 chegaram a La Linea de la Concepción, para serem realojadas numa residência oferecida pelo governo da Andaluzia. Mesmo aqui ao lado. Tão perto de nós, mas tão longe seja de quem for que queira ser gente. Que não desaprendamos a empatia pelas histórias dos outros é, porventura, um dos maiores desafios destes tempos novos. Que prossigamos na nossa demanda de harmonia.

Há agradecimentos que são devidos e que, para mais, quero muito fazer. Em primeiro lugar à Vanda Lopes Palma, que nos oferece a todos a ilustração que faz companhia às histórias que este romance conta. Conheci a Vanda há muito tempo e por acaso, quando fiquei presa a uma parede coberta pelas suas peças maravilhosas e ao longo dos anos fui cobrindo com algumas delas as paredes da minha própria casa. A arte da Vanda faz-me ter sonhos bons e inspira-me a ser livre e a não ter medo. Inspirou também uma personagem do meu romance Nenhuma Verdade se Escreve no Singular, uma pintora chamada Maria, que introduzi no enredo para ser o sopro de um novo e melhor futuro para Amália, a protagonista. Conversávamos pelo telefone a meio deste mês de Março em que deixou de ser possível que nos visitemos, a Vanda em Castro Verde e eu em Aveiro, quando lhe dei conta deste projecto, que imediatamente fez seu. A generosidade e o talento são substantivos que associo à Vanda, mas agora do mesmo modo à sua filha Maria Palma, a quem devemos a construção da nossa capa.

Quando o nosso propósito passou a ser oferecermos um livro a todos aqueles que gostam de histórias e que podem, nestas semanas conturbadas, precisar mais delas, tendo, porém e em simultâneo, mais dificuldades em chegar a elas, preocupou-nos que a concretização desse projecto significasse um transtorno adicional na vida daqueles que vendem livros e que persistem em manter abertas as portas de maravilhosas livrarias tradicionais contra ventos tão fortes que são já furacões e marés tão alterosas que lhes chamamos tempestades. Foi nessa altura que tivemos a felicidade de encontrar o Francisco Vaz da Silva, que há anos espalha beleza, sonhos e magia graças àquilo que na Gigões & Anantes transmite a entusiastas de todas as idades. A Gigões & Anantes é um lugar encantado que inspirou um trecho do meu primeiro romance, quando Amália quis estreitar laços com Marta levando-a a partilhar um dos seus espaços de afeição, o espaço de um conto. Foi também lá que apresentei esse primeiro romance perante a mais desafiante comunidade de leitores com que já me deparei, acompanhada pela Isabel Gil, pelo João Saraiva e pela Maria Manuel Candal. O Francisco Vaz da Silva ocupou-se do design final de O Extraordinário Caso da Mosquinha Morta e os direitos de autor de uma sua edição impressa reverterão integralmente para a Gigões & Anantes, uma livraria independente que é uma livraria especial. E assim se uniram todas as pontas e assim conseguiremos chegar a vós exactamente como queríamos que fosse.

Também em primeiro lugar – desorganizar a aritmética é uma das prerrogativas de quem escreve – agradeço à Maria João Antunes. Sem a Maria João é provável que nenhum dos meus romances tivesse chegado sequer a existir. Leu as minhas primeiras páginas de ficção e disse-me para continuar. Foi, desde essa altura,

sempre a primeira pessoa a conhecer as minhas histórias, mesmo antes de eu lhes pôr um ponto final. Quando conversamos sobre esta dimensão da vida, falo-lhe nos nossos livros, porque é assim que os sinto. Debatemos desde passagens da narrativa até possíveis cores de capa. Mas o certo é que também não há dia em que não conversemos sobre uma infinidade de outras coisas. Apresentou ao público os meus dois primeiros romances – com a profundidade, o rigor e a seriedade que põe em tudo aquilo que faz – e se este vier a ter um destino semelhante pedir-lhe-ei que volte a acompanhar-me, porque também estas histórias são nossas.

O Fernando Rocha Andrade partilhou com a Maria João a apresentação do meu segundo romance, A Vida Oculta das Coisas, e fê-lo com tanto brilhantismo que, no dia seguinte, quando encontrei a família por ocasião da celebração de um aniversário especial, as minhas tias me disseram que tinham ficado encantadas com ele. Fizeram-lhe tantos e tão rasgados elogios que acho que quase lhes retorqui que o meu amigo de há trinta anos tinha proferido umas belas palavras, mas que quem tinha escrito o livro era eu. Tem este impacto nas pessoas, o Fernando. Por isso, pensarei duas vezes sobre se deverei voltar a convidá-lo para ocasião semelhante, mas sei que no fim ultrapassarei tais hesitações, dando-me conta do privilégio que voltará a ser tê-lo comigo.

Quando, no final de 2011, fui a São Paulo para estar presente na magnífica festa com que o Alberto Silva Franco celebrou os seus oitenta anos, não sabia ainda que a sua predisposição única para se empenhar na concretização dos desejos dos outros, associada a uma espantosa tenacidade, o levariam a fazer também seu o meu propósito de contar histórias. O Alberto é um jurista que gosta ainda

mais de pessoas e de romances do que gosta de normas e não há distância nem obstáculo que nos impeça de continuarmos a sonhar juntos. Sou-lhe muito grata também por isso.

Nessa festa de oitenta anos, o Alberto escolheu como inspiração uma frase de Mia Couto de que nunca mais me esqueci: "Vamos ficando velhos quando não fazemos novos amigos. Estamos morrendo a partir do momento em que não mais nos apaixonamos". Levo esse lema a sério e não desisto de fazer novos amigos. O José Magalhães é um amigo novo que, sem saber, desatou a ideia de dar a este romance a forma de e-book. Também foi dele a sugestão de transformar o título inicial, que era apenas A Mosquinha-Morta, em O Extraordinário Caso da Mosquinha-Morta. Eu hesitei e a Maria João preferia a primeira hipótese, mas uma auscultação rápida das vítimas mais próximas fez-me pensar que a sugestão devia ser tida em conta. Há razões para supor que o José Magalhães se vê a si próprio como um ciberevangelista, mas eu gosto mais de pensar nele como um guerilheiro do mundo digital. Usa com frequência a linguagem cifrada dos guerrilheiros, que na maioria das vezes ainda não consigo entender, apesar de permanecer decidida a desvendar o código. E sou-lhe grata por muitas recentes aprendizagens, assim como o sou aos novos amigos que me tornam tão mais leves e alegres aqueles dias que agora passo em Lisboa. Muito obrigada, Filipe Neto Brandão, Joana Sá Pereira, Hugo Oliveira, Bruno Aragão e Susana Correia.

A Carolina Cunha, a Alexandra Ferreira de Almeida e a Irene Terraseca são três mulheres inteligentes, corajosas e progressistas de quem tenho a sorte de ser amiga e com quem partilho o apego aos livros. As três partilham entre si o talento para escrever e

também me fazem o favor de acompanhar com entusiasmo as minhas incursões pela escrita de ficção. Apesar de saber que toda a solidariedade é uma benção pela qual devemos ficar gratos, o certo é que a solidariedade feminina faz com que me sinta sempre especialmente acompanhada.

Como sempre e para sempre, agradeço à minha família. Ao meu filho Filipe, aos meus pais Teresa e Carlos, ao meu irmão Nuno e à minha sobrinha Sofia, à minha avó Helena e à minha tia São. Sem acrescentar outras palavras porque, mesmo quando gostamos muito delas, sabemos que há por vezes coisas demasiado grandes para que em quaisquer palavras as consigamos fazer caber.

A vida de Beatriz tinha sido tão luzidia, organizada e conforme às expectativas, às suas e às dos outros – tão *impecável*, poder-se-ia dizer – que o primeiro sentimento provocado pela notícia espaventosa foi o da mais funda surpresa. Ninguém queria acreditar. Aquela morte ruidosa, suja e escandalosa não parecia coisa dela. Era uma incoerência. Beatriz não era das que abandonavam a vida assim. Depois da perplexidade inicial, vai surgindo a interrogação sobre quem terá sido o assassino. O problema é que aparecem candidatos improváveis – e em maior número do que seria de supor.